

Junior Bellé

BALACLAVAS E OS PROFETAS DO CAOS

MANUFATURA LIBERTÁRIA VS
INDÚSTRIA DA REBELDIA



livro **novo**

Junior Bellé

BALACLAVAS E OS PROFETAS DO CAOS

MANUFATURA LIBERTÁRIA VS
INDÚSTRIA DA REPELIDIA



Junior Bellé

BALACLAVAS E OS PROFETAS DO CAOS

MANUFATURA LIBERTÁRIA VS
INDÚSTRIA DA REPELIDIA



livronovo

são paulo 2009



Esta obra é uma publicação da

Editora Livronovo Ltda.

CNPJ 10.519.646/0001-33

www.livronovo.com.br

© 2009. São Paulo, SP

Editores-responsáveis

Fabio Aguiar

Zeca Martins

Projeto gráfico

Fabio Aguiar

Capa

Zeca Martins

Diagramação

Equipe Editora Livronovo

Revisão

Fernanda Christina dos Santos

Catálogo na Fonte. SNEL — Sindicato Nacional dos Editores de Livros.
Rio de Janeiro, RJ



Ao adquirir um livro você está remunerando o trabalho de escritores, diagramadores, ilustradores, revisores, livreiros e mais uma série de profissionais responsáveis por transformar boas idéias em realidade e trazê-las até você.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser copiada ou reproduzida por qualquer meio impresso, eletrônico ou que venha a ser criado, sem o prévio e expresso consentimento dos editores.

Impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

Epígrafe

Quando eu nasci
Um anjo louco muito louco
Veio ler a minha mão
Não era um anjo barroco
Era um anjo muito louco, torto
Com asas de avião
Eis que esse anjo me disse
Apertando a minha mão
Com um sorriso entre dentes
Vai bicho desafinar
O coro dos contentes
Vai bicho desafinar
O coro dos contentes
Let's play that

Torquato Neto

SUMÁRIO

Capítulo I — 9

Capítulo II — 19

Capítulo III — 35

Capítulo IV — 103

Capítulo V — 189

Capítulo VI — 209



PREFÁCIO

ou

Notas Sobre Masturbação De Cueca

Suja Na Cabeça em Um Buraco Imundo

Por Jeferson Augusto

Hunter Stockton Thompson, antes de se tornar uma espécie de *guru-moribundo* de um número significativo de pós-adolescentes no fim daquele louco período chamado *anos noventa*, foi um sujeito careca, vivendo em uma era pré-internet, que de óculos *fundos de garrafa* e piteira entre os dentes em um momento de genialidade deu aquela que é uma das mais perfeitas e sóbrias definições feitas até hoje sobre algo que acadêmicos, professores e livros mofados divergem.

“... Por que se dar ao trabalho de ler jornais, se isso é tudo que têm a oferecer? (...) A imprensa é uma gangue de covardes impiedosos. Jornalismo não é uma profissão, não é nem mesmo um ofício. É uma saída barata para vagabundos e desajustados – uma porta falsa que leva à parte dos fundos da vida, um burquinho imundo e cheio de mijo, fechado com tábuas pelo inspetor de segurança, mas fundo o bastante para comportar um bêbado deitado que fica olhando para a calçada se masturbando como um chimpanzé numa jaula de zoológico”.

Valcir Bellé Junior, ou simplesmente Junior Bellé, foi um destes depravados que resolveu entrar nesse buraco. E escolheu o caminho mais torto, o mais sujo, e claro, o mais legal e divertido. Não optou pelo convencional, pela chateação da narrativa simples, do tatibitati do jornalismo. Deixou de lado a bundamolice e pragas cada vez mais comuns que permeiam as redações, chamadas objetividade, isenção, mercado de trabalho, competitividade. Que se lasque este enfadonho fruto dos tempos modernos chamado texto jornalismo, aquele que tem a emoção de uma partida de tênis transmitida pelo rádio, como diria Tom Wolfe.

Jornalismo Gonzo, primo errante do jornalismo literário, irmão bastardo do new journalism e fruto de tempos tempestuosos, foi a opção de Júnior. Nada mais adequado para quem ousou enquadrar em páginas com pouco mais de um palmo de dimensão um objeto cortante e flamejante como um coquetel molotov e que leva a alcunha de anarco-individualismo.

Criado por este mesmo senhor chamado Hunter Stockton Thompson, ou Hunter S. Thompson, o gonzojornalismo é o anárquico em forma de texto. Enquanto Wolfe conteve sua indignação com o noticiário e não ousou deixar seus impecáveis ternos de linho enquanto seguia os Merry Pranksters e seu ônibus psicodélico pela América dos anos 60, Thompson – ou Raoul Duke, ou Dr. Gonzo – chafurdou o nariz no éter e na cocaína, mandou para seus pulmões e cabeça toda a maconha possível e inimaginável, mergulhou no ácido e mescalina para desnudar o sonho perdido, e provar que a geração do amor livre, das drogas, havia virado em uma grande e fedida merda.

Sem esquecer o legado deixado por aqueles distintos rapazes que em determinado momento deram um belo chute na bunda do jornalismo careta e criaram o new journalism, as peripécias cometidas pelo gonzo seria um caminho inevitável. Seria o destino radical e óbvio para algo que fervilhava e clamava por algo mais. O estilo criado por

Thompson nada mais é que a evolução natural e travessa dos ensinamentos deixados pelo new journalism.

Gonzojornalismo é a voz arranhada de Bob Dylan oferecendo maconha aos então inocentes Beatles. É Tyler Durden inserindo fragmentos pornográficos em obras hollywoodianas. É a subversão prestando inestimáveis bons serviços. É jornalismo levado ao intolerável, é a arte de testar os limites, de ver o ponteiro do velocímetro alcançar os 250 quilômetros por hora.

Então, nada mais óbvio que ousar seguir esta linhagem pouco nobre para fazer um mini-retrato deste início de século passado em algum lugar abaixo da linha do Equador. Incoerência, digressão, ficção, drogas, subversão, não-linearidade, são alguns itens que combinam perfeitamente com uma passeata pelas ruas de São Paulo que descamba em uma porta de vidro de um banco internacional estilhaçada por um pedaço de pedra.

A obra máxima de Hunter Thompson – de novo ele –, Medo e Delírio em Las Vegas, antes de um manual torpe de jornalismo pós-juvenil, é um retrato da demência, de que algo deu muito errado e que como assinalaria John Lennon pouco depois, de que o sonho acabou. It's all over now. Já era. Estamos ferrados.

E tal qual como um ciclo – ou se quiser entender como uma continuação – pouco mais de trinta anos depois, o lindo sonho delirante de consumo virou um pesadelo. Instantes após Junior colocar um ponto final em sua saga pelo labirinto do individualismo libertário no país, o colapso chegou. A Terra esquenta, as geleiras derretem, tua casa inunda, e aí meu irmão, pra piorar, a economia entra em parafuso e as coisas começam a ficar realmente sérias. Chega a ser irônico que um livro como “Balaclavas & Os Profetas do Caos” seja parido em um período como este fim de primeira década do século 21. O pano de fundo desta reportagem é apocalipticamente, de tempos nebulosos. “*Quando as Coisas Ficam Estranhas, os Estranhos Viram Profissionais*”.

Em um cenário desolador, humor, sarcasmo e cinismo são alguns antídotos que caem bem. Em vez de um embolorado discurso de ideologias regurgitadas, anarquismo epistemológico, ontológico, individualista, jornalismo gonzo, servem como aliviantes analgésicos para narrar uma época nada fácil de se viver.

E é por essa via que Junior optou trafegar. Fornecer um relato de quem de fato esteve em uma ocupação na USP, em manifestações trabalhistas no Rio Grande, e correndo da polícia paulista após causar, vamos dizer, um pequeno tumulto nas ruas da maior metrópole sul-americana. E não só participando, mas fazendo piada, colocando uma cueca suja na cabeça e rindo da desgraça. Estamos na merda, mas nem por isso deixaremos de sorrir. É isso aí, quando disserem que esta geração é a geração do cinismo, lembre-se das próximas linhas que lerá. Isso mesmo, pois esse rapaz apontou uma bazuca para o próprio pé com um sorriso malandro nos lábios quando, apesar de navegar nos mares do anarquismo especificista, seguiu a risca sua proposta, vestiu o personagem e narrou tudo a partir dos olhos de um individualista ortodoxo.

E narrou tudo in *loco*, pois esse é um precedente do gonzo jornalismo. Não, não pode ser apurado por telefone, não dá para chegar com aquele papo mole para o pobre coitado e perguntar “*O senhor pode relatar o que aconteceu?*”. Nada disso. É preciso estar ali, viver os fatos, participar da ação. Hunter Thompson cravou no texto da capa de “Medo e Delírio” que “Gonzo requer os talentos de um mestre do jornalismo, o olho de um artista/fotógrafo e os culhões firmes de um ator. Porque o escritor *precisa* participar da cena enquanto escreve sobre ela – ou pelo menos gravá-la, ou mesmo desenhá-la. Ou as três coisas. Provavelmente a analogia mais próxima do ideal seria um diretor/produtor de cinema que escreve seus próprios roteiros, faz seu próprio trabalho de câmera e de algum modo consegue filmar a si mesmo em ação, como protagonista ou pelo menos um dos personagens principais”.

O próprio Thompson arranhou uma motocicleta e colou com os Hell's Angels para fazer um retrato de um dos mais temidos grupos dos Estados Unidos na década de 60. Nem que para isso, tivesse que sofrer uma surra de motociclistas barbudos e mal trajados. George Plimpton integrou um time de futebol americano e a cada dor sofrida após trancos de bem nutridos jovens americanos, uma história mais fiel foi dada ao leitor.

Até onde se sabe, o jovem autor de “Balaclavas & Os Profetas do Caos” não sofreu nenhum sério hematoma após soltar alguns *stencils* por aí, mas certamente seus batimentos cardíacos atingiram níveis estratosféricos ao fugir da polícia. É isso aí, encarnar em primeira pessoa toda a ação. Captar tudo o que estiver à volta.

A maior contribuição que “Balaclavas & Os Profetas do Caos” – fruto do temerário trabalho de conclusão de curso da Universidade Estadual de Ponta Grossa – é oferecer oxigênio a um ambiente que a cada dia agoniza sufocantemente: o jornalismo.

Ao invés de fechar seu glorioso quadriênio acadêmico mirando os broxantes ares de uma redação repleta de tiranos jovens almejantes a um posto de executivo, este sujeito resolveu injetar criatividade, humor, audácia e fôlego, itens cada vez mais raros tanto em faculdades como em textos jornalísticos.

Nas próximas páginas se verá o fruto de uma ânsia de se fazer algo diferente. Ao mesmo tempo em que somos contemplados com baseados compartilhados com amigos, recebemos de brinde uma incursão nos porões anarquistas gaúchos. Para cada peripécia em uma ocupação universitária, um relato ofegante de um protesto *Black Bloc* fracassado na Avenida Paulista.

E nessa mesma ânsia, que acomete a todos os jovens, a narrativa de “Balaclavas...” às vezes se transforma em um trator desgovernado, ou como um elefante após anos preso, sai por aí derrubando tudo o que vê, atropelando quem ousar lhe passar pela frente. É um objeto sem arestas polidas, pouco preocupado

se o leitor, deitado em seu sofá terá uma agradável e tranqüila digestão. Em estado bruto, em cada capítulo, em cada frase, Júnior tentar segurar um touro indomável, que no fim das contas, é libertado, só para o deleite do autor em ver o estrago que ele faz. Tal como pedem o gonzo e o tema da reportagem. Se o que se visse fosse uma tentativa de enquadrar, castrar e domesticar o anarquismo em forma de texto gonzo, aí teríamos uma prova de que, de fato, as coisas erraram em algum ponto lá atrás.

Transbordando referências musicais, literárias, políticas e pessoais, em um mesmo caldo, mistura Duduca & Dalvan com poesia underground; Jards Macalé & Torquato Neto com anarquismo epistemológico; Provos e o seu maconheiro amigo de faculdade. Sem medo de errar. Tal qual cantou uma jovem baiana em tempos de Tropicália, “Muito alto, sem medo de tudo. De nada, sem medo de errar”. Respiração presa e mergulho de cabeça, indo até onde os pulmões possam aguentar, turbinado de fôlego e oxigênio nas ventas. É disso que todos nós precisamos.

A inocência de contar as travessuras anarco-poéticas turbinadas por THC nas madrugadas do interior paranaense tem o frescor que falta a cada página de jornal ou revista que lemos enquanto esperamos a vida passar. O humor e cinismo que escorre pela verborragia de “Balaclavas...” é antítese do jornalismo praticado hoje em dia, cada vez mais próximo do terno e gravata e dos figurinos de executivos da Avenida Paulista. O gonzo, de bermudas, tênis all star, piteira, chapéu e camisas de Acapulco, agradece.

“Balaclavas...”, guardadas as devidas proporções, é o encontro de Hunter Thompson com Hakim Bey, uma zona temporária de interesse/diversão no jornalismo.

CAPÍTULO I

Nossa Senhora da Discórdia

Tô fodido pra caralho

Me proteja na esbórnia

Me masturbe no pecado

Longitude 50° 9'32.53"W / Latitude 25° 5'14.87"S, certas vezes nosso micro-cosmos intergaláctico, outras nossa cápsula estelar discordiana. Localizada na intersecção entre os lobos (a)temporais que regulam alucinações & nostalgias, casulo das noites ilícitas, com um excêntrico banquete, sempre à espreita da noite, na neblina complexa por brasa de velas fumegantes, onde a cúpula proto-situ-onto-anarquista conspira & respira longe da (i)realidade factual: kitnet 3 — a caverna do Rodolfo.

Mas aquela era uma noite especial, como a ligação esotérica entre Hunter Thompson & Bukowski, ou o parentesco místico da poesia pós-moderna com a informação jornalística. Não estávamos ali naquela noite pelo mesmo motivo de todas as outras: diversão bem (?) direcionada, reflexões despretensiosas, pensamentos filosóficos com profundidade suficiente para a inexistência de qualquer coerên-

cia externa; desta vez existia uma motivação extra: organizar nossa amostra de arte-terrorista-poética-proto-situ-anarco-onto-onírica. Não somos rapazes audaciosos e não queríamos nenhum mega-evento, mas também não nos contentaríamos com qualquer-coisa-auto-explicativa. Somos jovens com genes hedonistas ainda em formação, de um niilismo tão produtivo quanto paralisante, discípulos do mais chapado deus ainda não nascido, o protetor das esperanças empoeiradas varridas pra debaixo do tapete, enjauladas em nosso inconsciente transgressor. Só que os guardas de nossas jaulas se vedem por qualquer maço de cigarros vagabundo.

Uma data especial, sem dúvidas, este seria o primeiro passo de uma longa jornada gonzo-libertária através de algumas das estratégias de resistência do anarco-individualismo contemporâneo. Eu não poderia as escolher, há um imenso magma de onde elas ventam e ejaculam-se e seria estúpido demais tentar mapeá-las. Elas me escolheriam, as estratégias, por isso eu precisaria estar atento a qualquer vestígio, qualquer contato, e me deixar guiar por ele sem concepções pré-moldadas, sem bitolas estigmatizantes, simplesmente soltar o corpo no instante que uma delas acenar. Pauta: siga o instinto, pois algo palpita na alma. Fontes: a resistência se conecta por mãos entrelaçadas, encontre uma delas e entrelace as suas. Ps.: um repórter acreditando nas asas enguiçadas de um pretenso jornalismo alado. Eu não tinha idéia do que viria adiante, o anarquismo é um horizonte tão pungente como volátil, e o individualismo é sua fronteira mística, purista, difusa, escondida, rechaçada. Sua dualidade blefando em tacanhez e romantismo. O jeito era esperar uma conspiração do universo e submergir profundamente esquecendo qualquer vínculo com oxigênio quando a maré começasse a subir. Cada passo acontecerá de forma urgente, espontânea, interligada e sem prévio aviso, seguindo os capítulos que intercalam, atrelam, unem, fundem, fodem, comple-

mentam uns aos outros sem qualquer dependência viciante. E aquele encontro era o princípio de tudo, um caseiro pontapé inicial pra eletrificar o cérebro e drenar o coração.

O Sol já dormia há pelo menos três horas, era um sábado preguiçoso de 17 de março, ele tinha direito. Nós não. A nossa missão prosseguia, não era porque vanguardistas como o Situa-
cionismo conseguiram, o Class War, Provos, o Neoísmo, Fluxus, o Colégio de Patafísica, ou o Movimento Por Uma Bauhaus Imaginista, que nós tínhamos que conseguir. Perder é uma questão de método, já escreveu Santiago Gamboa, êxito é algo relativo que a gente resolveu relativizar ainda mais. Aliás, a única característica que até hoje uniu todas as vanguardas foi a arrogância, e estávamos com a auto-estima no calcanhar do subsolo. Ponto pra nós, vanguardas cheiram a mofo.

Nosso plano era aproveitar a reunião daquela noite e organizar as intervenções de terrorismo poético (TP) que faríamos alguns meses depois. Terrorismo poético, segundo seu próprio criador, Hakim Bey, é: “ARTE como crime; CRIME como arte” [1]. Bey é o teórico do anarquismo-ontológico (AAO), é também Peter Lamborn Wilson, teólogo e professor universitário. Cada um compreende o AAO a partir de sua própria bagagem sócio-cultural, de seu nível psíquico-espiritual, de seu grau de seriedade e de sua fermentação gástrica. AAO acredita que, se não podemos viver a liberdade no momento, se ela nos é arrancada cada vez que usamos o controle remoto, ou respiramos mais profundamente, e nos é devolvida numa simpática embalagem em algum shopping-center decadente com a etiqueta “R\$ua Alma”; então, talvez pudéssemos lutar por essa liberdade sem prostituímos nosso coração, através de intervenções artísticas, vilipêndios lúdicos e líricos, enfim, algo que crie um instante de liberdade no “aqui-e-agora”, uma insurreição que flane em um espectro perpendicular, que crie uma Zona Autônoma Temporária (TAZ), onde, mesmo que somente por alguns milésimos de segundo,

mesmo que somente os fatores da intervenção, possam sentir a ponta da plenitude do que é LIBERDADE. Esse já seria o primeiro sopro construtivo e ativo para um levante permanente.

A anarquia ontológica talvez seja a vertente libertária que mais compreendeu a célebre afirmação de Emma Goldman: “Se eu não puder DANÇAR, não é minha REVOLUÇÃO”. E o terrorismo poético é a ação concreta desse ludismo como tática. É a personificação do desprezo pela estupidez & normalidade, emulação & admiração pela indolência nossa de cada dia. Intervenções urbanas pautadas em um referencial teórico é o vômito regurgitado dos intelectuais de gabinete, o grito de insurreição como aventura dos revolucionários e românticos de sofá. Como diria Hakim Bey: “Anarquismo em última análise implica anarquia - & anarquia é caos. Caos é princípio da criação contínua... & o Caos nunca morreu” [2]. TP exige organização e planejamento, não é algo absolutamente espontâneo apesar de nascer da espontaneidade, necessita uma pitada de humor negro e um potencial desprezo por autoridades. Exatamente por isso eu sabia que meus três comparsas eram perfeitos para o serviço.

O primeiro passo de nosso ritual de encontro psicodélico, era computar os mantimentos trazidos por cada um. Timóteo chegou com dois pães pingando óleo:

“Cê acha que se eles tivessem bons eu tinha trazido os dois, fíí?!”.

Valdez trouxe sua barba, e toda a experiência nela acumulada. Um conselho: respeitem a sabedoria dessa barbicha, ela segue os passos proféticos da de Tolstoi. Timóteo e Valdez são tanto mineiros quanto enciclopédias musicais alternativas. A grande diferença entre eles é que, enquanto Timóteo esqueceu os ensinamentos de sua terra e desaprendeu a comer quieto, principalmente se tratando de meni-

ninhas emo-core, Valdez desenvolveu inúmeras técnicas de despistamento nesse quesito. Valdez é um cara incrível, principalmente quando resolve por pra fora tudo que sua mente intranquã produz queimando as enormes cotas de nicotina que ele deposita constantemente nela. Por fim, é um cara que há alguns anos desenvolveu um ritual escatológico interessante, que consiste em cantar “Rock around the clock” de Bill Haley no momento que a vontade de cagar beira o insuportável, então, no exato segundo em que Haley termina a frase “one, two, three o’clock ROCK” ele senta na privada e transforma o mundo num lugar ainda mais fedorento. Já Timóteo é um rapaz que eu aprendi a admirar desde o dia em que o vi fazendo macarrão em uma panela forrada de fungos e bolor: “aahhh... não dá nada não, o fogo mata”, explicou ele, como se aquilo fosse corriqueiro. Além do mais, como não gostar de um cara que desde que quebrou o braço direito, há uns 15 anos atrás, só consegue limpar a bunda com a canhota ???!

Rodolfo cede a caverna e tudo que você puder encontrar de interessante nela. Ele é um cara que mija em mesas de sinuca, surrupia cortadores de papel Eliana das Lojas Americanas, usa o forno pra assar cd’s com batatas cozidas, quebra o dente comendo cenoura, e se orgulha de seu passado metaleiro, mas que a vida e a calvície fizeram amadurecer prematuramente. Hoje, por conta dos medicamentos contra queda de cabelo, ele reza pra não ficar broxa. Resumindo: Rodolfo é um cara que você não precisa se dar ao trabalho de aprender a amar, é algo natural, que ele te ensina todos os dias.

Eu levei aveia, linhaça, soja tostada e uma Sprite pro tere-ré. Ah sim, o tereré está entre os itens interessantes encontráveis na caverna do Rodolfo. Eu queria jogar limpo, afinal eles eram meus cúmplices:

“Antes de começar, é meu dever avisar que tudo que vocês disserem pode ser usado contra vocês... em algum lugar”, eu prometo escrever a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade; se a verdade não for um dogma monoteísta inflexível.

“Tá certo, mas eu quero deixar bem claro uma coisa: eu não dou o cu!”, não sei por que, mas Timóteo parecia realmente acreditar que o levaríamos a sério, aquele indie canastrão saído de uma liquidação black-metal de fantasias trucker-hawaianas!

“Eu também quero me pronunciar sobre isso: Ronnie Von é a coisa mais linda que eu já escutei em língua portuguesa!”, Rodolfo estava na onda de cantar “Continentes e Civilizações”, algo que soa como um mantra da salvação para alguém que, como eu e ele, está no último ano de universidade, ou seja, aspirante a desempregado, gente que já começa a pensar no marketing pessoal mais simples pra vender a consciência por qualquer sub-emprego minimamente aceitável.

“Valdez, você tá se retraindo por conta do gravador?”, ele sempre foi um rapaz arguto, eu esperava mais dele e daquela longa barba amarrada com vários elásticos de aparelho dental.

“Provavelmente, cara”, com certeza, cara.

“Você tem medo de gravador?”.

“Muito!”.

“Por quê?”.

“Porque ele vai roubar minha alma!”.

“Tudo bem... você me convenceu”, mesmo.

A segunda fase do ritual consiste em inventar, urgentemente, alguma coisa comível com os mantimentos trazidos. As velas fumegantes começavam a compor sinfonias em nossos estômagos, e ninguém planeja bem com fome, nem os famintos por planos. No ar rodopiavam ondas de “These Days” a “Decemberists”, de “Tiririca” a “Sui Generis” e “Duduca e Dalvan”.

O cardápio do dia era bem interessante, nós realmente estávamos evoluindo no tocante gastronômico. Pra quem havia criado a pipoca com ovo, salada Tietê-pinheiros e pão com bosta, misturar pêra, maçã, aveia, corn flakes e Sprite não era nada sobrenatural. Havia também aquela farinha com óleo do Timóteo que lembrava vagamente um pão dormido se mastigado com muita manteiga e boa vontade.

“Tá! Tudo bem! Mas a gente tem que pensar nos TP’s”, essa é uma frase temerosa pela influência que isso terá em minha formação.

“Junior, eu tenho orgulho de ter um amigo tão... idiota”, Rodolfo falou aquilo com tanta sinceridade que, naquele breve instante, eu realmente parei para repensar meus valores, e, sem muito esforço reflexivo, me dei conta do que tinha se transformado minha vida: Valdez peidando alto ao meu lado, Rodolfo arrotando a cada meio segundo e Timóteo tirando fotos do próprio pinto. Eu me sentia em casa.

Timóteo pôs as sinapses pra esquentar os pneus: “E se a gente saísse de OB na rua? Ou melhor, pendurássemos umas calcinhas nos mastros, pra simbolizar a exploração feminina?”.

“Essa piada é velha, guri”, eu precisava de idéias produtivas, como a próxima que surgiu do mesmo mineiro.

“Tá, agora é sério. Que tal se fossemos em um lugar estúpido onde as pessoas estivessem comendo coisas estúpidas, como o Mc Donalds, claro, então a gente sobe no banheiro, caga no chão, pisa nele e sai andando pelo meio do pessoal?”.

Com isso, Timóteo fez acender em minha memória uma sábia advertência que recebi de Valdez há um tempo atrás, depois de ele ter passado pela difícil experiência de presenciar o Rodolfo cagando no mato — e sentir o cheiro que de lá flutuava —, uma

advertência que transmitirei aos meus filhos e netos: “você só reclama do cocô do cachorro porque o seu cai na aguinha”. Agora tudo fazia sentido, existia uma imensa coerência interna: nossa merda não cairia na aguinha e aquilo talvez funcionasse.

“É bem idiota, mas é bacana”.

“Eu tenho uma idéia também”, os olhos verdes de Rodolfo cintilavam circundados por um vermelho de essência natural. “A gente podia montar um acampamento na frente da universidade reivindicando um show do Bob Marley no Brasil, já!”.

“Caralho! Muito boa!”, a barba de Valdez começava a tiritar: “Dá pra fazer uma comunidade com isso. Nossa! Dá até pra fazer aquelas petições on-line. Nossa! Dá pra fazer um MOVIMENTO com isso! NOSSA!”.

“A gente podia criar uma ONG pra aderir ao movimento”, sábias palavras, Timóteo.

“Deixa eu completar minha idéia. Se alguém vier perguntar porque desse movimento, você não responde, manda ele falar com seu assessor. Diz que você não fala com a imprensa porque eles denigrem a imagem do Bob Marley relacionando ele com maconha. O que é um absurdo”.

“Bob Marley nunca fumou maconha”.

“Pera aí, Valdez. E é por isso que ele nunca veio pro Brasil, porque a mídia distorce a imagem dele”.

E pra complementar o cosmos da conspiração, Timóteo: “A mídia é nazista e só distorce a imagem do Bob Marley porque ele é judeu”.

Aí está, um protótipo de brainstorm terrorista-poético. Pena que nada disso era logisticamente aplicável, não com o fator tempo/benefício entre as variantes. Era imprescindível sintetizar as idéias, jogar as lâmpadas acesas no liquidificador e triturar o que pulsasse fosforescente. Não se trata de ignorar estas boas idéias, elas seguem na lista top 10 de futuras inter-

venções. Mas para nossa amostra de arte-terrorista-poética-proto-situ-anarco-onto-onírica, que se encontra no meio de muitos calendários abarrotados, elas ainda carecem de planejamento específico e de uma flexibilidade mínima pra incursão de novas idéias que apareçam no decorrer dos meses. E essa lacuna SIM era absolutamente indispensável, não se pode laçar o ACASO sem estar preparado pros seus caprichos, afinal. A solução foi enfiarmos os cérebros no forno e adicionar um pouco de fermento aos neurônios. Depois de algum tempo matutando, a solução cintilou:

“Acho que dá pra manter aquela saudosa idéia do enforcamento na passarela do shopping”, tentei.

“Aquela idéia é boa, e fácil de fazer”, costurou Timóteo.

“Mas um tp só, isso é suficiente?”.

“Sei lá Rodolfo, acho que dá pra manter o enforcamento, ir trabalhando na preparação dele e deixar aberto pra mais uma idéia”.

“Tem aquela das camisinhas na frente da igreja”, Valdez falava de um plano antigo que consistia em distribuir preservativos colados à mensagens discordianas durante a missa de domingo.

“Então fechou o pacote! Vô preparar o enforcamento, as camisinhas ficam ali como plano b se nada melhor surgir até o dia da intervenção. O que vocês acham?”.

“Tá bom, tá bom! Agora vamô parar de trabalhar e retomar nosso fear and loathing way of life, por favor”, sacramentou Rodolfo aumentando o som que cuspia “Like a rolling stone”, e selando na língua uma nova vela fumegante.

É nestas horas que eu percebo que há uma estranha beleza nessa sociedade esquizofrênica, afogada numa seção de alquimia transcendental no meio do desenrolar de um filme de David Linch.

Notas

[1] BEY, Hakim. *Caos. Terrorismo Poético e outros crimes exemplares*. São Paulo — Conrad Editora, 2003, p. 14.

[2] BEY, Hakim. *Caos. Terrorismo Poético e outros crimes exemplares*. São Paulo — Conrad Editora, 2003, p. 85.

CAPÍTULO II

MANUAL PRÁTICO DO CALEIDOSCÓPIO GUERRILHEIRO

— VERSÃO PARA AMADORES —

São outros tempos. Tempos tão novos que já passaram do prazo de validade, & agora mendigam desdentados pelos bueiros porque cuspiram sangue no carnê de aposentadoria privada. A propaganda anarquista encontra esses novos tempos num bar de luxo, no centro de uma cidade decadente, um *bunker* afogado no suicídio coletivo. Ela é uma velha senhora que esqueceu de produzir suas rugas & agora desfila novidades em um modelito de gala, muito mais elegante que aquelas fotografias cinzentas dos jornais mimeografados. São novas embalagens que amplificam horizontes libertários. Não se trata mais simplesmente de periódicos & eventos anarco-individualistas. É tempo de se mergulhar nas vertigens urbanas & sugar o máximo de conspiração que o concreto puder suportar. A propaganda anarquista resolveu aumentar seu menu adotando estratégias mais sutis de difusão de ideais: o stencil é seu pós-moderno espaguete al dente.

Em uma definição bem didática, pouco esclarecedora e nada conclusiva pode-se dizer que o stencil está em alguma brecha transgressora entre a pichação com grife e o grafitti sem talento. Na verdade, o stencil é o avô com ereção precoce tanto do pichador quanto do grafiteiro. Datas pré-históricas, entre 10.000 e 25.000 anos atrás, em locais como a Patagônia argentina, além das civilizações grega, egípcia e chinesa, têm os registros mais remotos do stencil como arte e técnica. Mas foi somente em meados do século XX, provavelmente na América Latina, que esta arte começou a ser adotada como intervenção urbana com fins políticos ou propagandísticos: ideologias rechearam com tendências radicais o primeiro, que automaticamente mesclou-se com a propaganda já embriagada numa overdose estética. Antes dessa convulsão meio beatnik do stencil, sua eficiência como marketing de guerrilha foi utilizada durante a Segunda Guerra Mundial pelos fascistas italianos. Mas esse era apenas o aval reacionário da potência indulgente do stencil: haviam lhe arrancado a alma à golpes de sangue inocente. Na década de 1970 ele voltou ao bulbo esquerdista e foi utilizado em inúmeras revoltas populares no México, País Vasco e França. Principalmente na França. Foi na terra de Proudhon, durante o Maio Francês, fervendo nas veias herdadas do Situacionismo que o stencil foi coroado como ação direta, reação plástica radical, ataque informativo de front. Agora ele purpurina os muros das conurbações urbanas, paredes expropriadas por perdigotos transgressores numa estratégica retomada simbólica de território.

Eu precisava de alguém que entendesse a práxis da arte, e pra isso fui a Curitiba atrás de Walfrido, um anarquista mergulhado na onda da permacultura. Ia com R\$ 10 a menos nas burras, mas com dois *sprays* novinhos. Marcamos de conversar às 22 horas no “A Gata Comeu”, um boteco perto da reitoria da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Era minha escolta: Vitor, um grande amigo convertido em irmão sem compatibilidade sanguínea; Carina, namorada

e catalisadora das incongruências de Vitor; e minha namorada Aline, a garota mais especial que eu já conheci.

O bar é um banheiro gigante, todo em ladrilhos brancos com detalhes em azul, com duas mesas de sinuca posicionadas ao fundo, estava entupido de gente e com um cheiro de nicotina mijando cerveja. Devia ter umas 45 pessoas lá dentro, mas apenas doze delas realmente não poderiam estar naquele lugar. Não naquele dia. Havia juntado duas mesas pra acentuar aquilo que para elas talvez parecesse uma cantoria. Tocavam Raúl Seixas e Legião Urbana como quem celebra a moralidade do alto de um púlpito yuppie. Um cara com a camiseta da seleção canarinho, que parecia uma versão deprimente de um Gustavo Kuerten moreno, soltava os acordes no violão e comandava o coral desafinado. E isso foi um elogio, um grande e maravilhoso elogio. Aliás, só existe uma coisa pior que um jovem nacionalista tocando Raúl e Legião num bar. Um jovem PSEUDONacionalista ACHANDO que sabe tocar Raúl e Legião num BANHEIRO gigante. Mas a experiência me dizia que sobreviveríamos àquela provação.

Walfrido me disse para identificá-lo por uma tatuagem de fogo que ele leva na panturrilha direita. Não foi difícil, estava com mais um grupo de amigos jogando sinuca. O visual canastrão de Walfrido me passou confiança imediata. A primeira impressão que tive foi de estar conhecendo um Wolverine à mexicana acabado de desembarcar de um baile do Hawai no coração de Asunción. Só faltava o bigode: camiseta verde variegada com coqueirinhos desenhados por todo o tecido, aberta até o terceiro botão, uma corrente no peito, calção jeans e chinelo de dedo, barbudo, e com os cabelos negros todos penteados pra trás, com direito a gel nas belas e calvas entradas - sem dúvidas ele era um cara bacana, e o X-Man mais lado B que o Doutor telepata paralítico Charles Francis Xavier jamais conheceu.

“Walfrido? E aí?! Sou Junior”, virou-se recostando o taco na mesa.

“Opa! E aí, como que tá, cara?”, um aperto de mão e um abraço.

“Tranqüilo. Isso aqui tá meio cheio”.

“É, ontem não tava assim não”.

Achei melhor tocar logo no assunto que convergiu nossas existências naquela abafada noite curitibana, “então, trouxe duas latas de *spray*. Uma preta e uma vermelha”.

“E os desenhos?”.

“Isso é com você. Você é o profissional aqui,” tinha esperança de que ele se propusesse a ensinar-me os primeiros passos e até me guiasse numa incursão desafiadora, mas suas próximas palavras me fariam perceber que, na verdade, formaríamos uma dupla de amadores autodidatas.

“Legal! Mas eu nunca fiz stencil na vida...”, você só pode estar brincando, Wolverine. Eu não rodei 100 km pra beber uma Skol a R\$ 3.30 num banheiro gigante!

“...”, análise fisionômica: poxa.

“Calma. Meu amigo Jorge é craque em stencil. Ele tem um monte de trabalhos pela cidade. A gente pode dar um rolê amanhã pra sacar os desenhos dele”, mas claro.

Uma falha na comunicação, um ruído disléxico durante nossa troca de cinco e-mails foi o responsável por esse engano. Agora o que restava era encontrar a beleza escondida num manual prático de, e para, iniciantes, “esse Jorge é aquele que tem um projeto de Jardinagem Libertária?”, Walfrido havia comentado algo a respeito numa mensagem há um tempo atrás.

“Esse mesmo. Tentei falar com ele hoje, pra ele vir aqui conversar com a gente e marcarmos algum lance pra amanhã, mas ele não atende o celular”.

“Não pára de tentar!”, por favor!

“Eu vou ficar tentando contato com ele, relaxa. O cara pode ajudar muito a gente. E ainda rola de você conhecer o projeto da Jardinagem”.

“Tem alguma coisa a ver com permacultura?”.

“Mais ou menos”.

“Bom, bacana. Ah sim... Quase que eu esqueço de te avisar que você já virou personagem do livro. Tudo faz parte do processo”.

“Claro, sem problemas. Eu vi Fear and Loathing até as pessoas virarem dinossauros no bar do hotel em Las Vegas. Sei como é”.

“É, ele era um senhor muito doidão. Bom, vou ali tomar uma cerveja e já venho pra continuarmos o papo”.

“Vai lá que eu vou jogar uma sinuca”, despediu-se com um tapinha em meu ombro e devolveu-se ao jogo.

Sentamos numa mesa próxima à porta, era uma noite muito quente. O clima deve estar com câncer ou sofrer de amigdalite, só assim pra explicar um calor desses no final de março em Curitiba. Ainda Legião e Raúl...

“E aí?”, perguntou Aline de um jeito que até hoje me encanta.

“Parece que quem entende mesmo do lance é um amigo dele. Mas estamos progredindo”.

“O que você quer com ele?”, era a vez do Vitor.

“Quero aprender sobre stencil”.

“Qué isso?”.

“Pichação com nome bonito”, a Aline tem um poder de síntese impressionante.

“Não é nada disso. Ou é quase isso. Stencil é arte, mas não que pichação também não possa ser”.

“Ahh...”, digamos que esta expressão já é praticamente uma onomatopéia.

“Que tal a gente pedir uma cerveja?”, sugeri.

O dono do banheiro, um sindicalista-reformista-revolucionário dos anos 70, com o cérebro de caixa registradora, por volta dos 30 anos, com a barba hirsutamente loira, assim como o cabelo, veio anotar o pedido. Solto uma Skol gelada e quatro copos enquanto mirava, ressabiado, minha dinâmica arte de enrolar um tabaco. Essa neurose de guerra contra as drogas nos faz potenciais *agentis-provocantis*. Um título nobre na atual conjuntura.

Enquanto degustávamos o malte, testávamos a câmera na Carina, já que ela odeia ser fotografada. Nesse momento eu olhava para as protuberantes narinas de Vitor e lembrava como nós havíamos nos tornado irmãos, e como aquilo é realmente importante, um fosco nostálgico se ativou na memória pelo odor do fino tabaco desfiado Virgínia: “daqui um tempo ele se casa com a Carina, tem um casal de filhos gorduchinhos e se torna sociólogo em alguma grande universidade desse país. Quem sabe eu possa pedir dinheiro emprestado pra ele, torço muito por esse rapaz”. Ele havia deixado a barba crescer e qualquer um que o conhecesse superficialmente juraria que era porque ele foi obrigado a ler o *Manifesto do Partido Comunista*, nesse seu primeiro semestre de Ciências Sociais na UFPR, mas isso não é verdade. Ele ainda tem muito juízo armazenado naquele coração. Além do mais, a barba é uma questão de galanteio, e não passa de filamentos queratinosos que germinam da válvula mitral e despontam o visual despojado da alma.

“Cara, você não pode ser preso fazendo isso?”, serviu-se de quatro dedos de cerveja.

“Eu já tinha pensado nisso. Mas a gente pode ser preso por um bando de outras coisas mais estúpidas”.

“E se você for preso?”, virou o primeiro gole.

“Aí tenho um capítulo sobre a situação carcerária paranaense e um possível conto erótico homossexual. Mas já avisei prum amigo que faz direito que se isso acontecer eu ligo pra ele dar um jeito”.

“Quem que é o cara?”

“O Ítalo”.

“Puuutzzz”.

“Não é porque ele reprovou algumas vezes em algumas matérias que ele não é um estudante competente”.

“É, o Ítalo é um cara legal”.

Walfrido terminara sua partida de sinuca e resolvi trocar mais algumas idéias com ele. Encostei em seu ombro enquanto comprava um bubaloo para sua esposa. Walfrido é curitibano, mas foi pra São Paulo cursar publicidade na Mackenzie, onde se formou há sete anos. Diferente do que eu imaginava a Mackenzie é uma instituição para humanos, o que pode ter bloqueado certos instintos mutantes daquele Wolverine tupiniquim, ele sequer tentou enfiar suas garras de adamantium nos intestinos daquele maldito Kuerten moreno, que não parava de cantar sempre “mais do mesmo”. Eu teria arrancado aquelas lombrigas com toda a piedade que um sacrifício cruel e sangrento exige. Foi também na capital paulista que Walfrido encontrou o útero adequado para desenvolver o anarco-individualista, em tempos de movimento anti-globalização. Encheu o saco de trabalhar em agências publicitárias, e agora se dedica a fazer estampas pra uma marca de camisetas. Ele é muito mais experiente do que eu imaginava e esteve presente em datas singulares para o movimento libertário brasileiro. Participou, por exemplo, do fechamento do Consulado Italiano em São Paulo, em protesto contra a morte de Carlos Giuliani nas manifestações contra o G-8, em Gênova — Itália. Foi uma ação razoavelmente bem sucedida, e, já que não conseguiram entrar no consulado, lá trancafiaram o cônsul por todo um dia. Ele participou também do A 20[1], igualmente em São Paulo, talvez a maior manifestação anticapitalismo do Brasil nos últimos 15 anos. Foi um conjunto de ações inspiradas em Seattle, mas com um toque Black Block essencial

em qualquer manifestação em que os policiais, tão fodidos quanto qualquer outro trabalhador subempregado do mundo, imaginam que seu delírio de autoridade os faz defensores de alguma moral cívica maior, vinda da estúpida epifania teleológica de seus asquerosos representantes políticos.

“Deve ter sido fantástico participar do A-20”.

“Um dia que eu nunca vou esquecer. Eu quase me fodi um monte de vezes, mas foi especial”.

“É, a polícia não sabe brincar...”.

“A gente fez uns escudos de madeira e compensado que achamos por lá, enquanto a polícia organizava a tropa. O meu não durou três segundos quando eles avançaram”, escorou-se numas grades de Antartica encostadas na parede.

“Isso quer dizer duas cacetadas?”, sorri.

“Mais ou menos. Só não fui espancado porque um cara, que eu nunca soube quem foi me arrastou pelos braços depois que eu caí e me tirou da linha de frente”.

“A solidariedade nesses momentos é algo lindo demais”.

“E importante demais”.

“Claro. E aí, algum plano pra amanhã?”, eu já pensava em ir embora, mas queria planejar algo pra domingo.

“Talvez eu vá pras cachoeiras de manhã, mas me liga lá pelo meio-dia. Vou ficar tentando falar com o Jorge, mas se ele não responder a gente ajeita alguma coisa mais simples, só pra pegar o jeito e ver como é”.

“Fechado. Te ligo sim. Eu já vou indo nessa porque to cansado demais. A gente se fala amanhã ao meio-dia”.

“Até mais. Abraço.” Girei dirigindo-me ao caixa enquanto Walfrido caminhou acenando brevemente em despedida.

Recolhemos nossas tralhas e pagamos as cervejas. Trin-trin, tiritava o cérebro do dono do banheiro gigante, enquanto

entrávamos no universo colorido do Mágico De Oz indo diretamente ao Dark Side Of The Moon.

• • •

O apartamento de Walfrido fica numa região nobre da capital paranaense, entre as ruas arborizadas do entorno da Kyoce-
ra Arena. Enquanto o Sol nos preparava como churrasquinho de domingo e o relógio ajeitava os bigodes, apertei o interfone 31.

“Péra ae, já tô descendo!”, comunicou a voz.

As árvores aliviavam um pouco o calor e um cachorro mijava nelas. Walfrido apareceu no portão e logo percebi que Jorge só tinha celular pra jogar Snake. Estávamos subindo as escadas rumo ao terceiro andar, era hora de provar que a nova propaganda anarquista esqueceu as rugas no creme pós-barba do autodidatismo.

“Senta aí, cara. Já venho com o material pra gente cortar.”

“Beleza.” acomodei-me.

Era um apartamento de tamanho regular, mas o mobiliário emprestava um aspecto bastante moderno pro espaço. A sala era dividida em dois ambientes pelo sofá postado como marco delimitador: atrás, a sala de jantar com a mesa de vidro e um balcão de madeira, logo adiante, a sala de estar, com um sofá a direita em frente à estante cheia de mimos da tecnologia, como uma grande televisão, um DVD e um aparelho de som. “Sin Dios” soava em guitarras destorcidas: “¡Actúa! Deja de hablar / ¡Actúa! No critiques más/¡Actúa! Deja de hablar / ¡Actúa! O cállate ya / Están los que son maduros y te dicen: yo fui como tu, Muy ‘rojo’, rebelde y contestatario / Pero ya soy muy mayor y las cosas no cambiarán / ¡¡Actúa, actua, actua, actua!!”.

Ele não demorou mais de três minutos e voltou com alguns livros nas mãos: Wilson Smith, Jonh Yates, “Days of War Nights of Love” do Crimethinc, uma Adbuster e dois álbuns de fotografias. Lá estava o registro do A-20, das andanças dele pelo deserto de sal e por Machu Pichu. No meio do álbum, Walfrido mostrou uma foto na qual aparecia junto a alguns amigos em frente a uma estátua da cabeça de Che Guevara.

“A gente conheceu a cidade em que ele foi assassinado. Lá ele é cultuado meio que como um santo. É como uma lavanderia o lugar onde tiraram aquelas fotos dele de olho aberto”, que me perdoem os castristas, nada contra o Mickey Mouse do socialismo, mas ele ajudou a criar um monstro viciado em charutos da melhor qualidade escravocrata e ditatorial.

“Foda. Uma vez eu estava num museu e tinha uma exposição de fotos do Guevara, essas aí, de olho aberto. Um grupo de meninas olhava sem parar praquilo, até que uma perguntou: ‘Que merda, quem que é esse cara morto que não fecha os olhos?’. Quando falaram que era o Che, ela pareceu decepcionada”.

“Mas que guria estúpida. Tá cheio de camisetas do Che por aí”.

“Pois é, se fosse o Bono Vox eu até entenderia”.

Resolvemos começar o trabalho sujo. Walfrido imprimiu dois desenhos interessantes: para ele o símbolo do Anarco-Bicicleta — um protesto bem humorado contra a xenofobia automobilística de nossas sociedades contemporâneas —, pra mim o Food Is Not Bomb — uma cenoura explosiva.

O processo é simples: um desenho, uma cartolina ou papel mais resistente, um estilete (bisturi, facão ou qualquer coisa cortante) e um tanto de paciência. Para dois aspirantes dispostos a cometer todos os erros edificantes, até que nós começamos bem: meu desenho estava numa folha sufite, o que é realmente uma gafe bem

idiota. Analisando por um prisma alternativo, não seria de todo ruim uma empreitada completamente amadora como esta, talvez fosse até bem interessante aprendermos na prática, galgando pelos acertos, galopando nos erros mais infantis, as lições básicas do que não se deve fazer: “stencil para crianças e fetos maiores de idade — por Junior e Wolverine”. O caleidoscópio começou a bailar.

O plano era girar as redondezas conversando e encontrar um muro interessante. Saímos com nossas mochilas preparadas: água, sprays e os moldes cortados. Caminhamos em direção ao cemitério do Água Verde, apesar de ainda jovens demais para morrer. Por lá as ruas pareciam mais calmas. O que se pressupõe é que nenhum ser sem alguma coisa bem inebriante na cabeça sairia numa tarde ensolarada de domingo jogando *spray*, sem qualquer motivo aparente, no muro de cidadãos honrados que pagam seus impostos. E nós estávamos sãos até demais pro meu fígado estropiado.

“Ali na frente é onde estou desenvolvendo o lance da jardinagem orgânica urbana. Vai rolar até curso. Toma aí o folder”, era feito de papel reciclado e com vários desenhos e logos estilizados. “O terreno é da minha mãe, aí fica mais fácil. Esses dias passamos tardes inteiras limpando o lixo, separando e desenterando. Foi foda, apontava para além das árvores”.

“A gente vai evoluindo. O pessoal da Crimethinc tá milhões de anos na nossa frente. Eles utilizam papel reciclado sem todo aquele processo químico que fode tudo, e ainda usam uma tinta feita de soja que é biodegradável. Os caras tomaram consciência ambiental muito antes que grande parte dos anarquistas. E não só dos anarquistas”.

“É, outro nível. Olha! Aquele muro ali em baixo do cemitério parece bacana”, cutuquei-o.

“Tem um pessoal olhando no segundo andar daquela casa, ali na frente”.

“Mas não dá nada. O que eles vão fazer? Chamar a polícia?”

“É”, ainda me parecia razoável.

“A polícia deve tá toda no jogo do Atlético”.

“Tá, vamo nessa”, afinal, risco calculado é indício de bocejo.

Fazer stencil bem debaixo de um clarão torrencial de uma tarde ensolarada não é algo muito excitante, devo dizer que já tive masturbações melhores com minha mão esquerda, mas a adrenalina subiu a um nível interessante. Sacamos as mochilas e posicionamos os sprays. Os abutres rodavam um pouco acima, e a cavalgada mecânica não dava trégua na rua logo atrás. Stencil a luz do dia não é algo muito inteligente se você entende do assunto, mas se você não entende bulhufas — como era nosso caso —, então é algo absolutamente estúpido. E por isso mesmo aconselhável. Coordenamos uma sincronia tácita e dispparamos a tinta. Mas algo saiu realmente errado.

“Que merda! Escorreu! Que porcaria essa bosta de folha sulfite fica dobrando. Mas que caralho!”, lição I: utilize SEMPRE um material resistente, como papel cartão e cartolina, ou, de preferência, folhas para raios-X.

“Aqui rolou. O lance é soltar o spray mais de longe, assim não escorre”, descansou o antebraço e observou meu desenho, “é, mas realmente a gente deveria ter feito o seu com cartolina”, lição II: retire o excesso de gás do tubo de spray antes de começar o stencil, além disso, dispare a tinta a uma distância razoável - mais ou menos dois palmos - e seja econômico ao apertar o botão: spray deve ser tratado como um perfume francês, portanto, espirre com parcimônia.

Ainda tínhamos um tempo, e eu estava com meu ego artístico ferido. Sei que tenho um histórico tenebroso em artes

visuais, e naquele momento não pude deixar de lembrar que até hoje eu fui o único estudante do colégio Marista de Curitiba a ficar de exame em desenho geométrico; ainda naquela minha época de adolescente grunge-ortodoxo alguma coisa me dizia que ficar desenhando aliens de sete cabeças ao invés de triângulos isósceles e hexágonos tridimensionais só podia ser algum defeito de fábrica. O sulfite atrapalhou bastante, mas aquilo era humilhantermente ridículo: enquanto o Anarco-Bicicleta recebeu toda a exuberância do vermelho e aparelhou mais um tanto sua propaganda, o Food Is Not Bombs estava mais para Um-Borrão-Preto-Sem-Sentido. Era uma questão de honra, não que eu seja uma pessoa simplista que joga no padrão de crédito/débito, mas não gostaria muito de me tornar um complexado por complexos. Prefiro ter certeza de que eu sou um completo inútil e poder cultivar minha inutilidade em todos os níveis que ela permitir. E eu precisava de mais um borrão daqueles, ou de um alien de sete cabeças, só pra ter certeza.

“Tá certo! Vamos andar mais um pouco, ainda quero tentar em mais um muro”, puxei-o pela manga.

“Vamo nessa. Mas esse ficou legal”, Walfrido ainda mirava o muro por cima do ombro enquanto eu apressava o passo.

“Tá certo...”.

Quatro quadras abaixo tivemos a visão do éden. Ali estava, um muro todo branco, reluzente, pedindo para ser violado. Meu pai sempre me dizia: “Cuidado meu filho, a ocasião faz o ladrão”, e o tio do Hakim Bey aconselhava: “Melancias roubadas são mais doces” — uma estranha ligação sintática aconteceu!

“Droga! Tem um velhinho olhando a gente na direita e uma viatura parada na esquerda”, atentou Wolverine alertado por seu faro mutante.

Eu não me surpreenderia se o velhinho estivesse dentro da viatura, ou a viatura dentro do velhinho. Aquele era um domingo normal e aquela era a rua dele, com seu asfalto bem conservado e sua sombra de cedros antigos. A tranquilidade de um bairro onde os moradores estacionam seus carros próprios nas garagens de suas casas próprias, pagas em setenta e duas prestações e financiadas pela Caixa Econômica Federal. Então descansam as frieiras de seus sapatos italianos, comprados em uma promoção dessas mega-corporações que matam criancinhas de fome, na grama verde-limão de seus jardins privativos devidamente cercados por sebes de aço, microcâmeras em fibra óptica e solidão compartilhada. Mas isso só acontece depois de sentirem o cansaço de zapear por toda a tarde o pacote padrão da TV a cabo, sem encontrar nenhum programa pior que suas próprias existências. O passo seguinte se resume em sair até o portão de casa fiscalizar a vizinhança e recolher o carnê da aposentadoria privada. E pagá-lo em dia, pois uma pessoa de bem deve honrar seus compromissos.

“Mas esse muro é perfeito. Meu stencil deve ficar melhor em muros brancos”, essa era minha esperança, ao menos.

“Tomara. Mas vamos tentar mais pra frente”.

“Não, péra ae. Fica de olho na viatura enquanto eu faço o lance”, eu estava decidido.

“Tá bom, mas e o velhinho?”, perguntou já entrando no clima.

“Sei lá, ele não deve conseguir enxergar a gente. Eu acho”.

“Ele não tá tão longe assim, e ainda tem aquela viatura”.

“Mas ela tá vazia, o meu medo é esse trânsito que não pára. Eu tenho que tentar de novo, essa folha sufite tem pouca vida útil”.

Tudo bem, respiração sem transpiração, ainda não abandonei minhas convicções sedentárias e não tenho planos de sair correndo de policiais gordos com um 38 enferrujado no lado

direito do quadril. Joguei a mochila no chão e num movimento rápido retirei os apetrechos. Um gole de água pra desbaratinar, até ali éramos apenas mais dois jovens espreguiçando um domingo caloroso. Não mais. A tina negra rompeu o branco, enquanto agachado eu tive minha vingança. Os perdigotos negros impulsionaram a mensagem: ainda não era uma legítima Cenoura Explosiva, mas eu podia dizer que dei meus primeiros passos no stencil-dadaísmo. Talvez na próxima fosse melhor eu tentar um alien de sete cabeças.

“O que você ta fazendo? Você não tinha que ficar olhando a viatura?!”, Walfrido já tinha o stencil em mãos e a tinta pronta pra grudar na parede.

“Relaxa, eles devem tá comendo rosquinhas”.

“UOU! Esse ficou bacanoso!”, resignei-me à superioridade artística de meu cúmplice, quando ele termina de espirrar.

O velhinho continuava observando, mas nada de olhares de repúdio, apenas sobranceiras um pouco baixas, ar cansado de quem aprendeu que Garcia Márquez estava certo ao escrever que a experiência só chega quando não serve mais pra nada. De repente, como se abençoasse nosso destino num leve movimento de pálpebra, das retinas do velhinho saltou um pensamento púrpura de triste decepção, que veio rufando as azas até nossos corações: precisávamos organizar melhor aquilo ou abandonávamos a alma indulgente a uma indulgência sem alma.

Notas

[1] Sobre o A-20 ver: Estamos Vencendo, de Pablo Ortellano e André Rioky, pela Conrad Editora.

CAPÍTULO III

A LIBERDADE

É UMA VIRGEM SEM HÍMEN



Eu estava em qualquer lugar entre Curitiba e Porto Alegre, alguns mil pés acima do solo, com dois fones Phillips ressoando uma mistura extragante de letras libertárias numa roupagem

pop-juvenil: “Ska — P” insistia em contar sua versão comercial da anarquia — “A la mierda, reaccionarios / Me la suda todo lo que puedas ladrar / Siempre amé la libertad”. Resultado da busca por sinônimos de

liberdade: Sony ou Phillips? Coca ou Pepsi? Sexo Barato ou Silvia Saint? Gol ou TAM? Plano de Saúde ou Câncer? Nestlé ou Unilever? Marlboro ou Souza Cruz? PSDB ou PT? 16 cm ou Vibrador?

Aquilo não fazia sentido, talvez eu sempre tenha amado a esperança de a encontrar, ou me apaixonado buscando por ela em experiências de êxtase num plano alternativo de realidade. Mas, com absoluta certeza, nunca pude lambe o biquinho de seus imensos peitos naturais, nem apertar suas montanhas de bunda morena, nem foder até os ouvidos internos dessa grande puta chamada LIBERDADE. A puta mais virgem que eu jamais conheci.

Eu seguia até Porto Alegre para encontrar algum significado difuso de todo esse absurdo que nos receitam como purgante diário da marca “A melhor liberdade que seu dinheiro desvalorizado pode comprar”. E procurava encontrá-lo através de mais uma estratégia de resistência libertária, o Squat N4.

O avião 1813 da Gol aterrissou no horário marcado, 17 horas. O pessoal do N4 disse que me pegaria no aeroporto, mas só quando cheguei no saguão de desembarque lembrei que não combinamos nenhuma forma de identificação, muito menos um ponto de encontro. Talvez alguém com uma daquelas plaquinhas plásticas estaria esperando com meu nome escrito? Nada. Resolvi telefonar para um deles.

“Alô! Igor? Aqui é o Junior. Velho, já to no aeroporto”.

“Mas tu não chega amanhã?”

“Pelo jeito não, né”.

“Que merda! A gente tinha preparado uma recepção pra ti, falei pro pessoal que tu ia chegar amanhã!”.

“Báh! Mas, e agora? Como faço pra encontrar o okupa?”.

“Péra que eu já to chegando ae!”.

Eu tinha alguns minutos antes do Igor chegar, e nada muito interessantes para fazer além de rir dos bulldogs de terno e gravata que corriam atrás de sua ração vespertina de atraso pontual. Um anjinho da guarda que costuma me acompanhar em viagens subversivas assoprou no meu ouvido que era melhor

esquecer aquela passarela canina e aproveitar melhor os minutos restantes dando uma boa cagada. Nada me garantia que no N4 eu encontraria um banheiro com todo aquele território conhecido: sanitário, descarga, papel higiênico, pia e sabão. Sentado na privada, um belo local de reflexão, diga-se de passagem, lembrei que novamente esquecemos de marcar um ponto de encontro, ou uma forma de identificação. Quanta merda!

Nada de desespero, tudo sob controle. De volta ao saguão percebi que um ser estranho e bizarramente familiar se aproximava perigosamente. Um All Star usado sem meia desde século XV, um calçãozinho curto e bege, bandana segurando as madeixas castanho-claras e oleosas, e uma camiseta vermelha estampada alá Do It Your Self com o símbolo N4 num jeitão pré-histórico.

“E aí, Junior! Tava te procurando, dei um rolê imenso, até no segundo piso eu fui”, já neste primeiro contato visual me dei conta que Igor era uma daquelas pessoas que expandem uma espécie de campo magnético — conectado diretamente a sua aura cardíaca — fazendo pulsar por toda sua volta um carisma transcendental e encantador. E Igor o destilava sempre que articulava cognições, sorridentes cognições.

“Pensei que não ia te encontrar a gente não combinou nada”, ajeitei a mochila no lombo.

“Com esse chapeuzinho fica fácil te achar. Eu já imaginava que tu não era um cara muito normal”.

“Qual o problema com meu chapéu? Ele é tão bacana!”, dei um peteleco de leve com o indicador aprumando-o na diagonal.

“Com o chapéu nada”, cognições, sorridentes cognições.

Igor tem 22 anos, estuda Artes Plásticas da UFRGS, tem os olhos de Falcão Peregrino Bafari e uma queda toda especial por alguns nuances da teoria anarco-primitivista, o que traz um certo

número de problemas com a sociedade “civilizada”. O N4 fica a uns 20 minutos do aeroporto, caminhando a passos lentos.

“Tu deu sorte de ter tido contato com a gente aqui em POA”, caminhávamos já afastando-nos do aeroporto.

“Por quê? Você nem é tão bonito assim”, mas possuía um charme escraxado todo especial.

“É que o outro squat daqui, o Okupa Ke Se Kria, tá numa onda tri primitivista, eles tão meio fechados, não iam curtir sua idéia de livro, acho”.

“Porra, o John Zozen tá acabando com alguns cérebros despreparados. Mas esse okupa não é aquele que surgiu no Fórum?”.

“Mais ou menos, na época chamava Teimosia, aí rachou, mas muitos deles vieram do Teimosia e criaram o Okupa Ke Se Kria. Eles tiveram problemas com a polícia, mas também, os caras faziam treinamento Black Block dentro do okupa. Mas isso era interessante, porque lá era uma ex-delegacia da Polícia Federal. Na época, a Polícia falou que os caras tinham estoque de molotov, que tinham maconha por lá, mas o pessoal diz que isso foi tudo plantado pela PM”.

Seguimos conversando até chegar à entrada de um túnel subterrâneo, que passa por baixo da linha do trem. O lugar fede a banheiro de rodoviária, é quase um banheiro de rodoviária, com a diferença que ali a privada é o chão. Cuidado onde pisa, meu bom rapaz. No final do túnel há uma arte em grafite e stencil na qual se lê: Squat 4 De Novembro — Espaço Cultural Em Breve. Estávamos perto, foram mais 5 minutos de caminhada e chegamos ao espaço okupado em 4 do 11 de 2006 — o N4.

O squat fica numa região pobre e um tanto perigosa da capital gaudéria, próximo à Estação Farrapos e à rua onde vários travestis ganham o “pão-nosso-de-cada-dia”. Rua que leva,

por ironia do destino, o nome de Voluntários Da Pátria. A relação do N4 com os vizinhos e a comunidade é tranqüila, ainda mais quando o “dono do pedaço”, proprietário de quase todos os terrenos da quadra, avisou que garantiria a segurança do lugar, e contratou um segurança com 10 cadáveres no currículo.

“Quando ele falou isso a gente entendeu o recado”.

“Eu também entenderia, depois que inventaram a pólvora a hombridade perdeu o sentido”.

“Nessa mesma época ele fez uma proposta pra gente. Disse que reformaria o squat se a gente deixasse ele estacionar uns caminhões no N4. Disse que tava fazendo um shopping em São Paulo e não sei o que mais e que a prefeitura não podia saber dos caminhões”.

“Esperto ele”.

“Mas claro que a gente não aceitou”, disse apontando para o portão de entrada do okupa.

“Espertos vocês”, paramos diante de uma das últimas novidades libertárias na área de okupação urbana do sul do Brasil.

O N4 fica numa antiga fábrica de vidro que misteriosamente pegou fogo quando a prefeitura assinou o projeto de um viaduto que passaria exatamente no meio do lugar. A vizinhança conta que no incêndio morreram 34 pessoas, mas nenhuma alma operária apareceu para assombrar o local, por enquanto. O mais estranho é que pelo pátio do squat jazem inúmeros cofres de metal oxidado. Os vizinhos dizem que quando a fábrica começou a passar por péssima fase financeira, tentou ganhar um dinheiro extra derretendo cofres. Mas isso não explica o porquê deles estarem concretados por dentro.

O primeiro pensamento que normalmente surge ao pisar pela primeira vez num squat é que, até terminar a primeira etapa, que seria a limpeza, você estará tão velho, cansado, decrepito

e niilista que já esqueceu de vez suas ideologias por um subemprego medíocre que garanta o leite Ninho das crianças; é uma primeira impressão que já nasce cansada, esgotada, pois tudo deve começar do zero, é preciso replantar um novo embrião não transgênico e cultivá-lo com o suor de sua própria placenta. Já no N4 o contexto é um pouco pior, é necessário antes de tudo abortar o feto, implodir a genética, começar do negativo quatro, para aí então sentir piedade daquele local com todas as etapas ainda a cumprir.

Um squat geralmente não passa de um imóvel mediano, algo onde é possível considerar os detalhes em médio prazo. Não o N4. Esse ocupa de Porto Alegre tem 2.200 metros quadrados, espaço suficiente pra se erguer uma Christiania gaudéria, uma eco-vila primitivista, um conjunto de centros culturais libertários, um prego com tétano no calcanhar do capital livre, uma mega-federação que faria inveja à FAI de 1936. Ou tudo isso junto. Mas, como recompensa, exige labuta diária, uma lida que pode ser calculada em décadas, com sorte.

“A gente brinca que nem mocó existia aqui, de tão destruído que tava esse lugar”, com razão, comenta Igor.

São montes de entulhos acumulados durante 12 anos, que formaram uma camada orgânica de aproximadamente 1 metro e meio até os antigos pisos de concreto e madeira da velha fábrica de vidro. Isso sem contar as paredes e vigas que pendem e despençam como um pomar da construção civil, onde nas primeiras etapas é possível colher todo o material necessário para edificar o squat, mas que num futuro próximo não serão mais que um amontoado de lixo sem muita utilidade. Há também a floresta selvagem que tomou o interior da maioria das instalações que ainda permanecem de pé após o incêndio, e que agora formam uma densa e úmida flora alienígena.

Mas porque alguém sairia debaixo de seus macios lençóis perfumados de classe média para ter todo esse trabalho? Toda essa insegurança? Esse sonho histérico? Talvez o problema esteja no pessoal do N4, numa vontade alucinada de construir algo paralelo que os tornaria especiais? Não, eles são muito mais do que isso, dizer que são fantásticos ou especiais seria reduzir o gigantesco coração que habita em cada uma daquelas caixas torácicas. O squat possui motivações existenciais muito mais sutis e complexas, seria, inclusive, um paciente desafiador para Lacan. Não se trata meramente dele transmutar-se numa bolha viva de propaganda e vivência anarquista, um okupa é um arquipélago de corais inflamáveis que ergue seus pilares sobre todo desespero esterilizado da sociedade do espetáculo, levanta suas paredes com os genes descartáveis da sociedade de consumo, se alimenta do vômito ruminado por um mundo em metástase suicida. É por isso que num okupa descarregam-se esgotos de esperanças em uma vida diametralmente oposta a um status quo a milanesa. Um micro-cosmos anarco-individualista desabrochando na aorta do capitalismo, com toda deselegante fetidez de uma perspectiva distante da saudável higiene moderna dos mausoléus da sociedade de mercado. É por isso que o movimento okupa é atualmente referência florescente de resistência libertária.

Igor tocou a sineta, o portão do N4 fica trancado por dentro quando há alguém por lá. O som trouxe a galope os seguranças do lugar: eram Adamastê — a Dálmata e principal segurança; Memphis — uma terriê com vira-lata, ex-cadela de madame e atual sirene do N4; e Charles — uma foca travestida de cachorro desdentado, o mais amoroso e inútil dos três.

Não demorou muito até virem abrir o portão.

“E aí, Douglas. O cara chegava hoje, é o Junior, lá do Paraná”, falava com uma balanceada animação.

“Tu disse que ele chegava amanhã. Bah! A Aline vai ficar loca contigo, Igor”.

“E aí, Douglas. Prazer, cara. Eeeeeiiii”, Adamastê subiu seu “lábio” superior e sacou os caninos em uma atitude nada amistosa, “ô Douglas, ela tá mostrando os dentes pra mim!!”.

“Relaxa. Ela gostou de ti, ela só ta rindo”.

“Rindo? Desde quando cachorro ri?”.

“Ela ri”, a simplicidade misturava-se em tons sinceros entre as palavras de Douglas, algo que eu aprenderia a admirar muito naquele rapaz de cabelo castanho escuro raspado na máquina dois, e senhor de uma inocência malandra. E heterotópica.

“Nossa... ela ri mesmo”, era a primeira vez que uma cadela -quadrúpede - ria pra mim, daquela maneira.

Como o N4 é um espaço anarquista — inclusive com uma requintada pitada de purismo —, tudo é decidido em assembléia: as regras são mínimas e flexíveis. Mas o N4 não é só anarquista, é também vegan e quase straght edge. Isso quer dizer: nada de carne, nada de drogas ilícitas, nada de drogas lícitas etc. Pra falar a verdade, eu nunca entendi essa cruzada pelo nada em busca de coisa alguma da ala libertária puritana, e também nunca encontrei sentindo na forma ostensiva com que todos se policiam como putas numa suruba angelical, ou melhor, freiras numa putaria litúrgica. Enrolei um tabaco e ascendi, eu sabia que aquele era o melhor momento pra vencer meu preconceito com o moralismo straight edge, mas meu preconceito merecia uma última chance. Eu pensaria nele, juro, depois de enviar minha fumaça para as estrelas.

O QUASE straght edge quer dizer que uma réstia de hipocrisia ainda arranhava os arbustos do N4. E claro que todos tem direito de chafurdar em sua própria hipocrisia, por isso o alcatrão é liberado nos espaços abertos do okupa. Mas só ele,

nada de drogas ilícitas, ou seja, nada de BO. Nada de álcool, sabe-se-lá por que.

Já escurecia quando terminei o tabaco e resolvi percorrer os metros cercados de mato que me distanciavam da entrada da única peça habitável do N4. Igor, Douglas e Sue —uma gata negra de rua— conversavam, era um ambiente muito agradável, as paredes pintadas de vermelho e amarelo emprestava um ar caseiro e ao mesmo tempo moderno ao lugar, contrastando com o piso desnivelado feito de tijolos de barro, o charme rústico do squat. Os desenhos e stencils espalhados pelo interior forneciam a estranha beleza natural e imanente típica dos okupas.

“Ali tá o lema do okupa, foi o Igor que pintou”, direcionou o indicador para o norte.

“Autonomia e liberdade, até onde a vista alcança, para tudo e todo”, li em silêncio. “Bonito, bem bonito”.

Não tivemos tempo de conversar muito, alguém tocou a sineta e a cachorrada recomeçou a sinfonia. Era Aline e o Zé, com sua van.

“Aline! Esse é o Junior, que vinha do Paraná”.

“Mas ele não chegava amanhã?”.

“Falei pro Igor que dia 25 eu tava aqui”.

“Eu confundi tudo”.

“A gente ia fazer uma recepção pra ti”, abraçou-me em boas-vindas.

“É, ouvi falar disso, mas o Igor estragou tudo, né não Igor?!”, a aura descontraída do lugar já começava a interferir no calor do meu sangue.

Era a primeira vez que o Zé aparecia no N4, ele é baterista da banda No Rest, cuja vocalista é a Aline. A No Rest

já rodou a América Latina e fez quatro turnês pela Europa. Tá certo que como toda banda com forte convicção independente eles ralaram mais de três meses no velho continente, fazendo todo tipo de trabalho que os europeus não se dignam a fazer. Assim arranjaram os euros necessários pra comprar uma van e girar os países tocando hardcore. Aline é uma mistura do estilo de Kathleen Hanna com o corpo, e principalmente as pernas, de Audrey Tautou. É uma mulher muito bonita e simpática, além de possuir uma sagacidade tão afiada que seria capaz de picotar os colhões de qualquer bastardo safado que tentasse mexer com ela, isso com apenas um impulso cerebral. Quantos anos ela teria? 25? 27? Quem sabe 30? Não, 30 é exagero. Ela não me disse sua idade, e isso era um bom começo segundo Oscar Wilde — o mago dos aforismos existenciais: “ninguém deveria confiar numa mulher que conta sua idade verdadeira; uma mulher que conta uma coisa dessas poderia contar qualquer coisa”.

“Bah, Junior!” “Tu trouxe sorte pra gente, olha quanta coisa o Zé trouxe”, caminhou em direção à vã, “péra ae, vou ali ajudar o Igor e a Aline a descarregar o sofá”.

“Ajudo também”.

“Eu não sabia que era natal”, comemorou ao abrir a porta traseira.

Zé havia empilhado em sua van um sofá nem tão acabado assim, almofadas, um atabaque, pratos de bateria, um equalizador e um toca fitas quebrados. Ficou no squat uns 15 minutos, me ajudou a esticar as regras straght edge fumando um tabaco “Trevo” por ali e foi embora.

Pela noite Aline preparou o tira gosto: pasta de cebola com ervilha e pão vegan que ela havia trazido. Enquanto isso, Igor e Douglas preparavam a janta, um ensopado de abobri-

nha, pimentão e batata doce, tudo temperado com alecrim. Só faltou o chimarrão. O papo não durou muito, eu precisava descansar, o dia tinha sido pesado e a manhã seguinte prometia muito trabalho. Me cederam a cama de Porcão, o outro morador do okupa, que estava relaxando na casa dos pais e voltaria dentro de quatro dias.

Douglas estendeu o colchão no piso de tijolos ondulantes, algo que se não fossem as regras straight edges certamente me causariam misteriosas vertigens, e fechou a porta. Interpretando o termo “fechar a porta”: postar um velho estrado sobre um enorme tapume de madeira compensada, ambos encontrado no lixo, no buraco de entrada do squat. Douglas aproveitou para ativar o sistema de segurança: uma escada acoplada nos vãos do estrado, servindo como cadeados de madeira, sobre isso, uma lata balbuciante e vazia de óleo, tudo ao melhor estilo “Esqueceram de mim II”. Qualquer esbarrão o alarme soaria. Antes de apagar a luz, Igor verificou se Douglas abraçava o pé de cabra, ele era nosso homem do front. Apagou a luz e deitou-se entre o taco de beisebol e Aline, abraçando ora uma ora outro.

Tudo ficou em silêncio. E lá, na fronteira da madrugada, começou a chover.

De repente um barulho tentou me acordar, vultos pareciam saltar de um filme trash em preto-e-branco, o vento arrancou a cortina negra, única proteção que tínhamos contra a chuva depois que os vidros das janelas explodiram no incêndio de 12 anos atrás, zumbis circulavam com pães vegan na boca, alguma espécie de alien travestido de inseto me beijou durante a noite e transformou meu lábio inferior em um protótipo de Angelina Jolie. Acordei, eram duas e meia da madrugada. Igor, Aline e Douglas corriam arrancando os materiais das garras molhadas da tempestade.

“Ô! Vocês acordaram o cara!”, falou Douglas numa tonalidade que fazia tudo aquilo parecer corriqueiro.

“Ele deve tá pensando que a gente é um bando de loucos. Duas da manhã comendo e correndo desse jeito”.

“É que a janela fica bem em cima de mim e do Igor, aí começou a chover...”, explicava.

“Entendo. Eu tava num estado semimorto e agora tenho um terceiro lábio”, esbocei a posição para levantar-me, mas Aline me impediu.

“Caramba! Tá inchado mesmo”, ela tentava enxergar o estrago por uma réstia de luz.

“Aline, a gente vai ter que dormir ao contrário, com os pés pro lado da janela, senão vai ficar chovendo na nossa cabeça”, disse já percebendo o sinal positivo da garota.

Igor e Aline inverteram a posição, e assim a chuva lavou seus pés pela noite, como se Deus lustrasse os sapatos de seus súditos infiéis.

• • •

Não existe despertador, é uma catarse coletiva que resolve varrer o sono do N4 as 9 e 15 da manhã. Douglas já não está mais entre nós, foi levado pelo Deus-Trabalho para mais um ritual de sacrifício diário nos hangares de alguma companhia aérea da região do aeroporto. Talvez hoje lhe arrancassem o baço, era melhor ter cuidado. Lá fora uma garoa fina, mas constante, suficiente pra desencorajar qualquer vontade de sair do squat.

“Enquanto a Aline faz o café eu vou comprar um pão, tá afim de ir junto?”, comentou demonstrando uma disposição atípica para mim, que normalmente acordo avesso a sentimentos desportivos e humanitários.

“Mas tá chovendo?!”, tentei dissuadi-lo.

“E daí?”, era sua aura encantadora trabalhando a mudança de minha falta de humor matinal.

“Humm, tá, vamo nessa”, — Igor contou algumas moedas e saímos.

“Essa noite eu acordei com a Sue pulando em cima de mim toda encharcada”.

“Falando em encharcar”, aproveitei, “to precisando tomar um banho”, um assunto complicado já que não encontrei qualquer vestígio de banheiro no squat.

“Báh! Como a gente vai poder te ajudar nisso? Aqui no squat o banho é de canequinha mesmo, mas tu pode tomar um banho na casa do meu pai, dá uns 15 minutos de bike daqui do squat”.

“Fico com a segunda opção”.

De volta ao N4, comemos um pão sem leite nem ovos, geléia de figo e café turco. Já era hora de trabalhar. A única peça habitável do N4 é dividida em dois. Aquela em que dormimos está relativamente pronta, já ao lado, onde futuramente deverá abrigar os quartos, ainda precisa de muita infra-estrutura. Começando pelos tijolos.

“Bom, é assim, eu vou começar a quebrar o teto do ‘banheiro’, a Aline vai fazer o piso, tu vê aí alguma coisa pra fazer, ou fica dormindo, descansando da viagem, tu que sabe”, comecei a entender que aquele lance de “Autonomia e Liberdade” não era só uma frase bonita pichada na parede.

“Tô aqui pra dar uma força também, o que eu posso fazer?”.

“Igor, deixa ele pegar um tijolos lá trás, porque esses aqui já vão terminar, aí a gente adianta o piso”, sugeriu Aline.

Então era isso, derrubar algumas paredes da velha fábrica fazendo todo o possível para manter os tijolos inteiros. Durante toda uma manhã eu golpeei cimento e arranquei sua alma de barro para que todos pisassem nela depois. De tempos em tempos eu levava os tijolos em um carrinho de mão até Aline. Ia se concretizando a infra-estrutura Do It Your Self.

Quando terminamos, Igor nos convidou para dar um pulo na casa de seu pai, onde finalmente eu tomaria um banho. Ele aproveitava a cozinha para preparar um lanche. Cada um montou em uma bicicleta, eu emprestei a de Douglas, uma GARÇA NEGRA DE PESCOÇO LARGO, com uma cesta de feira no rabo e sem marchas.

Toda vez que alguém tentava sair do okupa era a mesma situação, Charles se posicionava ao lado do portão numa tentativa desesperada de fuga. Qual era o problema daquela foca peluda? Despistamos Charles e seguimos para a casa do pai do Igor. No meio do caminho eu lembrei — da forma mais esbaforida possível — que não andava de bicicleta desde os 12 anos de idade. Instantaneamente minhas pernas engordaram 167 quilos e a garça negra de pescoço largo sentiu os efeitos: seu metal relampejava no esgotamento e os impulsos passaram a emular sua essência — passou para sua FASE 2, O ELEFANTE TEXANO, um espécie grande, gorda, pesada, teimosa e viciada em fast-food.

De alguma maneira, não tenho a mínima idéia qual, cheguei à casa do pai do Igor com um quarto do pulmão esquerdo ainda em funcionamento. Lentamente o elefante texano voltava a sua origem de ave negra. Ele grunhia desesperado, parecia um processo doloroso para sua natureza mutante.

O lugar é uma confortável e simpática kitnet, e o pai do Igor, cujo nome é justamente Pai Do Igor, lembra uma mistura gaudéria de Joe Ramone com pinta de Elvis Presley, um rema-

nescente da velha guarda do punk gaúcho agora no ramo da construção civil. Enquanto eu tomava um banho e me masturbava, o Pai do Igor saiu para trabalhar. Seria uma tarde para por os pés pra cima e aguardar o teatro da noite.

Lá pelas 19 horas saímos da kitnet com destino ao okupa, Douglas nos esperava lá. A noite nos reservava “A Missão — Lembrança de uma Revolução — De Heiner Muller” — uma criação coletiva da Tribo de Atuadores “Ói Nós Aqui Traveis”. Na frente do teatro conheci os amigos de Igor e Aline, um pessoal experimentado no cenário anarquista pela atuação de seu coletivo “Mentes Plurais”: Vicente, Alisson, Manu, Rafael, e mais um maluco que não tinha nada a ver com o coletivo e parecia uma cópia transgênica do saudoso Luiz Thunderbird.

Douglas saiu comprar alguma coisa pra forrar o estômago e desapareceu. Caso ele voltasse com todos os órgãos no lugar, teríamos que esfregar sua cara no asfalto e esmagar suas bolas a tamancadas, alguém teria que servir de exemplo, não se deve deixar os amigos preocupados a toa. Entramos no teatro sem ele, e sem ele, a peça começou: é uma encenação que te faz pensar que Müller tomava suco de LSD com torradas de morfina como café da manhã. Uma miscelânea de belíssimos peitos redondos, úmidas vaginas peludas e pintos parrudos, percorrendo inúmeros cenários interativos e devaneios artísticos que ninguém sem um mínimo de esquizofrenia entenderia. Mas todos iriam sentir, de uma forma ou de outra.

Douglas nos esperava fora do teatro, segundo ele, foi dar uma volta e perdeu a hora - já vi crianças de dois anos darem desculpas melhores. A lua fazia da noite claridade e nós passeávamos por temas descontraídos abaixo dela. Na volta pro squat encontramos uma imensa placa da prefeitura dando sopa num anúncio de obras públicas no meio da rua. Ela daria uma ótima porta, ou quem sabe uma nova proteção

para a janela. Douglas, Igor e eu chutamos a placa e a derubamos para rapidamente começarmos a arrancar os parafusos. O trabalho seguia rápido, era um tapume que exigiria oito mãos para o carregar. Mas uma mulher, com feições de coruja míope, provavelmente uma dessas tias velhas que não abrem as pernas nem pra depilar desde que seu amado Vargas arrancou o coração com um balaço, resolveu sair lentamente com um Pálio vermelho, e falar de forma ameaçadora ao celular enquanto apontava para nossos inocentes cadáveres. Com toda certeza era mais um exemplar das “voluntárias-da-lei”, uma raça de velhinhas fuxiqueiras que só acabará com uma epidemia de artrite, ou com uma mega-promoção de vibradores de mais de 30 cm.

Seguimos caminhando, sem a placa. A noite não reservava muita perspectiva, então terminamos numa mercearia bebendo vinho, enquanto os straight edges comiam “Kelly”, uma bolacha que por necessidades financeiras não coloca nenhum derivado animal em seus produtos. Discutíamos sobre os limites straight edge quando se trata de respeitar o celestial direito alheio de se embriagar, mesmo que dentro do squat. E era justamente o que fazíamos com o vinho San Martin, levemente adocicado, só que longe do N4, já que, até que uma nova Assembléia Geral fosse convocada para repensar aquele tema, era essencial respeitarmos as deliberações.

Vicente e Alisson dormiram no squat, na cama do Porcão. Eu fiquei com um colchão ao lado de Douglas. Foi uma noite gelada, que me fez sentir a Porto Alegre que me vendem na televisão.

• • •

Quando acordei, Vicente não estava mais lá, havia partido para sua aula de Kung Fu as 09 da matina, e Douglas

já fora abduzido pelo Deus-Trabalho, não sem antes jogar seu cobertor sobre mim numa atitude que muito condiz com seu jeito gentleman de ser. Douglas é um cara que, de tão prestativo, simpático e humilde que é te deixa numa eterna dívida espiritual, mesmo que você se esforce ao máximo para ser tão bacana quanto ele.

Levantei novamente com meu lábio inferior inchado, mas não era essa minha maior preocupação: algo borbulhava em minhas entranhas. Talvez fossem apenas gases explosivos rebeldes, mas isso não passava de uma esperança volátil. Me estirei, e espreguiçava os músculos para tentar dissolver a revolta a medida que vislumbrava os nuances de uma barata morta ao lado de meu travesseiro — quem a teria matado? Durante esse processo, a rebelião tomou substância exigindo a extradição da massa: eu precisava cagar, com urgência. Aline e Igor dormiam tranqüilamente e Alisson parecia uma múmia enrolada num cobertor amarelo fosco. Abri minha mochila e tomei meu comprimido diário de Adefovir, saquei a escova e a pasta de dentes e as coloquei no bolso esquerdo, ao lado do celular que marcava 10h40 da manhã. Fiz o giro de 180° e me dirigi à saída, sem esquecer de retirar alguns metros de papel higiênico de cima do galão d'água. Com movimentos rápidos abri a porta — ou seja, retirei a escada e, em seguida, o tapume e o estrado — e encontrei um belo dia de Sol. Apurado, muito apurado. Logo me dei conta de que à esquerda havia uma pá. Agarrei o instrumento enquanto seguia apressado mato adentro. Os amotinados de minhas entranhas forçavam a saída com fortes investidas, escorrendo pelas bordas de meu cu. Minha última esperança de encontrar um local apropriado a tempo estava na coragem de meu derradeiro flanco, na maestria elástica de meu herói de tantos combates, o Esfíncter. Apertei o passo e segui desviando os arbustos até uma fronteira escondida no meio do mato — seria ali mesmo, atrás de meia mureta recoberta de musgos, cercado de arbustos que me protegeriam como

paredes de aço verde. Apontei a pá para a terra e com três rápidos movimentos escarvei uma fissura. Do buraco surgiam vermes fluorescentes que rastejavam entre raízes e minhocas preguiçosas, uma flora descortinada que piscava para mim. Arriei as calças e me pus de cócoras. Pisquei para ela também. Comecei a suar. A revolta sentia a vitória aproximar-se, estavam excitados. O comando de rendição foi enviado a meu fiel e resistente Esfíncter. Ele laciou a circunferência e rendeu-se ao fluxo fedorento. Me esforcei para contrair os músculos abdominais e jorrar toda aquela bosta pra fora de uma vez. A massa deslizou por meu intestino e despencou até a cova. Não era um bolo compacto, era uma substância pastosa, um pouco líquida, de um bege esverdeado que resplandecia odores de putrefação. Limpei a bunda como quem assoa o nariz e logo um sentimento de abandono e alívio se chocaram dentro de mim. Mas o cheiro de desinteria me fez perceber que era preciso acabar logo com aquilo. Antes da última pá de terra selar nossos destinos, ainda observei um verme intrometido nadando por minha bosta viscosa. Depositei um tijolo sobre o lugar e escrevi: Aqui jaz uma antiga parte da fisiologia de Junior — nascida em 26/05/2007 e falecida em 27/05/2007. Amém.

No okupa todos já estavam acordados. Peguei um sabonete na mochila e enchi uma caneca d'água para lavar as mãos e escovar os dentes. Em pouco tempo teria que seguir para o mercado público encontrar Raphael, meu contato com FAG, e futuro anjo da guarda.

Marcamos na banca 34 do Mercado Público, mas algum astro mal-resolvido conspirava para nosso desencontro. Meu celular tocou:

“Onde tu tá?”, perguntou Raphael.

“Tô em frente à banca 34, como a gente combinou. Tem uma praça aqui em frente e um amontoado de gente com ban-

deiras da CUT”.

“Tu tá fora do Mercado Público?”.

“Não sei, acho que sim. Tô na banca 34”.

“Tá, péra ae que eu já chego aí”.

Um rapaz com cara de bobo, meio minguido, vestindo uma camiseta do Clash caminhava lentamente em minha direção. Com certeza aquilo poderia combinar com o protótipo de anarquista moderninho.

“E ae Raphael. Como que tá? Pensei que a gente não fosse se encontrar nunca”, investi.

“Desculpa, cara, mas eu não me chamo Raphael, não”, recuou dois passos para trás.

“Como não?! Você é a cara de um Raphael”.

“Desculpa mesmo, mas eu sou Gustavo. Até mais”, e desapareceu com um semblante assustado. Seria ele Raphael?

A CUT continuava insistindo em sua bem educada manada de revolucionários de cartaz. Tudo em perfeita sincronia com os discursos contundentemente inofensivos, para o bem da classe trabalhadora. Fugindo daquela agitada monotonia, um típico estudante de Ciências Sociais caminhava pela rua, aparentava não querer entender aqueles robôs que destilavam ácidos em cima dos carros de som.

O cabelo comprido e longo, e aquela barba por fazer, forneciam o estereótipo de um marxistóide de alguma agremiação partidária juvenil. Ele se aproximou — o que ele poderia querer? Arrancar meu fígado com um facão sem fio? Ou pior, me entregar o panfleto de adesão a UJS? —, é assustador como um marxista ortodoxo pode amedrontar muito mais do que um vendedor da Credicar.

“Oi”.

“Huuuuuuuummmm... oi”, ressoei desconfiado.

“Tu é o Junior?”.

“Como você sabe?”, mais um elemento da conspiração?

“Com esse bloquinho meio estudante de jornalismo, esse visú esquisito...”, era ele.

“Raphael, certo?”.

“Isso”, claro.

Eu já imaginava, ele era um cara esperto, um Serafim camaleão cheio de más intenções. Estudante de Ciências Sociais pela UFRGS, porém anarquista heterodoxo. Eu tinha fome, e Raphael me indicou um restaurante macrobiótico dentro do Mercado Público. O lugar contava com um menu bem interessante: panquecas, macarronadas, sobremesas, tudo vegan. Um paraíso vegetariano que valia algumas moedas a mais. Raphael não comeu, não tinha fome segundo ele. Espero que isso nada tenha a ver com o fato dele ser um bom e velho comedor de cadáveres malpassados. À medida que me servia, percebi uma movimentação estranha de um senhor engravatado-em-happy-hour na direção de Raphael. Eles iniciaram uma conversa muito suspeita. O que seria aquilo? A conspiração, mesmo? Terminei o prato e tentei encontrar outra mesa. Nada. O jeito foi sentar de frente para Raphael, aquele senhor mantinha-se perigosamente próximo. Era uma mistura bizarra de Charles Montgomery Burns com um funcionário público padrão. Algo assustador.

“Olá”, aproximou-se ainda mais com semblante um pouco assustado, “ouvi vocês conversando sobre anarquismo, vocês fazem parte de alguma organização?”, alocou um sussurro de segredo à voz.

“Sim, Seita Em Obras, de Curitiba. Um grupo terrorista”, respondi sem dar muita atenção.

“Não, eu não. Só estudo mesmo”, respondeu Raphael contendo o riso.

“Estuda onde?”, arrastou a cadeira nervosamente e colocou seu cotovelo ao de Raphael mirando-nos como que pedindo discrição.

“Faço educação física na UFRGS”, desdenhou e afastou-se um pouco Raphael.

“E tu?”, abaixou ainda mais o tom.

“Engenharia Naval na UEPG”, a testa Daquilo sulcou, a sobrancelha mexeu-se levemente.

“E tu, é de alguma organização?”, perguntou Raphael se propondo a jogar com o maluco, enquanto eu mastigava minha panqueca de gengibre.

“Não oficialmente. Eu conheço todo o pessoal da FAG. Já ouviu falar da FAG?”, agora quase um murmúrio.

“Não é estranho pra mim esse nome. Quem tu conhece de lá?”.

“Ahh... conheço um monte de gente... sei lá... tem o Augusto que eu sempre converso”, coçou a cabeça.

“Augusto... Augusto... não, não conheço nenhum Augusto da FAG”, falou sem querer intimidá-lo.

Algo fazia aquela coisa esquisita mentir compulsivamente. O que o tornava ainda mais esquisito. Ele buscava alguma profundidade que não encontraria naquela mesa. O cara retirou alguns papéis de uma pasta, organizada como se numa investigação histórica de cada personalidade e federação libertária gaúcha. Nos mostrou a papelada como que para provar sua proximidade com as maquinações anarquistas da região. Ele tentava demonstrar que sabia de todos os planos malévolos de nossa corja de libertinos, de toda conspiração que armávamos para chupar o sangue das maiores autoridades locais. Poderíamos confiar nele? Ele parecia suficientemente psicopata para revelarmos sobre a rede libertária assassina que organizamos para

tomar todos os governos democráticos do mundo, como o Zaire, a ONU e Springfield? Ele manteria silêncio sobre os planos de arrancarmos a unha o útero de Yeda Crusius?

“Como tu te chama?”, perguntou aquela coisa esquisita a Raphael.

“Arthur”.

“E tu?”, era minha vez.

“Eu o que?”, respondi entediado.

“Como tu te chama? Qual teu nome?”, subiu o botão do volume.

“Armando. Armando Qüiproquó. Prazer. E o teu?”, devolvi no mesmo tom.

“Desculpem, preciso ir ao banheiro”, saiu olhando para os lados obstinadamente.

Observamos até os últimos passos daquele sujeito estranho. Estranho demais. Aquele era um cara estranho.

“Não existe nenhum Augusto na FAG”, começou Raphael.

“Imaginei”.

“Que cara estranho. O que será que ele quer?”.

“Sei lá. Talvez ele seja mais um esquizofrênico em missão especial”.

“Antes de tu chegar ele me disse que ia nas reuniões de domingo do movimento do passe livre. Eu me fiz de besta dizendo que nem sabia que em POA rolava MPL. Aí ele se entregou, falou um bando de asneiras, falou que conhecia um monte de gente que nem existe. Nem reunião no domingo existe. Nem reunião existe pra falar a verdade”.

“Que merda hein! O que esse demente tá pensando?! Será que ele acha que organizações anarquistas são realmente perigosas?”, pisquei acintosamente.

“HÁ! Ia ser engraçado”, piscou também, selando o acordo tácito.

A FAG é tão inofensiva quanto um mosquito hospedeiro, e a COB era muito mais perigosa nos livros de história. O homem foi ao banheiro e deixou uma sacola muito suspeita sobre a mesa. Terminei meu almoço uns 15 minutos depois. Ele havia sumido, desaparecido.

“Será que é uma bomba?”, ria Raphael aguçando os olhos sobre a sacola.

“Talvez seja um gravador. Talvez ele esteja nos grampeando. Aliás, o que você tinha dito sobre colocar C4 no banheiro do Mercado Público mesmo?”

“Do que tu ta falando? Foi tu que propôs atirar na menina do caixa”.

“Não seria nada mal”, abandonei os talheres.

“Maior cara de informante a do homem”.

“Pois então, esse funcionalismo público não presta mesmo!”.

Sáímos sem entender nada, mas nos sentindo mais ameaçadores que Ravachole e Nechaiev. Aquele ser bizarro mexeu com nossos egos de subversivos. Marcamos de nos encontrar no dia 30 as 19h, na FAG.

Voltei para o squat, Douglas já havia sido devolvido, tentava descansar suas células exploradas, enquanto Aline cozinhava arroz com legumes. Me joguei no colchão convertido em sofá e relaxo os ombros. De repente a sineta toca, era Igor.

“Báh! Fiquei de cara, fui no mercado e o segurança ficou me seguindo na maior falta de respeito”, cheguei já contando as

novidades.” Tá certo que eu ia roubar mesmo, mas é um grande filho da puta”, contava, rindo, Igor.

“O Yomango te ensina a roubar nesses mega supermercados. Dá pra sair de lá até com vinho escondido. Os caras são bons”, ainda não pude exercitar essas técnicas Yomango para além de alguns chocolates nas Lojas Americanas, mas já foi bem gratificante.

“Tri bom!”, sentou-se e jogou as pernas sobre o sofá-cama.

“É só dar uma olhada na net. Rango grátis fodendo, de leve, multinacionais”.

Era impressionante como aquele squat reunia auras tão distantes e, ao mesmo tempo, tão complementares. Mas havia um elo entre elas, um laço esotérico que promovia uma mutação de todos os percalços em um desafio ainda mais estimulante, alguma espécie de alegria cósmica que edificava uma ponte entre aquelas almas e sustentava em suas sebes uma tranqüilidade indulgente, algo que transmitia uma confiança que eu realmente não consigo explicar. Esse elo, essa ponte, esse campo magnético usa uma bandana negra amarrada no tornozelo direito, esbanja em sorrisos espontâneos e se chama Igor.

“A gente precisa pegar água, os galões já terminaram e até os cachorros já tão sem. Vamos aproveitar que tamo em quatro e vamos lá buscar. O que vocês acham?”, é preciso abastecer a casa.

“Báh, Igor, tu não acha que só eu, tu e o Junior damos conta? A Aline pode ficar adiantando a janta”.

“É bom eu ir também, pra ficar de olho se os guardinhas não tão por perto”, sepultou o assunto a garota.

O N4, até aquele quinto mês de existência, ainda não havia se envolvido na clandestinidade da água encanada,

mesmo tendo ao lado um vizinho milionário, um empresário dono de quase todos os imóveis da rua e uma linha de trem passando atrás da parede dos fundos. Não era como no caso da energia elétrica, a qual Douglas, utilizando-se de todo seu conhecimento de Eletro-técnico, já tinha puxado uma conexão da rua. Por isso saímos os quatro, cada homem levava um galão de 20 litros vazio nas mãos. Charles mais uma vez ficou saltando em nossas pernas, se fingindo de besta para outra inútil tentativa de fuga de seu Alcatraz. Ele precisaria de algo melhor que um disfarce de foca desdentada com renite para nos engabelar.

Nos dividimos em duplas, Douglas e Aline iriam surrupiar a água dos vizinhos do lado direito da rua; eu e Igor ficamos com a esquerda, pra variar. Aline e Douglas ligaram a mangueira e se acocoraram atrás de uma mureta. Logo em frente, Igor ligava a água para que eu pudesse lavar os galões. Tudo rápido, sem muita complicação. Encaixamos a mangueira no primeiro galão e, como não havia nenhum lugar seguro para nos escondermos, demos alguns passos para trás e começamos a conversar na maior cara de pau. A gente estava roubando água mesmo, mas, e daí (?!), ela vai acabar em 50 anos e todos vamos morrer de sede de qualquer maneira. Trabalho terminado, galões nas costas e Aline observando as movimentações estranhas. O squat estava abastecido novamente, só restava jantar, conferir o taco de basebol, o pé de cabra e dormir.

• • •

Despertei às 9:30, tinha até as 12:00 para chegar na FAG e aproveitar a reunião aberta de sábado. Esta Federação é como um espinho negro semeando a discórdia na Cidade Baixa. Ela fica na rua Lopo Gonçalves, que tem na esquina a sede municipal do

PSDB, já a do PMDB fica a uns 15 passos adiante, sem contar o PSOL e o PT que se instalaram duas quadras para baixo. É perfeitamente plausível vomitar caminhando por aquela região.

Mas não havia ninguém na FAG, somente Carruso, um anarquista argentino parecido com o Neruda que resolveu percorrer de carona, junto com seu vira-lata, desde seu país até o norte do Brasil, passando pelo Uruguai. Conversamos uns 10 minutos e deixei meu endereço com ele, já que o Paraná estava em seus planos. Aproveitei que estava no centro para percorrer os famosos sebos de Porto Alegre e comprar uns bons exemplares literários por alguma bagatela.

Quando retornei de minha tarde de turista, o pessoal do squat já havia feito um pequeno cronograma de trabalho, era dia de investir na infra-estrutura do N4: Aline continuaria com o piso, era de Igor a responsabilidade de enfiar um teto novo no futuro banheiro, já eu e Douglas seguiríamos destruindo paredes e recolhendo tijolos.

A camaradagem e a gentileza de Douglas tornavam o trabalho muito mais leve. Aquele rapaz não cansava de me cativar. Entretanto, não sei se foi a falta de costume para a labuta física ou as altas taxas de alcatrão que enviei pra cabeça, mas alguma coisa fez minha pressão cavar um fosso na terra e se esconder por lá. Uma neblina inebriante desabou sobre mim no final da tarde. Fiquei de molho mais de uma hora, esperando a tontura passar. O pessoal precisava sair, iriam à feira coletar o menu da semana e encontrar Porcão, que havia retornado de sua viagem épica pelo conforto do lar paternal. Eu tinha me disposto a ajudá-los, mas não estava em condições. Era um grande desfalque já que, pela primeira vez, Douglas não poderia participar da feira, teria que visitar seus pais em Sapucaia, região metropolitana de Porto Alegre.

O pessoal partiu já era quase 19h30, a noite começava a se misturar no céu e um roxo enegrecido coloria as nuvens. Eu estava quase sozinho no squat, a bicharada me fazia companhia e servia de alarme. Quando a escuridão borrou o quadro da noite e eu não conseguia enxergar nada além de uma grande mancha negra lá fora, acendeu em minha memória o fato de que 34 pessoas haviam morrido queimadas ali. A insegurança é a bandeira dos cagões, e, naquele momento, eu estava disposto a exportar estrume fresco. Agarrei o pé de cabra e postei o taco de baseball em uma posição estratégica. Cat Power tocava suas canções melancólicas no aparelho de som. A cada dois minutos me aproximava da janela para ter certeza de que nenhum zumbi tostado tentaria beliscar minha bunda. Não me preocupava o fato de que o squat já havia sido roubado duas vezes, nem que algum nazi sulista poderia ter a infeliz idéia de enfiar o pé no peito de anarquistas libertinos justo naquela noite. Não, nada disso. 34 pessoas morreram sufocadas e queimadas naquela fábrica! Isso sim me preocupava! Mas nenhum espírito de porco gemeu na redondeza além de Charles e sua obstinação pela fuga. Porém, eu tinha um princípio de infarto a cada latino mais forte de Adamastê.

O pessoal retornou da investida a lá catador-coletor pós-moderno duas horas depois. A viagem não foi muito produtiva, conseguiram apenas uma grande variedade de tomates — verdes, maduros, podres e amassados. Sacos e mais sacos de tomates.

“Pelo menos a gente sabe o que vai comer hoje a noite. Alguma coisa com molho de tomate”, Igor divertia-se com qualquer bobagem.

“E não só hoje, né Igor. Dá pra fazer uma polenta com um mega molho de tomate”, comentou Porcão.

“Opa! Finalmente eu tenho prazer de conhecer o famoso Porcão. Tudo bom, cara?”.

• • •

A história do rapaz de coragem exótica, um estudante de Publicidade e Propaganda pela UFRGS, no alto de sua 26ª primavera: Porcão, o covarde com mais colhões que eu já tive o prazer de conhecer. Ele provavelmente se borraria todo se precisasse dormir sozinho no squat, mas teve peito pra processar um grupo de nazis de Porto Alegre.

Durante nove meses ele foi ameaçado por um desses acéfalos superdesenvolvidos, e, por segurança, resolveu manter-se em casa durante este tempo, uma coação para um processo de autoconhecimento forçado. Lá fora as pessoas faziam do mundo um lugar estranho, confuso, nunca se sabe se um careca de suspensório vai te abraçar, roubar um beijo de língua e convidar pra uma festa a lá Operace Artaban, pedir um trocado ou te espancar até a morte. Os punks não encontram um rumo, muito menos um meio termo, com eles é 8 ou 88. E Porcão é amigável demais pra essas picuinhas do submundo.

“Era engraçado. Uma noite, o cara me ameaçando no MSN, dizendo que ia me bater, me matar e tal. Aí eu disse que sabia que ele podia fazer aquilo, porque ele era forte. Aí ele perguntou se eu era gay. Eu disse que não, mas já tinha visto ele na rua e sabia que ele era grande. Aí o cara me mandou uma foto do tórax, do abdômen musculoso. Uma piada!”, e sorria acomodando-se na poltrona, movendo a ocular para o alto, sulcando a testa a medida que inspirava rajadas de oxigênio — as memórias iam fluindo.

Foi então que esse cara que o ameaçava viajou para Curitiba e espancou um casal de homossexuais na rua XV. Pren-

deram o rapaz, que só passou um dia enjaulado, para na noite seguinte repetir a dose em outro casal gay na mesma rua.

“É que tem uma cláusula nas regras do grupo nazi que ele fazia parte que dizia que se tu fosses preso fazendo ação direta o grupo pagaria metade dos honorários do teu advogado”, conta Porcão.

Ação direta nazi: espancar, assassinar, paulificar (e outros verbos de ação) homossexuais, punks, judeus, negros, comunistas, anarquistas etc., queimar squats, acabar com manifestações (“funar las funas”), e se masturbar sentado no espremedor de laranja lendo Mein Kampf.

“Só que o cara se fodeu porque ninguém ajudou, ninguém pagou advogado nenhum, nada, deixaram o cara na mão mesmo. Aí ele teve que contar pra mamãe que era nazi e se virar com a justiça”.

Como vingança, o acéfalo superdesenvolvido converteu-se em Careca do Brasil e resolveu foder a vida de seus antigos companheiros hitleristas. E pra isso pediu ajuda pra quem? Pro cara que ele ameaçava! Ele repassou a Porcão vários materiais, incluindo fotos, vídeos e documentos que incriminariam um bom número de nazis gaúchos, compreendendo, nessa leva, um animal chamado Carneiro, o nazi mais fajuto do Rio Grande do Sul, um imbecil que tatuou milhares de BO's no corpo, como a suástica, por exemplo. Porcão contratou um advogado e processou os caras, aliviando pro lado de seu antigo verdugo do MSN, já que sem aquele abdômen musculoso nada daquilo seria possível.

O problema é que o tal Carneiro nunca recebia a autuação, que deveria, necessariamente, ser entregue em mãos.

“Ele mudava de casa, morou com a namorada um tempo, e ninguém encontrava o cara pra autuar. Aí, um dia, eu tava caminhando pelo centro com um amigo quando a gente viu três nazis parados na esquina, olhando pra gente, especialmente pra mim, e o Carneiro era um deles. A gente saiu correndo e no meio do caminho encontramos um policial, cara, um policial negro. Aí eu liguei pro meu advogado e ele me disse que qualquer autoridade podia autuar o filho da puta. contei pro policial a história e o cara chamou reforço, ele parecia que tava entusiasmado com a idéia de prender um nazi. A cena foi linda, o Carneiro sendo preso por um policial negro, e a gente do lado, na boa”.

A cambada nazista ficou presa por três meses e agora responde processo em liberdade.

“Uma tarde eu fui no estúdio de tatuagem de um amigo e o Carneiro tava saindo de lá. É que ele, por incrível que pareça, é o organizador do encontro de tatuadores da região, aí ele foi lá divulgar o evento. Mas então, aí a gente trombou na entrada do estúdio, e eu passei por ele e não disse nada. Aí o cara vira e diz: ‘Pô, nem cumprimenta mais’. Eu não entendi nada, mas respondi: ‘Qual é a tua meu, tenho um processo contra tu, faz a tua que eu faço a minha’. Então ele saiu com cara de bravo e resmungou: ‘Depois apanha e não sabe porque’”, sua voz arranhava um pouco de preocupação.

Porcão é straight edge e baterista da banda XAmorX, além de um cão caçador de nazis.

• • •

Na manhã do dia 29 acordei com uma certeza: eu sou um grande filho da puta, um maldito traidor, um bastardo de bosta, o cu arregaçado de uma puta velha. Este squat

que me acolheu tão bem, com aquela reluzente solidariedade que risca o horizonte anarquista, este squat que sobrevive pela profunda força de vontade visionária destes Winston Smith's que se dispõem a uma postura quase freeganista. Ou seja, um modelo de existência distante do suicídio personalístico do consumismo, da concorrência esquizofrênica, de todo padrão de vida a lá american way of life tupiniquim, algo que cria raízes nas culturas individuais e constrói hábitos fraternos. MAS NÃO, esse puto que escreve estas palavras despertou pela manhã com uma sede incontrolável por Coca-Cola, um desejo esquisito de zapear o deserto da televisão, e não só isso, dormi escutando as baladas pop de Jarabe de Palo num mp3 Foston, com fones Phillips e pilhas Sony. Eu me sentia amaldiçoado, meus desejos sofreram um estupro materialista, e agora em meu cérebro se propaga um oceano de incestos ancestrais. Seu MALDITO FILHO DA PUTA!

Começamos a organizar o squat e Aline colocou a água pra ferver, nada como o cheiro de café turco flutuando junto ao orvalho da manhã pra dissipar lentamente minha culpa, me incutir um tanto de esperança e uma pitada necessária de auto-desprezo. Até soa bonito. Ao meio dia tínhamos que ir à feira próxima ao squat, até porque não seria muito agradável passar uma semana toda a base de tomate ao molho de tomate.

Todos montaram em suas bicicletas, e mais uma vez eu emprestava a GARÇA NEGRA DE PESCOÇO LARGO, com cestinha no rabo e tudo. Para minha felicidade, a feira ficava a uns cinco minutos pedalando, não deu nem tempo do elefante texano entrar em cena.

No ar, um cheiro de salada de frutas. Na terra, sol e calor.

“Cinco quilos um real!!”

“Monaliza, três quilos, dois real!”, disparavam-se os preços.

Era uma feira pequena, tomava um lado de uma rua de uns 700 metros, logo em frente a uma pequena praça.

“Até que as coisas tão baratas nessa feira”, comentei com Porcão.

“Prefiro quando for de graça”.

Os feirantes degladiavam-se numa esgrima de línguas pelos transeuntes indecisos da rua.

“Ovo um real”, gritou um feirante.

“Não, obrigado. Dou um abraço por cinco quilos. Por nove rola até um beijinho, na bochecha”, resmungou Porcão.

“Cenorinha! Cenorinha, pacote a pila!!”.

“Batata, dois real!!”.

Nos esgueiramos numa sombra mínima esperando o movimento baixar e começarem as promoções desesperadas. O que não demorou muito. Igor e Aline rumaram para o sul, pois algumas bancas já encerravam os trabalhos. Porcão e eu resolvemos aguardar um pouco mais, analisar melhor a estratégia de aproximação, para aí então atacarmos.

“Acho que já podemos começar naquela barraca do fundo, acho que lá já tão fechando”, agarrou sua bicicleta azul de carga.

“Sério? E como vocês fazem isso? É só chegar pedindo?”, questionei seguindo-o.

“Esse pessoal é o mesmo da feira de ontem, ou seja, é o mesmo de sempre, já conhecem a gente. É só chegar e esperar, as vezes eles dão alguma coisa”.

“E a estratégia?”.

“Que estratégia?”.

“A estratégia, oras!”

“Ah, sei lá, a gente faz cara de coitado, funciona”.

Logo que colocamos as bicicletas em movimento um verdureiro nos chamou: “Aqui tem verdura”, uma couve-flor, folhas verdes esparsas desprezadas pelos clientes, talos de cenoura, um maço de mostarda, um de rabanete e um de nabo.

“Muito obrigado, senhor”, disse Porcão.

“Que Deus o tenha”, agradei.

Todas as bancas davam sinais de que terminariam os trabalhos por ali, então resolvemos começar pelo extremo norte e ir descendo até encontrarmos Igor e Aline. Posicionamos as bicicletas em paralelo com a primeira banca, mas os feirantes não pareciam muito amigáveis. Aguardamos. Aguardamos mais um pouco. E um pouquinho mais. Todos ali faziam questão de demonstrar que não ligavam a mínima pra nossa presença. Hora de mutarmo-nos em poodles famintos, daqueles que dão a patinha e cheiram o próprio rabo.

“Jorge, tem alguma coisa pra esses aí?”, perguntou uma mulher enquanto Jorge limpava o imenso facão, de cortar baleia, eu suponho, numa toalha imunda e nos observava caminhando lentamente detrás de sua vasta barba branca, como um Poderoso Chefão de avental, disposto a qualquer tipo duelo por suas verduras, contando que ele pudesse lambuzar um pouco mais aquela lâmina de vermelho.

O Poderoso Chefão continuava calado, observando. “Jorge, vou dar essas frutas podres, a gente vai jogar fora isso aqui mesmo”, algumas ameixas molengas e um kiwi no último estágio de decomposição, que, segundo Aline constatou depois, ainda rendiam uma torta.

“Valeu, muito grato”, despediu-se Porcão na maior simpatia.

“Gostei do facão, velhinho”.

O nipônico feirante da próxima banca já nos esperava com meia abóbora, em perfeito estado. Ele mesmo foi despejando em nossas cestas uma cachoeira colorida de frutas e verduras. Portava um belo sorriso, aquela típica amostra de dentadura que surge quando a aurática benevolência da caridade encontra uma inocente alma, e dessa felação exalam semblantes de consciência tranqüila. Ele parecia um bom homem, pena que estava sendo enganado. Não por nós.

Com o rabo cheio, percebi que minha garça grunhia como num bacanal suíno na hora do orgasmo de 15 minutos, ela estava terminando o dolorido processo para se converter no ELEFANTE TEXANO. Pensei em oferecer um paracetamol a ela, mas não avistei nenhuma farmácia aberta.

Aline e Igor nos aguardavam sob uma sombra, enquanto a banca em frente, de um feirante que lhes havia prometido algumas batatas, não fechava. A feira estava se mostrando deveras interessante para eles: beterrabas, nabos, mamões, bananas, abobrinhas etc. Na banca se discutia os melhores golpes do Mortal Kombat, um deles até parecia o Scorpion, mas sem máscara e um pouco mais feio. 20 minutos de espera depois, saímos de lá com quilos e mais quilos de batatas e cebolas, e a grande maioria aparentava ser comível! Scorpion Wins — Fatality!

Os deuses estavam a nosso favor naquela manhã, mas já era hora de voltar. Montei no elefante texano e segui logo atrás de Igor. O bicho estava relutante, acostumado às gorduras grotescas nos chiqueiros higiênicos dos fast-foods ele não imaginava que um punhado de legumes, verduras e frutas pudesse pesar daquela maneira. “Pelo menos não entupirá minha catraca”, pensou ele lembrando de suas duas pontes de safena.

Quando passávamos pela última banca, já desmontada, dois homens nos chamaram, mas somente eu e Igor escutamos.

Aproveitando que o tráfego estava parado devido ao semáforo, contornamos a rua e retornamos. Aline percebeu que havíamos voltado e também deu meia volta. Porcão desapareceu entre as ruas vestidas de cinza.

“Ó, sobrou isso aqui pra vocês”, falou o mais alto deles.

“Caramba! Como a gente vai levar tudo isso?”, perguntou ao vento, Igor.

Diante de nós uma enormidade de pepinos, abobrinhas, tomates, e uma horta de múltiplas cores e odores. Distribuímos tudo o que nossas cestas suportaram, mas tivemos que deixar quase metade pra trás, por pura falta de espaço. Agradecemos aos gigantes de bom coração e voltamos a pedalar rumo ao squat.

“Essa foi a melhor feira que a gente já fez!”, os olhos de Aline relampejavam.

Porcão nos observava debaixo de uma árvore duas quadras adiante. Achamos melhor parar e redistribuir a comida, meu elefante estava sobrecarregado e eu percebia que alguma coisa borbulhava em suas células.

“A gente tira essas duas ameixas da cesta do Junior e coloca na minha”, resolveu Porcão.

“Ah, valeu, isso ajuda muito...”, desdenhei.

“A gente vai ter que dar a volta pela Estação Farrapos. Não tem como carregar as bicicletas pelo túnel, elas tão muito pesadas”.

“O Igor tá certo, é mais longe, mas é o jeito”, Aline organizava a logística como nossa maestra, “e, Porcão, pega a abóbora na cesta do Junior também, a cesta dele tá muito cheia”.

Seguimos em marcha lenta, mas o elefante texano não se sentia bem, parecia ter febre, e de seus poros brotavam filamentos roxos. De repente, com um grito contido de donzela em perigo, uma convulsão tomou conta das mitocôndrias do elefante e ferveu toda sua reserva de cromatina, fazendo com que a membrana plasmática explodisse numa hecatombe amarga e silenciosa. Comecei a temer pela vida de meu fiel companheiro. No momento que sua temperatura começou a regredir, entendi que aquele era o complicado processo de mutação que o levaria a seu TERCEIRO E ÚLTIMO ESTÁGIO, o BÚFALO COM PARKINSON.

“Calma, meu rapaz, as células tronco salvarão sua pele de metal”, acalmei-o.

As finas rodas faziam toda estrutura tremer sem parar, enquanto aquele peso monstruoso dançava mal-distribuído contornando-nos num zigue-zague vibratório absolutamente bizarro. O caminho de volta foi um longo e complexo jogo de equilíbrio, eu e meu búfalo com Parkinson cruzamos — tremeliquentos — avenidas de concreto alado besuntadas por malditos automóveis importados cuspidos buracos na camada de ozônio. Mas finalmente estacionamos vitoriosos, no N4, que nos recebeu ao som de Money, do Pink Floyd. Aquele momento, de alguma forma hemafródita, me fazia sentir uma Dorothy Gale no exato instante em que as cores nascem por detrás da porta.

Contagem: 5 molhos de rabanete; 4 molhos de nabo; 28 mangas; 1 bandeja de figo; 1 caixa de vergamota; 12 mamões; 1 molho de mostarda; 1 caixa e meia de pepino; 1 caixa e meia de tomate; 7 sacos de pimentão; 5 sacos de beterraba; 4 pêras; 15 abobrinhas; meia abóbora; 1 cacho de bananas; 1 caixa e meia de batatas; meia caixa de cebolas; 15 milhos; 20 batatas doce, 10 ameixas; 1 saco de kiwi e 1 saco de maçã que um empregado de um dos feirantes entregou a Igor, e pediu para que ele escondesse antes que

seu patrão percebesse, era um presente, a contribuição clandestina que ele podia dar. Um homem de respeito, sem dúvidas.

“Isso é um trampo, esse lance meio freeganismo, porque no mercado é tudo bonitinho, aqui não, a gente tem que escolher, cheirar, apalpar, é meio um lance caçador-coletor, de coletar de forma, digamos, moderna, os alimentos e selecionar”, falava um pouco desgostoso enquanto analisava a apalpadela uma manga de um vermelho enegrecido.

“É, Igor, mas no mercado é tudo transgênico e caro”.

“Tem essa, e aqui ainda dá uma satisfação de tu ta trabalhando por um ideal maior, um ideal comum”, disse com certa dignidade contida.

À medida que contabilizávamos a comida, ficava evidente que não havia condição de comermos tudo aquilo antes que apodrecesse de vez. Foi então que Igor teve a maravilhosa idéia do Food Is Not Bombs.

“A gente podia aproveitar que essa feira deu um monte de comida e fazer o Food. A gente fica se enrolando e não faz nunca”, falou esticando o pescoço pra dentro do squat.

“Tá, mas vamos fazer sem divulgação nem nada?”, era uma boa pergunta de a Porcão.

“Sei lá, dá pra fazer uns folders, uma faixa”, Igor deu passagem a Porcão, que se esquivava pela porta para facilitar a conversa.

“Porque se for pra fazer e não passar idéia nenhuma nem vale a pena”, interferiu Aline deitada no sofá-cama.

“A gente fala com o pessoal, e não vai ser muito grande, então acho que sem divulgação é até melhor. Dá pra levar as coisas pra lá, com uma faixa e alguns panfletos e pronto”, Igor estava convicto da idéia.

Food Is Not Bombs não é sopão, nem caridade, muito menos qualquer forma de assistencialismo paternalista. A idéia é justamente despedaçar o conceito de caridade em milhões de fragmentos irreconhecíveis - integrar as pessoas, conversar, interagir, trocar uma idéia, um sentimento, um olhar, uma mensagem púrpura, um aceno, um beijo italiano ou um apertão na bochecha — e desse quebra-cabeça fragmentado remontar apoio mútuo. E pra isso se faz um almoço comunitário e se rompe com a rotina sufocante daquelas pessoas, se introduz uma modalidade extraterrestre de relacionamento, uma lógica alienada de mercado na qual um aperto de mão vale um prato de comida, uma mirada carinhosa paga a força de trabalho, a solidariedade é a moeda de troca e, ao mesmo tempo, o diamante negro ilhado no ostracismo mais obscuro. Enfim, foi uma ótima idéia do Igor, e decidiu-se colocar em prática no 1º de maio, Dia do Trabalhador.

• • •

Durante a noite, como sempre, Igor descansava ao lado de Aline, e dormia com um aspecto de alívio e tranquilidade. Em seu sonho, o mundo era todo branco, como a neve dos Alpes Suíços, brilhante como a luz do Sol rebatendo nas geleiras da Patagônia, um mundo no qual só existiam seis árvores, separadas apenas por alguns passos. Ele se aproxima calmamente e imagina-se como um cachorro demarcando território, urinando intermitentemente no tronco de cada uma delas. Às 9h36 da manhã Igor acorda todo mijado.

“Báh! Isso não acontecia comigo desde os 12 anos”, comentava rindo, descrente na mancha úmida entre suas virilhas.

“Fica tranquilo, cara, eu não vou escrever isso no livro, te juro”.

“Valeu, mesmo. Eu ficaria com vergonha, de verdade”.

Porcão e Aline terminavam de bocejar enquanto eu tentava manter o controle e não despedaçar a imagem de moço crescido de Igor. Mas ele mesmo se deu ao trabalho:

“Pessoal, olha só, antes de mais nada eu queria informar que eu mijei nas calças, molhei o colchão, tá certo?!”.

“Tudo bem, Igor, eu faço isso direto”, tentou apaziguar, Porcão.

“Sério?”, animou-se.

“Não”, e desatou a rir da façanha de Igor.

“Aaahhh, deixa ele, eu dormi do lado dele e não ligo”, Aline é um encanto, sem mais.

“Ainda bem que existe a compreensão feminina, né-não Igor?!”, falei enquanto tentava controlar os espasmos de Porcão.

Logo que Aline começou sua cerimônia matinal de feitura do café turco, Igor e Porcão iniciaram as discussões sobre os detalhes do Food Is Not Bombs. Era apenas uma conversa informal, já que Douglas ainda não havia chegado e sem ele não se pode efetuar uma Assembléia Geral. Pessoas de fora, como eu, tem absoluta liberdade pra acompanhar e palpitar nas Assembléias, mas sem direito a voto. Apesar que, até agora, todas as decisões foram tomadas através de concessões e consensos entre juízos divergentes, sem ter havido a necessidade do sufrágio, o que transforma os “agregados” em importantes peças administrativas.

No mais, ainda era possível sentir o cheiro de amônia emanando das calças de Igor enquanto ele concatenava a arquitetura do novo banheiro. Porcão tomou o posto de Chef, e eu

destruía a pauladas as paredes do fundo buscando tijolos aproveitáveis. Aline voltou para seu apartamento passar um tempo com seu filho Nathan, e assar um bolo de frutas.

O almoço não demorou muito, e ainda deu tempo de Douglas chegar trazendo de casa a Nega Maluca mais saborosa que eu já comi na minha vida: um bolo de chocolate de um negro molhado e flamejante, um grande Negresco umedecido num sereno de leite.

“Vocês são uns vegans fajutos! É só chegar um bolo de chocolate que todo mundo esquece a dor dos bichinhos”, disparei imaginando que poderia sobrar uns pedacinhos a mais pra mim.

“Mas é um bolo vegan”, explicou Douglas.

“HÁ! Tá certo! Conta outra!”, argumentos, “vamos ver: é muito, mas muito macio, úmido, com bastante sabor de chocolate, bem preto, e não tem gosto de farinha, ponto. Ou seja, não é vegan”.

“É vegan!”.

“Não é vegan!”.

“É só substituir cada ovo por uma maçã, e o leite por leite de soja. Não é difícil, minha mãe sempre faz”, abocanhou um pedaço entre os dentes.

“É vegan?”, mastiguei tentando aguçar o paladar dessa vez.

“Aham!”, engolia e já mordida outro bocado.

Porção cozinhou uma polenta recheada de legumes coloridos e banhada num molho de tomates maduros. O rapaz entendia de fogão, era inegável. O problema é que o cozido provocou alterações gástricas e acelerou meu processo digestivo. Foram longas duas horas de uma batalha interna autodestrutiva. No final, caguei no mato pela segunda vez. Foi uma excreção bastante sólida e rápida, pois Raphael já

me esperava no Mercado Público, de onde rumaríamos até a sede da FAG, para um evento em homenagem aos anarquistas enforcados nos EUA, aqueles que deram origem ao Dia do Trabalhador.

• • •

Era 16 horas e Raphael caminhava com sua camisa negra do MPL. Ele foi uma grande perda para a esquerda burocrática, poucas vezes na vida tive contato com um militante tão consciente e ativo, já que, em geral, estas duas características se excluem, por mais importantes que sejam. Decidimos ir caminhando até a FAG, não era muito longe, uns 20 minutos em ritmo normal. Aproveitamos pra comentar as novidades.

“É assim, eu entrei no MPL porque eles se propõem a ser autônomos e livres. Agora tá rolando um papo de organizar o movimento em federações, aí ficaria legal!”, as ruas estavam movimentadas e Raphael tangenciava os passantes sem perder o elo entre as idéias.

“Mas como tá o MPL em POA?”

“Ainda não tá reconhecido, ou melhor, legitimado. É porque a gente ainda não mandou carta de adesão e a papelada toda. Mas é bom esperar, se for pra ser federativo mesmo a gente já começa por aí”.

“O pessoal do N4 falou que te conhece”.

“É, eu sei quem são. A gente tava junto defendendo uma ocupação do movimento dos sem teto”.

“Aquele que a coordenação fodeu tudo?”, Igor havia me contado sobre este episódio no dia anterior.

“Esse mesmo. Foi foda. O pessoal do N4 tava lá, empregado, eu também. A gente tava disposto a ajudar, de verdade. Era um prédio imenso, e a Polícia já tava com o papel do desa-

lojo na mão”, gesticulava mantendo o bíceps colado as laterais do tórax, controladamente.

“Mas rolou resistência?”

“Sim, então, a gente foi lá, fez uma Assembléia Geral com os moradores e ficou decidido que teria resistência. A gente montou um lugar bem no fundo, com bastante janelas e proteção e mandamos pra lá todas as crianças. O resto começou a pregar janelas, fazer molotovs e barricadas. Quando eu tava no oitavo andar, terminando de pregar um tapume na janela, chegou um recado pra descer”.

“Era o coordenador”, provavelmente um homem do segundo ou terceiro escalão da estirpe partidária dando uma de pacificador.

“Ele mesmo. Ele chegou lá, era um coordenador estadual, ou regional, não sei, ligado ao PT. O cara fez uma reunião fechada, não deixou a gente entrar. Quando a tal reunião terminou só se ouvia informações desencontradas”.

“Estratégia?”

“Ninguém sabe se foi uma estratégia pra desestabilizar o pessoal de fora, ou um desacordo de dentro da própria reunião. Mas o que aconteceu foi que os putos da coordenação fizeram um acordo com a Polícia”, uma rusga pigarreante cortou a fluidez de meu novo amigo, eram as memórias acentando-se nos escombros.

“Filhos da puta!”.

“É, não é fácil, a gente montou barricada por tudo, até o oitavo andar, pra no final ver a Polícia entrando pela porta da frente, sem resistência nenhuma”.

“E eles foram mandados pra puta que pariu, sem assistência nenhuma, pra variar”, imaginei.

“Exatamente, mas os coordenadores têm casa com teto e ar condicionado”.

“É o mesmo esquema daquele chupador do Stédile, o cara é um filho da puta da pior espécie, mas posa de esquerdista defensor dos excluídos”, diminuímos o passo, estávamos próximos.

Chegamos na FAG com um pouco de antecedência, estavam nos últimos preparativos para o evento. Uma bandeira da federação corria a parede lateral direita, assim como na esquerda um desenho da “FAG — Luta Solidariedade de Classe” exigia atenção. E, logo em frente, uma grande pintura rubro-negra decorava as faces de Engels, Lingg, Fisher, Parsons e Spies sobre a frase “Memória e Luta. Chicago — 1886”. Era uma bela decoração que escavava no saudosismo seus melhores traços. Talvez ela viesse preencher o vazio que a FAG teima em manter dentro do movimento libertário gaúcho. Ela cava fundo a barricada que afasta os libertários especificamente organizados daqueles que lutam com a bandeira do individualismo e do sintetismo. Ela peca ao esquecer o movimento ocupa, sua amplitude mundial, a capacidade que ele já demonstrou em edificar tentáculos pegajosos que rastejam e dilatam as veias do anarquismo. Peca da mesma forma, em menosprezar a ala anarco-punk, a mais expressiva em questões quantitativas; mas peca, principalmente, em não buscar vínculos entre estes e outros fragmentos da vivência libertária, em não se mostrar referência de solidariedade e apoio mútuo dentro de seu próprio círculo de atuação. Talvez o desprezo da Federação Anarquista Gaúcha por aqueles que Bookchin chamou de “anarquistas de estilo de vida” possa resultar na impotência do isolamento dentro do círculo libertário. É como um adolescente que toma Viagra pra se masturbar com propagandas de lingerie.

Aquele encontro demonstrava claramente a sede libertária por um elo convergente, e a incompetência daquela federação em abeberá-los até um coma alcoólico. Mesmo naquele evento broxante, a FAG conseguiu encher sua sede com uma enormidade de vertentes angustiadas por organização coletiva. Lá se apresentaram: a velha guarda anarquista do tempo dos

anarco-sindicatos; inúmeros Coletivos, grande parte deles de tendência anarco-punk; militantes squatters do Okupa Ke Se Kria; membros do movimento estudantil e do MPL; além de alguns curiosos, incluindo muitos anarquistas em início de carreira que apareceram com a intenção de conhecer a contemporaneidade do movimento. E não apenas jovens, muitos principiantes ali pareciam contemporâneos da Dercy Gonçalves.

Apesar de todas estas incongruências genéticas, a FAG representa um papel singular, importante e admirável. Ela não é apenas o espinho negro no meio daquela região recheada de partidatismo, seus lauréis se concentram no belo trabalho especificista, criador de uma plataforma de atuação, pois há na FAG um empenho em difusão de princípios, principalmente através de um trabalho de base intenso e comprometido.

E foi a partir deste comprometimento que eles desenvolveram um belo trabalho na Restinga, um bairro pobre de Porto Alegre. Foi lá que brotou o alter-ego da FAG, o Resistência Popular. Esta corrente foi o método encontrado para se atuar de forma pungente e difusora dentro dos bairros mais carentes, sem interpelar aquelas pessoas com o furor insurrecional da bandeira negra. É compreensível, apesar de questionável: não se pode condenar um trabalhador, que é diariamente estuprado em seus direitos mais básicos, se ele recusar-se a produzir molotovs e enfrentar a máquina estatal tendo seus músculos derretendo há décadas numa fábrica multimilionária para receber uma ração mensal quase invisível. Através do Resistência Popular foi possível, também, dar um eletro-choque no coração do Movimento dos Catadores, que, por conselho da FAG, adotou uma postura autônoma e independente, fazendo suas próprias opções ideológicas.

Foi naquela noite que conheci Cristiano, cientista social formado pela UFRGS e o anarquista mais gaudério da FAG. Ele milita pela federação há quase uma década e tem um visual

todo piuchado, quase um Gaúcho Da Fronteira antes da barri-
ga de choop. Enquanto sua namorada lia para todos a história
dos mártires de Chicago, conversamos sobre a forma como foi
articulado o Movimento dos Catadores, e sobre a peleja inter-
minável FAG X COB, um romance selvagem que se satisfaz nas
preliminares pra não provocar uma fricção atômica que colocaria
a vida na terra em perigo.

“O Puigui da COB é complicado, a gente já tentou fazer
coisas juntos, mas ele acusa a gente de receber dinheiro do PT,
de não ser anarquista, um monte de coisas”, escorava-se na pa-
rede exatamente abaixo da bandeira rubro-negra da FAG.

“Mas ele não reconhece a FAG?”.

“Não reconhece, não. Ele acha que a gente é inimigo,
pseudo-anarquista. Pra ele o anarquismo está nos trabalhado-
res, ele é fissurado por movimento sindical”, Cristiano ajeitou
as longas madeixas castanhas claras, coçou a barba e aguardou
minha intervenção.

“Tem um papo aí que vocês ficam colando cartaz um em
cima do outro”.

“Isso acontece sim. Ninguém sabe quem começou, mas
acontece”.

“Coisa de criança hein”, sorri.

“Nem me fale”, desconversou.

“Mas o que você acha da COB?”.

“Eles são ótimos coladores de cartaz, não passam disso”.

“É, não tem como não ver cartazes deles pela cidade, ape-
sar de serem puta mal-feitos, um monte de informações, das
mais diversas, que no final só geram desinformação, porque
ninguém vai parar pra ler aqueles textos imensos num cartaz no
meio do centro de Porto Alegre”.

“É, a FAG já fez muitos cartazes assim também, mas a
gente ta melhorando, focando melhor os temas”, sua esposa

acenou requisitando sua presença lá na frente, “mas tenho que ir, até mais”.

“Opa”, despedi-me.

Foi uma conversa rápida, ele tocava o tambor na próxima música, algo que lembrava a Guerra Civil Espanhola, mas com uma roupagem de vanerão.

Encontrei o pessoal do Mentos Plurais no meio do pequeno aglomerado. Alisson e Vicente foram cultivar a vida social e aproveitar a lentilha que serviriam na janta logo depois do encerramento oficial. Raphael conversava com Paulo, um amigo de universidade e membro da Editora Deriva, na qual eu já vinha comprando livros há um bom tempo. Lá na frente mesclavam-se canções anarquistas no melhor estilo acústico “Os Serranos Libertários”, com falas intermináveis sobre a história dos cinco anarquistas assassinados. Tínhamos coisas mais importantes a fazer, como beber uma cerveja no bar da esquina. Na manhã seguinte a FAG faria uma caminhada até a Praça Zumbi dos Palmares e se juntaria a outras agremiações para um dia de protestos, o Dia Do Trabalhador. Eu dormiria na casa de Raphael pra facilitar as coisas.

• • •

9:30 da manhã na Praça Argentina, local escolhido pela FAG para se reunir antes da caminhada até a Zumbi dos Palmares. Cerca de 40 pessoas se apresentam sobre as mais coloridas insígnias. Se eu não soubesse do contexto, diria que estávamos muito mais pra Marcha do Orgulho Gay do que qualquer outra marcha mais sisuda. Éramos um arco-íris multifacetado: o verde e branco dos Catadores, uma enormidade de outras agremiações políticas e sindicais que mais pareciam uma chuva de confetes, o vermelho do Resistência Popular e o negro da... da... huuuummm... Onde estava a FAG, afinal?

“A gente não traz as bandeiras da federação pra esses protestos”, explica Cristiano.

“Tá, mas, por quê?”, aquilo não fazia sentido.

“Tu vai entender quando a gente chegar na Zumbi”, e virou o rosto com um sorriso sarcástico.

Formamos um círculo e nos apresentamos um a um. Ninguém se denominou militante da Federação Anarquista Gaúcha, na verdade, ninguém se denominou anarquista. Era um blá blá blá do núcleo não sei onde do Resistência Popular, não sei quem de não sei onde do Intersindical, do Movimento dos Catadores etc. Raphael se apresentou como membro do MPL, e tinha envergadura intelectual para tanto, não pude deixar de lembrar a amplitude temática que notei em sua pequena biblioteca pessoal nesta noite em que dormi em sua casa. Havia desde a teologia da libertação até Esaú e Jacó, de Sócrates a Maffesoli, levantamentos históricos desde a Guerra Civil Espanhola ao EZLN, dos Mutantes a Velvet Revolver. Raphael poderia laurear-se como o Serafim libertário mais lado b que eu já encontrei rufando as asas por aí.

“Junior, A-NAR-QUIS-TA do Paraná”, faltava este adjetivo no meio de tanta maquiagem, e me senti honrado e empuetado em ter sido o único a pronunciá-lo.

Os tambores tomaram posição e a marcha iniciou a descida por uma das pistas da Avenida José Loureiro. À medida que nos aproximávamos de nosso destino, a pequena multidão ia agonizando e eu entendia cada vez menos a utilidade daquilo.

“MO-VI-MENTO CLASSISTA E COMBATIVO, PRIMEIRO DE MAIO, CADA VEZ MAIS VIVO”, bradávamos isso quase em silêncio, enquanto o grito morria nas cordas vocais mais ardentes e era sepultado a cada passo que nos aproximava daquelas investidas esquizo-bizonho-trântrico-reformistas das

mais diferentes alas dos mais absurdos partidos, e sindicatos, como o PSOL, PSTU, penca “radical” do PT, ANDES, CONLUTAS, e uma enorme fauna que se retoalimentava, sendo que, nunca antes o significado de uma alimentação advinda do reto explicaria tão bem a situação.

“Cara, isso é uma esquizofrenia coletiva. Isso não pode estar certo”, Raphael estava em vias de devolver o café da manhã.

Era uma típica manifestação esquerdista: um carro de som a frente e um bando de guetos dissolvidos em seus próprios egoísmos atrás, balançando martelos e foices em tecidos. Os revolucionários de faixa e cartaz da ala mega-ultra-radical do PSTU eram os mais animados, e distribuíam folhetos como se fossem cicutas numa noite de Halloween. Eu não sabia quem era o mais estúpido naquela novela toda, mas possivelmente fosse eu: A FAG se transfigurava em Resistência Popular pra fazer parte de uma bizarra pregação partidária interna - sindicalistas pregavam para sindicalistas, leninistas para leninistas, trotskistas para trotskistas, e ninguém se entedia, muito menos se mesclava. A COB colou cartazes pela cidade toda dizendo que o 1º de maio não era dia de festas, mas de luta e protesto, e então reuniu uma fileira de anarquistas (anarquistas pregando para anarquistas) pra tocar punk rock e beber cerveja. O Luta Sindical chamou o padre Marcelo Rossi para cantar, rezar e discursar ao operariado no Parque Harmonia, um evento no melhor estilo Deus-Pátria-Família. E eu seguia cego em meu autodesprezo, cuspiendo rabugices de um hipócrita que esquece seu próprio umbigo.

“Entendeu agora porque a gente não traz as bandeiras da FAG?”, perguntou Cristiano percebendo minha agonia.

“E porque vocês vem aqui? Isso é ridículo!”.

“A gente tá aqui marcando presença, pelo Resistência Popular. Mas não dá pra imaginar uma federação anarquista aqui, de jeito nenhum”, sorria resignado.

“Isso é verdade, mas eu não consigo entender”.

“A gente tem uma política de lutas sociais, de tentar se inserir em lutas dos movimentos sociais, de políticas sociais, e neles existem muitas tendências políticas, por isso a gente marca presença aqui”, certamente que para um formato flexível e híbrido é preciso pagar um preço.

“Bom, é uma opção”.

“Bah! A gente trouxe a bandeira com os mártires de Chicago, porque esse dia só existe por conta deles, e não pode nem botar lá na frente, os caras não deixam porque já tá cheio de bandeiras de partidos e de alas de partidos. Tivemos que deixar ela estendida no chão mesmo”, era a triste realidade.

“Isso é muito foda. Aliás, quem é essa mulher gritando ali no carro de som?”, uma senhora com a pele esticada entre os ossos gritava estridente com o microfone nas mãos.

“É de algum partido, ou sindicato”.

“Put a mulher chata!”.

“E essa cueca na cabeça?”.

“Que cueca?”, sondei.

“Essa que tu pos na cabeça”, sinalizou erguendo discretamente o nariz.

“Aaahhh, sim, reparou na freiada?”, eu resolvi que era preciso dar um pouco de charme à ocasião e acoplei uma cueca fedorenta na cabeça. Aquela cueca era um barato, estava usando ela há quatro dias, e o único detalhe realmente interessante era uma marca marrom imensa que ia de norte a sul, herança da caída no mato.

“Melhor não. Mas... é uma forma de... protesto?”, ele titubeou um tanto para fazer a pergunta.

“É que não dá pra levar isso muito a sério”.

“Tu é adepto do Hakim Bey?”, tentou sem muita seriedade.

“Um representando oficialmente eleito dos profetas do caos”.

“Tá bom. Eu li o cara, mas esse lance de remeter ao caos dá muita arma pros inimigos, eu não gosto muito desse negócio de caos. Sei lá, eu ri muito quando li o cara”.

“Então você pegou o espírito da coisa”.

O carro de som, palco de Jesus pregando para Maomé, continuava bufando discursos bastante fervorosos.

“Quando acaba isso, Cristiano? Eles vão ficar só masturbando o próprio ego?”.

“Vão ficar por aqui mesmo. Não passa disso”.

De repente, de um buraco escondido no nada, surge uma menina de uns 19 anos, com o arrepio nas mãos que gravam os amantes de primeira jornada e exalando a empolgação característica dos primeiros protestos. Eu poderia inalá-la como um vaporizador de eucalipto, mas possivelmente terminaria intoxicado numa overdose de ferormônio. Provavelmente recebeu a nobre incumbência de garota de recados, ou melhor, de rifas. Talvez, se tivesse sucesso, ascenderia à assessora do Secretário do Tesouro da ala jovem de algum partido obscuro.

“Gente, só um real, uma rifa, vamos contribuir, gente. Vocês concorrem a uma camiseta do Che, do Lênin ou do Marx, podem escolher. Vamos, tem que contribuir com o movimento, tem que ajudar, não pode ser alienado. Só um real, vamos!!!”, a personificação do afobamento.

“Obrigado, mas não sou marxista, muito menos leninista”, safou-se Cristiano.

“Para com isso, vocês não podem ser alienados. E tu, contribui, compra uma rifa, ou duas!!”, investia como uma metralhadora giratória.

“É de graça?”, respondi.

“É só um real”.

“Nem pra mim é de graça?”.

“E porque seria?”.

“Eu sou o único com uma cueca suja na cabeça”, tentei.

“Não! Isso aqui não é brincadeira, cara. Mas olha só, com um real tu pode ganhar uma camiseta do Che”.

“Não gosto do Che, muito pop”.

“Do Marx, então”.

“Ele parece a mulher barbada, não vou sair por aí com uma camiseta da mulher barbada, tenho minha dignidade”, ora-bolas!

“Seu... ALIENADO!”, pude perceber o esforço da novata em conter o desgosto frente a um ser tão despolitizado como eu. Ela suspirou com força e tragou uma boa dose de autocontrole antes de prosseguir: “Pode ser a do Lênin, tu pode escolher”, o problema é que ela era realmente limitadinha. “O importante mesmo é você ajudar o movimento, tem que contribuir!”.

“Você sabe qual a diferença entre Lênin, Trotski e Hitler?”, eu testava agora uma expressão séria, como se a pergunta fosse uma importante questão histórica.

“Lênin e Trotski eram socialistas, fizeram a revolução, salvaram a Rússia do tzarismo. Hitler era um genocida, assassino. Todo mundo sabe disso!”.

“Na verdade, a única diferença é o bigode”, eu adoro essa!

“Quê?”.

“O bigode, entendeu?!?”.

“Quê??!!?”.

“O bigode! O bigode, caralho!”, irritei-me.

“Mas que bigode?”, a moça era um misto de indecisão, inoperância e dúvidas.

“O bigode! Mas que merda, você não entendeu a piada? Se você não entende a piada fica difícil te zoar!”.

“Escuta aqui, tu vai ou não vai comprar a rifa??”, ela já não disfarçava a impaciência.

“Claro que sim”, disfarcei.

“Aaahh ta”, parecia aliviada e já molhava o indicador na língua pra retirar um número.

“Mas só quando fizerem promoção dela a cinco centavos e eu puder queimar a camiseta na sua cara. Licença”, por fim, meu lado intempestivo.

Eu definitivamente era um alienado, sabia disso, mas não podia fazer nada a respeito, a não ser dançar frevo no meio daquela purgação fleumática como um Chaplin paranaense fazendo bico em “Singin’ in the rain” com uma cueca suja de merda na cabeça. E foi o que eu fiz. Raphael andava por ali conversando com um careca.

“Ô Junior, vamos embora daqui, fui conversar com aquele cara porque já tinha visto ele envolvido no MPL, mas o cara é professor de filosofia, ou aluno, não prestei muita atenção...”, mirava ao redor com olhos de fugitivo.

“HHHHÁÁ! O cara te pego pra cristo?”

“Exatamente, ele não para de filosofar sobre a conceituação desse tipo de protesto, alguma coisa com Hegel, vamos sair daqui”, seu tom implorava.

“Tá, pêra ae que vou me despedir do Cristiano”, passei a bater os pés no ar abrindo os braços com animação.

Raphael me segurou: “Ô, o que tu ta fazendo?”, completamente envergonhado.

“Dançando frevo”, ué... nada mais normal num protesto de esquerda.

“Com uma cueca na cabeça no meio do pessoal do PSOL?”

“Eles que tão no meio do caminho. Quer dançar?”

“Não, não, MESMO!”

“Ah, pára com isso, chega ae, vamos nos divertir com esse pessoal conscientizado, nós somos os bovinos daqui mesmo”.

“Não, vou voltar pro meu amigo filósofo”, poxa.

Meu balé não estava agradando nada, aquele era um evento sério, deveria ser tratado com respeito e sobriedade revolucionária, e por isso exige a vibração aurática de um funeral importante, é preciso demonstrar deferência ao defunto. É por isso que eu casaria com Emma Goldman se ela estivesse viva, com uns 20 anos, um corpinho de Alicia Silverstone e a maestria de Cicciolina — “se eu não puder dançar, não é minha revolução” — mas naquele caso, não era mesmo.

“Até mais Cristiano, vô indo nessa”, aproximei-me.

“Ô, um cara disse que tu ta com a cueca na cabeça em protesto contra o dinheiro na cueca”, segurou meu ombro.

“Quê?”, não pude deixar de rir.

“É, pra eles tu ta protestando contra os dólares na cueca”, maldito PT.

“Tá certo! Interpretação livre. Abaixo à ditadura semiótica!”.

“Cara, tu ta muito loco, não é possível. Aparece na FAG antes de ir embora, aí te passo a carta de princípios e conversamos um pouco mais”, um abraço seguido de um adeus.

“Abraço”.

“Adeus”.

Raphael aproveitou para se despedir de Cristiano também, e seguimos para longe da gritaria.

“Pára de dançar, cara, eles podem achar que tu ta provocando”, era uma recomendação plausível.

“Mas eu to provocando”, pena que esse era o objetivo.

“Já deu, né?!”, segurou-me com firmeza pelo ante-braço.

“Olha, uma bandeira do PSOL”.

“É, eu adoraria queimar ela”!

“Não seja por isso”, saquei o isqueiro e caminhei lentamente até o tecido amarelo.

“Pára! Pára! Ta loco, os caras vão linchar a gente”.

“A gente corre”, parecia razoável.

“Não, deixa quieto, é uma boa idéia, mas não pra agora. Ainda vamos queimar o povo da FAG, vai pegar mal pra eles”.

“É, você tem razão...”, ele tinha razão.

Tomamos o trem até o squat, era a tarde do Food Is Not Bombs.

• • •

No **squat** as coisas já estavam bem avançadas, o panelão foi removido para fora, assim era possível cozinhá-lo em uma pequena fogueira e economizar gás. Rapahel aproveitou pra conhecer o N4 e conversar com o pessoal, mas foi embora logo. Acendi um tabaco e sentei pra observar, ainda sentia a ressaca do 1º de maio na Zumbi dos Palmares. A primeira parte do ensopado estava concluída, era hora de acrescentar o tomate, o repolho e a proteína de soja. O vento cheirava a fome e o panelão cinza rebatia a luz do fogo. Igor e Douglas pareciam duas tias velhas preparando o bolo pros sobrinhos endiabrados.

“Isso tá muito bonito. Sente esse cheiro”, a animação de Aline era incrível.

A comida era um imenso refogado de tudo que coletamos na feira, e mais um toque de carne de soja, pra engrossar. O N4 dava o sangue naqueles legumes. De repente, a sineta tocou, o time completo do Mentis Plurais havia chegado, incluindo Patrick que eu não conhecia, e mais um

agregado que não lembro o nome. Apareceram pra dar uma força, e, apesar de uma picuinha antiga entre alguns deles e Porcão tudo aconteceu sem problemas.

“Caralho! O que rolou com a panela?”, Igor foi o primeiro a perceber.

Uma casca negra embrulhou todo o metal, a panela agora parecida de teflon. O fogo lambia até a boca borbulhante do refogado, e alguns pedaços de alguma coisa preta começaram a boiar no meio da comida. E o que era um lindo e cheiroso refogado ao melhor estilo vegan converteu-se num ensopado com aparência de diarréia pós-repolho-e-ovo, com um leve tempero à queimado. Era obvio que algo começou a dar realmente errado, e mais obvio ainda era que o erro foi ter feito um fogo tão forte e uma churrasqueira tão baixa.

“Deixa eu provar isso”, falou Porcão levando uma colher do rango à boca.

“E aí?”, perguntou Vicente.

“Olha, ta com o tempero do squat”.

“Como assim?”.

“Puta gosto de queimado”, e sorriu distraído.

Apesar de entupir o ensopado de água, o gosto de N4 não desaparecia. Estávamos num dilema: servir aquilo ou não?

“Eu acho que dá pra servir, sim. O gosto não ta tão forte”, essa era a opinião de Aline.

“É foda, eu acho que se for pra servir uma coisa ruim não vale a pena. A comunidade pode pensar que é porque queimou que a gente resolveu distribuir”.

“Tá, Igor, mas o que a gente vai fazer com essa comida toda?”.

“A gente tá em... 11. Dá pra comer isso aí”.

“É muita comida, cara, não rola, não”, interferi.

“Aaahhh, com a fome que eu to rola sim”, concluiu Porcão.

“Tô com o Porcão”, concluiu Douglas jogando a questão na tumba.

Era uma pena, a comida quase pronta e de repente a coisa toda se transforma num líquido beje-alaranjado ao tempero de legumes muito tostados. Tudo estava pronto, desde a grande faixa (feita com o tecido que protegia a janela) — “Almoço Livre. Libertação humana, animal e da terra” — até a salada de repolho, beterraba e rabanete, sem contar o dinheiro que o pessoal do N4 gastou comprando cumbucas novas pro almoço parecer tão importante quanto realmente era. O que nos restou foi comer, e comer, e comer, e comer mais um pouco, e mais ainda, e comer muito. Eu repeti oito vezes, mas ninguém chegou aos pés de Igor, Douglas e Porcão, que alcançaram a marca de 13 cumbucas. No final, já que estávamos mais para um bando de suínos gordos deitados de barriga pra cima, não parecíamos aptos pra nenhuma espécie de atividade física que não fosse roncar. O que sobrou do cozido Porcão transformou numa torta, incrementada com molho de tomate. No dia seguinte, claro.

• • •

Meu estágio no squat, e em Porto Alegre, estava terminando, mas eu ainda tinha um dever moral: conversar com o povo da COB. Mas essa não é aquela velha e forte Confederação criada em 1906 no 1º Congresso Operário Brasileiro. NÃO. Se você digitar COB no Wikipédia provavelmente terá milhares de artigos sobre

a Confederação Olímpica Brasileira, mas nada sobre a saudosa organização que iniciou seus trabalhos em 1908[1] e causou uma fusão atômica em 1917, com o marco da Greve Geral, em que mais de 2 mil trabalhadores cruzaram os braços.

Aquela SUPERNOVA que atendia pela sigla de COB jaz nas sístoles e diástoles de todos os anarco-sindicalistas, um assassinato prematuro induzido pela influência deturpada da Revolução Russa, a criação do PCB, e o início da era inacabável do reformismo patético. Ela deixou um universo de pequenas estrelas órfãs quando explodiu em milhares em íon, prótons e raios cósmicos. Durante muito tempo a COB permaneceu num caixão silencioso, cultivando a temperatura arterial da nebulosa, aquecendo em hidrogênio, hélio e pulsações apaixonadas, para, de alguma forma, em algum dia, ressuscitar como uma alma penada ao som das marchas da CGT francesa, nas cordas vocais da nova jaez operária do Brasil.

Meu objetivo era simplesmente entender de que forma ela voltou a vagar por Porto Alegre. Quem ressurgiu com a sigla foi Puigui, um sujeito com uma bela história: seu pai participou ativamente da Guerra Civil Espanhola, país no qual Puigui nasceu; no Brasil foi um militante bastante ativo, até ser preso e torturado pelo regime militar; quando solto, foi um dos criadores de um dos jornais rebeldes mais importantes dos anos de chumbo na Brasil, “O Inimigo do Rei”; entrou com um processo contra a União pelo tempo em que permaneceu encarcerado e torturado, com o dinheiro do processo comprou a sede da nova COB, a qual escriturou em testamento que deveria pertencer à Confederação Operária Brasileira para todo o sempre.

Porção era amigo de Puigui, arrumou o encontro e me forneceu um resumo do homem. Ninguém discutia a importância histórica daquele guerrilheiro libertário, mas ele era daqueles anarquistas saudosistas cuja idealização do principal agente his-

tórico ainda reside na “classe trabalhadora”, no “operariado”, no “proletariado”. E esse pessoal costuma ser um tanto xiita demais.

O problema é que durante todo o período que estive em Porto Alegre, a imagem que construí daquele homem era de alguém com imensa capacidade de se inserir — e inserir os outros - em uma grande teia da teoria da conspiração. Por isso, no momento em que parei diante da sede da COB comecei a conectar as coincidências às similitudes, os pensamentos às conjecturas, e a sacar de tudo isso um corolário conspiratório. TEORIA DA CONSPIRAÇÃO.

Ninguém atendia o interfone, e, além de latinos esguarnecidos no interior do edifício, depois de 10 minutos de dedo no botão eu já me perguntava o que, diabos, eu fazia ali. E preparava uma rota de fuga, aquilo só podia ser uma armadilha! Puigui descobrira tudo — “se tem pena, se tem duas patas, se nada e faz quack, então é somente mais um elemento da conspiração” [2] - fosforecia em minha mente esta parábola discordiana. Eu estava sozinho naquele hall quadrado a céu aberto e resolvi que era hora de tentar uma ajuda metafísica: imaginei um grande círculo no interior do lugar, talvez a simbologia mística do absurdo me guiasse até a luz — “felizes os que andam em círculos, pois serão conhecidos como rodas” [3]-, eu fui tragado, sugado, como num boquete voraz de Silvia Saint em “Private Penthouse — Best of the best”, estava definitivamente sorvido numa bolha impenetrável da conspiração. Puigui era um mago arguto, me imobilizou com um simples “roque” antes mesmo de aparecer para o embate. Peças no tabuleiro, era hora de jogar.

Mais cinco minutos de espera e Puigui chega, coincidentemente no mesmo instante que mais dois membros da COB, Willian e Abutre.

“Olá, você é Puigui, certo?”, perguntei intimidado.

“Sim, e tu é quem?”, suas palavras revelavam meu ínfimo grau de importância.

“Amigo do Porcão, ele falou contigo hoje a tarde”.

“Aahh, sim, o que ta escrevendo sobre anarquismo”.

“Esse mesmo”, comecei a bolar um estratagema.

“Entra aí”, por um momento eu me senti mais indeciso que nas dez primeiras jogadas do Xadrez, com 170 setilhões de possibilidades diferentes de movimento. Mas a inércia foi a mais forte delas.

“Vamos, entra aí, lá na sede a gente conversa”, indicou o caminho com as sobranças.

“Tá, tá certo, vamos lá”, ROUND ONE — FIGHT!

Passamos pelos dois cachorros que não cessavam de latir. A sala da COB é razoavelmente grande, mas passa a impressão de tacinhez pela imensidão de amontoados de faixas, cartazes, livros e materiais espalhados por todo lado. Mas o que mais amedronta é a luz fraca postada logo acima do ventilador de teto. Aquela iluminação rasa e intermitente roxa na memória os mais perversos filmes de seqüestro e tortura, ainda mais após eu comentar que estava hospedado num okupa.

“Que okupa tu tá?”, perguntou com certa agressividade contida, Puigui.

“No N4, por quê?”, posicionei-me na defensiva, por enquanto.

“Ahh tá, pensei que fosse naqueles outros safados”, recompôs-se.

“Okupa Ke Se Kria?”.

“Não sei nem o nome mais, pra mim ainda era Teimosia”, um naco de mágoa incandescente saltou de seus olhos intempestivos.

A desconfiança de Puigui quanto aquele gonzo-jornalistazinho que se dizia anarko era uma correnteza incrementando-se abaixo de uma garoa leve e, após este pequeno diálogo, transbordou entre suas pálpebras. Quando ele me posicionou logo abaixo da lâmpada e os membros da COB formaram um semicírculo ao meu redor, comecei a sentir-me cada vez mais um informante trotskista em missão especial do PSCME - Partido Socialista-Comunista-Maoísta-Estoniano. E quem garante que eu não era? E quem garante a conspiração? Talvez eu estivesse ali para dismantelar aquele novo gérmen anarco-sindicalista. Quem poderia afiançar minha honra? Talvez eu apenas esperasse uma chance para arrancar a jugular de cada um deles pela glória dos miolos repartidos, esmagados e putrefatos do camarada Trotski. Ou eu poderia ser um verme ruminante treinado durante décadas por alguma tendência franco-stalinista coordenada por uma superpotência nuclear vizinha à Guiana Francesa. Éramos apenas peças no tabuleiro.

“Bom, então, queria saber como a COB atua, como se organiza, essas coisas”, no princípio tudo era sombra.

“Pra começar, a COB tenta agregar movimentos de massa, pessoas que não são anarquistas. Nunca vai haver uma revolução de massa anarquista, mas pode ter uma revolução dos descontentes”.

“Mas como vocês fazem isso?”.

“A COB prima pelo sindicato livre, pela ação direta, é um sindicato de união da classe trabalhadora”.

“Bacana, mas o que vocês fazem de prático?”.

“A gente parte de um conceito amplo, aposta na AIT, aposta na continuidade histórica da AIT”, insistia.

“E?”, quatro vezes.

“A primeira grande luta é pelo voto nulo, sempre foi a luta mais forte. Mas também temos batido forte no trabalho tempo-

rário, pela manutenção e ampliação de direitos. Lutamos por 30 horas semanais”, Puigui transportava o carisma que lhe é inerente para seu discurso, que compunha como uma partitura.

Haviam me avisado: para falar com Puigui tenha tempo, muito tempo. Ele curte um monólogo, na verdade, com exceção de minhas breves perguntas, somente Puigui falava, os demais exercitavam o pescoço com movimentos verticais, no máximo um “uhum”.

“Desde o tempo do ‘Inimigo Do Rei’ a luta é pelas 6 horas, não pelas 8 horas”, pontuava com intensidade.

“Bom, Puigui, mas uma coisa eu não entendo: o anarquismo é um movimento que depende de um apoio mútuo entre os vários campos, porque vocês e a FAG vivem num clima de amor e ódio?”, esse é o ponto, eu queria umas frases explosivas, elas parecem bonitas numa reportagem, além, claro, da ânsia de compreender aquela rixa esquisita.

“Esse negócio é uma ótica trotskista. Ainda nos anos 80, lá por 86, tentaram nos botar goela abaixo uma federação anarquista, pra juntar todos os excêntricos e os anarquistas num bolo só, pra fazer uma comida japonesa”, suas mãos falavam tanto quanto ele.

“Como assim, ótica trotskista?”

“Olha, há 20 anos atrás, se tu falasse que era anarquista na rua era preso na hora. Hoje os caras tem até site na Internet, tem sede com placa na frente e não acontece nada. Isso não deve estar certo”. Talvez, mas somente talvez, sejam novos tempos, ou tempos que passaram por uma profunda cirurgia plástica. De repente, The, outro membro da COB, e também um anarco-punk, entra na sala.

“O que acontece é que a FAG foi criada por dois caras chamados Ademar Lourenço e Leonardo Moreli, surge de uma

infiltração para destruir o anarquismo pós-embrionário, pós-inimigo-do-rei, pra conter o anarquismo que tinha saído na frente da esquerda partidária”.

“Péra ae, mas a FAG tem apoio de várias federações conceituadas, como a FAU”.

“A FAG foi criada no DCE da UFRGS, um lugar que nunca se abriu pros anarquistas. E a FAU é um grupo castrista”.

“E a Luce Fabri?”.

“Ela não tem nada a ver com essa ala castrista”, safou-se.

“Mas vocês e a FAG já fizeram atividades juntos”, voltando ao ponto.

“Já, mas foi um desastre. Quem a FAG leva pra manifestação em São Leopoldo? Olívio Dutra! Assim não dá!”, suas palavras encontravam eco no absurdo da idéia. E o eco bem poderia ser real e sonoro.

“Mas você realmente acredita que a FAG recebe grana do PT?”.

“Ela é financiada pelos partidos de esquerda, também pela igreja e o escambau. A gente acha que eles são inimigos da classe trabalhadora, e nossos inimigos também”.

“E fariam algo junto de novo?”.

“Não! Nem a pau! Os caras tão com as costas quentes, antes eram filhotinhos de coral, agora são bandidões”, pronunciava aquilo com uma ponta pequena de piedade e tristeza.

“Mas e o FAO? É uma iniciativa interessante, apesar de meio cerceada”.

“O FAO é uma tentativa de hegemonia no meio anarquista, o anarquismo tem que ser internacionalista. A FAG é aliada do capitalismo, e os caras ainda são atrelados aos ditames da igreja, cadê a autonomia?”, agora apenas indignação cadenciando as frases enquanto movia-se inquieto na cadeira.

“Mas e a cooperativa de catadores? Bah, a FAG fez um trabalho de base maravilhoso com eles”, era hora de jogar como

advogado da Federação Anarquista Gaúcha, e como um legítimo informante trotskista. Enfiar o arame de ferro quente direto na uretra e aguardar as conseqüências.

“A cooperativa dos catadores da FAG não tem norma de segurança nenhuma. Como podem falar em defesa da classe trabalhadora se eles mesmos não dão a mínima?!”

“Mas eles, pelo menos, fazem alguma coisa. O que vocês fazem além de colar cartaz?”, Puigui esticou a sombrancelha direita, se ajeitou na cadeira e respondeu.

“Eles são uma extensão do papo do Palocci. O PT deu estrutura pra esses caras da FAG”, nitidamente tentava conter-se.

“E vocês fazem melhor, por acaso?”, dilatando o arame, pra fazer o aborto direto na fonte.

“Pelo menos a gente não é trabalho de base da Igreja Luterana. A COB é uma coisa de anos, desde o Inimigo Do Rei. Eles são fruto de infiltrados pra rachar o movimento anarquista”.

De repente Theu se põem no meio da discussão:

“De onde tu é?”

“Do Paraná”.

“Tá fazendo uma matéria?”, perguntou apontando pro meu bloquinho, que, aliás, só estava ali porque o gravador insistiu em não funcionar justamente naquele dia que eu tanto precisava dele.

“Segundo ele é um livro sobre o movimento anarquista, com enfoque no lado anarco-individualista”, comentou despreziosamente, Puigui. Theu havia interrompido a discussão em seu momento mais quente e Puigui parecia prever que o rumo dela nunca mais seria o mesmo.

“Ah... e tá num hotel?”, continuou Theu.

“Não, tô no Okupa N4”.

“N4?”.

“É, do Igor, do Porcão. Mas o pessoal do Mentis Plurais também dá uma força de vez em quando pro lá”.

“Mentes Plurais é aquele do Vicente e do Alyson?”, perguntou com ar de desprezo.

“Isso, por quê?”.

“Eles faziam parte do Teimosia”.

“E qual o problema com o antigo Teimosia, afinal?”, Puigui girou o globo ocular para cima e balançou a cabeça como se confirmando que eu havia sido muito infeliz na indagação. Aquela era uma loooooonga história.

“Os caras estocavam molotov no Teimosia, pra tacar em careca, em punks que não colavam com eles. Isso sim é fascismo, e o Vicente tava no meio deles”, uma estranha conexão astral uniu meu sentimento ao de Puigui, lá no fundo, apesar de nossa lonjura teórica e prática, apostávamos na mesma esperança.

“E o Okupa Ke Se Kria é a extensão do Teimosia?”, prossegui conformado.

“Parece que teve uns rachas, mas é mais ou menos isso”.

“É esse que tá com a Vila Campesina?”, questionou Puigui a Theu.

“Aham”.

“Esse Okupa Ke Se Kria é mantido pelo PT também. A luz já tentaram cortar um monte de vezes, mas nunca cortam porque deve vir da Vila Campesina, que é atrás”, comentou Puigui.

“Tudo burguesinho” completou Theu.

“O pessoal do Mentes Plurais também é assim. O Vicente andava com esses anarco-boys, prefiro chamar assim”.

Eu não conhecia o Vicente a ponto de afirmar quantas espinhas ele tem no glúteo direito, mas durante nossas longas discussões, algumas irrigadas ao bom desinibidor sináptico chamado “cerveja-barata”, pude perceber que o Vicente que Theu e Puigui dissecavam para mim não condizia em nada com aquele rapaz encantadoramente teimoso, que dias atrás insistia comigo que o Dadaísmo não era nada mais que uma

corrente de elitistazinhos esnobes posando de intelectuais vanguardistas. E dizia isso somente pra me azucrinar, apesar daquilo fazer muito sentido.

“Olha, esse pessoal do Teimosia ocupou a sede da COB por cinco meses. Usaram telefone, usaram tudo, roubaram coisas e não pagaram nada”, deferiu Puigui.

“Mas vocês eram aliados nessa época, então?”

“É, nessa época sim. Até eles acabarem com um evento nosso, um 1º de maio que a gente tinha planejado com detalhes durante um bom tempo. Levamos um prejuízo enorme”, Puigui refestelou-se na cadeira, inspirou como que se amortecendo uma lembrança magoada e finalizou, “se o movimento punk deu sustentação à COB durante um tempo, eles inviabilizaram outras tendências aqui. Ainda temos muitas seqüelas por conta disso”.

Pela primeira vez durante aquela conversa, tive a impressão de que Puigui movia as peças de maneira instintiva, não calculada. O episódio com o Teimosia realmente parece ter machucado a esperança daquele homem tão arguto e inteligente. Era como se por uma única vez ele tivesse cedido de atrás de sua ortodoxia anarco-sindicalista e o tivesse decepcionado profundamente. Se eu tivesse toda aquela história de luta e todo aquele conhecimento pesando em minhas vértebras, provavelmente seria muuuuuuuuito mais rabugento que aquele Puigui que conheci nessa breve conversa. Eu tinha a impressão que atrás daquele olhar caído e desconfiado, Puigui ainda era o principal conhecedor do movimento anarquista na região. Nossos gênios não casaram, definitivamente, e não tinha nada a ver com o traje social dele ou com meu modelito pouco autêntico. Era uma questão de prioridades, e, acima de tudo, respeito: apesar de nossas prioridades libertárias serem bastante distintas, não

há forma de não se respeitar um senhor como ele, com todo um histórico cintilante que acabaria com qualquer frase mais agressiva com que eu tentasse atacá-lo. Mas não seria por isso que eu deixaria de tentar, afinal.

“Bom, acho que é isso, desculpem, mas já tô no meu horário, senão o trem fecha e eu perco o último”, finalizei enquanto olhava pros números 22:47 em meu celular.

“Tudo bem. Bom, que pena que tu não pode ficar mais. Tinha muito o que te contar ainda”, certamente tinha.

“Fica pra uma próxima”.

“Eu te levo de moto até a estação, fica tranquilo que tu não vai perder o trem”, falou Theu, um cara que me lembrava antigos amigos punks de Curitiba, com os quais eu havia discutido por conta da mesma ortodoxia que contornava Theu, mas que por algum motivo esquisito me fazia simpatizar bastante com ele.

Achei que precisava manter meu auto-imposto disfarce de informante trotskista do PSCME aliado dos franco-stalinistas vizinhos à ameaçadora Guiana Francesa até o fim. Por isso levantei calmamente e passei a arrumar minha mochila enquanto fitava de butuca uma bandeira branca da COB. Puigui começou a entregar-me inúmeros informes, periódicos e livretos da COB — “Pega mais esse aqui, ‘COLETIVISMO’, pra tu entender melhor a Confederação”.

“Beleza, e aquela bandeira ali?”, indiquei já com más intenções.

“A gente tem poucas daquela”.

“Ah... tranquilo”, esquivei.

Comecei a dobrar meus presentes sob o olhar atento dos demais membros. Quando as miradas debandaram pra come-

çar um debate interno aproveitei e rapidamente soquei a bandeira da COB no bolso direito, da mesma forma como faria um experiente informante trosko se quisesse raptar um souvenir indulgente. Ela decoraria durante meses a parede de minha caverna, aquecendo minha memória sobre aqueles que ainda ativam o anarquismo. Aquele era meu legado junto à nova COB, pois ainda existia, ainda deveria existir, em algum canto sombreado por toda aquela bagunça, ali na espreita do tempo, como um Durruti romântico apontando uma granada de flores ruivas no cerebelo daquele apartamento, era possível que da combustão renascesse a SUPERNOVA!

Notas

[1] Apesar de ter sido criada em 1906, começou a atuar apenas dois anos depois.

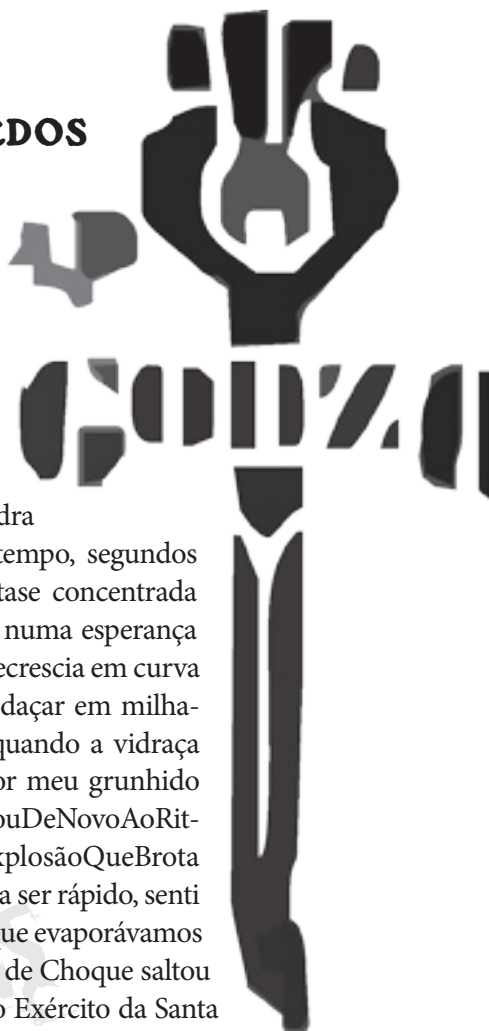
[2] Aforismo discordiano.

[3] Aforismo discordiano.

CAPÍTULO IV

BALACLAVAS EM: OS ESTILINGUES DE PARALELEPÍPEDOS

Estávamos lá, em algum ponto entre a neurose e a obsessão, a dois passos do miocárdio, a um suspiro da redenção. Meu braço circundando calmamente o arco da catapulta, a pedra em vôo tranqüilo desacelerando o tempo, segundos coagulados como horas, minha cartase concentrada em ódio, a incerteza fragmentava-se numa esperança de êxtase vingativo, enquanto lento decrescia em curva o pequeno paralelepípedo, até despedaçar em milhares de pequenos vitrais apressados quando a vidraça do Banco Sudameris se dilacerou por meu grunhido de liberdade. De repente, TudoVoltouDeNovoAoRitmoAlucinanteDaFuga,ComoUmaExplosãoQueBrotadoSilêncioESugaAEntropia. Precisava ser rápido, senti o salgado do suor nos lábios, e sabia que evaporávamos juntos debaixo da balaclava. A Tropa de Choque saltou detrás da neblina de pimenta como o Exército da Santa



Aliança em dia de simonia, precipitando os segundos já antecipados, e atijando ainda mais a revolta que apertava nossos músculos com toda a força que uma ideologia pode suportar. Salivei um último espasmo incandescente antes de apertar as pálpebras e despertar no flash da lembrança.

• • •

Guto parou a Kombi na exata linha que transformava o estacionamento público em área restrita da Justiça Federal. A conversa girava sobre a ocupação da USP e a vitória do Grêmio na semifinal da Libertadores da América, um pequeno ecletismo temático para não escorregarmos numa masturbação tautológica. Deixamos as mochilas no veículo e tomamos a direção da Paulista. Vesti a blusa ao contrário, escondendo os patches, e posicionei a balaclava no bolso interior, era melhor evitar qualquer semelhança com BO antes de tudo começar.

A Paulista parece um recorte do sonho progressista brasileiro, um pitoresco clarão de primeiro mundo na sarjeta subdesenvolvida. A avenida mais famosa do país se fazia avulsa a qualquer universo que não fosse sua corriqueira bizarria “economisúista”, e estava bastante tranqüila pra um dia de feriado.

Na frente do MASP nenhuma movimentação ostensiva fora uma grande fileira de pessoas destacadas de qualquer informação sobre qualquer tipo de protesto. Apenas aguardavam a vez para conhecer a amostra dos trabalhos de Darwin, expostos ali há algum tempo. Resolvemos dar um giro, e aproveitamos para comprar o último exemplar do “O Lance” e deliciar a classificação do meu tricolor gaudério para a final da Libertadores enquanto tomávamos um café.

Algum tempo depois retornamos para a frente do MASP. Alguns exemplares libertários já davam as caras por lá: ao fundo,

três grupos de umas cinco pessoas certamente matavam tempo esperando a aglutinação; ao lado do final da fila para a exposição de Darwin, quatro meninas e um menino aguardavam com faixas e cartazes enrolados, eles pareciam bastante pacíficos e isso me deu medo; na calçada do museu uma aglomeração de nove punks caracteristicamente trajados era o referencial absoluto de que estávamos no lugar certo.

Não existe dentro do anarco-individualismo nenhuma confraria que centralize a organização de protestos, marchas ou caminhadas. A informação circula através de pequenos coletivos descentralizados e se difunde pelos contatos face-a-face, informes, zines e conversas espalhadas pelos cantos, formando uma imensa rede em que todos são co-autores dos eventos. Esta talvez seja uma das jóias anarco-individualistas que o torna tão peculiar em sua eficiência como aparentemente desorganizado e egoísta. A horizontalidade fornece uma beleza toda especial ao anarquismo, que transmuta qualquer um de seus eventos em possíveis roteiros kafkianos. No mais, as nuvens brincavam estáticas em um dia que o céu estava ligeiro. Gris e ligeiro.

“Cara, vendo esses punks eu lembro que por muito tempo tive um *affer* com esse estilo de vida, entre *aspas* o estilo de vida, por favor”.

“E não tem mais?”, sentamos ao lado do grupo com faixas e cartazes.

“Sei lá, depois passei por um período de repúdio total, não suportava nem ver um na frente, eles sempre fodiam com todas as organizações que eu tava no meio”.

“É, eu sei lá”.

“Mas isso foi arrefecendo e aí eu comecei a achar que eles eram só o resto, o que sobrou de um movimento morto, como esses hippies *naturebas* por aí”.

“Esses são chatos...”.

“É, são mesmo. E aí fui pra Porto Alegre, e lá, caralho, os punks fazem o movimento squatter, um negócio tão bonito, são eles que levam adiante, que tem peito pra levar adiante”, por um momento o N4 resvalou em minhas lembranças, a marcha anti-G8 de POÁ contaria com eles.

“Isso eles tem mesmo, pode ter certeza”, Guto dissecava os personagens ao nosso redor, ele é daquelas pessoas que instintivamente aprisionam todo o contexto com a delicadeza de um olhar.

“Não sei, quantitativamente falando eles são indispensáveis pro anarquismo, mas talvez tenham algo na essência que os faça especiais... mas só talvez”, enquanto conversávamos, um novo grupo de anarco-punks surgiu, eram em torno de cinco homens e duas mulheres. Dois deles me chamaram a atenção: um bastante magro e alto, trajando calças negras forradas de patches variados, uma camiseta branca e, por cima, uma blusa bege sem mangas que parecia muito pesada pela enormidade de rebites de metal refletindo o cinza daquela tarde, além de um moicano cor de ovo podre muito alto e pontudo; o outro, já mais baixo e gordo, mas com o penteado idêntico, vestia uma calça entre bege e verde-militar, com alguns patches, uma camisa cinza e uma blusa de lona com mangas curtas e vários rebites semi-oxidados. Eles pareciam de mal humor, e miravam com ódio inclusive os demais anarquistas que por ali tratavam de conversar e conhecer-se. Mas cordialidade não era com eles, que se enclausuraram numa bolha particular e lá de dentro disparavam seu rancor (a)rebitado. Talvez eles fossem mais anarquistas que todos ali, mais punks que todos ali. Porém, com toda certeza, aqueles dois punks de boutique falida eram os mais estúpidos-idiotizados dali, mas isso nós só descobriríamos tarde demais.

A marcha estava marcada para as 15 horas, mas já passava 30 minutos deste horário. Foi quando três viaturas da Polícia Militar estacionaram ao nosso lado. Sete policiais saltaram, três

deles posicionaram-se atrás dos carros enquanto os demais tentavam dialogar com o grupo anarco-punk que jogava conversa fora em frente ao MASP.

“O que será que eles tão falando?” perguntei por perguntar...

“Não sei, mas... com certeza eu responderia qualquer coisa que não causasse atrito”.

“Por quê?”

“Repara lá”, e indigitou movimentando sutilmente o nariz, “são três policiais, o que ta conversando ta de boa, os outros dois mais atrás tão com a arma fora do coldre, com a mão na arma e o dedo no gatilho, tão preparados”.

“Caralho, é verdade”, pistolas de oito disparose semi-automáticas.

“Sei lá, vai que tu escorrega, ou faz um movimento mais brusco, é capaz de eles te acertarem”, quase sussurrava.

“Despreparados do jeito que são é capaz mesmo”, mas foi um papo rápido, sem maiores demoras as viaturas se foram... pro outro lado da rua.

O mais interessante é que o carro de reportagem da Rede Globo chegou antes que a própria polícia, que naquele momento já purpurinava toda a calçada oposta da Paulista, e exibiam-se em várias motos, carros, homens e mulheres envernizados que não portavam armas de contenção, o que começou a me deixar apreensivo. A lembrança de Giuliani e Brian Wills ainda amedronta o ódio de qualquer manifestante, e a morte de ambos só aconteceu porque a polícia teima em despreparar-se cada vez mais. Nenhum policial aparentava possuir armamento adequado para a ocasião, mas desfilavam com revólveres e escopetas carregados, deixando bem claro quem daria as ordens ali.

Guto resolveu peregrinar pelos arredores para conhecer o pessoal, que ainda não somava duas centenas. Aproveitei pra me aproximar do grupo anarco-punk e saber da conversa com a polícia.

“Opa, beleza?! Ô, qual era a dos policiais?”, interfeiri cautelosamente enquanto percebia o hardrock anos 80 afastando-se.

“Eles queriam saber sobre o que era o protesto e pra onde a gente ia marchar, pra poder fazer a escolta”, responde um com camiseta do Sin Dios.

“E vocês falaram o que?”

“Que a gente não sabia, e é verdade, não foi definida a rota ainda”.

“É verdade, já já a gente se reúne pra ver isso. Até mais”.

Duas pequenas multidões iam formando-se no mesmo espaço: a dos libertários e a dos amantes de Darwin. Era interessante observar como aquela classe média pomposa exalava um certo temor postada bem no meio de um bando de malucos com bandeiras negras. Mas também era interessante saber que eles eram nosso escudo de proteção, já que a Polícia não seria estúpida suficiente pra entrar em confronto antes de começarmos a marcha. Ela não faria isso sabendo que o que separava ambas as tropas eram vários senhores honrados que pagam seus impostos em dia. E muitas crianças inocentes, que nada tinham a ver com aquela patacoada toda. A classe média sempre foi o dique de contenção de qualquer levante mais violento, a parede de espuma que amacia os conflitos e nunca se decide de que lado está. Uma imensa massa cagada em privadas de prata que se perpetua na indecisão entre declarar-se mais uma maldita puta estuprada, ou agarrar-se ao fio de esperança sempre circunstancialmente quase-acessível de emergir a explorador bom-vivant. Eu sou parte dessa mal-

fadada classe média, e talvez estivesse ali fazendo um jogo duplo inconscientemente, apesar de ter absoluta certeza em quem atirar se fosse preciso.

Comecei a desvirar o moletom enquanto avistava o pessoal da okupação da USP chegando atrás de uma grande bandeira rubro-negra. Eram umas 10 pessoas, todas conhecidas, entre elas o exército de palhaços, encabeçados por Mogly, além de Delírio e Cássio, que trazia a bandeira hasteada num comprido pedaço de madeira.

“E ai, povo?! Pensei que não vinham mais”, felicitei animado com a chegada deles.

“Porra, pouca gente, essa não é a maior cidade da América do sul?”, indignou-se Delírio ajeitando o skate que levava grudado às costas como uma mochila.

“É, com esse numero de pessoas fica difícil partir pro embate, mas dá pra fechar a Paulista por alguns minutos”.

“Tá ae faz tempo?”, subiu numa mureta pra conseguir uma visão mais precisa do contingente.

“Uma hora e pouco, mais ou menos. E nesse tempo já cresceu bastante o numero de pessoas”.

“É, mas tem gente indo embora”, e apontou para o grupo daqueles dois punks de boutique falida. Aparentemente batiam em retirada...

“Pois é, aí fica mais difícil ainda”, constatação equivocada, mas eu ainda não sabia disso.

“Eles devem tá indo comprar bebida, tem gente que gosta de beber antes de manifestações”, saltou da mureta.

“Eu acho uma besteira, particularmente”.

“Eu também, tem hora pra fazer isso, esse negócio exige um pouco de comprometimento”.

“É, concordo, mas parece que eles não. E essa câmera aí, vai registrar tudo e jogar na tv livre?”, Delírio tinha na

mão uma filmadora digital, provavelmente vinda direto de algum caixote da USP.

“Tem que filmar o lance né!”, odeia a mídia — torne-se a mídia, como repete o slogan do CMI.

“Tá certo, também vou tentar tirar umas fotos, se der tempo”, sentei-me na mureta.

“Vou dar um giro por aí”.

“Vai lá”.

Mogly arrebanhou mais um palhaço para seu esquadrão, e a medida que o pintava e acoplava o nariz vermelho, o clima no lugar começava a colorir-se de uma tensa animação.

Cássio se aproximou, era a primeira vez que conversávamos no mesmo plano de realidade. Ou pelo menos numa gradação similar.

“E essa bandeira, tirou da frente da rádio?”, segurei-a pela ponta, era um tecido resistente, gelado e liso.

“É, um empréstimo”, contraiu as bochechas.

“Mas a haste eu não tinha visto por lá”.

“A gente arrancou de uma sala na reitoria, tava com a bandeira do Brasil, olha só, madeira bruta”, e bateu na haste com os nós dos dedos.

“É, e onde quebrou ficou uma ponta bem interessante. Mas ela ta muito grande, você não vai conseguir usar isso pra dar na cabeça de ninguém”.

“Por enquanto deixa assim, se precisar a gente diminui”.

“Vocês se reuniram na Prestes Maia mesmo?”.

“É, quase que a gente não chega aqui”, Cássio sentou-se deitou o pano libertário no piso e esticou as pernas.

“Por quê? Acharam um bar barato?”.

“Que nada. A gente não queria pagar a passagem do ônibus, aí entramos pela porta do fundo, mas o filho da

puta do motorista tentou arrancar e o Mogly quase caiu. Aí o cara chamou uma policial que tava ali por perto”, estralava os dedos compulsivamente.

“Viiixxxiii, e aí?”, engatei.

“Ela veio toda cheia de si, botando banca, xingando a gente, aí o Mogly começou a brincar com ela, ele já veio vestido de palhaço, e a policial maluca queria prender ele”.

“Por quê?”

“Desacato, mas a gente não deixou, puxamos ele e o Delírio começou a filmar tudo”.

“Aí ela deve ter ficado puta da cara”, massageei a balaclava no bolso, ela tiritava de angustia.

“Ela mandou ele desligar a câmera, se ele não desligasse ia prender todo mundo. Mas o Delírio disse que aquilo era espaço público e ele podia filmar o que ele quisesse”.

“Esse brasileiro argentinado é um barato!”

“No final pegamos outro ônibus e viemos fazendo um TP, cantando mantras a viagem toda enquanto o Mogly brincava com os passageiros”, antes que Cássio pudesse prosseguir a história, uma movimentação mais apressada chamou nossa atenção. A armada de palhaços recomeçou as traquinagens, agora o alvo era a fila de entrada pra amostra do Darwin. Mogly e seu exército eram certamente os mais pacifistas dali, queriam simplesmente passar sua mensagem com muito bom humor, cutucando a ferida no-sense que jorra pus no coração de cada um. Não demorou muito pra surgir um mega-fone e chamar todos para a parte de trás do MASP, era hora das deliberações gerais. Aproximadamente 100 libertários formaram um círculo e as propostas começaram a surgir.

“Olá pessoal, eu sou do Ativismo Poético. Olha só, a gente tá numas 75 pessoas aqui, mais ou menos, só do outro lado da rua deve ter uns 300 policiais, isso dá três po-

liciais pra cada manifestante, ou seja, não é situação pra subir pras cabeças, vamos tentar alguma coisa menor, passar nossa mensagem, mas hoje não dá pra subir pras cabeças”, o mega-fone era passado de mão em mão, e as vozes iam costurando o entendimento.

Um garoto, de mais ou menos uns 16 anos, com cara de surfista de fim de semana, mas com um visual meio grunge tomou a palavra: “Eu acabei de passar pelas ruas atrás da Paulista e tem muita viatura por lá, muita mesmo, tô falando sério, se aquela tropa toda subir fica uns 10 policiais pra cada um de nós. É melhor a gente não entrar em confronto, a menos que eles comecem”.

Cássio começou a rir sutilmente, parece que ele teve uma boa idéia.

“O que foi?”, cochichei.

“A gente podia fazer uma orgia coletiva no meio da Paulista. Seria um protesto pacífico, oras”, acentuava a entonação com seriedade.

“É uma boa idéia, Hakim Bey ficaria orgulhoso de um súdito como você”.

“Mas ia ser bacana mesmo”, cutucou-me com o cotovelo.

“Não sei não, tem muito homem aqui. Mas a gente podia encontrar a passeata de Deus que vai rolar hoje também e botar as beatas na roda, elas devem tá loca pra dar”, de repente, uma menina sentada ao nosso lado, que ouvia descaradamente o papo, se alvoroçou.

“Seu machista de merda!”, resmungou agressivamente entre-dentes.

“Calma! Calma, coração!”, afastei-me um pouco.

“Calma o caralho!”, ela parecia furiosa detrás daquelas bochechas enrijecidas circundadas por belas e longas madeixas negras.

“Você fala isso porque tem dois buracos né! Não é o SEU cuzinho que essa homarada vai querer comer”, olhei pra Cássio que desatou a rir.

“Você é um homofóbico!”.

“Mas eu não era machista?”.

“Machista e HOMOFÓBICO!”, pausadamente pronunciada a última palavra.

“Relaxa benzinho, tava só brincando, tem um monte de machos gostosos por aqui, tô precisando mesmo de novas experiências”, tentei salpicar um pouco de sacanagem.

“Agora você parece uma bicha enrustedida”, prosseguiu ríspida.

“Mas vai dizer que você não gostou da idéia da orgia?!”.

E então, mais que tranqüilamente ela afrouxou os músculos faciais e exibiu um belo sorriso, “relaxa garoto, tava só te zoando”.

“Junior, ela acabou com você!”, Cássio não conseguia se controlar.

“Você é atriz ou coisa assim? Parecia de verdade feminista cristã do PSOL”.

“Não, não, faço parte de um coletivo anarquista da zona leste”.

“Mas agora falando sério, será que ninguém aqui quer comer a gente não? Eu não tava brincando a respeito de novas experiências”.

“Pega o mega-fone e pergunta. Uma orgia de vez em quando não faz mal a ninguém”, ela era encantadora.

“Não, não, eu sou muito tímido, e a idéia não foi minha”, mirei Cássio.

“Nem olhe pra mim, Junior, minha parte é ter a idéia, e só isso”.

Enquanto a discussão seguia em torno do pacifismo e da rota da manifestação, Guto reapareceu preocupado.

“Opa, é o Cássio?”.

“É, ele mesmo”.

“E ae Cássio, tudo bom?”.

“Tudo beleza”.

“Ele tá são, de verdade?”, Guto pareceu surpreso.

“Pra você ver, como diria Oscar Wilde: ‘tudo tem sua hora’”.

“Oscar Wilde disse uma asneira dessa?”, perguntou Cássio.

“Sei lá, deve ter dito, ele disse todos os aforismos possíveis e imagináveis”.

“Agora é sério, esses P2 tão me incomodando, tem um cara mais velho, de barbicha, um de branco e um tirando foto”, esse último portava uma câmera profissional digital com uma grande angular e deve ter feito um book de cada um dos manifestantes, tamanha a voracidade com que disparava o diafragma. Pensei em pedir o numero dele pra mandar as minhas pra alguma agência de modelos da Europa Oriental, mas achei que ele não entenderia meu desejo nórdico.

“Pode crer, tem mesmo. Mas a gente não pode fazer nada, é espaço público”, comentou Cássio.

Estranhamente, uma onda de indignação tomou conta do lugar, era absurdamente óbvio que havia três policiais infiltrados ali. Eu acho que a Policia nunca vai aprender que estereótipos só funcionam em cliques do Twisted Sister. O rapaz do Ativismo Poético tomou novamente a palavra.

“Olha só, todo mundo tá vendo os P2 aqui, a policia agora tem o GRADE, que é um setor especializado em se infiltrar em manifestações, então vamos tomar cuidado”, esse novo setor precisa urgentemente ler toda a coleção de Frederick Forsyth, quem sabe eles aprendam alguma coisa.

Mogly pediu o mega-fone e caminhou até um dos policiais infiltrados. “Olá meu senhor. Ta gostando da reunião? Quer um cafezinho?”, o homem de barbicha continuava compenetrado. “Quem sabe um pão de queijo? Agora diz pra gente, de que polícia você é?”

“Eu sou libertário”, e soltou um sorrisinho maroto, “mano”.

Havia um consenso no ar que nos garantia que aquele patético intento policial não poderia ser levado a sério, eles não seriam capazes de planejar aquilo, mas se planejaram certamente o coeficiente intelectual deles beirava alguma forma monocelular de vida anaeróbica, que me perdoem os seres monocelulares anaeróbicos. O rapaz do Ativismo Poético retomou a palavra.

“Mas tem uma coisa: se um de nós for pego, os que estão perto têm que ir pra cima, não importa se for 10, 15, 20, não pode deixar levar, chuta, joga molotov, o que for, mas não deixa levar. Na última manifestação eu e mais dois amigos fomos pegos, e eu nunca apanhei tanto na vida. Então, olhem bem quem ta perto de vocês e não esqueçam de ajudar quando for preciso”, ajeitou a boina preta que pendia sobre as sobancelhas.

O numero de manifestantes continuava se incrementando, e o circulo começava a tomar a proporção ainda modesta de duas centenas. Enquanto o rapaz seguia sua argumentação, um senhor que lembrava muito Paulo Coelho em seus tempos rock’n roll apareceu sorridente.

“Olha o estilo daquele cara, maior bacana!”, apontei em tom de elogio.

“Se liga, cara, mais respeito, aquele é o Renatinho da FOSP”, gritou um anarco-punk sem o menor senso de humor.

“Ah, droga! Pensei que eu fosse gostar dele!”, matutei silencioso.

Logo atrás do membro da FOSP pude ver o retorno daquele grupo anarco-punk que pensávamos que havia se retirado, e, entre eles, os dois punks boutiquentos. A cápsula rancorosa do bando rapidamente foi acionada, e seu campo desconexo recomeçou a pulsar desprezo. Uma garota morena, de camiseta azul tomou o mega-fone.

“Olha só, ninguém tá aqui pra lutar por direitos. Direitos são coisas que ensinaram pra gente que é bom. Direito é uma coisa que o estado te dá, e eu não quero nada do estado, eu quero ACABAR com o estado. A gente tá aqui pra dar seqüência a uma luta que acontece no mundo todo, por uma retomada de consciência de protesto. E do jeito que a coisa ta hoje, não tem porque a gente entrar em conflito, os policiais também são um bando de trabalhadores explorados, talvez os mais explorados, porque eles pensam que tem algum poder na mão, pensam que são mais que os outros trabalhadores. Então, vamos com calma. A última coisa que eu quero falar é que a gente precisa decidir a rota, tem uma proposta de ir até o consulado alemão, mas hoje é feriado e ele tá fechado. Acho que a proposta de irmos até o Banco Central é melhor, tem que colocar isso em votação”, e passou o mega-fone para as mãos garoto do Ativismo Poético, que já era tacitamente o mediador da assembléia espontânea.

“Bom, tem outro detalhe, não tem muita gente aqui, então marchar uma distância muito grande pode dispersar o lance todo. O consulado alemão é longe, mas o Banco Central é aqui na Paulista mesmo. A gente pode marchar bloqueando um lado da avenida e segurar a marcha nos semáforos até ele ficar ver-

melho, aí a gente faz a panfletagem, passa a mensagem de forma bacana, rola um terrorismo poético e a polícia não vai ter por que partir pra cima, porque a gente não vai tá fazendo nada ilegal. Quando a gente chegar no Banco Central aí os grupos agem como preferirem, tem um Mc Donald's próximo, um monte de bancos, aí melhora a organização de qualquer coisa", finalizou sinalizando um possível confronto.

As propostas seguem para votação, e depois de mais alguns debates fica decidido que a marcha irá até o Banco Central pela pista direita da Avenida Paulista. Também se acordou que não haverá violência até o protesto chegar a seu destino, mas em frente ao Banco Central cada grupo, indivíduo ou coletivo, terá liberdade de atuação. E todos esperam solidariedade.

A medida que a pequena multidão começa a organizar-se, um rapaz com feições mexicanas dá início a um chamado muito importante, ele está completamente trajado de negro, e o rosto coberto por uma bandana vermelha.

"Black Bloc aqui!! BLAAAACK! Quem é black aqui! Aqui no canto, vamos organizar as fileiras! Rápido! RÁPIDO!!", meneava os braços demarcando sua posição.

Era este convite que eu tanto esperava, aquelas palavras ecoaram em meu canal auditivo e varreram minhas pulsações elétricas numa maré desequilibrada de temor e ansiedade. Saquei a balaclava do bolso e me cobri com o anonimato que se aqueceu nas montanhas de Chiapas, nas ruas de Seattle, Washington, Gênova, Praga (...) e agora desabrocham em Heiligen-damm, umbigo da Europa. Em torno de 30 homens atenderam à convocação, entre eles eu, Cássio e Guto, que já estavam com as bandanas vermelhas equilibradas sobre as maçãs do rosto.

“Tá certo Black Bloc, eu preciso de cinco voluntários pra linha de frente. Vamos pessoal, jogo rápido, cinco pra linha de frente!”, Cássio movimentou, com muito receio, o pé direito para o norte. “Tudo bem, você que tá com a bandeira fica na primeira fila da direita. Isso, agora deem o espaço de um antebraço entre cada um de vocês. Ae, legal”, eu percebia a hesitação nos olhos de Cássio, a linha de frente é o ponto mais vulnerável, o anteparo humano que protege as demais fileiras e a última a debandar em caso de necessidade. E ele sabia disso. “Agora eu preciso de mais cinco pessoas pra segunda linha, e assim por diante. Vamos lá, se organizando, depressa que o pessoal já ta saindo”, caminhei até as costas de Cássio enquanto o aspecto de Guto transitava do desejo vingativo de seguir ao terror do cenário de um provável confronto.

“Eu vou ali com os palhaços, encontro vocês mais adiante”, e Guto desapareceu no meio da marcha antes mesmo que eu pudesse segui-lo com os olhos.

“Aí Cássio, to logo atrás de você”, recostei a mão em seu ombro, ele tremia delicada e corajosamente.

“Beleza, cara, matem a formação”, disse sem mover-se.

“AEE, vamos marchando atrás do tambor. Mas, pêra ae, quem tem idéia aí? Alguém tem idéia na mochila, no bolso?”, dois que estavam na primeira fileira tinham ótimas idéias, pelo que pude perceber se tratava de um molotov e de uma bomba de cálcio. “Ta certo, vocês que tão com idéia é melhor ficar na fileira do meio, alguém vem pra linha de frente pra compor, depressa”, proteger a artilharia, agora era imprescindível que alguém sacrificasse seu medo.

Aquela era uma situação complexa debatendo nos processos psico-químicos de minha anatomia. E Hamilton Ribeiro estava certo quando afirmou que quem tem anatomia tem medo,

o suor gélido que umedecia meus dedos não deixava aquele velho repórter mentir. Eu era quase um principiante dentro dos Black Blocs, aquela seria minha segunda experiência nesta tática de guerrilha urbana. E eu sabia que na primeira vez, na Alameda em Santiago de Chile, entre a “Casa de la Moneda” e a “Plaza Itália”, tínhamos em nosso costado uma multidão de cerca de 100 mil chilenos comemorando a morte de Pinochet, eles postavam-se como nossa salva-guarda, como de fato o foram. Uma circunstância completamente ao revés quando se tem no máximo 250 manifestantes, grande parte pacifista, cercados por mais de 400 policiais bem armados. “A esperança é o vício dos fracos”, escreveu algum filósofo derrotista, e tive que esquecer disso quando dei um passo a frente e aceitei o primeiro posto da terceira fila. Ou seja, a posição central da linha de frente. Eu seria, sem a menor sombra de dúvida, o primeiro flanco mais cagão da história dos blocos negros.

“Tudo bem, em marcha, ao som do tambor! BLAAA-ACCCK! Não esqueçam de lembrar das pessoas que estão ao seu redor, você pode precisar delas e elas de você! BLACK BLOC! Mantenham formação, não debandem, em fila, mantenham o espaço entre as filas! Marchando!”, coordenava ainda com alguma dificuldade em manter a tropa negra coesa, todavia. Cássio hasteava a bandeira anarquista bem no alto, e ela de lá latejando como um coração com elefantíase fazia uma cartática onda inundar a todos, a todo o momento, uma estranha e universal sensação de que o que estávamos fazendo era o certo brotava do esôfago. Uma estranha e universal sensação que alguém precisava fazer alguma coisa, que nós ao menos tentávamos, mesmo que ninguém entendesse o porquê, mesmo que ninguém aceitasse nossos métodos, nós tentávamos!

A polícia bloqueou o trânsito e formou um corredor de motocicletas a nossa esquerda. Era um pequeno jogo de xa-

dre: as motocicletas teimavam em nos espremer e conter o avanço Black bloc com investidas em diagonal, mas, ao mesmo tempo, eles eram um alvo fácil quando se distanciavam dos demais. Nossa tropa seguia exatamente no meio da marcha, e, para além da linha de motocicletas, Delírio filmava a movimentação enquanto o rapaz do Ativismo Poético lia pelo mega-fone palavras que fugiam de minha capacidade cognitiva, mas soavam realmente empolgantes. Caminhávamos há uns dois minutos ao som de “o punk na rua, a luta continua”, e também “o povo unido governa sem partido”. Quando a polícia tentou controlar um pouco o ritmo da marcha, apertando o passo em direção a última fileira de manifestantes, o coro disparou: “você aí fardado também é explorado”. Em sentido oposto à troca de agressividades, o exército de palhaços testava a paciência dos meganhas motorizados, pedindo pra dar uma voltinha grudadinho na garupa, distribuindo beijinhos, lambidas no cangote e arrancando alguns sorrisos brilhantes daqueles que se dispunham a defender o sistema. É a magia do terrorismo poético, a inversão das (im)possibilidades, a felação do deus lúdico jorrando do sêmen da escolástica mumificada a carnificina cartesiana e a gonorréia neurastênica do empirismo. Um exército de palco que mais parecia marchar ao som de “Anarquia” de Ronnie Von.

Enquanto o rapaz com feições mexicanas ajudava Cássio a organizar nossas fileiras, olhei para a direita e vi Mogly ao lado de mais um palhaço dirigir-se ao Mc Donald’s. A gritaria acometida começou a arranhar a moral de quem degustava um sanduíche frito com o sangue da carestia, mas os consumidores do fast-food desempenhavam bem seu papel e pareciam realmente estar pouco se fodendo praquilo tudo.

Mogly entrou no Mc Donald’s e eu já não sabia quem era o mais palhaço por lá. Foi quando observei, com todas as retinas de meus poros, aqueles dois malditos punks de bouti-

que se aproximando velozmente do fast-food. A ultima fileira de manifestantes distanciava-se poucos metros do cordão policial, que os cercaria como tubarões ao redor de um cardume de sardinhas! FILHOS DA PUTA! O último ruído em velocidade normal que ouvi foi a vidraça da frente do Mc Donald's estilhaçando entre os coturnos daqueles dois. Duas bombas de gás lacrimogêneo rapidamente flanaram sobre nossas cabeças e despencaram a menos de cinco metros adiante transformando tudo numa névoa ardente.

“Black !! Vamos manter formação!! SEGURA!! NÃO CORRE!!! NÃO CORREEEEE!!!!!!!”, eu e o rapaz a lá mexicana tentávamos, em vão, manter a formação da tropa.

Consegui manter a calma e segui caminhando lentamente, mas corria o risco de ser atropelado pela multidão a qualquer momento. Cássio atravessou voando ao meu lado e passou com a ponta da haste a dois centímetros de meu supercílio direito. Foi então que percebi que a Policia estava muito próxima, e que todos os companheiros logo atrás de nós já haviam sido cercados. Era melhor correr. Grande parte da marcha invadiu a pista esquerda da Paulista e, assim, declarou-se avulso ao restante da manifestação. Eu segui o fluxo que ainda não queria desistir, e giramos a direita na primeira perpendicular. Havia umas 50 pessoas ali, dispostas a retornar.

“REAGRUPA. NÃO DISPERSA!! VAMOS PRA PAULISTA!! REAGRUPA!!!”, bradavam vozes dispersas.

Duas senhoras com três crianças se viram de repente no meio da correria de um bando de encapuzados, estavam apavoradas, e apavoravam ainda mais as crianças.

“O que tá acontecendo ?? Ai meu Deus, minhas crianças!!”, assustada, movia-se compulsivamente.

“Calma senhora, olha, não dá pra senhora ir pela Paulista agora, a polícia tá jogando gás, é melhor vocês retornarem por essa rua e ficarem afastados um tempo. Vai logo!”, aconselhei tentando parecer calmo.

“Mas eu tenho que pegar o ônibus na Paulista, olha moço, as crianças tão chorando!”, o nervosismo enrijeceu seus músculos e movimentos, agora ainda mais grosseiros.

“Agora não dá! Tá tudo parado na Paulista, é perigoso senhora! Volta logo e fica o mais longe possível daqui”, dessa vez ela entendeu meu recado e puxou as crianças e a outra mulher para o leste.

Os manifestantes se reorganizavam, e um Black Bloc apanhou uma pedra do chão diante de mim. Achei uma boa idéia e segui o exemplo, alocando o pequeno paralelepípedo no bolso.

“Segura mais essa, cara, é bom ter munição guardada”, e o desconhecido me entregou outra pedra enquanto ajeitava a balaclava.

“Valeu, velho, agora vamô lá de uma vez!”, quando ele seguiu seu rumo correndo de volta à batalha eu deposei a pedra que ele me havia dado no mesmo lugar onde estava. Deveria ser um ataque ímpar, singular, uma única explosão iniciática, cartática! Sem mais.

Como um vendaval negro voltamos pra Paulista, a nossa frente uma tempestade de pedras, paus, vidros e bombas lavavam o caminho. A polícia recuou um pouco, e um casal que participava da manifestação avançou completamente sem rumo.

“Me tira daqui! ME TIRA DAQUI! O que que eu faço?! Me tira daqui, caralho!!”, gritava a menina.

“Calma, calma, a gente encontra uma saída”, tentava tranquilizá-la o namorado.

“Corram pra trás do bloco e desçam, acho que é a melhor saída”, tentei ajudar, no momento que eles dispararam sem ao menos um “obrigado”.

Mas, sem muita demora, entendi a urgência do casal: a tropa de choque fora acionada, era por isso que a polícia havia recuado um pouco. O exército da Santa Aliança se armou em disparada, ressoando na batida intermitente das botinas no asfalto e dos cacetes nos escudos. A névoa ardente encandeia as retinas, minha garganta umedecida em lava e o martelo que despedaçava minhas têmporas compunham a força química que tentava me desacordar. Não era hora pra isso, não estava disposto a ser espancado por uma corja de ogros uniformizados, muito menos perder a chance de um espasmo de êxtase vingativo. Senti o pequeno paralelepípedo pesar no bolso, era hora de disparar meus músculos como estilingue, como havia imaginado desde o momento que cheguei em São Paulo, três dias atrás.

• • •

O Sol tomava um pingado com pão de queijo quando aportei na supermegalópole sulamericana — São Paulo: uma constelação megaconurbada de carros, motos, fumaça, naves espaciais, ônibus, metrô, poluição, jupiterianos, correria, esquizofrenia, CAOS... e “adotar o CAOS não é escorregar para a entropia, mas emergir para uma energia semelhante à das estrelas”[1]. No meio de toda aquela alucinação progressista tomei informações com o Mestre Yoda trajado de guarda municipal aposentado e segui até meu hotel grátis, a Universidade de São Paulo (USP), okupada!

Quando o governador de São Paulo, José Serra, resolveu dar uma de Schwarzenegger tentando implodir a autonomia universitária ao impor decretos unilaterais esqueceu que por aqui ainda não aconteceram versões otimizadas de “O exterminador do Futuro”. E, claro, esqueceu-se que não tem metade daqueles músculos de hormônios equinos. Tendo em vista tais aspectos, a reitoria da USP foi ocupada no dia 03 de maio por cerca de 300 estudantes, segundo o Centro de Mídia Independente (CMI). A gota d’água foi o não comparecimento de representantes da reitoria a uma audiência pública marcada para o mesmo 03 de maio, no auditório do curso de Geografia, em que se discutiria os decretos de Serra e a autonomia universitária. A plenária dos alunos que ocuparam a reitoria construiu então uma Pauta de Reivindicações, que incluía deste a revogação de tais decretos, um posicionamento contra os vetos do governo do estado referentes ao aumento da verba para educação superior, até a exigência de não punição aos estudantes, professores e funcionário em luta pela ocupação. Quando cheguei na USP, a estrutura grevista já estava montada, e o órgão máximo eram as Assembléias Gerais.

Em frente ao prédio okupado havia uma lona amarela, uma bolha murcha que servia como a portaria do movimento, logo em frente uma barricada artística construída com pneus pintados em multicores e variados desenhos. Era hora do lanche matinal e uma pequena aglomeração reunia-se próxima à entrada. Deixei pender a mochila e saquei a seda e uma pequena porção de tabaco. Enquanto enrolava meu café da manhã observava quem poderia me ajudar na nem-tão-difícil missão de penetrar naquela bolha amarela e conhecer o lugar. Aproximei-me de um japonês com semblante de kamikaze político-social:

“Opa! Você tem fogo?”, investi com cautela.

“Vô ficar te devendo essa”.

“Tranquilo, sem problemas”, alvo errado.

“Eu tenho fogo, se quiser tá aqui”, entregou-me o isqueiro um rapaz de moicano e cinto de rebites, que só não processei imediatamente como punk por conta da camiseta verde sem estampa e da calça jeans rasgada. Uma mistura de grunge com punk no melhor acento paulistano.

“Muito obrigado. Tá afim de um tabaco?”

“Esse baseado aí é tabaco?”

“Aham... quer um?”, ofereci novamente.

“Poxa, eu aceito. Valeu mano”.

Com uma agilidade impressionante ele preparou o cigarro e logo queimou a ponta aspirando à primeira onda de oito miligramas de alcatrão. Exatos sete segundos depois seu cérebro amorteceu.

“Bom isso aqui, mano. E ae?! Eu faço sociais aqui na USP, você tá em que curso?”

“Jornalismo, mas não estudo na USP. Sou do Paraná, faço estadual de Ponta Grossa”.

“Só! Porra, que bacana! E veio aí pra conhecer a ocupação?”, atrás de nós seguia a competição pelo café da manhã.

“Também. Na verdade eu vim participar dos protestos contra o G-8, mas aproveitei pra vir antes e dar uma chegada por aqui”, falava tapando com a mão um impertinente raio de Sol.

“Ô, legal mesmo. Tá afim de conhecer a universidade? A parte de comunicação não é tão longe. Se quiser já tem um guia”.

“Bora lá!”, era 09h30 de uma manhã ensolarada e os poros daquele rapaz arripiavam relâmpagos.

Durante o trajeto, em cada esquina, debaixo de marquises ou em qualquer sombra podia se perceber assembléias inflamadas derretendo sob a combustão grevista. Eram alunos, funcionários e professores que se cercavam em grupos de afinidade e

faziam da USP o que em essência deveria ser uma universidade: troca de conhecimento.

Quando chegamos no Centro Acadêmico Lupe Cotrim (CALP) [2] me subiu pela garganta um sabor acre, como se numa crise de refluxo gástrico a bÍlis fosse acionada por uma erupção. Por um instante a ânsia. Engasguei. Eu sabia bem o que era aquilo, já havia sentido em inúmeras oportunidades. Era o sabor do desprezo misturando-se à piedade por aqueles que sentem orgulho em exercer aguerridamente sua nobre função de marionetes, fantoches, títeres. Uma estranha e desconcertante semelhança com meu velho conhecido CAJOR [3], ativou-se em minhas descargas cerebrais. Era o mesmo paladar desprezível esbaforindo azedumes tão vazios que se perde o ímpeto da rechaça e se adota uma postura de piedoso desprezo.

As representantes do CALP me receberam com dentes amostra e uma simpatia lasciva debaixo daquele Centro Acadêmico imenso para meus padrões de mero mortal vindo da humilde UEPG. Mas logo pude perceber que se tratava somente de sorrisos de ótimas marketeiras:

“Então você também é estudante de jornalismo?!”, questionava pensativa a moça de longos cabelos castanhos e corpo de academia de classe média alta.

“É isso aí. E o que vocês fazem paradas nesse palácio? Tem muito trabalho a ser feito lá fora, na okupação”, comentei ingenuamente.

“Bom”, riu. “A gente não ta muito interessada nisso. Mas estamos com uma promoção pro JUCA, você deu sorte”.

“Dei? Não lembro de ter dado nada”, foi a vez de Douglas rir, fingindo uma tosse.

“Você sabe o que é o JUCA, né?”.

“Aquele jogos entediantes de jornalismo?”.

“JUCA são os jogos universitários de comunicação e artes”, esnobou girando a cabeça noventa graus com o nariz como mastro.

“Aaaahhhhh... sério? Não diga...”, disse num acento sério.

“É, e a gente tá vendendo ingressos, e ae?!”, e bateu a caneta duas vezes sobre a mesa.

“Bom, sendo assim... fica pra próxima, tenho uma ocupação pra conhecer. Hasta pronto compañeras!”, e como todo Centro Acadêmico que se preze, este também é um canil de poodles bem alimentados com a ração “Pedigree Tio Sam” para filhotes - sem o menor senso de realidade. Muito menos em época de greve e ocupação, da qual obviamente eles mantêm uma distância segura já que qualquer respingo pode borrar o canto do diploma onde diz “adestrado com louvor”.

Douglas ainda ficou mais alguns segundos jogando com seu carisma enquanto eu já me dirigia à saída. Mas ele logo apareceu para seguirmos o passeio. “Acho que estou ficando ranzinza”, pensei no momento, não sei por quê.

“Mano, você se importa de dar um pulo ali no meu apê do CRUSP? [4] Tenho que pegar umas coisas”, perguntou ainda em frente ao CALP.

“Numa boa, vamos lá”.

Os apartamentos do imenso conjunto são minúsculas caixas de fósforo onde três universitários compilam-se num espaço quase vegetativo.

“Nossa! E eu que pensei que minha kitnet fosse pequena”, comentei ao entrar.

“É, dizem que isso não era pra ser residencial, mas parece que foi ocupado na década de 1970, sei lá... acho que

foi em 70 mesmo”, explicava Douglas à medida que pegava alguma coisa em seu quarto.

“Bacana, parece que por aqui o lance é na marra mesmo”.

“Então você faz jornalismo?”, perguntou e sentou-se no chão.

“É, tô escrevendo umas reportagens sobre anarco-individualismo, por isso tô aqui em Sampa”.

“Mas você é anarco ou só ta pesquisando?”.

“Sou anarco, to tentando entender esse lance de individualismo, pensar assim, encarnar mesmo”, sentei num banquinho ao lado da porta.

“Então estamos juntos!”, disse empolgado.

“Tu é anarco, também?”.

“Digamos que espiritualmente, sim, mas nunca li muito a respeito”, sorriu. “Aliás, você tem mais um pouco daquele tabaco?”.

“Opa, claro. Tá aqui, é só enrolar”, e deposei o saco no chão, não sem antes retirar minha cota.

“Você tem onde ficar aqui em São Paulo?”, Douglas concentrava-se na feitura do cigarro.

“Pensei em ficar na okupação aí, se o pessoal não ligar”.

“Acho que não vai ter problema não”, acendeu e puxou. “Mas se por acaso não rolar”, começou a soltar a fumaça, “ou se você quiser descansar melhor, chega aqui no ap”, e de repente Douglas sacou do bolso traseiro as chaves de seu apartamento e colocou em minhas mãos. “Acho que eu não venho dormir aqui por esses dias, acho que vou ver minha namorada e fico por lá. Mas qualquer coisa tô ali na reitoria. E anota aí meu celular”, disse como seu eu fosse um bom e velho amigo no qual ele confiava a chave de seu lar.

Como um cara que eu conheço somente há 15 minutos pode ter a indecência de me dar a chave de seu apartamento? Analisando as possibilidades: se eu fosse um lunático sanguinário

não seria tão ruim. Da mesma maneira não seria mau se eu sofresse de cleptomania compulsiva. Mas se eu levasse um cidadão de bem no coração isso seria ruim, definitivamente. Douglas foi de uma indecência tão espontaneamente magnífica que eu não esbocei reação nenhuma além de esticar o braço e segurar as duas chaves ainda meio ressabiado. E congelado. Eu poderia bater no ombro dele e apontar o indicador em riste dizendo: “você é foda, cara! Pra caralho”. Mas isso soaria tão piegas naquele momento quanto soou agora. Então, congelei. Apenas.

“Aahmmm, bom... essas são as chaves... mas... é.... assim...”, o derretimento, nesses casos, é um pouco lento.

“Ó, faz o seguinte: se você chegar e tiver alguém em casa, você pede licença, se apresenta e tal. Senão pode entrar e dormir, ou tomar um banho, enfim, o que você precisar. Se você for sair da USP deixa a chave... huumm... no meio das plantas ali do lado da porta. No meio dos cactuzinhos, beleza?”, seu tom seguia corriqueiro.

“Aaahmm... ta! Como você achar melhor. Anota o meu celular também, pra qualquer emergência”.

Eu não sabia como reagir. Simplesmente. O movimento anarquista nunca se cansou de me surpreender, mas todos os libertários que eu conheci durante esta jornada grafavam um hieróglifo a mais em minha genética, compondo uma extensa poesia esotérica em um idioma volátil que se desnudava lentamente dentro de mim, um segredo que eu só entenderia quando tudo isso terminasse. Os primeiro versos desta poesia começaram a fazer sentido a partir da vivência real desses valores mesozóicos que envolvem a alma humana em uma complexa bruma de fraternidade, e nada mais são que os espectros do apoio mútuo e da solidariedade mesclando-se sobre novos amantes da liberdade como uma tormenta de

rosas ruivas num calmo dia de metal. Talvez o anarquismo seja, acima de tudo, um sentimento.

Depois que terminamos o tabaco e completei meu derretimento rumamos para a okupação da reitoria. Apresentei uma carteirinha provando que era também um universitário e entrei: esse era o aval, pros okupantes de primeira viagem. Na parede atrás do rapaz que solicitou o documento haviam alguns papéis colados, como num estande de “OS MAIS PROCURADOS DA OKUPAÇÃO”: uma fotógrafa freelancer que não lembro o nome e qualquer jornalista de periódicos conhecidos — seria imprescindível esquitejá-los se tentassem se aproximar.

Logo na entrada um pequeno problema: o teto de gesso havia desabado, provavelmente por uma infiltração de água resultante do rompimento de algum cano durante o processo de ocupação do prédio. A que a grade de ferro que protege o lugar estava toda retorcida, como numa escultura coletiva pela insubmissão pré-histórica da pós-modernidade, ou simplesmente um presente de Joseph Beuys.

À esquerda da entrada um quadro mediano de Trotsky, e três passos adiante outra imagem desse senhor de cérebro partido a machadadas.

“Essa parte da entrada, até aqui depois da grade, é responsabilidade da comissão de segurança”, explicava Douglas.

“O lance aqui é por comissões?”, o que sugeriria uma organização flexível e horizontal, caracteristicamente anarquista.

“Isso ae mano”, confirmou.

“E têm quantas comissões?”

“Aahh... têm um monte delas”.

“Mas o pessoal dessas comissões é fixo?”, quanto mais flexível mais libertário, nesse caso.

“Eu tenho quase certeza que não, mas como tô mais por dentro da rádio e da tv delírio não sei bem”.

“Depois vejo isso com alguém”, a vivência na ocupação confirmou a flexibilidade das comissões. “Eita! O que é isso?”.

“O que?”, parou.

“Essa faixa aqui na entrada. Tem muito anarco por aqui, é?”, brinquei.

“Aahh tem hein...”.

Postada exatamente na porta que leva ao interior do prédio há uma faixa pregando o apartidarismo seguido de inúmeros signos relativos a acracia. A partir de então o local é uma sequência de escopos artísticos decorando as paredes, como um cartaz em papelão onde se lê: “Troco a presidência do DCE por um cafuné bem feito”.

Uma bandeira do EZLN e outra faixa com insígnias libertárias, essa de algum grêmio estudantil declarando apoio à ocupação, me provaram que pelo menos o espírito libertário estava presente de forma compulsória, e me tranqüilizaram um tanto.

Passamos uma grande sala com portas de vidro, bem em frente ao que parecia a recepção da antiga reitoria, onde muitos dormiam no meio de uma infinidade de colchões, sacos de dormir e cobertores.

“Ali na frente, na porta da esquerda é a radio e tv delírio. Ali a direita é a comissão de comunicação”, gesticulava.

“E aonde a gente vai agora?”.

“Na cozinha, tô com fome”.

“E onde é isso?”.

“Depois da comunicação, a direita no final do corredor. Se você precisar de banheiro é ali também, só que a esquerda, antes do xerox, que também tá liberado”.

Eu tentava concatenar o mapa metal do prédio, “bacana!”.

“Tá meio vazio hoje porque tá todo mundo dormindo, ontem teve um festão aqui”.

“Sério? Ontem?! E eu chego atrasado pra uma coisa dessas??!!”.

“Pois é. Perdeu. Foi uma festa junina muito louca, acho que a melhor festa universitária que eu já fui”, um bom festerê é um agouro imprescindível para o bom andamento da okupação.

“Caramba, esses lances losers sempre rolam comigo!”.

“Parece que na Folha de São Paulo de hoje saiu uma foto da festa e um texto dizendo que ela foi regada a muita animação e álcool”.

“E lê re! Essa juventude não toma jeito mesmo!”.

“É, pelo menos só botaram o álcool no meio”.

“Pelo menos”, drogas legalmente aceitas são (i)moralmente menos impactantes.

A comissão de comunicação fica numa sala com sete computadores conectados à Internet, e ainda possui uma linha telefônica livre de onde se pode ligar até pra Disney por módicos zero reais e nenhum centavo. Mas essa comissão é disparada, depois da de negociação, a mais sisuda, contraditória e fixa do movimento. Não nos detivemos muito por lá, até porque o clima não era nem um pouco amistoso, parecia a redação de um grande jornal quando se aproxima o monstro dead line. Na cozinha mastigamos alguns pedaços de um negócio amarelo, que não tenho idéia dos ingredientes e mais parecia um bolo de fubá sem o fubá. Logo Douglas quis me levar até o setor mais libertário da ocupação, que eu logo perceberia ser um típico arquétipo individualista.

“Mano, vamos ali na delírio, pra você conhecer o pessoal”, sugeri já direcionando o caminho.

“Quem colocou esse nome tosco?”.

“Que nome?”.

“Delírio, ué”.

“É como ficou conhecida por conta do Delírio”, enquanto seguia Douglas, eu me distraía observando a disposição dos espaços ao meu redor.

“Da rádio?”.

“Não!”.

“Da TV?”.

“Não! Delírio é um maluco que apareceu por aqui, gente fina, você vai conhecer ele. Aí associaram e virou rádio e TV delírio”.

“E como é o nome dele?”.

“Não faço idéia”.

“Bom, que seja Deliro, afinal”.

A rádio e TV delírio ocupa uma pequena sala com três computadores, alguns microfones, câmeras e muita fumaça. Havia duas pessoas divertindo-se com a programação radiofônica transmitida em loco.

Douglas antecipou-se para me apresentar: “E ae pessoal?! O que tão aprontando? Esse aqui é o Junior, ele veio do Paraná pro lance do G-8 e passou aqui dar uma olhada na ocupação”.

“E ae?! Beleza? Eu sou o Delírio”, estendeu a mão.

“Fala, eu sou o Derick”, acenou do fundo da sala.

“Beleza, beleza! Então aqui é o antro libertário da coisa?”.

“Tu não reparou na bandeira do lado da entrada?”, perguntou Delírio.

“Na verdade, não”.

“É uma bandeira rubro-negra bem grande”, completou.

Derick era meio calado, parecia estar ali apenas dando uma força. Pelo que entendi, ele faz parte do movimento negro, e seu visual meio Zumbi dos Palmares De Dreads casava com essa informação. Durante a breve conversa que tivemos

antes dele imergir em suas responsabilidades diante da tela do computador, Derick colocou-se como um defensor das intervenções públicas pelo direito de igualdade, restituição da dívida histórica que temos com a África e um crítico da grande fronteira socioeconômica que nos separa por gêneros, cores, ascendências e classes.

Me bateu um pouco de fome e por isso resolvi fazer mais um tabaco. Quando tinha os ingredientes em mãos Derick se aproximou.

“Aí, velho, me descola um pouco disso aí”, gingou marrento com as palavras.

“Tranquilo, só deixa eu terminar de enrolar esse”.

“Opa, vamo compartilhar isso aí”, intrometeu-se Delírio.

“É só tabaco”, explicou Douglas.

“Ah é?! Bom, depois vou querer um desses, mas por enquanto é melhor um... DESSES”, Delírio retirou de uma gaveta um pequeno tijolo de marijuana e entregou a Douglas. “Agora é contigo”.

“Ô, velho, você pode emprestar a seda?”, Douglas perguntou enquanto começava a dichavar o bloco verde.

“Opa, claro. Aliás, Derick, você quer esse tabaco aqui?”, achei melhor mudar os planos fumíferos.

“Quero sim, deixa aí em cima da mesa que eu já pego, só vou terminar de programar as musicas da rádio”, e voltou a deter-se em frente ao computador.

À medida que Douglas transformava aquelas dez gramas em pequenas partículas fumáveis, Delírio e eu engabelávamos nos em uma discussão conjuntural.

“Essa reitoria tem que ficar okupada pra sempre”, insistia Delírio.

“Ia ser uma boa, mas analisa a situação, isso é impossível. Sei lá, daqui a pouco é capaz do Serra mandar a tropa pra cá se bobear”.

“Isso ele não faz, nem fodendo!”, e pontuou, “nem fodendo mesmo”.

“Eu acho difícil também. A USP tem publicidade grátis pra esse tipo de manifestação. Olha só, tem um monte de universidades okupadas, ou em greve, ou okupadas e em greve, mas nenhuma delas tem um carro da Globo, um da Record e um da Cultura 24 horas de butuca, como aqui. Isso é difusão gratuita, tem que ser explorada, e pode manter o Serra e sua cambada afastados um tanto”.

“Mas isso nem é o mais importante”, discordava Delírio, “você esquece que a USP é universidade de burguesinho? Aqui tá cheio de filho de deputado, neto de empresário, parente de um pessoal influente por aí. Eles não se arriscariam dessa forma”.

“É, você tá certo. Mas a okupação não é ideologicamente sólida pelo que percebi. Tem um quadro do Trotsky na entrada, tem vocês. Existem, e não co-existem, muitos interesses distintos. Uma implosão interna pode demorar, mas vai rolar”, tentava sustentar minha tese.

“Isso é o que mais me preocupa, mano. Mas alguma coisa tem que mudar nessa instituição chamada universidade, e tem que ser rápido porque isso tá uma bosta. Lá na Argentina, onde eu moro, rola uma espécie de universidades livres, até o okupa onde eu vivo tem uns lances assim”.

“Bacana! Tu é argentino?”, ao lado, Douglas passava a língua na goma da seda.

“Não, mas moro lá há alguns anos”.

“E tá fazendo o que aqui?”.

“Vim ver minha filha”, disse com felicidade.

“Você tem filha? Com essa cara de pirralho?”.

“Pois então, já tenho minhas responsabilidades”.

Delírio divagava entre modismos lingüísticos com uma erudição impressionante. Quando entrei na sala e avistei aquele rapaz de moicano e aparência skater-punk tive a impressão de estar a alguns passos de Javier Saviola, só que alguns quilos mais magro e sem os membros inferiores super desenvolvidos. Ele demonstrava segurança no discurso, e parecia expandi-la no desenvolver das frases. Era um anarquista formado da prática à teoria, sem dúvida alguma. No decorrer da conversa Douglas manteve-se quieto, concentrado na feitura do cigarro, até o momento em que acoplou um pequeno tubo de papel à porção final do beck e a pilou para dentro formando uma espécie de filtro sem a função de filtrar droga nenhuma.

“Tá prontinho! É só acender, que é o que vou fazer agora”, e a ponta do cigarro começou a brilhar incandescente. “Sobre o que vocês estavam falando mesmo?”, soltou a primeira baforad^{6***}

Antes que algum de nós respondesse a porta se abriu e uma garota meio hiponga entrou na sala, “aí pessoal, a gente tá fazendo a limpeza. Será que dá pra vocês colaborarem e, pelo menos, deixarem essa sala limpa?”.

“Mas ela tá limpa”, contestou Derick que seguia concentrado no computador, mas agora com o tabaco entre os dedos.

“Sim, sim. Eu digo deixar ela organizada, varrer, tirar esses papéis do chão. Porque isso ficou muito sujo depois da festa, então é melhor dar uma geral antes de qualquer coisa”, apoiou-se.

“Beleza, quer um pouco?”, perguntou Douglas oferecendo o beck.

“Eu quero sim. Só um tapinha, tenho que voltar logo”, e aspirou à fumaça até a boca inflando as bochechas para, em seguida, mandar a névoa para os pulmões. “Aaahh, e quem puder ajudar na limpeza dos saguões e das salas vai ali fora, tamo

precisando de gente”, repetiu o processo, me passou o cigarro, despediu-se e foi embora.

Enquanto Ô primeiro beck chamusCAVA nossos pulmões, Delírio foi preparando o 2º. Seguimos conversando entre a brisa branca que tratava de ca-den-ci-ar o ritmo do mundo d&ntro de nossas Kabeças.

“Sobre o que a gente tava falando Mesmo?”, perguntei sentido que a confusão se acentuava em minhas idéias.

“Al...guma coIsa sobre a ocupação, não era? Ó, acende esse aí”, Delírio me passou o çigarrO e depois puxou fundo o que aINda restava da ponta...* do moribundo primeiro beck.

“Isso... isso... NÃO... espera aí... isso foi antes do Douglas entrar na história e começarmos alguma coisa sobre a rádio... acho”, eu não conseguia lembrar, como se a fumaça tivesse deletado minha {???memória??} recente. A B~r~u~M~a cumpria seu papel com maestria. Acendi o segundo assoprando a pequena chama que se formou na ponta do cigarro.

“É isso mesmo... eu terminei de enrolar o beck & a gente começou a falar da rádio. O Júnior perguntou alguma coisa ... ou foi você, Delírio? Foi assim... humm.. acho”.

“Eu não lembro de.... ter... perguntado nada sobre a rádio”, RRetruquei.

“A rádio ta no air, Derick?”, perguntou Delírio(ando).

“Ta sim, to terminando de organizar as musicas e logo entra programação ao vivo de novo”.

“Eu **pó**ssO falar na rádio?”, perguntei.

“ISSO !! Era ISSOOO!”, sobressaltou-se Douglas com um sOrrisO de vitória nos caninos. “Caralho! Lembrei PORRA!!! Você tinha perguntado se podia usar a rádio pra ler alguma coisa. Sabia que eu não tava louco!! Viu só!”, e pronunciou aquelas frases rapidamente, como se num deslize elas pudessem evaporar.

alternativa e ler aqui”, expliquei minhas boas intenções.

“Era isso que você tinha falado àquela hora”, comentou Douglas.

“Que hora?”

“A hora que a gente não tava lembrando das coisas”.

“Não lembro disso...”, exasperei-me um pouco.

“Você vai lembrar, calma”.

“Mas então, pode usar sim, sem problemas. A rádio é nossa, da okupação, é coletiva. A gente só ta aqui gerenciando a coisa. Aliás, tô terminando o segundo número do meu zine, quando sair te descolo um. O primeiro tá com edição esgotada”, falou Delírio.

“Vou querer ler sim. Bom, depois vejo esse lance da moção. Agora eu preciso realmente comer”.

Saí da rádio e TV Delírio e antes de devorar um x-salada regado a café com leite na lanchonete mais próxima, que fica a poucos metros da ocupação, passei na comissão de comunicação telefonar para Guto, meu contato em São Paulo e parceiro para o protesto anti G-8. Ele já havia saído de sua cidade, São Bernardo, e apareceria na USP assim que possível.

Depois de comer, deitei no gramado em frente ao prédio ocupado e permaneci contemplando, com o que ainda me restava de THC no cérebro, a bandeira negra com o símbolo squat-ter desenhada em branco no centro. Era uma bandeira pequena e humilde comparada às demais, que faziam menção a grupos sindicais e agremiações partidárias. Mas estava ali, okupando seu espaço, e sem dúvidas era a única ali vivenciada na prática em cada segundo daquela mobilização estudantil.

Um rapaz um pouco moreno que mais parecia um típico estudante de direito de alguma dessas atléticas sem sal sentou-se ao meu lado.

“Opa, e ae? Posso sentar aqui?”, apontou.

“Fica a vontade, cara”.

“Tô muito cansado, com uma puta ressaca...”, descansou a cabeça — alinhada com um moderno topetinho — entre as mãos, as madeixas negras e bagunçadas despontavam entre os dedos.

“Bebeu muito ontem, na festa?”.

“Se fosse só bebida eu já tava bom. Misturei tanta coisa que nem lembro mais o que era bebível, fumável etc”, seu modelito jeans + camiseta curta parece ter feito sucesso na noite anterior.

“Eita! Relaxa aí que já passa. Ou usa o método inglês e tenta curar com alguma coisa mais forte”, sugeriu.

“Pra isso eu ia ter que achar heroína...”, brincou.

“Melhor ficar deitado mesmo”.

“Sou Cássio, faço filosofia”, e estendeu a mão.

“Júnior, jornalismo. Mas sou lá do Paraná, estadual de Ponta Grossa”, cumprimentamo-nos.

“Legal, velho! E o que tá fazendo por aqui?”.

“Vim brincar de paralelepípedos...”, sugestionei.

“Protestos anti G-8?”.

“Isso! Tá ligado nesse lance?”.

“Eu e uns amigos tamo pensando em alguns Tp’s”.

“Terrorismo poético?”, sobressaltei-me um pouco, aquela não era uma fonte da qual eu esperava informação sobre novas estratégias de resistência libertária.

“É... conhece?”.

“Claro que sim. Tu é anarko também, vai me dizer?!”, seria sorte demais...

“Claro que sou!”, e sorriu como se aquilo fosse óbvio, ou corriqueiro por ali.

“Pelo visto mais um profeta do caos...”.

“O Hakim Bey deu uma arejada na coisa, mas eu gostei dele porque curto uns negócios mais... humm.. digamos... filossóficos. Esses tempos tava ligado em angiologia”.

“Caralho! Angiologia é denso hein”, ele foi a primeira e única pessoa que já conheci que estuda angiologia por puro hobby.

“Mas deixa eu ir, tô morrendo de fome”.

“Até mais”.

“Fica aí por uns dias, até o G-8?”, disse à medida que levantava pesadamente.

“É, a gente se esbarra por aí”.

“Beleza, até mais”, e caminhou até desaparecer dentro da bolha amarela.

Alguns minutos depois, quando eu mergulhava num vislumbre vicioso alguém se aproxima e fala: “não adianta se esconder”. Olhei para cima rapidamente, eram dois rapazes.

“Guto?”, interroguei àquele cara rechonchudo e sorridente.

“Isso. Esse é o Diego, um amigo”.

“E ae, Junior, beleza?”, saudou.

“Opa. Prazer. Sentem aí”, convidei.

Guto refestelou-se e tirou do bolso uma caixa de metal cheia de cigarros negros: “Quer?”, ofereceu abrindo a tampa.

“Não, obrigado. Vou fazer um tabaco daqui a pouco”, puxei conversa, “e então, preparado pros protestos?”.

“Vamos lá, né. Você tá disposto a entrar no Black mesmo?”, depositou a cigarreira ao lado.

“Vim aqui pra isso. Se fosse pra jogar flores na PM eu ficava em Curitiba”.

Foi quando Douglas apareceu e juntou-se à roda. Logo aceitou o cigarro oferecido por Guto e seguimos a conversa.

“Vai ter amostra de documentário no CO, vamos lá?”, sugeriu Douglas no auge da conversa.

“Tá bacana conversar por aqui”.

“Vocês que sabem, é que já vai começar”, complementou Douglas.

“Que documentário é?”, perguntou Diego enquanto mudava para uma posição mais confortável.

“É um do Spike Lee, sobre o furacão Katrina”, e retirou um informativo do bolso. “Chama ‘Quando os diques se rompem’”.

“Por mim tá beleza”, aceitou Guto antecipando o consenso.

Havia uma platéia razoável pra apresentação. Após uma pequena fala sobre o processo de genocídio étnico-social do governo Bush no caso Katrina o documentário começou a rodar. Lembro de ter associado os dados da fala inicial com as imagens de Spike Lee, que se complementavam e desconstruíam até as mínimas lacunas o plano do governo norte-americano de limpar New Orleans a maneira “melhor aprendiz a Hitler da Amérikkka”. Então desmaiei. Estava muito cansado da viagem, mareado da maconha e com a pressão baixa. Dormir foi inevitável.

Despertei com Douglas me cutucando, o documentário havia terminado há alguns minutos. Era hora de retornar à ocupação e ajudar em alguma coisa. Douglas comentou sobre um rapaz que estava organizando a comissão de cultura, conhecido como Carioca.

“Ele é muito louco, cara”, descrevia Douglas, “uma vez ele me disse pra descolar o telefone da assessoria do B-Negão porque ele ia trazer o cara pra fazer uma apresentação na reitoria”.

“E você acreditou?”, perguntei.

“Na hora não, mas pesquisei na net e dei o numero pra ele. No outro dia o B-Negão tava aqui fazendo um show de graça”, fora uma façanha, e Douglas a contava como se fosse apenas uma entre muitas.

“Tá me zoando?”.

“É sério, o B-Negão é gente fina, até dormiu aí na okupação”.
“Poxa, que bacana. Esse Carioca tem ambição mesmo”.
“É, você já vai conhecer ele”.

Guto e Diego conversavam alguns passos atrás. Apresentamos as carterinhas e entramos na reitoria. Seguimos diretamente pra comissão de comunicação onde aproveitei um dos computadores do vice-reitor para enviar e-mails.

Finalmente apareceu Carioca, um rapaz que aparentava uns 27 anos, barbudo e baixinho, numa moda hardcore moderna, com direito a boné com aba abaixada e camiseta colorida manga curta.

“Fala, Carioca. O que tá inventando agora?”, introduziu Douglas.

“Tamo tentando trazer os caras do Racionais Mc pra cá, mas tá meio difícil”, ele balanceava a pronuncia com aquela gíngua carioca que traduzia seu apelido.

“O Racionais?”, exasperei-me.

“É, quem é você?”.

Antes que eu pudesse responder, Douglas adiantou-se: “Esse é o Junior. Ele é lá do Paraná, veio aí dar uma força na ocupação”, e me mirou calmamente de canto de olho.

“E aí, cumpadí, tudo beleza? Se quiser deixar a mochila aí pra descansar fica a vontade”, o convite de Carioca foi tentador, aquela mochila me pesava as costas desde aquela manhã, mas tudo que eu tinha estava ali, achei melhor mantê-la colada em mim.

“Obrigado, velho, mas ela não sabe como se comportar sem mim. Aliás, tá afim de um tabaco?”, de acordo com o que fui percebendo no decorrer dessas viagens, esse inebriante cerebral contendo oito miligramas de alcatrão era uma ótima — talvez a melhor e mais cordial — forma de apresentação que um fumante pode receber.

“Tabaco? Aqueles de enrolar e tudo?”, empolgou-se Carioca.

“É desses mesmo, tá afim de um?”.

“Claro, claro. Descola pra mim ae”, retirei os ingredientes e entreguei a Carioca.

“Depois eu pego com você, vou ali fora bater um papo com o pessoal”.

No hall que separa a comissão de comunicação da rádio e tv delírio, Guto e Diego conversavam com mais cinco pessoas numa roda bastante empolgada. Encontrei Cássio no meio do caminho, tomei um cigarro emprestado, sentamos sobre uma mesa diante da bandeira libertária rubro-negra e conversamos por mais de uma hora. Apesar de o rapaz não estar no mesmo plano de realidade que eu — pupilas um pouco dilatadas, agitação confortável e ansiedade acelerada ainda que sobre controle, algo sintético, pensei — nos detemos em divagações filosóficas sobre a sociologia do absurdo, flanando entre o pós da modernidade e do rock, dançando pelas linhas debordistas e o slow motion de Sigur Ros.

Fomos interrompidos por Guto, que já havia terminado sua conversação e se engajado no apoio às necessidades da ocupação.

“Viu, Junior, tão querendo que a gente funde uma nova comissão”.

“Como assim?”, quando voltava minha atenção á Guto, Cássio despediu-se, iria descansar um pouco para poder agüentar a madrugada.

“Comissão de transporte. Parece que precisam de nós pra buscar um pessoal do hip-hop na zona leste”.

“Huuuummm... tá, por mim tudo bem. Tô dentro”.

“Beleza, vou ver os detalhes”, aceitou.

Guto começou uma correria logística, precisaríamos de três carros, no mínimo, já que a informação era de que oito convidados nos esperavam. Até o momento tínhamos o Pálio Flex alugado de Guto. Mas nada que aquele rapaz prestativo com aura de Peixe-palhaço — encantador, colorido, desajeitado e sempre disposto a uma relação mutualista com os tentáculos paralisantes das anêmonas-do-mar — não resolvesse com um pouco de paciência. No começo da noite ele já havia angariado mais dois carros e uma voluntária: era um Uno azul amassado na lateral direita - de uma japonesa que entregou as chaves e desapareceu; um automóvel grande, quatro portas que de acordo com minhas lembranças se tratava de um Corsa prateado; e a dona do veículo, uma estudante de terapia ocupacional com o nome que começa com “T”, acho que Tássia, ou Taís... enfim, deve ser Tânia.

Enquanto Guto resolvia os detalhes da nova comissão consumi o tempo vagando pelos corredores, conhecendo o lugar e quem encontrasse pela frente. Resolvi esperar pelos demais na entrada, conversando com mais dois rapazes e uma menina que faziam a vez da comissão de segurança. Vinte minutos depois apareceram Guto, Douglas, Diego e Tânia: era hora da cavalaria embarcar.

Manter os carros emparelhados, em fila ou pelo menos visíveis não seria uma tarefa fácil. Douglas e Diego comandavam a caravana, seguidos de Tânia, que permaneceu no meio da fila pois era a única motorista que não tinha idéia de como chegar ao local, e, no fim da ala eu e Guto, que revezávamos cigarros negros com Marlboro’s vermelho enquanto questionávamos a validade daquilo tudo. Mas nada muito profundo, o tráfego em hora do rush não permitia uma devida reflexão do contexto.

O desencontro não demorou muito. Quando olhamos em volta nem sinal dos demais. Começou a tempestade de ligações entre celulares. Por fim, Douglas e Diego, eu e Guto encontramos-nos num posto já na entrada da zona leste. Mas

nada de Tânia. Guto e Douglas revezavam-se no celular tentando entender onde ela tinha se metido e bolando uma forma de trazê-la até nós. Aproveitei a parada para jogar minha mochila no porta-malas do Pálio de Guto, já estava de saco cheio de carregar aquele trambolho pesado como meu corcunda de búfalo particular. Em torno de 15 minutos depois Tânia aterrizou e pudemos seguir viagem. Entretanto, poucos quilômetros adiante necessitamos de outra parada, para um rápido lanche e uma mudança de posições proposta por Guto.

“Acho melhor alguém ir com a Tânia, porque a partir daqui a barra é mais pesada e não é legal deixar ela ir sozinha”, argumentava sem oposição.

Guto então seguiu sozinho, Diego continuou como caroneiro de Douglas e eu transformei-me em guarda-costas-navegador de Tânia. Depois de quase três horas rodando pelas ruas da capital paulista finalmente chegamos à casa do “MH2O”, um movimento social que trabalha com o graffiti e muita música para tentar mudar a realidade de periferias. Conversamos um pouco, conhecemos a casa e o estúdio e começamos a organizar a volta. Apenas seis deles iriam até a ocupação, portanto dois carros dariam conta.

“Então acho que eu e o Diego podemos voltar pra São Bernardo. Já tá tarde e preciso devolver o carro”, propôs Guto.

“Acho que não tem problema não. Dá pra voltar em dois carros, aí facilita pra vocês”, Douglas concordou com a proposta e já começava a dividir os passageiros.

Voltamos em cinco no Corsa prateado a uma velocidade reduzida, nada de emoções fortes. Bruno, um dos membros do MH2O tomou a palavra durante o trajeto e nos contou um pou-

co de sua história. Ele presenciou a morte dos pais, e a partir de então foi criado para ser líder do tráfico.

“Foi Jesus, os cânticos e a arte que me salvaram”, contava com um leve temor na voz. Seus amigos da época estão todos mortos, sobrou apenas um primo que vegeta internado nas drogas pesadas.

Cerca de uma hora e meia depois chegamos à USP. Descemos do carro e Tânia mais que rapidamente preparou-se para guiar até sua casa e seus lençóis limpos. Foi então que se acendeu em minha mente: “Caralho! Esqueci a mochila no porta-malas do Guto!”. Conferi os bolsos, me restava a carteira com 20 reais, os documentos e o celular. “Só conheço esse cara há algumas horas, espero que ele seja boa pessoa, senão tô no ovo, na merda, to enrolado!”. Nada de saco de dormir, nada de caderninhos de anotação, nada de gravador nem de câmera fotográfica, nada de meu remédio diário Adefovir pra segurar a violência de uma maldita inflamação em meu fígado. “Putá que pariu, Deus! Desbunde esse rabo misericordioso dessa poltrona divina e me livra dessa merda, PORRA!”.

Coloquei o cartão telefônico na aparelho e comuniquei Guto do acontecido: “Pode ficar tranquilo, não devolvi o carro hoje, a loja tava fechada. Já vou lá no porta-malas e pego ela. Amanhã levo aí pra você”, acalmou-me.

Já um pouco mais sossegado tomei novamente a incumbência de vigiar a entrada junto com a comissão de segurança. Quatro de nós éramos fixos no portão de entrada, mas um sem número de pessoas revezavam-se por lá estendendo a conversa pelos mais variados temas, como tratados de história-sociológica de Proudhon a Alfred Weber, pratos vegan, frentes da esquerda radical e futebol. Como não tinha o material necessá-

rio para me instalar no dormitório-sala-do-vice-reitor resolvi aceitar o convite de Douglas e dormir no CRUSP. Passava das 2h15 da manhã, eu estava exausto, o pessoal entendeu minha situação e me liberou do encargo. Conversei com Douglas pra confirmar o convite.

“Sem problemas, mano. Só faz o seguinte, tranca a porta e joga a chave pra fora pela janela, ali no canto tem um vãozinho”, tentava ilustrar gesticulando bastante.

“Beleza, mas e se ela cair?”

“Aí você me liga que eu dou um pulo ali ajeitar. É que o Bruno do MH2O vai passar a noite na okupação, aí se ele quiser subir pra dar uma descansada não precisa te acordar”.

“Tranquilo. Se ele quiser usar sua cama diz pra ele me acordar que a gente dá um jeito por lá, sei lá, jogamos uns cobertores no chão ou coisa assim”.

“Numa boa, vou conversar com ele. Não esquece, se a chave cair me liga”.

Mas a chave não caiu, e só tive tempo de pensar ligeiramente, “espero que Guto seja um cara bacana e traga a mochila amanhã cedo” antes de apagar.

• • •

Acordei babando no meio de um extenso suspiro às oito da manhã. Joguei uma água na cara e senti o mau hálito corroendo meu palato. Nada de escova de dente, porra. Quando tentei sair do apartamento percebi que estava trancado, houve algum erro de comunicação, pois não encontrei as chaves onde eu as havia deixado. Liguei para Douglas e em poucos minutos o problema se resolveu.

“Foi mal, cara. De madrugada eu e o Bruno rachamos uma pizza e ficamos aqui conversando pra passar o sono. Aí voltamos pra reitoria e esqueci de jogar a chave pra dentro de novo”, Douglas explicava e, ao lado, Bruno acenia com sonolentas jogadas de cabeça.

“Ô Bruno, acho que você tá precisando de umas horas de sono. É teu turno, cara”, disse enquanto amarrava os cadarços.

“É, eu tô precisando mesmo. Mais tarde tenho que jogar um spray nos muros”, concordou.

“E você, Douglas? Não tá com sono, não?”, virei-me e flagrei seus olhos fechando involuntariamente.

“Um pouco, mas acho que agüento até de tarde”, chacoalhou a cabeça.

“Tá afim de um café?”, nesse momento Bruno começou uma lenta caminhada até o quarto. O trajeto parecia doloroso para ele, uma cama tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

“Bom sono”, falei, apesar de Bruno parecer não ouvir mais nada, como um zombie fora do prazo de validade.

“Nossa! Ele tá mesmo precisando descansar!”, comentou Douglas.

“Mas então, vamos tomá um café?”.

“Não sei se tenho grana. Depois penso nisso”.

“Relaxa, esse é por minha conta”, anunciei.

“Certeza? Não precisa mano, tô bem”.

“Vambora! Acho que você precisa mais de cafeína do que eu. Mas eu realmente preciso esquentar a garganta”.

“Valeu, mano. Vamô lá então!”.

Dois cafés com leite e uma dupla de pães na manteiga. Douglas parecia em outra galáxia, bebia o café como uma caneca de choop numa tarde de domingo e mirava uma árvore em frente, perdido em divagações esgotadas.

“Douglas. Douglas! DOUGLAS!!!”, gritei tentando trazê-lo de volta, “Tá vivo, rapaz?”.

“Foi mal, mano. To meio... sei lá...”, e girou os olhos novamente para a árvore misteriosa, como se tentasse ler as respostas emaranhadas entre as folhas e a casca, “não sei... aéreo” finalizou depois de um longo silêncio.

“Você precisa dormir, sobe lá”.

“Não, não. Mais a tarde eu descanso, terminou o café aí? Vamos pra reitoria?”, ele precisava de ação.

Joguei o último gole de café pra dentro enquanto levantava. Na entrada já não precisei mostrar identificação, todos ali pareciam me conhecer, pelo menos de vista. Quando passávamos pela grade retorcida logo após a bolha amarela, uma menina bastante afobada me parou.

“JUJU!! Que bom te encontrar aqui! Pensei que você tinha ido embora, garoto, e sem se despedir de mim!”, eu não conseguia lembrar, o semblante parecia conhecido mas conversei com tanta gente no dia anterior que tudo se misturava em meu cérebro. Retorci os músculos faciais, movimentei as sobrancelhas e soltei um “Huummmm...”.

“O que foi Juju? Vai dizer que não lembra de mim?”, isso seria de uma indelicadeza sem tamanho com uma moça tão simpática...

“Lembro... claro que lembro...” e coleí os lábios enquanto escaneava a memória em busca de algum nome, algum apelido, qualquer coisa que se linkasse a ela. “É...é... é claro, mas você... você quer alguma coisa de mim?”.

“Ahh... isso, quase que me esqueço. O pessoal falou que você já tá por dentro da comissão de segurança, então será que podia ficar uma meia hora ali?”, explorava-me.

“Sim senhora, sem crise”.

“Brigadão, JUJU! Você é um fofão!”, então enlaçou os braços entorno do meu tronco, me deu um longo beijo na bochecha e se foi.

Caramba! O que eu fiz com aquela garota pra ela me chamar de “Juju” e me tratar como um colega de primário?! Enfim... Douglas havia desaparecido desde que aquela garota me parara, então decidi andar um pouco pela ocupação antes de começar minhas obrigações. Na comissão de comunicação o clima estava tenso: Carioca estava no meio de um surto psicótico porque o pessoal transformou a sala num refeitório de café-da-manhã. Aproveitei o ensejo e comi um pão.

“Ei ei ei, Carioca! Relaxa, cara! Depois a gente limpa isso”, eu tentava acalmá-lo, sem sucesso.

“Relaxa o caralho! Agora você vai começar a comer aqui também, mano! Isso aqui não é cozinha! Esse bando de filinho de papai fica sujando o lugar”, e não parou mais de cuspir obscenidades a qualquer um que arriscasse chegar perto. Alguém próximo sussurrou para mim:

“Nem es quente, é falta de onda, é a crise que ta batendo”.

“Se você ta dizendo eu acredito, mas tenho que sair mesmo, a entrada ficou sob minha responsabilidade”, e retirei-me antes que o clima esquentasse mais.

Delírio estava programando o computador da rádio ao lado da bandeira anarquista. Me detive um tempo pra jogar conversa fora e aproveitei a oportunidade para ler ao vivo pela rádio uma moção de apoio ao movimento. Como o CAJOR não havia se dignado a tal ato, apesar de sua insistente postura fake-esquerdista, achei que seria interessante manifestar solidariedade à causa em nome da “ala boê-

mia do curso de jornalismo da UEPG”, também conhecida como “Centro Acadêmico do Pateta” ou “Jornalismo Lado B”, como preferir.

“Viemos através desse declarar total apoio a ocupação da reitoria da USP. O apoio se estende à greve de funcionários, acadêmicos e professores.

A luta em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade não se dá simplesmente através de métodos diplomáticos e pressões hierárquicas. Na verdade, esta luta se veste de legitimidade quando rompe bruscamente com tais hierarquias numa prática em que a antidiplomacia se torna resistência. E a ocupação da USP se mostrou exemplo desta resistência.

OKUPA E RESISTE!”

15 minutos depois eu voltava até minhas obrigações. Tomar conta da entrada pela manhã é uma tarefa bastante enfadonha e nada nobre. Requisitar a todos “a carteirinha, por favor” é deveras desgastante, e chega um certo momento que você perde a paciência enquanto a pessoa tenta encontrar o maldito documento na bolsa, “vai, pode entrar! Esquece isso, você não parece tão perigoso como um jornalista da Folha e do Estadão, ou algum terrorista do setor de engenharia, então entra logo”. Até os rostos mais conhecidos se constroem frente à obrigatoriedade da identificação. É claro que na maioria destes casos um simples “e ae, mano? Como que tá?” resolve o impasse e libera a passagem. Nada mais justo, é o hábito criando suas leis.

Pra passar o tempo eu o observava os moradores de rua varrendo os arredores da barricada de pneus, eram três deles que, segundo se comenta por ali, sempre ajudam no que podem. Um cara chamado Lauro, ou Mauro, quem sabe Clóvis, me pediu para ajudar a recolher o lixo. Na segunda viagem, quando

eu jogava o saco no tambor em frente à reitoria, um senhor de uns 50 anos segurou meu braço suavemente. Virei a cabeça para perguntar o que ele queria, mas diante de mim lágrimas insistiam em deslizar sobre as maçãs de um rosto cabisbaixo. Por mais soluços que aquele senhor tentasse engolir, sentia que sua mão era uma pluma desmantelando-se em vertigens.

“Sabe...”, começou com um sussurro mais agudo que mil ecos de mega-fone, “eu faço ECA [6], hoje”, e soltou meu braço com a certeza que havia me fisdado, “mas certas coisas me desanimam... me desanimam muito”, respirou pesadamente, “eu estava passando em frente ao prédio de comunicação agora mesmo”, fez uma pequena pausa e prosseguiu, “o pessoal do CALP e eles estavam vendendo ingressos, entende, vendendo ingressos e divulgando o JUCA”, curvou-se tentando se proteger de uma leve rajada de vento, “olha, eu falei pra eles, juro que falei, eles estão perdendo toda a juventude, estão jogando fora tudo isso”, o homem seguia choroso, mas se calou aguardando alguma resposta.

“É, eu entendo. É bem complicado. Também tive essa infeliz experiência no CALP ontem. Me olhavam como se eu fosse um vândalo”.

“Agora as coisas são diferentes, no meu tempo...”, foi inevitável, o soluço explodiu com delicadeza, arrastando consigo lágrimas ainda mais dolorosas, “no meu tempo... com os militares”, esfregou a manga da camiseta nos olhos, “eles chegavam batendo, foi uma época difícil, mas que está aqui ó”, e posou a mão direita sobre o coração, apertando, “aqui ó... ainda lembro, depois lutamos contra a privatização do Banespa, eu trabalhava lá, sabe...”, começou a acalmar-se enquanto uma faísca de ira iniciava devagar um incêndio, logo atrás das pupilas. “O senhor quer entrar e conhecer a ocupação?”, eu não sabia como reagir, estava sendo tomado como um cano de escape,

uma âncora de desabafo, e me sentia orgulhoso por isso. Ele não me deu ouvidos e continuou:

“O pessoal reclama, mas será que eles não entendem?!”, já as labaredas do incêndio aquecendo o tom, “será que eles não percebem que destroem o banco, acabam com a universidade pública simplesmente pra que todos pensem que está horrível, pra que todos queiram a privatização?!”, era um homem com milênios de indignação pesando nas costas, definitivamente, “será que eles não percebem que são manipulados, que seus desejos são manipulados?!”, e como um arco-íris após uma tempestade de inverno sua fisionomia tranqüilizou-se, os músculos relaxaram, ele aspirou os últimos vestígios de lágrimas e concluiu: “Perdão pelo incômodo, meu jovem, parabéns por tudo isso, pela atitude”, e seguiu sem caminho sem que eu pudesse esboçar ao menos um derradeiro adeus.

Aquilo me afetou de alguma forma bizarra, arranhando lembranças que só conheço dos livros. Pedi para um rapaz que cuidasse da entrada com o intuito de ir até a sala da comissão de comunicação enviar alguns e-mails. Mas antes que eu me desse conta já estava sentado na rádio e tv delírio cheio de THC na cabeça. Delírio pilava o terceiro baseado enquanto filosofava sobre o protesto anti-G8 que se avizinhava. Aquela erva toda não havia mudado muito minha cognição, por enquanto, mas de alguma forma atçou um medo indigesto de que talvez Guto tivesse fugido com minha mochila. O ponteiro girava a décima segunda volta no relógio e nem sinal de meus pertences. Despedi-me de Delírio e mais que depressa liguei para o rapaz. Caixa-postal! Por algum motivo que naquele momento de maresia me pareceu bastante pertinente, resolvi que o melhor era enchê-lo de e-mails e SMS. Se Guto estivesse realmente disposto a foder minha vida, as mensagens iriam no máximo diverti-lo; mas se algum contratempo atrasou sua boa intenção de devolver-me a

mochila, então aquilo tudo o deixaria emputecido e ele pensaria duas vezes antes de cometer uma boa ação para um cara tão grudento. Foi realmente uma idéia estúpida, mas eu não percebia isso.

Saí para tomar oxigênio, e no caminho dei uma força a um pessoal que levava tintas e sprays pra fora. Bruno acordara e já estava estudando as melhores pinceladas para embelezar o muro diante da reitoria.

Cássio perdia-se em pensamentos distantes detrás daqueles olhos negros, solitários, esparramados na grama. Aproximei-me com cuidado para não despertá-lo, mas foi inevitável.

“E ae, cara?”, cumprimentou Cássio ainda meio avoado.

“Fala rapaz. Pensando na vida?”

“Pois é, relaxando. Você que parece beeem relaxado”, e apontou dois dedos em direção a meus olhos.

“É, pensei que essa merda não ia bater, mas agora tudo tá lento, confuso e delicadamente leve. É a tal beleza da marijuana, compañero!”, apoiei o braço na grama e deitei.

“Eu to bem, mas logo quero mudar minhas percepções”.

“E decidiu se vai pro protesto?”

“Vai rolar sim. E se tiver Black tô afim de entrar no meio”, Cássio batucava alguma melodia no chão.

“Eu vim pra participar do Black, mas to com o cu na mão. Vai saber o que esses porcos vão tá pensando. É capaz de usarem armas pesadas”, o THC flertava com meus receptores neurais.

“Acho que eles não chegam a tanto. Mas pode escrever que eles não vão mirar no teu peito as balas de borracha”.

“Eita! Como assim?”

“Quando você ver que vão atirar, proteja os olhos e o saco. Eles tem espírito de porco suficiente pra mirarem nesses lugares só de sacanagem”, acelerou o batuque.

“É, não tinha pensado nisso, ainda bem que você me avisou. E os Tp’s?”

“Dá pra pensar em algo, depois. E que o deus sufi nos proteja”, batucou uma última vez antes de contrair os músculos do abdômen, tomar impulsão e sentar-se.

“Istikhara, irmão! Nada de encubar os sonhos...”

“Terrorismo poético com tempero sufista dá um bom molho”.

“Sem dúvidas. To pensando em fazer uns tp’s na minha cidade, por amor a arte”.

“Diversão bem direcionada sempre é interessante”, ergueu-se e logo após estendeu a mão para me ajudar a levantar também.

Bruno começou a jogar tinta sobre alguns rabiscos, e os contornos foram tomando formas coloridas. A conversa com Cássio continuava na órbita onto-somática da poética iniciática: “que a noite seja paz até o subir da aurora (...), afinal, escrever é, em si mesmo, um ato mágico” [7]. Foi então que se aproximou de nós um rapaz vestindo uma camiseta vermelha com escritos em amarelo, algo mencionando grupos sindicais. Ele caminhava até nós como se nos conhecesse há tempos, e à medida que penetrava cada vez mais delineado em meu campo de visão, pude reparar nos fios de barba adolescente despontando em formato de cavanhaque francês de cor castanho enegrecido cobrindo o queixo delicadamente pontudo. Jesus! Era Trotsky em roupagem juvenil, eu juro! Estávamos diante de algum parentesco longínquo, quem sabe uma experiência mal-sucedida de clonagem soviética!

“Fala Cássio”, pronunciou.

“Como que tá João?!”

“E ae, cara?!”, direcionando a saudação a mim.

Devo dizer que quando vi João naquela primeira vez decidi que não simpatizaria com ele. Nada pessoal, apenas mais uma daquelas sensações que sobem de algum lugar desconhecido entre o duodeno e a carótida, e pelo mistério e potência sugestiva que faz ferver a medula merece ser ponderada e respeitada. Portanto, antes de responder com um “salud” ao “eae, cara” de João, eu já sabia que ele era um idiota. O problema é que ele era um dos idiotas mais cultos e teimosos que eu já conheci.

“Salud! Me chamo Junior, beleza... João?! É isso, certo?!”, estendi a mão cordialmente.

“João Pedro, pra ser mais exato”, respondeu apertando-a com leveza.

“Bom... bom... filosofia também?”.

“É. Viu to com maconha aqui, vamos fumar nas pedras?”, convidou sem meias palavras.

“Ali é bacana, conhece as pedras, Junior?”.

“Acho que sei onde é, logo ali na frente, perto do relógio?!”.
“Isso, tavam falando do que?”.

“Terrorismo poético, sufismo, essas coisas...”, explicou Cássio.

“Hummm”, desprezou sutilmente, João, com um sussurro.

“Ele é trotskista”, sorriu Cássio.

“Não sei por que mas eu tinha certeza disso”, a sensação entre a carótida e o duodeno nunca falha...

“Tá afim de fumar?”, perguntou exercitando uma frase de função fática.

“Opa, claro, mas queria um cigarro antes”.

“Eu não tenho”.

“Nem eu”.

“Minha mochila ficou com um cara de São Bernardo, tô sem nada aqui”, conferi os bolsos mais uma vez.

Foi então que um carro encostou ao nosso lado e dele saltaram três pessoas, entre elas Douglas. Ele estava com os Marlboro's do Carioca, e distribuiu um pra cada, retendo sua parcela também. João convidou-o para a confraternização e logo estávamos a caminho daquele gramado desnivelado de onde brotam pontas de iceberg's rochosos, pedras que se entrelaçam, comunicam-se numa estranha geometria, formam uma mobília bizarra onde os estudantes da USP costumam descansar, namorar e intoxicar-se. Nem percebi, mas um casal nos seguia de perto, acabaram acomodando-se em nossa roda.

João começou o ritual de feitura do beck enquanto o casal se apresentava, era uma menina hiponga de uns 23 anos, com olhos de samba em uns 50 quilos de salsa, uma linda e simpática mistura latina chamada Débora. Seu namorado Jorge tinha um sotaque carregado, era colombiano, moreno, com alargadores de bambu nos dois lobos das orelhas, 27 anos de muitas experiências espirituais, como a aplicação do veneno de sapo, provavelmente do Kambô, da rã verde *Phyllomedusa bicolor*, e nos entreteu durante meia hora com suas histórias. Junto as suas palavras, o beck enrolado numa celulose extensa parecia uma vela de sétimo dia fumegando tranqüilidade.

“Depois que eu tomei ayaguasca eu tenho medo de tomar cogumelo e estas coisas todas, é uma coisa meio foda. Sei lá, é como se você tivesse no escuro e dois rios tentassem te levar, mas você não pode deixar que te leve, e seu corpo começa a despedaçar, você tenta segurar as partes. Não sei, é uma experiência de onisciência, de entrar na cabeça das pessoas e aquela confusão de pensamentos. Tenho medo de experimentar de novo, foi muito forte”, contava Douglas enquanto me passava o beck. “Você já experimentou ayaguasca?”, perguntou a Jorge.

“No, amigo. Má tenho ganas, muchas ganas”, era uma das poucas ervas espirituais sulamericanas que Jorge nunca provara.

Peguei o beck, aspirei à névoa inflando a caixa torácica, “eu já tomei, num ritual quéchua, no Chile”, as palavras confundiam-se com a fumaça que se evadia colorindo meus lábios, “é realmente uma experiência única, esse negócio te faz repensar a vida”, e passei-o a Cássio.

O papo continuou o mesmo até o casal despedir-se e Douglas desfalecer refestelando as costas sobre uma pedra, esgotado pelo sono. Neste momento João enrolou mais dois becks e ambos começaram a girar entre nós três, restantes. Não havia tempo para respirar, fumar e conversar ao mesmo tempo, portanto optamos por deixar a respiração de lado e concentramo-nos em discorrer por fumíferos processos de aspiração/expiração, que substituíram nossa dependência por oxigênio durante mais de três horas e potencializaram os golpes de THC. A mudança de percepção acompanhou a guinada no tema e logo flanávamos sobre a zona autônoma temporária, o caráter de Trotsky, a diferença entre a teoria das cordas e a oligania quando a física quântica tenta explicar a realidade. Mas qual delas?

De repente algo surrupiou minha atenção: “Caralho! Uma coruja! Não... eu devo tá lesado demais... mas parece uma coruja, de verdade”, os contornos lembravam a ave, olhos saltados no meio de uma cabeça de penas.

“Tá loco, coruja uma hora dessas, aqui? Nem a pau”, comentou João.

“É, você deve ter razão... tá tudo confuso, distante.... é só sua mente, Junior, a colher não existe! Você pode controlar isso, meu rapaz! FORÇA RODRIGO! É só uma alucinação provocada por consumo exagerado de uma maldita erva que nem provoca alucinações... Agora vira esses olhos pra direita e PIMBA, ela não estará mais lá”, mas ela estava, parada, imóvel, analisando o

sabor do vento, cinzenta, confundindo-se com as rochas, cercando seus ossos de concreto pneumático com energias desconcertantes. “Aiai, Jesus! Ela continua lá, eu não posso mais controlar minha cabeça, é o CATACLISMO! Tira ela de lá, se concentra, conecta tua têmpora com o abuelo cielo, ele deve ter uma carta na manga uma hora dessas. Feche os olhos, mais forte, pense... ou melhor, não pense, esvazie os pensamentos, esqueça aquela coruja desgraçada, ignore essa maldita viagem!”, abri os olhos com um medo incrível que me fazia tremer suavemente, Cássio e João me olhavam como se compartilhassem minha preocupação neurótica, como se aquilo tudo fizesse sentido.

“Deixa eu ver isso”, falou Cássio, e colocou-se de joelhos para ter condições de olhar onde supostamente estava a coruja. “É uma coruja mesmo, você não tá louco”, concluiu.

“Sério? Você tem certeza? Não quero mais olhar PRA-QUILO!”, minhas mãos suavam, o pavor arrefriava meus poros.

“É uma coruja mesmo, cara. Nossa isso é raro por aqui”, complementou João que também havia se levantado para ver o bicho.

“Vocês tem certeza absoluta do que tão dizendo? Vocês não tão me enganando? Isso não é uma armação?”

“Relaxa, é uma coruja, só isso”, acalmou-me João.

“Eu não ficaria tão tranqüilo se fosse você”, sorriu maliciosamente Cássio.

“POR QUÊ? Não é uma coruja?! Eu sabia, é a matrix, cara, é a matrix!”, e sacudi-o agarrando-me a seus ombros.

“Não é nada disso! É uma coruja, isso é fato! Mas esse é o problema”, safou-se.

“Hein?! Como assim, Cássio? Eu acabei de saber que minha mente não cria animais cinzentos e você me diz que ESSE é o PROBLEMA?!”.

“O que acontece é que segundo a teoria cabalística, e não só ela, isso coincide com estudos de angiologia, se você ver uma coru-

ja durante o dia é presságio de morte próxima. Morte certa. Você não vai no protesto depois de amanhã? Se cuida cara, teus dias tão contados”, disse acomodando-se novamente sobre a rocha.

“Ignore esse profeta do caos fajuto! Ele não passa de um sufista barato no meio da conspiração! Ele acha que você é um TP com pernas, esqueça essas palavras, Cássio não passa de um Stalin psicodélico de saias”, refleti num tom elevado.

“Tudo bem, cara. Depois não diga que não avisei”, virou-se e cuspiu na direção da coruja.

“O que você acha disso, João?”, perguntei.

“Tudo balela! A mesma babaquice que vocês estavam falando sobre a Guerra Civil Espanhola! Desde quando os comunistas implodiram o movimento?! Vocês anarquistas que não entendem nada de revolução. E sobre o que você tinha dito de Makhno, que o exército vermelho traiu ele depois que os makhnotistas detiveram a invasão da Ucrânia, isso é um absurdo! Ele ia construir uma milícia! Uma milícia contra os Bolcheviques, eles tinham que cortar o mal pela raiz. E ele batia na mulher e fuzilava gente, não tinha nenhum caráter humanitário, como você disse que o exército vermelho também não tinha. E Petrogrado não tava se rebelando como você disse, pra ajudar Kronstadt, não foi por isso que Lênin e Trotsky mandaram aniquilar aquela cidade rebelde, que aliás nem era anarquista!”, desabafou, finalmente. João tinha mitocôndrias de político, certamente ainda veria aquele rapaz subindo o degrau mais alto do Palácio do Planalto, ou por uma aliança nojenta de centro-esquerda, ou por um sanguinário golpe de estado trotskista. Mas em ambas as opções eu teria que me exilar em algum território amigo, como Christiania, pra não ter meus intestinos enrolados e industrializados num salame de quinta para alimentar a massa esfomeada.

“Tudo bem, cara, Trotsky ganharia o prêmio Nobel da Paz se estivesse vivo, e Lênin venderia amendoim na porta do

Morumbi num Corinthians e São Paulo. Mas, POR FAVOR, me diga que o Cássio tá errado e que eu NÃO vou morrer!”

“Mas você vai morrer”, teimou Cássio.

“Tá, eu desisto, se eu vou morrer que seja de barriga cheia e sem essa larica insuportável. Vou nessa comer alguma coisa”, tentava recobrar a normalidade de meus sentidos.

“Eu vou nessa também”, levantou-se Cássio.

“NÃO! Espera aí até eu conseguir uma distância segura! DOUGLAS! ACORDA DOUGLAS! Vamo comê alguma coisa, por favor! Não tenho muito tempo!”, Douglas espreguiçou-se e, sem uma palavra, pôs-se de pé e começou uma caminhada sonoLENTA. “DEUS! Eu te pago um café, PRETO! Mas tenta ficar de pé pelo menos até a lanchonete!”

Alguns minutos de descanso e sanidade, era tudo que eu pedia a Douglas.

“A gente toma o café em silêncio, preciso de um pouco de sossego”, mas nem era preciso pedir uma coisa dessas, Douglas ainda estava num estado semivegetativo. Parecia ter forças somente pra levantar a xícara até os lábios e sugar o líquido quente mirando fixo ao horizonte.

“Acho que vou hoje pra casa da minha namorada, dormir, preciso dormir. Você tem a chave do apartamento, qualquer coisa descansa por lá”, comentou Douglas refazendo-se pela cafeína.

“Beleza, cara. Valeu de novo por isso. Acho que vou pra Assembléia Geral dar uma olhada e depois capoto”, terminamos o café em silêncio.

A Assembléia Geral dos Estudantes estava marcada para as 18 horas, mas duas horas depois desse horário, quando Douglas já estava próximo da casa de sua namorada, ela ainda não havia começado. Aproveitei a demora e telefonei para Guto, ele

explicou-me que precisou levar uma amiga ao hospital e dar uma assistência a ela durante o dia e por isso não pode me trazer a mochila. Prometeu que na manhã seguinte estaria na USP, achei melhor acreditar nele, por pura falta de opção.

Os estudantes reuniram-se em frente ao prédio ocupado e começaram as deliberações por volta das 20 horas e 30 minutos. A comissão de negociação presidia a seção e logo seguiram os informes e as discussões. Deveria ter umas 250 pessoas reunidas, numa proporção escandalosa de um repórter pra cada três estudantes, em média. Eram tantos refletores, flashes, câmeras e blocos de anotações reunidos num mesmo espaço, que tive medo de peidar um pouco mais alto e virar notícia. Resolvi voltar ao apartamento e dormir.

• • •

Acordei cedo, o sono foi profundo como uma bomba de haxixe de Baudelaire, mas com a turbulência dos pesadelos que te devolvem as responsabilidades do dia que se avizinha: o jornalismo de meu cérebro precisaria captar tudo, uma britadeira automática com pistão de titânio perfurando um pântano escatológico, suas páginas rabiscadas teriam de ser um gravador digital com bateria de lítio carregada diretamente na Three Mile Island, nada de falsificações, tudo detalhado em conexão direta com a florescente da alma, transcrito literalmente avulso a uma tempestade de sensações e ruídos, deveria, por fim, ser enviado com flores brancas pelo oceano que se mostrar mais tranqüilo e objetivo, até o altar inegociável da responsabilidade social das ciências humanas. Foi terrível, despertei suando, sem cobertor, numa manhã gelada. Hora de ir pra reitoria.

Diante da bolha amarela, Cássio respirava, seus olhos esfarelavam-se como duas esferas de diamante negro em pó, prontos pra ser cheirados no alvor daquela manhã.

“Bom dia, rapaz. Nossa! Você tá um bagaço!”, saudei ensaiando uma careta.

“É, eu to me sentindo meio fraco mesmo”, espreguiçou-se. “Ahh... bom dia, cara”.

“Bom, eu vou tomar um café. Adoro tomar café quando acordo cedo”.

“Café... café... comida! Caramba, mano, faz umas 12 horas que eu não como! Por isso que eu to me sentindo fraco”, o mais engraçado é que ele pareceu surpreso com a próprio esquecimento.

“Eles devem tá servindo o café lá na copa, mas como eu sou um burguês sem coração vou na lanchonete”.

“Já volto aí”, e saiu em disparada pra dentro do prédio.

Ainda me detive alguns minutos em frente à entrada buscando alguém conhecido pra mendigar um cigarro. Depois deste pequeno lapso temporal Cássio retornou, parecia renovado.

“Caralho! Fast-food mesmo! Já tomo café???!!”.

“Que nada! Dei um tiro e tô novo!”, coçou o nariz e aspirou com violência.

“Essa hora da madrugada??”.

“Essa ocupação confundiu meus horários”.

“Bom, não sou chegado nesses lances químicos, acho sempre melhor o contato natural, diretamente da fonte, sem essa frescura sintética de aumentar o que não deve ser aumentado. É tudo uma questão ritualística, e essas porcarias acabam com isso”, meu estômago ronronava impertinente.

“Mas ajudam em momentos como esse”.

“Ainda prefiro minha boa e velha conhecida cafeína. Tá afim de um café? Melhor não, você já tá suficientemente elétrico”.

“É, vou pra reitoria achar algo pra fazer”, e despedimo-nos.

Estava angustiado diante da perspectiva de Guto não aparecer. Mandeí mensagens para ele durante todo o café da manhã.

A Universidade de São Paulo começou a encher, era dia de Assembléia Geral dos Estudantes das Universidades Estaduais, e se esperavam ônibus vindos da UNESP e UNICAMP. Porém, outro empecilho dominava o ambiente: estava marcada para as 10 da manhã uma marcha contra a ocupação, comandada por professores e estudantes descontentes com a greve. Eles pretendiam caminhar em bloco até a frente da reitoria e manifestar seu descontentamento.

Eu sabia que esse era exatamente o tipo de briga que grupos como a CONLUTAS e a INTERSINDICAL adorariam comprar. E não demorou muito para um caminhão de som patrocinado pela CONLUTAS estacionar ao lado dos carros de reportagem e subir o equalizador com aquelas mesmas canções de trinta anos atrás: “Pra não dizer que eu não falei das flores” e “Hasta siempre” devem ter tocado umas quinze vezes, cada uma, a cada meia hora... Carlos Puebla e Geraldo Vandré ficariam orgulhosos... e entediados...

Em pouco tempo a reitoria estava tomada. Uma porção de ônibus da UNICAMP e UNESP estacionaram. Logo inúmeros movimentos sociais surgiram para demonstrar apoio, como MST, MTST e o MSU [8], o que não deixa de ser um tanto paradoxal se pensarmos nas contas bancárias dos sobrenomes que ocupavam a reitoria da maior universidade do país. Os grupos sindicais começaram a montar barracas alimentícias, e um partido de esquerda, se não me engano o PSTU, armou um estande para venda dos mais diversos livros comunistas. “É, amigo, onde está a I. F. A. quando precisamos dela?”, pensei mesmo sabendo que nenhuma federação brasileira é filiada a esta internacional.

A marcha contra a ocupação não foi bem sucedida, na verdade foi um fracasso, poucas pessoas aderiram e, além do mais, a idéia de protestar diante da reitoria foi sumariamente

descartada depois que perceberam a multidão que os aguardava. A solução que encontraram foi dirigirem-se até o relógio — uma construção alta circundada por um pequeno lago artificial —, abraçá-lo coletivamente e cantar o hino nacional como um protesto simbólico.

Melhor parar de rabugices e ajudar em alguma coisa, esses babacas chegaram ao fundo do poço e a diversão terminou. Estávamos na hora do almoço e passei a colaborar na distribuição das marmitas entre os 15 GDs [9] espalhados pelo prédio ocupado. Distribuí tanta comida que acabei sem nenhuma. Nada, nem uma folha de alface pra preencher o buraco do dente. A essa altura eu já estava mais que esfoameado e absolutamente convencido de que nunca mais teria notícias de minha mochila. Entretanto, num dos poucos momentos de descanso em meio à correria e aos debates intermináveis, recebo um SMS de Guto avisando que já estava na USP. Corro até a lanchonete e o encontro carregando aquele trambolho bege abarrotado. A mochila, finalmente!

“Ôôô rapaz! Que alívio te ver!”, foi inevitável um longo suspiro.

“Tão aqui tuas coisas”, estendeu-a pela alça, “foi mal por não ter vindo ontem”.

“O que rolou com tua amiga?”, perguntei já socando a mão em um dos bolsos da mochila e retirando meu remédio diário. Estou no meio de um tratamento sério, não posso dar mole. Joguei a pílula na garganta e a engoli com saliva, agora muito mais tranqüilo.

“Então, cheguei em São Bernardo e ela me ligou. Quando cheguei lá o apartamento tava todo vomitado, ela tava branca, se arrastando e dizendo ‘foi só cigarro, Guto, eu juro’”.

“Cigarro sempre fodeu minha pressão, é só fumar dois seguidos, pode ser até aqueles Free cinza, não adianta, minha

pressão cai e eu tenho que vomitar, deitar.. enfim, acaba com meu dia. Por isso prefiro tabaco, não só por isso, tem o lance dos lobbies, do ritual que envolve o tabaco e tudo mais. Mas esse é um fator importante”, comentei empolgado coma devolução da mochila.

“Pois então, aí fiquei com ela no hospital e não pude te trazer a mala. Foi mal”.

“Sem crise, você tem um bom álibi. Rapaz, vou ali no apartamento do Douglas tomar um banho, faz dois dias que esse corpinho não vê água”.

“Vai lá. Caramba, quanta gente!”, finalmente Guto reparou no alvoroço anormal na okupação.

“É dia de Assembléia Geral, tá entupido isso aí. Não chega muito perto se não já te arrumam trabalho”, aconselhei-o em vão.

Subi até o CRUSP e tomei um banho. A irmã de um dos garotos que dividem apartamento com Douglas estava dando uma geral em um dos quartos. Me senti um pouco constrangido, mas ela foi bastante prestativa e de uma maneira meiga me ofereceu macarrão.

“Nossa! Você leu minha mente! Eu tô morrendo de fome! Mas, posso tomar um banho antes, faz um bom tempo que não me lavo, sacumé...”, tentei a tática do cãozinho abandonado.

“Numa boa. O banheiro é ali no canto, enquanto isso eu esquento o almoço pra você”, sorriu equilibrando o óculos aro fino sobre o nariz suavemente pontiagudo.

Em menos de uma hora eu estava limpo e de barriga cheia. Marta, a garota do apartamento, não me deixou nem lavar o prato, tá certo que eu não insisti muito, odeio serviços domésticos e ela parecia sincera naquele ato de bondade. Foi um acordo bilateralmente proveitoso, acho.

Com minha mochila grudada em meu lombo, a pílula de Adefovir fermentando em meu estômago junto ao macarrão al sugo, tudo se fazia mais simples, mais claro e gasoso. Dentro do prédio ocupado a maioria permanecia sentada, concentrada, discutindo os rumos da educação pública, gratuita e de qualidade, seja lá o que isso queira dizer. Em frente ao maior salão, que dava acesso à rádio e tv delírio, estava a maior aglomeração. Próximo a este burburinho foi montada uma banca de venda de livros comunistas a preços módicos. Provavelmente uma sucursal da banca em frente à reitoria. Não é fácil para alguém que preza pelo respeito libertário engolir marketing partidário bem no cerebelo de uma zona autônoma temporária, por mais eclética que ela seja. Aquilo foi demais pra mim: malditos vendedores de enciclopédias revolucionárias, apostilas de auto-ajuda reformistas e guias comportamentais antialienantes! Onde estava a decência desse pessoal?! Estamos em uma okupação, camaradas! Parcimônia e bom-senso com os manuais de instrução integral! Este é o coração de um monstro que só tem coração! Não deturpem solidariedade em burocracia financeira propagandista! Gordura saturada em excesso pode entupir as artérias e coagular o movimento! Caralho!

A comissão de comunicação mudou o centro de atividades pra melhorar a logística num dia tão atribulado. Moveram seus arquivos para a Pró-reitoria de Graduação e foi lá que encontrei Cássio, descabando estantes, abrindo portas compulsivamente.

“Cássio!”, ele não ouvia, estava concentrado procurando por alguma coisa. “CÁSSIO! Porra! Eu vi uma banquinha comuna no nosso fucinho! Vamo deixar a coisa assim?!”, comecei.

“Eu sei disso! O que você acha que eu to fazendo aqui? Conhecendo o terreno, por acaso?!!”, movia-se rapidamente buscando alguma coisa.

“Tem algo em mente?”

“Mas é claro. Falei com o pessoal anarko daqui. Conhece o Mogly?”, abriu mais uma porta e deu de frente com uma pilha de sulfites, marcou a armário onde as encontrou e seguiu sua busca.

“Não...”

“Tá, você vai conhecer. Ele faz parte do exército de palhaços. Conversei com ele e com um pessoal e resolvemos fazer uma banca de livros anarko”, a coisa começava a fazer sentido.

“Hein?”, mais informações, por favor.

“É fácil, todos nós tínhamos algum livro interessante na mochila, então pegamos e começamos a fazer xerox deles, pra montar a banquinha. Sacou?”

“Boa idéia, ótima idéia!”

“Mas a tinta do Xerox acabou e agora tô procurando o estoque dela por aqui”.

Era um excelente plano, por isso resolvi ajudar depois que soube por fontes não oficiais que Guto não aceitou meu conselho e já tinha sido tragado pela comissão de cultura: agora estava numa batalha épica pra conquistar o coração da troupe carioca Teatro Mágico e levá-los até nós para uma apresentação grátis.

Não foi difícil encontrar o material necessário. Além das modernas máquinas de Xerox, detrás das portas daqueles armários encontramos todo o instrumental necessário: tinta, papel sulfite e grampeadores — tudo gentilmente patrocinado pelo Governo do Estado de São Paulo. Nos revezávamos na operação do maquinário e entre uma página e outra discutíamos o protesto do dia seguinte.

“Então fica assim: a gente vai sair da Prestes Maia e encontramos vocês no MASP”, falou Cássio.

“Beleza, tranquilo por mim. O lance tá marcado pras 15 horas, se não me engano. Não esquece de ir de preto se quiser entrar no black”, passei o livro a Cássio, era sua vez de trabalhar de copiadador.

“Com certeza. Precisava de uma balaclava, você não tem nenhuma aí, não?”

“Tenho só uma, que trouxe especialmente pra isso. Mas bota uma bandana no rosto que ela faz às vezes de balaclava. Fica até mais charmoso”.

“É, tinha pensado nisso também”, e então desligou a máquina, havíamos concluído nosso trabalho. “Agora vamos lá na outra sala de xerox, atrás de onde era a comissão de comunicação pra sacar os xerox do Mogly”.

“Ele ta fazendo mais por lá?”.

“Mas é claro!”.

Mogly estava sentando sobre uma mesa comendo uma caneca de carne de soja enquanto um rapaz chamado Eduardo tirava as fotocópias. Ele não poderia participar do protesto anti-G8 e estava ali pra comunicar a deserção. De repente, Guto entrou na sala perguntando se eu gostaria de dormir na sua casa em São Bernardo, pra facilitar as coisas no dia seguinte.

“Claro, velho! Tá com pressa?”.

“Um pouco, dois amigos que trabalham em Sampa chegaram e vou dar uma carona pra eles”, disse ainda encostado na porta entreaberta.

“Tá beleza, sem problemas. Só vou terminar esses xerox e montar a banquinha e já vamos”.

“Que vocês tão fazendo?”, apontou para os xerox.

“Uma banca de livros anarquistas! Concorrência pros comunas que tão vendendo livros dentro da ocupação”, adiantou-se Mogly.

“Mas vão vender xerox?”.

“Não, não”, explicou Cássio, “a gente tira as cópias e disponibiliza gratuitamente”.

“A única exigência, que vem escrita na cópia, é que ela deve ser passada pra outra pessoa logo depois de terminada a leitura”, finalizei.

“Bem legal a idéia! Bom, Junior, quando acabar por aí a gente vai”.

Guto retornou à companhia de Carioca para finalizar os acertos com o Teatro Mágico e, paralelamente, concluíamos duas fotocópias de: “Caos — Terrorismo poético e outros crimes exemplares”, “TAZ — Zona Autônoma Temporária” ambos de Hakim Bey; e “Distúrbio Eletrônico” do coletivo Critical Art Ensemble — coincidentemente todos publicados pela Conrad Editora. Se algo desse errado colocaríamos a culpa nela por ter liberado as obras em copyleft.

É claro que nossa banca era modesta, tínhamos seis livros em preto e branco, mas decidimos que nosso estande seria montado ao lado da dos comunas. Somos rancorosos e invejosos, mesmo, e como não encontrávamos vacina para estes adjetivos resolvemos adotá-los como marca publicitária e fazer deles nossa bandeira rubro-negra. Analisamos a propaganda rival, que oferecia livros com descontos portentosos, e escrevemos numa folha de caderno nossa promoção: “Livros Ambulantes Grátis. Favor retirar o seu com um sorriso. Oferecimento: Governo do Estado de São Paulo”. Ajudei na instalação da banca, duas pequenas mesas enfileiradas, mas não pude curtir a repercussão de nossa micro-empresa, Guto tinha pressa. Despedi-me de Cássio, Mogly e Eduardo sob os olhares intransigentes de nossos camaradas comerciantes e segui rumo a Kombi que nos levaria a São Bernardo, um automóvel de carga, sem os bancos traseiros.

Estava cansado, sonolento, então me prontifiquei em viajar atrás. Enquanto Guto e seus amigos conversavam animadamente, deitei-me sobre alguns fios de cobre no chão da Kombi, posicionei o saco de dormir como travesseiro e abracei

uma escada para não bailar com os trancos da viagem. Por fim, enfiei o indicador nas narinas para tirar a sujeira e dormi. Ainda passamos num bar comer batatas fritas, tomar algumas cervejas e assistir um futebolzinho antes de irmos para casa de Guto. Tomei um banho rápido e me retirei, precisava descansar, e, sobre tudo, raciocinar sobre o dia seguinte. Minhas mãos já suavam...

• • •

Amanheci com o ranger incomodo do celular avisando que já era hora de abandonar o conforto onírico e enfrentar os deveres anarco-jornalísticos. Sentei na cama e cruzei as pernas inspirando pausadamente a pauta do dia. Vejamos: teria que ir até o MASP e reunir-me à tropa libertária tendo ciência de meu duplo papel — anarquista e repórter —, enfiar-me no meio da guerrilha urbana mascarada, cauterizar minhas células insurgentes fazendo-as transbordar por meus poros, pela oleosidade de minha derme, e defender o Black Bloc tremulando a herança radical dessa estratégia na réstia de piedade que aflora na medula, diante de um batalhão de ogros ensandecidos dispostos a defender a moral burguesa e armados com toda a ilusão de autoridade ofuscada em suas fardas. Certamente teríamos um dia agitado num milkshake de metano e pólvora.

Vesti uma camiseta e duas calças — o conselho quando se vai para protestos é sempre usar a maior quantidade possível de roupas, para o caso de pancadas de múltiplas fontes —, dobrei o moletom escondendo as insígnias libertárias e conferi os bolsos, tendo o cuidado de manter a balaclava segura em um deles. Foi quando veio aquela vontade bombástica de cagar. Tranquei a porta do banheiro, sentei na privada e mandei ver. Mas momentos depois, quando já me preparava pra encontrar Guto na cozinha, surgiu a necessidade da segunda leva, do pit stop de

urgência. Talvez eu estivesse muito nervoso e isso facilitou o processo digestivo afrouxando meu ânus. Mandei ver pela segunda vez em menos de 10 minutos, mas quando estendi a mão buscando o papel higiênico encontrei somente um rolo vazio.

“Bosta! Fedida! Merda escrota, como eu não percebi isso antes?!”, estava injuriado, aquilo só podia ser um mau agouro... ou a coruja...

Levantei-me com cuidado, mas ainda mantendo as pernas levemente dobradas, meio de cócoras, fechei a tampa do vazo para não apreciar a obra e comecei a procurar um rolo novo. Em vão. Foi quando que lembrei das sábias palavras do filósofo dos losers, Kevin Arnold — “para momentos desesperadores medidas desesperadas”: puxei minha carteira do bolso, e num ato simbólico que resume brilhantemente este livro, retirei um estrado de conta do Bradesco, um comprovante de pagamento Visa e um recibo de sete reais e cinquenta e três centavos das Lojas Americanas e esfreguei no rabo, mandando, literalmente, o capitalismo a merda!

Guto já fazia o café da manhã, trajado de preto como pede o figurino, pude ler em seus movimentos tensos a preocupação com as próximas horas. Ele já serviu a AMAN [10] obrigando os policiais de baixa patente baterem continência frente a sua hierarquia. Largou tudo pra se vestir de palhaço e ensinar história através de uma pedagogia menos rígida. Era inevitável para ele, um peixe-palhaço de bochechas rechonchudas, mergulhar na ânsia libertária fazendo germinar seu perfil Francisco Ferrer a moda bakuniana com ascendência ontológica, anarquista ontológica. É possível perder-se submergindo dentro daquele coração interminável, protegido pelo corpo largo e bem nutrido daquele palhaço em período integral.

“Já está na hora, vamos nessa, Junior?”

“É o jeito né... bora lá!” e em poucos minutos estávamos novamente na Kombi, seguindo direto para a Paulista.

• • •

Estávamos lá, em algum ponto entre a neurose e a obsessão, a dois passos do miocárdio, a um suspiro da redenção. Meu braço circundando calmamente o arco da catapulta, a pedra em vôo tranquilo desacelerando o tempo, segundos coagulados como horas, minha cartase concentrada em ódio, a incerteza fragmentava-se numa esperança de êxtase vingativo, enquanto lento decrescia em curva o pequeno paralelepípedo, até despedaçar em milhares de pequenos vitrais apressados quando a vidraça do Banco Sudameris se dilacerou por meu grunhido de liberdade. De repente, TudoVoltouDeNovoAoRitmoAlucinanteDaFuga, ComoUmaExplosãoQueBrotadoSilêncioESugaAEntropia. Precisava ser rápido, senti o salgado do suor nos lábios, e sabia que evaporávamos juntos debaixo da balaclava. A Tropa De Choque saltou detrás da neblina de pimenta como o Exército da Santa Aliança em dia de simonia, precipitando os segundos já antecipados, e atiçando ainda mais a revolta que apertava nossos músculos com toda a força que uma ideologia pode suportar.

Eu despedacei a vidraça daquele maldito dragão cuspidor de dólares nada inocentes, e tinha completa ciência de que eles comprariam outra daquela com a esmola de algum mendigo que eles ajudaram a mergulhar na sarjeta. Mas o sentimento de vingança que esquentava as veias, a ilusão da rechaça é como um copo com água gelada num dia de 50° em San Pedro do Atacama. É o gemido individualista tomando substância. Mas agora precisava correr, antes que a Santa Aliança

despencasse sobre nós, hereges. Não tive tempo de olhar para trás, coloquei toda a potencia de aceleração sobre meu fêmur esquerdo para tomar impulsão e cruzar a próxima quadra da Paulista o mais rápido possível. A tropa estava a menos de 150 metros de mim e a neblina ardente só fazia as coisas ficarem cada vez mais dançantes na minha cabeça.

Disparei velozmente, mas antes que pudesse perceber algo entre a bruma branca, tropecei com violência na cabeça de um morador de rua que dormia na maior tranqüilidade bem no meio de todo aquele caos, de todo aquele gás de pimenta. Despencuei de quatro no chão e bati o queixo de leve na calçada. A adrenalina cauterizava a dor, só tive tempo de gritar um “perdão” e observar o bocejo do homem virando de lado, como se vagamente despertasse de um sonho ruim para entrar em outro ainda pior.

Giramos novamente em uma perpendicular à Paulista. Um desentendimento interno aquecia os ânimos: um daqueles punks de boutique destruía carros populares estacionados na rua. Eram Uno’s e Pálíos, os demais tentavam o segurar, até o instante que perderam a paciência e chutaram aquele maldito idiota pra longe do grupo com toda a violência gratuita que ele merecia desde o começo daquela marcha. Marcha que ele ajudou a foder. Já era hora!

“REAGRUPA! AINDA DÁ PRA VOLTAR! REAGRUPA!”, as vozes iam reorganizando-se a medida que os ânimos se tornavam coesos.

Voltamos a juntar-nos em bloco e subimos a rua dispostos a recomençar o confronto. Porém, quando passei a esquina nada estava visível, havia aquela nuvem branca e ardente cobrindo desde o asfalto ambos os flancos, foi quando alguém gritou:

“A gente já conseguiu vinagre na padaria, passamos ele em alguns panos e colocamos no rosto dos mais afetados, mas ainda tá complicado”.

“E não dá pra sair daqui?”, olhei em volta.

“Ainda não, a Polícia tá cercando e tem gente que tá com os carros nas ruas próximas, e lá tem mais gás ainda”, apontou para a nuvem carregada de ardência que tomava a rua em frente.

“Que merda. QUE MERDA! Não era pra quebrar tudo só em frente ao Banco Central, caralho?”, irritei-me.

“Era, mas um idiota fez exatamente o que a polícia queria e começou tudo com menos de cinco minutos de manifestação. É um filho da puta, eu nunca tinha visto a polícia fazer escolta pra um protesto anarquista, nunca, e quando dá certo aquele idiota fode com tudo”.

“E quem tava no fim da marcha?”.

“Todo mundo que tava no fundo caiu”, segundo o portal G1, cerca de 50 manifestantes foram detidos para “averiguação”.

“E o Mogly caiu também”, interferiu na conversa o palhaço, que levava sobre os braços a imensa bandeira rubro-negra que começara a marcha nas mãos de Cássio. Como ela foi parar ali até hoje é um mistério para mim.

“Porra, como assim?”.

“Quando quebraram o Mc Donald’s foi foda, ele tava dentro, brincando com as pessoas, fazendo o espetáculo dele. Eu tava chegando na entrada e deu tempo de correr, mas ele ficou preso lá dentro”, pressionou os lábios.

“Putá merda! Bom, eu tenho que procurar um amigo, a gente se fala”, eu precisava encontrar o Guto e dar um jeito de sair logo dali. A coisa estava ficando definitivamente desesperadora e eu temia pela integridade de meu novo amigo. Entretanto, mal sabia eu que naquele momento Guto desferia um cruzado de direita na ponta do queixo de um policial. O meganha titubeou na tentativa de manter-se em pé, e logo co-

meçou a movimentar os olhos buscando o canalha que o havia acertado. Mas as condições climáticas artificiais eram muito desfavoráveis pro seu intento, o sereno de pimenta ardia às pupilas e aconselhava as pálpebras a contraírem-se em auto-defesa. Guto aproveitou para evadir entre o ar embranquecido e entocar-se numa livraria próxima. Mas talvez Guto tenha feito uma boa ação para aquele safado de farda. Esse tipo de gente costuma idolatrar a auto-piedade, e quem sabe este policial não tenha chegado em casa naquela noite, tomado um banho no chuveiro elétrico instalado com fita isolante preta, e sentado-se a mesa comentando com a esposa: “hoje foi um dia difícil, me acertaram nas fuças. Sabe, coração, nós policiais deveríamos ser mais respeitados, a gente defende a população, nosso trabalho é importante, é digno”, a mulher consente acenando afirmativamente com a cabeça sem dizer uma palavra, então ele continua, “aliás, meu amor, você fez aqueles bolinhos de carne que eu adoro?”.

Mas não havia tempo pra tantos pensamentos, por mais imprescindíveis que parecessem. Eu buscava um caminho diferente para voltar à Paulista, então caminhei duas quadras na direção do Banco Central e virei à esquerda. Quando estava a alguns passos da avenida mais famosa do Brasil vejo três manifestantes descendo.

“Você tá indo pra Paulista?”, interpelou-me o mais moreno deles.

“É, preciso encontrar um amigo, ou achar a Justiça Federal, o carro dele ficou lá”, disse segurando o passo.

“A gente ta vindo de lá, ta cheio de porco lá, é melhor voltar”.

“Vamos passar lá rapidinho, aí vou com vocês. Junior, prazer”, cumprimentei com um aceno coletivo.

“Lembro de você lá no MASP, eu sou Neto, esse é o Alexandre e o Carlos, eles são do interior de São Paulo, vieram pra cá pros protestos”, eles não trajavam nenhuma roupa suspeita, pareciam inocentes jovens de classe média alta. Eu estaria mais seguro junto deles.

“Eu vim pra cá justo pra isso também”.

Mas na Paulista nem um vestígio de Guto, somente bancos e lanchonetes depredadas e a polícia parando qualquer um que não usasse camiseta pólo e calça social.

“É melhor a gente descer, isso tá ficando sério”, comentou Carlos.

“É verdade, vamos prum bar, pra não dá muito na cara”, concordei.

Duas esquinas para baixo, quando decidimos girar para direita, começamos a ouvir barulhos de sirene, e a cada segundo que passava a tensão inflava dentro de nós como se estivéssemos em alguma cena de “O que é isso companheiro?”, sempre aparentando sobriedade, mas lá no fundo absolutamente desesperados.

“Cara, não olha pra esquina de trás”, advertiu Neto.

“Nem pra esquina da frente”, completou Alexandre.

“Porcaria! Por quê?”, perguntei preocupado.

“Simplesmente não olha, continua caminhando”, finalizou Neto.

Mas a curiosidade foi mais forte que meu senso de sobrevivência. Na esquina logo atrás de nós, quatro manifestantes estavam em posição fetal sendo brutalmente espancados por cerca de 10 policiais. Começamos a ouvir seus gritos e gemidos altos, e

uma sensação de impotência nos paralisou. Foi quando diante de nós passaram lentamente cinco viaturas recheadas de policiais. Eles nos miraram como hienas cansadas de carniça, em busca de sangue fresco. Mas não pararam, ao contrário de nossos batimentos cardíacos, que de tão acelerados confundiram-se em meio à velocidade e optaram pela inércia. Resolvemos entrar na padaria em frente, não era seguro vagar por aquela região.

“Olha lá, na esquina da frente!”, indicou Carlos com os olhos.

“São um, dois, três... são sete policiais!”, eu não podia entender a covardia daqueles senhores fardados.

“Sete policiais descendo o pau em três punks”.

“Meu, eles não pararam! Vão matar os muleques!”, Carlos era o mais temeroso ente nós.

“Vem, vamos pra padaria, a gente não pode fazer nada”, a corja divertia-se invertendo violentos golpes de cacete na cabeça, estômago e saco dos punks com bicudas coturnadas sem piedade alguma, despedaçando o órgão que encontrassem pela frente.

Aquela padaria virou antro de manifestantes, estávamos em pelo menos 15 por lá. Uma pequena desconfiança tomou conta de todos quando um dos palhaços, o mesmo que eu encontrei alguns minutos antes junto do rapaz do ativismo poético, entrou no lugar e pediu para usar o banheiro e retirar a maquiagem.

“Aqui não tem banheiro, não!”, respondeu áspero o responsável.

Cada vez que ouvíamos um barulho suspeito, o palhaço escorregava para debaixo da mesa, ou para detrás do balcão de frios.

“Pessoal, o negócio tá feio, os policiais ainda tão espancando os caras na esquina da frente”, contou Neto após uma verificação rápida e cautelosa.

Resolvi comprar uma água na padaria e com ela molhei meu moletom: “Velho, vou passar isso na sua cara, não vai sair tudo, mas dá pra disfarçar”, esbocei uma ajuda para o palhaço.

“Porra valeu!”, e comecei a retirar sua maquiagem.

“Olha, saiu um pouco, mas ainda tem bastante”, comuniquei após fazer o possível.

“Tá beleza, já quebra um galho”.

Então ele pegou a imensa bandeira rubro-negra que decorara a porta da rádio e e entregou a mim: “Cara, eu não posso ficar com isso, já tenho muita coisa suspeita em cima de mim. Você pode ficar com a bandeira?”.

“Numa boa, enrolo o moletom nela e ninguém vai perceber”, agarrei-a emocionado.

“Valeu, cara, cuida bem dessa bandeira, ela é importante, e agora ta sobre sua responsabilidade”.

“Fica tranquilo, ela vai ser bem cuidada”, e mais que rapidamente escondi aquele pano anarquista sobre o azul de meu moletom.

Foi então que, como se num acesso de bondade tardia, o dono do lugar resolveu emprestar o banheiro para o palhaço. Enquanto ele lavava-se, Neto apareceu assustado na porta da padaria, junto dele surgiu Cássio.

“Ae, a policia continua espancando os meninos ali na esquina, na quadra de cima tão batendo em mais uma galera, e logo aqui em frente tem mais cinco apanhando pra cacete dos porcos. Vocês acham que quem serão os próximos? Vocês acham que onde eles vão procurar? A gente tá bem no meio, va-

mos sair logo daqui!”, gritou Neto enquanto pegava suas coisas e disparava rua a fora.

“E ae Cássio, a bandeira tá comigo”, aproximei-me.

“Caramba, perdi ela logo depois que a polícia começou a repressão”, sua voz passava uma estranha tranqüilidade.

“Tava com um dos palhaços, ele me deu”.

“Legal, eu perdi todo mundo logo no início. Fiquei do outro lado da Paulista até a coisa esfriar um pouco”, explicou.

“É, mas agora vamos sair daqui, rápido”.

“É, você tá certo, vamos cair fora”.

Quando ainda percorríamos a primeira quadra meu celular tocou, era Guto, queria saber minha localização, passaria me pegar com a Kombi dentro de cinco minutos.

“Ae Cássio, o Guto vai passar aqui, tenho que esperar ele”, parei.

“Beleza, vou nessa encontrar o resto do pessoal”.

“Se cuida, a policia tá por todo canto”, despedi-me.

“Você também, abraço”, nunca mais tive notícias de Cássio.

Parei diante de outra padaria, mas esta parecia bastante high society, e estava lotada. Tinha aparência de um local seguro, e ainda percebi muitas possíveis rotas de fuga caso fosse necessário. Meu cérebro trabalhava com o dinamismo de um fugitivo, e a tensão comprimia o oxigênio de meus alvéolos. Em pouco tempo estaria a salvo, e a caminho de São Bernardo.

“Aí, mano, me dá uma grana aí. Ó, não tô roubando, não, preciso de 50 centavos. Me dá uma força aí, mano”, era um punk, dos mais ruelas possível, querendo uma ajuda. Mas justo agora, um punk?! Era BO na certa se a policia me visse com ele, e se

encontrassem a balaclava e a bandeira eu entraria pro time dos espancados da esquina de baixo.

“Bah, cara, tá difícil hein”, tentei desvencilhar-me.

“Não enrola truta, 50 centavos, ajuda aí mano!”.

De repente as sirenes começaram a rondar a proximidade, era um pacote de azar que brotava no meu colo. Avistei a viatura que subia calmamente.

“Sai daí meu velho! Não vê que tô levando um lero com o truta aqui”, um senhor de idade, elegantemente vestido com um terno listrado, pedia passagem entre nós para entrar na padaria.

“Perdão, eu só queria entrar na padaria, vocês tão trancando a entrada, poderiam me dar licença?”, e então o carro da polícia adentrou a esquina em que estávamos. Mais que rapidamente coloquei a mão no peito do punk e cordialmente o afastei um pouquinho, em seguida enlacei meu braço em torno do velho senhor, como se fossemos bons amigos, e falei:

“Desculpe pela falta de educação, senhor. Pode entrar, fique a vontade”, enquanto isso, a polícia passou sem notar-me.

“Ta certo, truta, e os meus cinquentinha?”, insisti depois que o senhor entrou.

“Tá aqui velho, um pouco de paciência ia te fazer bem”, entreguei a moeda ao rapaz.

Foi a última vez que meu esfíncter se contraiu com o poder de cortar uma barra de ferro. Em menos de 3 minutos Guto parou a Kombi, e, finalmente, a tensão começou a escorrer por meus pés.

Notas

[1] BEY, Hakim. *Caos. Terrorismo poético e outros crimes exemplares*. São Paulo, Conrad Editora, 2003.

[2] Centro Acadêmico de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo.

[3] Centro Acadêmico João do Rio — Universidade Estadual de Ponta Grossa.

[4] Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo.

[5] Trecho da música “Ojos rojos” do CD “Naturaleza Sangre” do cantor argentino Fito Paez.

[6] Escola de Comunicação e Artes — USP.

[7] Wilson, Peter Lamborn. *Chuva de estrelas*. São Paulo, Conrad Editora, 2004, p. 39.

[8] Movimento dos Sem Universidade.

[9] Grupos de discussão.

[10] Academia Militar Das Agulhas Negra

CAPÍTULO V

PERDIGOTOS MULTICOLORIDOS NA INCRÍVEL OPERAÇÃO PEQUENO CHUCK NORIS

— CODINOME:

ASSALTO À COMUNICAÇÃO —

A noite transpirava fresca abaixo de um lençol de nuvens estáticas. A escuridão envolvia aquele pequeno lobo da terra com sua umidade cinzenta.

“Ainda tinha que tá mais frio”, diria momentos depois meu comparsa.

“Bom mesmo seria se fosse daquelas que sai fumaça pela boca”.

Entretanto, meus pensamentos estavam solitários como eu, e eram apenas insônia nervosa. Eu não havia esquecido a lição silenciosa do velhinho do pensamento púrpura quando dava meus primeiros passos grafiteiros em Curitiba, junto ao Wolverine tupiniquim. Mas agora tudo era diferente, não estaríamos numa tarde ensolarada de um bairro de classe média alta da capital paranaense: hora de devolver à indulgência sua alma, e à alma sua indul-

gência. Sem nenhuma sombra de dúvida era uma idéia suicida, infantil, besta e intempestivamente empolgante. Talvez por isso, mesmo meus amigos com um calo subversivo um pouco mais preponderante deram pra trás. Menos um, que horas antes atendia meu telefonema.

“Alô?! Rodolfo?”, 19horas, 47minutos e 33 segundos.

“ÔôÔ rapaz, tudo beleza?”.

“Pode falar agora?”.

“Posso sim, to comendo um x-moda-da-casa”.

“Bacana. Viu, tive que antecipar o lance. Vai rolar hoje lá pelas quatro da madrugada”.

“Uhhh...”, barulhos de mastigação de hambúrguer...

“E ae, tá dentro?”.

“É né... vamo lá, fazer o que?!”, senti aquele tom de o-que-a-gente-não-faz-pelos-amigos... -caralho.

“Acho que vamos só nós, de mano, e seja o que deus quiser”.

“O Timóteo não topou?”.

“Ainda não falei direito com ele, mas os indícios acusam que não”, e realmente, em algum instante entre as 23h26 e as 23h52, Timóteo respondia meus apelos com mensagens veementemente negativas.

“Beleza, liga pra mim umas três e meia, pra me acordar”, Rodolfo é meu amigo mais libertário, pena que ele ainda não descobriu isso.

“Tá certo, então deixa o celular ligado e o telefone conectado”.

“Se não rolar você tem a chave lá de casa, é só entrar”, 19 horas, 48 minutos e 41 segundos.

Coloquei “Chansons Anarchistes” dos “Les Quatre Barbus” pra rolar enquanto preparava o espírito para boas doses de tensão. A parede próxima à porta de entrada de minha caverna estava forra-

da com jornais presos com fita adesiva. Neles pendiam desenhados meus últimos preparativos: quatro porquinhos simpáticos grafados em stencil. No chão uma colagem de porcos em escala, dois na primeira linha, três na segunda e um completando a pirâmide. Esse esquema formava um hipotético símbolo anarquista, um A suíno. Testava todos os movimentos, repetia investidas e cronometrava tudo — dois minutos e vinte dois segundos, essa era minha média.

Eu não tinha nenhuma pretensão de ser pego, mas pensando num histórico artístico amplo eu seria apenas mais uma estatística. Dados interessantes: 1970 — Nova York investe \$300.000 em 80 horas/homem para limpar tags, peças e graffiti; 1971 — Nova York prende 351 grafiteiros e investe \$600.000 em 160 horas/homem para limpar tags, peças e graffiti; 1974 — a polícia de trânsito de Nova York enjaula 1652 grafiteiros e a cidade investe \$4.000.000 para limpar as paredes do graffiti; 1975 — a polícia de trânsito de Nova York prende 1202 grafiteiros e a cidade investe \$7.000.000 para limpar as paredes do graffiti; 1976 — em Nova York, Caine e Mad 103 terminam o primeiro trem totalmente coberto por graffiti, o Freedom Train, no mesmo ano a polícia de trânsito prende 799 grafiteiros e investe \$10.000.000 para limpar as paredes do graffiti; 1978 — Nova York investe \$11.000.000 para limpar a cidade do graffiti [1]. Para quem aprecia os números, esse é o legado exponencial.

“La ravachole” soava os últimos ruídos e “Les Quatre Barbus” a linkavam com “Le triomphe de l’anarchie”. Era a oitava música da sequência, as 00h58 horas. Apaguei as luzes, desliguei a televisão que já estava no mudo há algum tempo e iniciei uma discussão desgastante com minha insônia. Ela acabou cedendo, desfaleci durante duas horas e dois minutos.

O alarme do celular devolveu todo o pavor ao meu sangue, e nem a força esotérica que amarrava meu corpo à cama e minha lucidez ao sono foram suficientes para me abandonarem na inércia. Poucos movimentos para colorir a pele com

roupas negras, até me ver cambaleando pelas ruas de Ponta Grossa às 03h39. Na esquina a ligação:

“Acorda rapaz. Chegou à hora, tô passando aí”.

“Uhhmm...”, sono, moleza, bocejos, “beleza, até mais”.

A cada passo sentia balançar na mochila o pequeno balde com 900 ml de tinta preta e tinha a impressão que seu peso estaria entortando o molde ou amassando o rolinho. Passei num restaurante 24 horas e comprei um Marlboro Light, nunca se sabe qual será o melhor método para se conter o temor.

Saltei o muro que leva à casa do Rodolfo e abaixei-me para o caminhão de lixo não me notar, seria realmente aborrecedor ter de explicar a quem quer que fosse o porque de usar esse caminho alternativo: “Não, seu guarda, eu só pulei o muro porque a campanha dele não funciona”. “Não, não, eu preferi não telefonar, porque ele precisaria sair de casa para abrir o portão, pulando eu posso bater na porta e poupo o trabalho do rapaz”. “O que eu faço a essa hora? Bem.. vim acordá-lo porque estava sem sono”. “E essa mochila com tinta, rolo e molde? São apenas passa-tempos, pensamos em pintar a casa dele com alguns porquinhos, sabecumê, ele é palmeirense”. “Não, seu guarda, de forma alguma eu picharia muros por aí, sou um artista de interiores sem competência alguma pra muros desnivelados”. Enfim... Melhor evitar a fadiga.

“Nossa, cara, eu devo gostar muito de você mesmo”, foi a primeira frase de Rodolfo ao abrir a porta lutando para manter ao menos um olho aberto naquele rosto amassado.

“Como que foi com a Kit?”, melhor mudar de assunto.

“Nessas horas da madrugada eu não consigo pensar em mulher”, e amarrava os cadarços com movimentos amortecidos pelo sono. “Quer café? Tem aí na térmica”.

“Mas ainda tá quente?”.

“Quente eu não digo, mas morno deve tá”, balancei-a para verificar o volume.

“É, rapaz, é hoje. Tô com um puta medo”, café morno, forte e doce.

“Eu não posso ser preso hoje, no dia do aniversário da minha irmã”.

“A gente não vai ser preso, cara”.

Enquanto eu despertava impulsionado pela cafeína, Rodolfo colocou “Stranger” do Bon Jovi para tocar. Saímos antes da musica do corno-pop mais charmoso das mega-corporações fonográficas terminar.

“Que a força esteja conosco”, comentou Rodolfo, com fé.

“Ela está no meio de nós”, pensei.

“Já vamos testar o celular”, nosso plano pautava-se na comunicação intensa: Rodolfo falaria no celular movendo-se próximo ao alvo, enquanto eu receberia as informações através do mecanismo de celular utilizado no trânsito, muito parecido com um fone de ouvido, mas com um microfone embutido.

“Você tá certo”, e rapidamente percebemos que a comunicação não seria um problema, tudo em ordem com nosso equipamento.

Durante o trajeto fazíamos distraídas considerações sobre o clima, outras sobre o potencial inexplorado de nossos amigos mineiros, mas nada a respeito da ação. Até o instante em que giramos na Avenida Vicente Machado. Ela nos levaria diretamente ao alvo.

“É, agora aqui é melhor a gente ficar esperto, deve ter guardado no terminal, no Parque Ambiental também”, falou Rodolfo.

“É verdade, o plano é fazer na parede lateral, mas vamos

dar uma andada e conferir o ambiente”, comentei no momento que percebi alguns senhores tomando café nas lanchonetes em frente ao terminal.

O stencil não é essencialmente subversivo, mas possui todas as características para ser muito mais que isso. É uma arte de propaganda que se apodera de ferramentas marginais, transgressoras e, normalmente, políticas. Além do mais, é uma estética bastante apropriada para nossos dias de ctrl C + ctrl V. Um ataque subjetivo minando o arco concretado à vácuo que ilha a (in)consciência, uma ofensiva que compartilha solidariedade na solidão enlaçando o sub e o pós-consciente, uma reação plástica jogando com a justaposição numa colagem que leva o copyleft a transpor suas rasas fronteiras num assalto à autoridade, ao concreto e a tinta entre os dedos, ao império paralisante da comunicação. Nunca se sabe onde o stencil vai terminar — talvez como o graffiti, institucionalizado nas universidades e museus — mas o combo urbano não pretende sossegar enquanto a aura contestatória apoiar-se também no confronto artístico, informativo, enfim, intervencionista. Como foi no maio francês - principalmente como arma propagandística e difusora-, na Argentina da crise de 2001 — ferramenta de organização de assembléias de bairro e coletivos, além de um fuzil de flores negras repensando descontentamento. Como aprendeu a ser — sendo — a violência como metáfora, como paródia, essa maldita Guerrilha Informativa.

Entretanto, nosso alvo não era dos mais simples. Lembro de estar caminhando com um amigo chamado Filipe naquela região dois dias antes. Então, quando passamos ao lado daquela pequena construção abri o jogo:

“É aqui que vai rolar o stencil, cara”.

“Ali no shopping?”

“Não, aqui mesmo, nesse posto”, Filipe pareceu surpreso.

“Mas eu acho que esse posto é 24 horas”.

“É, eu sei, e é justamente aí que tá a magia da coisa”.

“Caralho, Junior! Meu, se você fizer isso... sei lá...”, ele parecia um pouco atordoado.

“É, o negócio vai ser complexo, acho que vou jogar a tina nessa parede lateral”, apontei.

“E se você for preso?”, conjecturou.

“Eu não vou ser preso, caramba, pára de agourar!”.

Atacar um estabelecimento 24 horas não é algo muito complexo quando se tem um plano bem estruturado e uma boa organização tática, não era exatamente isso que me preocupava. O fato que fazia minhas mãos suarem numa madrugada de 8 graus centígrados e tremerem mais que meu saudoso búfalo com Parkinson é que não atacaríamos qualquer estabelecimento 24 horas, mas um POSTO POLICIAL AM/PM. Esse era o pequeno e importante detalhe que transformava tudo numa disritmia cardíaca. No entanto, o maior problema era a localização: ele fica sobre um pequeno aclave de terra, de costas para a sede da Copel e para o maior Shopping da cidade, ambos muito bem iluminados e com guardas noturnos postados na dianteira. Pra piorar ainda mais, em frente a nosso alvo se encontra um terminal urbano de ônibus, também com guarda, guarita e ótima iluminação. Completando o cenário absolutamente desfavorável, o lugar ainda se encontra num parque cheio de luzes acesas, e na esquina de duas ruas bastante movimentadas.

“Ai, caralho! Tem quatro viaturas na frente do posto”, comentou Rodolfo ajustando seu chapeuzinho marrom.

“Quatro viaturas e um caminhão reboque...”, as coisas co-

meçavam a tomar um rumo inesperado.

“E uma viatura tá com as lanternas acesas”.

“Poxa, nunca tem viatura nesse lugar! E a maldita tá bem na frente da parede que eu vô mandar ver o stencil. Mas que merda”, nossa respiração já pesava nos brônquios, seria mais difícil do que imaginamos.

Rodolfo inspirou fundo e olhou desanimado para mim: “È...”, soltou o ar com dificuldade, “a coisa é tensa”, conteve-se. “Acho que não vai rolar fazer isso hoje não, tem um policial dentro da viatura ainda por cima”, a voz de Rodolfo começava a pigarrear e, a medida que avançávamos a passos muito lentos, o ambiente carregava-se de tensão até um leve vermelho de pessimismo.

“Péra ae! Merda, merda, merda!! Tem um ônibus estacionado na frente do posto! Um ônibus e dois carros! Isso já é sacanagem!”, nossos clima de segurança seguia derretendo-se.

“Será que tem alguém neles?”.

“Espero que não!”, e como um empurrão inimigo, aparentemente, os veículos pareciam vazios. O plano deveria continuar.

“Será que não era melhor eu ir conversar com os PM’s enquanto você faz o negócio?”, encontrou uma luz, Rodolfo.

“Será?”, comecei a processar a mudança no planejamento. “Mas o que você ia falar com eles?”.

“Sei lá. Aí é que tá!”.

“É uma boa idéia, porque daria mais segurança”.

“Mas eu não iria poder usar o celular”.

“Isso é um problema! Como que eu ia saber se alguém estivesse se aproximando?”.

“E eu ia tá dentro do posto, não ia ver nada lá fora”.

“Mas ainda assim é uma boa idéia. E se você falasse que é estudante de jornalismo e tá fazendo uma matéria sobre violência coisa e tal?”, sugeri diminuindo ainda mais o ritmo.

“Às quatro da manhã, Junior? Tá loco?!”, sorrii.

“Sei lá, conhecimento empírico”.

“Se eu tivesse trazido ao menos o gravador, ou uma câmera...”, desanimou-se.

“É, desencana, vamos seguir o combinado”, já estávamos muito próximos a nosso alvo, era hora de optarmos por um procedimento mínimo.

“E aí? A gente passa pelo posto e desse a Rua da Copel ou dá um tempo por aqui?”.

“Vamo em frente... lá em baixo a gente pensa em alguma coisa”.

Foi inevitável depositar toda a atenção na porta entreaberta daquele posto clarificado por amarelados vagalumes artificiais. O ambiente lá dentro parecia bem descontraído, as risadas ressoavam no concreto do Parque Ambiental e rebatiam em nosso vitral enternecido, éramos o microcosmos da tensão personificada. O único que parecia partilhar nosso sentimento era o policial dentro da viatura, seus movimentos grosseiros segurando o rádio-escuta davam o tom de nossa semelhança.

Percorremos o caminho em frente ao posto e o contornamos girando à direita, caminhando logo abaixo do aclave que leva até a parte de trás de nosso alvo. Atravessamos a rua, a viatura continuava parada diante da parede lateral, com os faróis acesos.

“Vamo sentar aqui um pouco e pensar no que a gente vai fazer”, sugeriu Rodolfo.

“Beleza, mas não senta aí não, você tá na frente da guarita da Copel, é melhor não dar bobeira”, o maior problema desta guarita é que ela tem toda sua extensão em vidros fumê, impossibilitando que se tenha qualquer noção do posicionamento do guarda.

“Tá certo, e o que a gente faz agora?”.

“Agora eu vou acender um cigarro”, e logo a fumaça começou a agir como um vendaval sináptico.

“Cara, porque você não faz o negócio na parede de trás?”

“Eu tinha pensado nisso, mas olha lá”, e apontei para as portas e janelas de vidro que se intercalavam com as construções de concreto, “ta vendo?! Tem duas portas de vidro grudadas na parede, qualquer policial que sair pra dar uma olhada na noite, ou sei lá, fumar um cigarro, vai dar de frente comigo. Aí é caixão!”, a fumaça dispersava-se na brisa.

“E tem os guardas da Copel e do Shoopng que podem te ver a qualquer momento e avisar os PM’s”.

“Certeza que eles tem o numero do posto, mas era só gritar qualquer coisa. E também tem essa rua enorme de mão dupla, se passar um carro me veria tranqüilamente”.

“Acho que carro é o de menos”, desconsiderou.

“Nesse caso, sim”, caralho, precisamos de um pouco de sorte.

“Mas se o caras te verem não vá correr!”.

“Você tá loco?! Pra levar um balaço nas costas? Prefiro tomar uns tapas e limpar aquilo com a língua”.

À medida que a brasa consumia o fumo num incêndio controlado de alcatrão e nicotina, meu cérebro processava uma comparação entre a periculosidade de se jogar o stencil na parede lateral ou traseira. Pensando melhor, a parede lateral era encoberta parcialmente por um arbusto, mas ficaria visível a qualquer carro que venha pela Avenida Vicente Machado e passe diante do terminal - caminho bastante plausível para viaturas, já que elas estacionam diante do posto. Entretanto, a parede traseira também somava um conjunto de riscos, desde as guaritas da Copel e do Shopping até, e principalmente, as portas de vidro do posto.

“É, acho melhor a parte de trás mesmo. Vai ter que ser rápido”, instinto.

“Tá, vamos dar uma volta, se você for agora vai dar bandeira”.

Caminhamos em direção oposta a nosso alvo, até a entrada do Parque Ambiental.

“Aqui tá bom, deixa eu preparar o material”, brecamos.

“E eu entro pra falar com eles ou fico olhando o movimento?”.

“Fica de olho, acho que é melhor, né?”, eu não tinha certeza de nada, e quanto mais nos aproximávamos do momento da intervenção menos eu conseguia concatenar um plano.

Tirei a lata de tinta da mochila e saquei a tampa, os poros de Rodolfo tiritavam enquanto um arrepio os convidava para bailar “What a feeling” no clímax de “Flashdance”. Na primeira idéia que tive, o plano seria cumprido da maneira clássica, com spray. Mas essa intervenção envolvia riscos muito altos pra se deixar apanhar pelo ruído do aerossol; usando um rolinho de pintar parede tudo seria mais silencioso, e mais seguro. Quando me preparava para passar o rolo na tinta, comecei a ouvir uma voz diferente, um pouco marrenta e bastante segura, o oposto da de Rodolfo naquele momento.

“Aí, vocês tem cigarro?”, era muita falta de sorte, no meio daquele deserto urbano, já passado das quatro da manhã apareceu um maluco com bafo de cachaça, e justo na hora que começávamos a articular o planejado.

“Bom... eu tenho. Toma aí”, e alcancei o maço com um cigarro saltado na ponta. “Tem fogo, cara?”.

“Não tenho, não”, acendi o isqueiro. O rapaz de camiseta alaranjada e calça jeans espichou o olho até a tinta aberta na calçada.

“Vocês são grafiteiros?”, soltou a fumaça.

Confirmei com a cabeça ainda um pouco ressabiado, “é, a gente tá dando uma olhada na conjuntura”, falei meio indeciso.

Rodolfo continuava calado, “nossa, o Junior é muito burro! Esse cara deve ser o guarda do Parque! Mas é melhor eu ficar quieto pra não deixar o menino mais nervoso ainda. AA-AHHH, mas porque ele me fala uma coisa dessas?! Nossa como você é idiota, Junior!”, pensou ele.

“Tem uns graffiti perto da minha casa, não foram vocês que fizeram?”.

“Como que é esse graffiti?”, perguntei.

“É tipo um rosto”, ele concentrou-se tanto na conversa que pareceu esquecer de tragar o cigarro.

“Bacana”, tentei a tática das respostas minimalistas.

Rodolfo percebeu que eu não conseguia dar sequência à conversa, “o Junior não deve tá com a cabeça muito boa pra falar com esse cara, só tá falando asneira”, refletiu.

“Na verdade a gente é estudante de jornalismo, e tamo fazendo uma matéria sobre moradores de rua”, entreviu meu comparsa.

“Bah, muito loca essa profissão! Mas aqui vocês não vão conseguir muito coisa não. É melhor ir lá pra Praça do Polaco, lá tem um monte de gente dormindo na rua”, continuou nos importunando, ao passo que a impaciência de Rodolfo alcançava níveis preocupantes. “Eu trabalho com prótese dentária, mano. Trabalho nesse consultório aqui perto da zona franca. Onde vocês trampa?”.

“A gente não trampa, não. A gente só faz jornalismo na Secal”, respondeu Rodolfo.

“Nossa! No Secal?! Me formei em turismo lá!”, ele parecia não dar a mínima para o fato de deixarmos explícito o quanto ele estava enchendo o saco. E como ele enchia o saco! E atrasava os planos!

A conversa ia se estendendo fora de controle. Nosso temor escorria em pânico, talvez aquele rapaz fosse um sinal de que era melhor desistir daquela estupidez.

“Faz quanto tempo isso?”, investiu Rodolfo.

“Um dois anos”.

“De que turma você é?”.

“Da Thaís Brandão, cara, o Claudinho mora duas casas depois da minha, aqui em baixo”.

Rodolfo resolveu disfarçar a angustia e fingiu atender uma chamada no celular, “caralho, 4h20 já!”, matutou ele.

“Aí, mano, vocês não tem uma grana pra da uma força aí não?”, eu já não agüentava mais, pagaria pra aquele escroto ir embora logo.

“Toma aqui, cara, dois reais”, ele pareceu satisfeito, pegou o dinheiro e foi embora.

“Ei, ei... vocês não tem beck?”, perguntou retornando. Aquilo era uma brincadeira, só podia ser uma brincadeira.

“Bem que a gente queria”, falei.

“Vocês querem que eu compre um ali com essa grana?”.

“Não! Não precisa não!”, cortou Rodolfo. “Quatro e vinte da manhã, cara. Vambora aí senão a gente vai ficar conversando e não vai achar ninguém”.

“Beleza rapaziada. Você teria mais um cigarro aí pra colaborar?”, estendi o fumo sem dizer uma palavra. “Até mais, qualquer coisa me chama, Nelson, meu nome”, levantamos as mãos quando finalmente ele desapareceu.

Rodolfo parecia preocupado, ele não era nenhum infrator profissional da moral burguesa, mas se esforçava pra isso. Seu histórico contra a lei contava com pequenos furtos, como uma cadeira de metal que sabe-se-lá-porque ele resolveu carregar da frente de uma churrascaria quando voltava completamente bêbado do bar; botar o pau pra fora no meio do boteco e

mijar numa mesa de sinuca num desrespeito desprezioso ao pudor; alguns incidentes com necessidade de glicose por conta do álcool; e o consumo de algumas substâncias irresponsáveis e degradantes como *ilex paraguariensis*, *canabis sativa* e suco de limão. Rodolfo chegou a cruzar a fronteira Brasil — Uruguai e Uruguai — Brasil com protótipos individuais de marijuana, o que para um proto-anarquista não passa de um horizonte onde as culturas se mesclam, mas para nossas malditas leis é conhecido como tráfico internacional de drogas.

“Cara, enquanto esse babaca tava aí duas viaturas passaram pela gente e dobraram a direita na primeira rua”.

“É, também vi. Deixa eu terminar de preparar o lance aqui”, e me ajoelhei para pegar o rolinho.

“Não, melhor não! Faz isso mais ali pra frente, embaixo de alguma árvore. Aqui é marcar demais”.

“Você tá certo”, joguei a mochila nas costas e levei a tinta na mão enquanto nos afastávamos ainda mais do posto.

“Bom, andando por aqui o máximo que vão pensar é que a gente é dois maconheiros atrás de droga”.

“Bom, sem problemas quanto a isso. A gente tá limpo, infelizmente”.

“É, infelizmente”, e sorriu. “Acho que aqui já rola, enquanto você ajeita as coisas aí eu vou arrumando o celular”.

“Beleza”.

Tinta no rolo, molde na mão e fone no ouvido: tudo estava pronto, a ligação já marcava os primeiros segundos (00’01”, 00’02”, 00’03”...). Era hora de botar o pé no peito. Abracei meu comparsa, que me desejou boa sorte.

“Relaxa, vai dar tudo certo, cara”, mas seus olhos geminavam um vendaval de incertezas.

“É, vai dar tudo certo, sim”, entreguei minha mochila a ele e senti que não havia mais volta, nem desculpas.

Retornei pelo mesmo caminho, já Rodolfo preferiu contornar o Parque Ambiental para fugir de possíveis Nelsons impertinentes. O fone em meu ouvido comunicava:

“Caminha devagar aí, vou demorar um tempo pra avistar o posto”.

“Tá beleza”.

“Relaxa, ainda to meio longe”.

“Tranqüilo... que coisa tensa rapaz”, escondi o molde de baixo da camiseta mas o rolo continuava pendurado por meu polegar na palma de minha mão direita, balançando despreten-sioso sobre o meio-fio da Ermelino de Leão.

Longe, em frente ao posto, começou uma movimentação estranha. Os policiais corriam para as viaturas segurando aquelas pistolas old’s cool. Rapidamente as sirenes berraram, “essa deve ter sido a última sinfonia de um monte de orelhas inocentes fora-da-lei”, pensei. Mas logo percebi que poderia estar na rota daquela caravana macabra e, num ato reflexo infantil, abandonei o rolo no meio da calçada e segui caminhando como um transeunte normal. Normal e apavorado. Felizmente as três viaturas tomaram a direção do bairro de Uvaranas e pude retornar calmamente buscar o rolo.

“Cara, eles tão saindo!”, avisou Rodolfo.

“É, eu vi, mas foram pro outro lado”.

“Guênta aí que eu não enxergando nada, tem um treco na minha frente, tô com a visão encoberta, mas já dô um jeito nisso”.

“Sem problema. Essas viaturas me deixaram tenso pra caralho”.

“Imagino”, Rodolfo esquivou-se dos arbustos e agora tinha uma clara visão do posto. “Olha, tem um cara lá na frente! Péra aí! Ele entrou! Parece que não tem ninguém na frente, nenhuma viatura! Você tá com sorte!”

“Ahhhh que beleza!”, talvez os astros deram um tempo na torcida contra e a conspiração tomava um rumo mais tranquilo que o esperado.

“Não não não.... péra aí! Tem uma viatura sim!”, talvez não. Mas já era tarde demais pra Rodolfo retificar a informação.

Eu não podia perder tempo nem dar bobeira justamente atrás do posto policial, além do mais, quando Rodolfo remendou a mensagem eu já estava na metade do aclave que me levaria ao alvo, crente que as palavras dele eram o bom preságio que chegara atrasado. Malditos astros recalcados! Parar ali no meio era suicídio, poucos segundos seriam suficientes para que um dos guardas, da Copel ou do Shoooping, me avisasse e cumprisse com seu dever de cidadão e segurança da propriedade privada.

“Onde você tá? Onde? Onde você tá! ÔÔô responde!”, tentava Rodolfo enquanto o fone despencava de meu canal auditivo durante o último pique. O morro ficou para trás.

Suspirei, eu havia vencido aquele aclave sem ao menos pensar em fazê-lo. Mas foi melhor assim, todos os músculos de meu corpo transpiravam de tanto tremer, mas ainda tinha mais controle sobre eles do que sobre minha respiração, que grudou suas tensas ventosas às sístoles e diástoles de meu peito me fazendo respirar no ritmo alucinado das batidas de meu coração. Olhei a minha volta e tudo parecia calmo. Agachei, e num ato de frieza arrastei-me até a porta de vidro enquanto acoplava o fone novamente no ouvido e sacava o molde debaixo da camiseta: o

derradeiro policial entrava no posto, como Rodolfo informara, e se dirigia a uma poltrona à esquerda — esse era o momento!

Minha válvula cerebral responsável pela consciência derreteu-se acelerando o funcionamento da glândula pineal e sufocando minha traquéia numa epifânia mundana encharcada de oxigênio: necrose difusa do córtex laminar, meu senso de realidade fincou sua cova aos pés de meu sistema límbico, a parte mais primitiva do cérebro — eu era apenas movimentos mecânicos, irrefletidos. Perfeito para a situação! Voltei rapidamente para a posição de ataque e segurei o molde com a mão esquerda colado à parede.

“Porque não responde??”, Rodolfo não tinha novas informações, mas pensou corretamente que se parasse de falar eu entraria em pânico. “AAhhh seu safado! Você já tá fazendo né!”, falava ao ouvir o grito da tinta agarrando-se à parede.

Os segundos se passavam e eu seguia com a mecânica instintiva que tanto treinei nos jornais pregados à parede da minha caverna. Movimentos verticais, apenas, e o colorido negro ia se desenhando bem debaixo do nariz do traiçoeiro exército do sistema. Eu não podia sentir, esse era meu mecanismo de defesa, uma repetição maquinal no meio daquela estranha espécie de baile de um duplo funeral: se o Dadá abraça-se o Surreal para morrerem atropelados numa avenida pós-moderna, seu rastro de sangue certamente seria borrado em stencil, uma tragicomédia para além das fronteiras prosaicas da morfologia, a herança ensangüentada que pacientemente espera ser encontrada e decodificada, uma interpretação artística com matrizes adicionais em escala galáctica.

“Tranqüilo, tranqüilo...”, repetia Rodolfo, “pode fazer com calma, tranqüilo”, mas o perigo estava fora do alcance dos olhos dele: os guardas me preocupavam.

Posicionei o molde no topo, seria o sexto e último stencil grafado nas víceras dos defensores do sistema, a escuridão era um sol de carbono borrando meu DNA em tinta preta suína. Seis pinceladas em direção as estrelas e outras sete mirando o chão, intermitentemente, na vertical, movimentos grosseiros porém precisos. Foram 42 segundos de tensão pulsando dentro de cada milímetro de meu corpo, um pavor dilacerante que agora parecia exalar um relaxante perfume. Senti a respiração voltando ao normal.

“Tô vendo você saindo! Tô vendo você saindo!”, repetia eufórico.

Não tive tempo nem de desviar os olhos para minha obra, o medo me fez fugir silenciosamente, descendo o aclive com pressa e fixando a atenção em cada passo. Saltei a pequena mureta que me levaria até a calçada, procurei retomar a consciência, eu era novamente apenas um sujeito caminhando pela região, apesar do molde e do rolo. Atravessei a rua sem perder de vista a guarita da Copel que, assim como a do Shooping não aparentavam qualquer movimentação estranha. Olhei para trás e finalmente pude ver meu olhar clandestino refletido nas retinas de acrílico negro daqueles seis porcos anarquistas, uma pirâmide suína em formato de A.

“Terminei cara! Já saí fora”, revelei ainda com uma apreensão desnivelando a intensidade da voz.

“Bacana! Quantos você fez?”

“Seis! Agora tô voltando. A gente se vê na entrada no Parque Ambiental, lá onde a gente se despediu”.

“Beleza, to indo pra lá então”.

“Ninguém me viu, cara! Eu não fui preso!”

“É! Falei pra você que ia dá tudo certo! Mas que foi tenso, isso foi!”.

“Foi mesmo, caralho! Bah, acabou de passar um motoqueiro me olhando”, sem capacete e numa velocidade baixa, talvez uns 30 km/h, num traje completamente negro ele passou me mirando, chegou a torcer o pescoço como uma coruja para manter a mirada.

“Não deve ser nada. Já terminou!”

“É, ele foi-se! Vou fazer outro stencil, péra ae!”, no meio do trajeto passei por uma grande caixa de força fixada num poste, aproveitei que ainda restava tinta no rolo e deixei a primeira pista de meu caminho de volta aos policiais.

“Tá fazendo mesmo?”

“Já fiz!”

“Ahhh! Agora tô te vendo!”

“Tô te vendo também”, Rodolfo estava do outro lado do Parque Ambiental. “Fica aí, vamo voltar por essa rua que você tá!”

“Câmbio desligo”, 04’27”

“Câmbio desligo dois”, 04’29” - ligação encerrada.

Ainda sobrou tempo para mais três stencils - em outra caixa de energia, num imenso muro branco e no canto de um outdoor, lugar que aproveitei pra mandar um A na bola e fechar a noite. Rodolfo também parecia aliviado, eu sabia que aquele rapaz me tinha como um grande amigo e se preocupava comigo. Certamente a recíproca é verdadeira, apesar do clichê.

“Acho que depois dessa vou pegar mais leve nos Tp’s”, admiti.

“Como assim?”

“Tem o lance das placas com o Ricardo que não pensamos naquela noite na sua casa e que a gente vai ter que incluir nos planos. Acho que enforcar o boneco na ponte é uma boa. Mas o acampamento em prol das crianças famintas da Suíça vai ter que esperar. Dois tp’s já tá de bom tamanho”.

“É, às vezes é bom rever os planos”.

Caminhávamos satisfeitos enquanto a Madrugada aproximava-se da Alva e despertava-a com um suspiro. Quando elas nos acenavam um “até logo, garotos” ouvimos os primeiros bocejos solares, lembro disso pois aconteceu no exato momento que Rodolfo rodou a chave tetra de sua kitnet e Ney Matogrosso nos recepcionou com a Rosa de Hiroshima. Uma hora e quatro cervejas depois despenquei cambaleante na cama.

Notas

1] INDIJ, Guido. HASTA LA VICTORIA, STENCIL! La Marca, Editora — Buenos Aires, Argentina.

CAPÍTULO VI

LET´S PLAY THAT

“Acorda aí! Tô precisando de uma força!”, sua voz era como um pernilongo que insistia em pousar e gritar em meu ouvido.

“Aaahh cara! Me deixa, pô! Sonoo!”, balbuciei.

“É importante, sério”, a intensidade engasgada de seu tom me fez entender que ele estava sendo sincero.

“Qual é a treta?”, bocejei me dando conta de que não mais voltaria a dormir.

Estendeu-me uma folha onde se lia em maiúsculas: “Carta de Suicídio”, assinado abaixo, “Armando Qüiproquo”. Seus movimentos reverberavam numa triste animação, ele sabia que era o único que poderia escrever aquelas palavras.

“Não posso te ajudar com isso, cara, desculpa”, inspirei devagar, “de verdade”, devolvi o sulfite visivelmente enternecido. “Olha, não fica assim. Vai ser rápido e indolor, com sorte você quebra o pescoço logo no tranco da corda. Fica tranqüilo, vai dar tudo certo”, tentava confortá-lo, mas aquela situação era inédita pra nós dois.

“Olha, eu vô até a esquina comprar uns lances. Se concentra que você consegue escrever isso aí”, ele tomou a carta entre as mãos, suspirou, para em seguida devolver-se à melancolia.

Em poucos minutos eu retornava da padaria com duas garrafas de vinho suave “Sangue de Boi”, e um “Campo Largo” litro. Depositei as garrafas sobre a mesa, e à medida que as retirava do saco plástico, observei que nenhuma sílaba havia sido escrita. Qüiproquó mantinha-se silenciosamente inquieto, ajeitava-se na cadeira a cada meio segundo sem desviar os olhos do branco na folha, era um embate cruel que se alastrava em sua mente. Resolvi que eu também precisava trabalhar, os prazos para entrega deste livro estavam escasseando e eu não tinha sequer o título para último capítulo do “Balaclavas e os Profetas do Caos”, aquele que concretizaria os planos da cúpula reunida na Kitnet 3 ainda no princípio de toda essa história. Sentei-me diante do Word, enrolei um tabaco com a 56ª seda tamanho médio, de uma “Lion” com 60 unidades. O fumo era o mesmo Parati 40 gramas de todas as outras vezes. Acendi com movimentos rápidos e cautelosos na imitação de um Ronson modelo clássico de 1896, aliviando o sopro de alcatrão no exato instante em que pressionou no teclado a primeira vogal deste capítulo e passo a escrever como tudo isso começou, em nove de agosto durante um flerte virtual:

Foi no fim da tarde de quinta-feira quando Ricardo forneceu a esdrúxula idéia que completaria os planos da nossa semana de arte-terrorista-poética-proto-situ-anarco-onto-onírica.

Gert do Poço diz:

Salud!

(...) diz:

salve! como tá?

*Gert do Poço diz:
bacana e por ae?*

A mensagem a seguir não pôde ser entregue a todos os destinatários:

bacana e por ae?

*Gert do Poço diz:
bacana e por ae?*

(...) diz:

sussa...com um pouco de sono

(...) diz:

*vou ter q cagar daqui a pouco tb mas tô adiando pra depois
dakele cafezinho, sacumé*

Gert do Poço diz:

*huahauhua sei sei .. tô tomando um nesse momento. aliás,
tenho que te fazer um convite*

(...) diz:

pra um côco?

(...) diz:

um cocô a dois?

Gert do Poço diz:

*quer ser um personagem do livro? fazer uns stencils perigo-
sos por aí correndo o risco de ser preso e coisa e tal?*

(...) diz:

um cocô grupal?

Gert do Poço diz:

quase isso huahua

(...) diz:

hauhauahu porra tu quer me meter numa furada é?

Gert do Poço diz:

*tá perto de algo assim. se a gente tiver sorte só vamos ter
boas histórias*

Gert do Poço diz:

huaha

Gert do Poço diz:

pensei em encher a cabeça de drogas, ou nao, e fazer stencil naquele postinho da policia, perto do palladium, na igreja e em algum outro lugar, numa mesma noite.

Gert do Poço diz:

e precisava de alguém que aceitasse o convite

Gert do Poço diz:

aí pensei nos seus colhões

Gert do Poço diz:

hehe

(...) diz:

ruá! eu tô voltando mesmo a mexer com isso aki em curita, mas ainda tô só na idéia..mas é uma meu..a gente pode pensar em alguma coisa

Gert do Poço diz:

pois então, era exatamente isso que tinha em mente. algo com um pouco de ação, e policia e igreja podem dar um bom caldo. mas preciso de alguém pra acompanhar, alguém que já tenha feito esses lances, no caso, vc, jornalista e o escambau, um rapaz integro, bem empregado e que paga seus impostos em dia, longe de suspeitas, e disposto a uma imersão sociológica

(...) diz:

huahau perai vou cagar e vc me conta mais

Gert do Poço diz:

blz.. vai lá, mas devagar pra não danificar esse esfínter intacto

[...] diz:

hahaha de ouro esse cuzinho

(...) diz:

então, conte me mais

Gert do Poço diz:

o lance é o seguinte: fiz uma pequena reportagem sobre stencil com um cara de curitiba, mas nós não entendíamos nada daquilo, então ficou como um manual de, e para, principiantes. Agora precisava continuar nessa linha, falando sobre novos modelos de propaganda e difusão anarquistas, e por proximidade escolhi o stencil.

Gert do Poço diz:

e, olha a coincidência, hehe, vc entende de stencil.

Gert do Poço diz:

huahuaha

(...) diz:

eu comprei ontem mesmo uns adesivos vinil pra um projeto novo e ousado

(...) diz:

mas q não vou conseguir fazer sozinho

Gert do Poço diz:

conte os detalhes da coisa, se rolar a gente junta os trapos

(...) diz:

manja aquelas placas marrons q custaram uma fortuna à prefeitura de curitiba, indicando os pontos turísticos?

Gert do Poço diz:

to ligado

Gert do Poço diz:

alvo?

(...) diz:

reprodução!

Gert do Poço diz:

como assim ?

(...) diz:

pensei em fazer umas iguaizinhas, marrons tb mas com indicações do tipo: Crackolândia, Esgoto a céu aberto, assalto no trânsito, crianças de rua

Gert do Poço diz:

bacana! mas rola de fazer umas reproduções minimamente

parecidas?

(...) diz:

sim sim..pensei em usar placas de acetileno, ou coisa parecida, q vendem em casas de sil, mais stencil mais stick vinil

Gert do Poço diz:

huuummm... olha.. é uma boa! eu tinha pensado numa corrida anti-publicitária, mandar ver nos outdoors, mas isso parece mais interessante

(...) diz:

eu pensei tb em fazer cartazes do tamanho dos busstops e botar por cima

Gert do Poço diz:

essa é uma idéia que eu vinha desenvolvendo tb, mas como não vou muito pra ctba fica complicado. mas é outra a se considerar.

(...) diz:

aí num tem ainda né?

(...) diz:

os outdoors daí são muito grandes

Gert do Poço diz:

é, bem dessas. não tem esses busstops. mas dá pra buscar algo parecido. E, ae, tá dentro dessa maluquice?

(...) diz:

tô meu..só precisamos desenvolver, experimentar material, estudar a ação

(...) diz:

num dá pra fazer na louca

Gert do Poço diz:

sim. vc tem previsão pra vir pra cá? aí podemos sair uma noite analisar local, rotina, essas coisas, e deixar pronto o material. Organizar tudo. E adicionar algumas outras idéias que porventura surgirem

(...) diz:

então, tô indo praí fds q vem..na sexta

*Gert do Poço diz:
então, isso é dia 17?*

(...) diz:

ié

Gert do Poço diz:

bacana. provavelmente eu iria pra ctba nesse dia, mas mudo os planos. até lá a gente pode ir conversando sobre as idéias, e quando vc chegar por aqui organizamos os detalhes.

[...] diz:

certeza...eu vi essas placas de material plástico lá em sorocabá numa loja de material pra sil..mas dá pra conseguir um similar de repente, tipo aquele plástico de placa de imobiliária sabe? e aí uma tinta q pegue nele

Gert do Poço diz:

isso deve existir por aqui, talvez no balarotti. temos que ir atrás disso. vai ser uma boa brincadeira de difusão libertária, no mínimo, e se der certo hehe

(...) diz:

acho q aí tem uma casa de material pra silk ali naquela avenida do chópim total q esqueci o nome nesse momento..mas logo perto de uma casa de pesca

Gert do Poço diz:

acho que sei onde é, numa avenida grandinha que leva até o total. é, da pra ver o preço dos lances, e começar a organizar. tenho que comprar mais uns sprays tb, apesar que se for pra jogar os stencils na parede da policia e da igreja era melhor ser no rolinho, pra não fazer barulho

(...) diz:

é vero...essa das placas é legal porque ninguém desconfia, bota as placas numa pastona e bora

Gert do Poço diz:

bem dessa, e ainda rola uma boa visibilidade. Dá pra mandar ver esses dois planos numa noite só. pegamos da 1 da madru-

gada até a hora que terminar, e vamos dormir com a consciência em paz

(...) diz:

hauhaua com a plena consciência de que somos cidadãos

Gert do Poço diz:

cumprindo seu papel para com a sociedade, é claro

Gert do Poço diz:

rapaz, vo indo nessa, tenho muito trabalho pela frente. A gente se fala pra organizar a coisa toda

(...) diz:

vai lá..tbm to ralando aki

(...) diz:

abraço

Gert do Poço diz:

abraço. hasta pronto!

Eu havia voltado há dois meses e um dia dos maremotos Black Blocs em São Paulo quando tive este affer virtual com Ricardo. Ele é meu amigo mais bem empregado, exploram-no com centenas de pautas diárias na sucursal de um grande jornal paranaense aqui em Ponta Grossa — e quantificam seu pagamento por matéria escrita, o que leva meu pobre camarada a uma masoquista correria pelas informações rápidas, descartáveis e ventáveis; e este será também meu destino se um dia eu der sorte na vida e uma alegria a meu pai. Pra ser sincero, eu esperava mais de Ricardo, um confesso anarquista de estilo de vida cheio de amor pra dar. Entretanto, ele logo pulou fora do malévol plano do stencil no posto policial, como já é sabido. Ainda nos restou a boa idéia que ele havia sacado de uma matéria na Folha de São Paulo — os planos libertários as vezes conectam-se por vias estranhas: produzir algumas placas, como estas de trânsito ou indicativas de ruas e pontos importantes, e fixá-las pela cidade numa ofensiva tão light que levaria muitos

corações a um entupimento coronário por excesso de pureza artificial. E é justo neste ponto que meu trabalho (re)começa.

Com oito metros e meio de contact, duas folhas de E.V.A. e um retângulo de 2X2 metros de laminado de PVC minha labuta resumia-se em fabricar as tais placas no menor tempo possível. O problema é que com o decorrer das semanas fui me sentindo cada vez mais solitário, já não existia “Mon Amour Meu Bem Ma Femme” que desse jeito naquele silêncio impessoal e introspectivo que se transformara minhas obrigações. Foi então que decidi deixar as placas um pouco de lado e embuchar de Qüiproquó, Armando Qüiproquó. Foi uma gravidez tão tranqüila que até o pré-natal provou-se dispensável, e em cinco dias — 12 de outubro — arranquei-o de minhas entranhas como quem esgarça as impurezas do coração. Era um rapaz alto e um pouco defeituoso — mas nada que uma costura com linha de pesca e superbonde não dessem conta-, pesando por volta de cinco quilos da mais pura informação Folha de São Paulo de fim de semana, amassada e comprimida dentro de seus órgãos de natimorto consciente. Qüiproquó veio ao mundo como todos os bonecos viventes — careca e pelado —, então mais que rapidamente vesti-o como pede a moda indie-cult-hype do momento: uma toca cinza pra esconder as entradas (o último dogma indie acusou na calvície um indicativo de intelectualidade démodé, e o cinza lembra as tonalidades brandas destoando entre os crepúsculos parisienses de primavera), moletom negro (o pretinho básico nunca abandona o círculo hype, além do mais, as bandas de garagem do sudeste da micronésia - que cantam em esperanto, é bom lembrar — relançaram o som minimalista numa roupagem que lembra o Glam lituano do final de 1974 — e quer coisa mais Glam e minimalista que o pretinho básico?!), uma calça de capoeira (os cults amam seu aro grosso indicativo de miopia por excesso de leitura dos clássicos helênicos, mas eles valorizam as raízes, por isso é fácil encontrá-los ou nas rodas de samba - pedem pinga mineira levemente amarelada —, ou numa roda de capoeira prestigiando a cultura afro-brasileira) e um tênis

mizuno furado (esse por falta de um adidas ou all-star, que andam valendo muito mais do que jamais mereceram nesse maldito livre mercado dessa malfadada aldeia global). UFA!

“Bem vindo ao mundo, amigo”, saudei.

“Ahh... é assim que tudo começa, então?!”, quando seus olhos de tinta fresca giraram 70 graus, cambaleando por conta da claridade ainda desconhecida, pude ver no fundo de sua alma as pulsações deprimentes de uma personalidade frágil.

“Você será enforcado dentro de poucos dias, eu sinto muito”.

“Seria pedir demais um café preto e um cigarro?”.

“Claro que não. Não é nada pessoal, sabe, mas teu destino foi traçado numa reunião no começo do ano, não há nada que a gente possa fazer quanto a isso, eu envolvia a seda ao redor do tabaco suave.

“Entendo, é aquela velha história: ‘ainda que nos espere a dor e a morte, contra o inimigo nos chama o dever’”, Qüiproquó alongava os músculos tentando tocar o pé com os indicadores e mantendo as pernas esticadas.

“Exatamente. Café?”, perguntei já servindo duas xícaras sem açúcar. “São escolhas que precisam ser feitas, infelizmente. Você fez a sua, por isso tá aqui”, ofereci a bebida.

“Eu sei disso, não tô reclamando, não quero voltar atrás e nem posso fazer isso. Morrerei pela causa porque vivi sem ela, não é assim?!”, e, com a ponta dos lábios, Qüiproquó passou a sorver em pequenos goles.

“Toma, o isqueiro tá do teu lado”, o tabaco ficara fino e consistente, queimava homogêneo em toda sua lentidão, “o que vale é a qualidade, cara, não a quantidade. É como tesão intelectual, é mais profundo, não se contenta com um simples papai-mamãe, entende?!”.

“Você tá repetindo aquela balela das escolhas que precisam ser feitas e blá blá blá”, puxou uma forte tragada e foi soltan-

do ao som das palavras, “mas e as suas escolhas até aqui, o que você me diz delas? Eu não sou o único com problemas nessa caverna, como é que você chegou ao ponto de precisar colaborar com o meu próprio suicídio?!”, logo percebi que Qüiproquó colapsava sua fragilidade testando a estreita conexão mística que nos aproximou desde que ele nascera, poucos minutos atrás.

“São as escolhas, cara, eu poderia ter me bandiado pros lados comunalistas, tentado entender como os sintetistas conseguem conviver com tantas visões díspares numa mesma organização. Ou até tentado algo mais ousado e bonito, compreendendo as federações especificistas e aqueles lances de trabalho de base. Mas são recortes, cara”, respirei um pouco e pensei como terminar aquela frase, “eu acabei levado, e acho que na verdade busquei isso, prum lado mais introspectivo, sacar como se emenda a cachola individualista, talvez eu possa usar o adjetivo desorganizado nesse momento, mas...”.

“Já sei”, cortou seco, “mas isso seria cartesiano, dualista e simplório demais. Você é homem, porra, todo homem é assim, tosco. Uma hora você vai ter que aceitar isso”, fez uma breve pausa como que analisando a profundidade filosófica de sua frase e concluiu, “eu tenho poucos minutos de vida e já aprendi a beleza de coçar o saco e cuspir no chão, esse é nosso espírito”.

“É, meu velho, você ta pegando o jeito”.

“Você não precisa se justificar pra mim, é só me mandar à merda”.

“Aí é que você se engana, você é muito mais impertinente do que imagina. Além do mais, você já tem um destino muito cruel pela frente, e eu não sou tão frio e impiedoso assim”, meu café esfriava sem um gole sequer e parecia apenas adornar o cenário, “mas vai a merda, por via das dúvidas”.

Armando segurava a xícara com firmeza entre seus dedos de pano, e parecia vivenciar um lento e delicado despedaça-

mento de seus formais protocolos internos. Por conta de nosso estreito vínculo esotérico a conversa logo se perdeu em divagações serendipitosas. Terminamos falando sobre culinária e futebol até sexta-feira, 16 de outubro, finalmente a grande noite. Armando Qüiproqué sairia da vida para entrar na discórdia.

• • •

Max Stirner comemoraria seu 201º aniversário seis dias depois e o espreitávamos à beira de um abismo intervencionista escutando os ecos terrorista-poéticos ricocheteando nos muros do centro da cidade. Seria perfeito esperar por aquele 25 de novembro e comemorá-lo com uma fina garoa de placas e um enforcamento despido de qualquer glamour, “sin pena ni gloria”, como cantaria Boikot. Ainda mais sabendo que o anarquismo ontológico — fonte do TP — é uma das correntes libertárias responsável por resgatar o pensamento de Stirner, e por consequência do anarco-individualismo, sem todo aquele alarde preconceituoso e míope que eclipsava ambos.

O problema em aguardar mais aquelas 144 horas encontrava-se em meu derradeiro vínculo com o jornalismo convencional, o dead-line. E se eu não apressasse o processo de produção quem sairia enforcado seria eu, afinal. Por isso, quando me dei conta a lua já havia circundado a terra duas vezes e tudo que eu tinha eram planos. Planos que me habituei a conjugar no futuro, mas que já deviam estar transcritos há tempos no pretérito, ou seja, não tinha nada em mãos exceto uma concreta abstração holística: o sacro dever moral de intervir, ainda que minimamente, no cotidiano de alguém e depurar uma reportagem de todo esse imbróglio. Não existiam mais segundos que passassem despercebidos, cada um deles era sentido como uma perda importante, e um passo aquém que precisaria ser compensado depois.

Era mais de duas da manhã e Qüiproquó já ensaiava alguns bocejos enquanto percorria a centésima terceira página de seu mais novo lema: “Tanto tempo na pior que o que pintar é uma boa”, de Richard Fariña. Expliquei a ele a situação e aconselhei-o a descansar antes do suicídio:

“Segundo consta, na hora que a corda enforcar teu esôfago você terá sua primeira e derradeira ejaculação orgástica, por isso acho melhor você largar esse proto-beatnik e se preparar pra a experiência mais humana de toda tua breve existência”, ele concordou assentindo gentilmente com a cabeça, posou a brochura ao lado da cama, refestelou as costas sobre o colchão aproveitando o movimento para cobrir-se até os joelhos com o lençol, e cerrou os olhos. Aprendi que Armando não é daqueles que silenciam facilmente, mas ele precisava de algum tempo consigo mesmo, precisava descansar. Dizem que o suicida é aquele que ama tanto a vida que não pode viver se não for por completo, então, talvez o que Armando necessitasse naquele momento era apenas o conforto da completude onírica. Deixe que descanse, pois.

Conversei com meu amigo mais libertário, Rodolfo, e combinamos que eu passaria em sua casa por volta das três da madrugada. Terminei os últimos ajustes nas placas, joguei tudo em minha mochila verde-fosca de 45 litros e rumei para a kitnet 03 tomando todo o cuidado para não despertar Qüiproquó. Para aquela ocasião vesti-me propositalmente com uma camiseta branca que leva estampada o rosto de Stirner, como uma compensação pelos caprichos do calendário ou simplesmente um presente antecipado.

Rodolfo estava acordado escrevendo o décimo capítulo de seu primeiro livro e, enquanto ele finalizava as idéias que coçavam em seu cérebro, aproveitamos pra preparar o espírito com duas doses de THC a maneira clássica: selado à saliva e dis-

secado a baforadas. Às 2h54 saímos com alguns alvos em mente e 20 placas nas costas, divididas em dois grupos: metade delas seria fixada em postes através de arames, são placas maiores e que demandam mais tempo para amarração; as demais eram minimalistas, 15x15 centímetros, como stickers numa dimensão avantajada, que deveriam ser coladas com superbonde trabalhando como falsas minas mutiladoras falsos (pré)conceitos.

“E ae, qual o roteiro dessa vez?”, perguntou Rodolfo aco-
plando seu chapeuzinho marrom à cabeça careca.

“Vamos indo em direção ao calçadão, lá rola de colocar algumas”.

“Beleza. Viu... será que a gente volta até a hora do Chaves?”.

“Olha, não sei, porque ainda tem que enforcar o Armando, ou melhor, ajudar ele a SE enforcar. Mas, com um pouco de sorte começamos o dia ouvindo os conselhos do Seu Madruga”.

“Tomara que role, ia passar aqueles episódios do restaurante da Dona Florinda, tava em seqüência, eu tinha assistido ontem”, era uma preocupação importante, mas eu tinha outra.

“Olha, cara, aqui tá a câmera, você vai ser o fotógrafo hoje, desperte o Bresson que existe aí dentro”.

“Fica tranquilo, vou fazer o possível, prometo”, e guardou-a no bolso após conferir a carga das pilhas.

O vento não assoviava naquela noite, apenas uma brisa fresca arrepiando as bochechas. O céu parecia muito distante das poucas nuvens que passeavam paquerando o cume dos edifícios mais altos. Caminhávamos há poucos minutos e três quadras antes do calçadão avistei a antiga sede do Jornal Da Manhã. Ele não é nenhuma referência regional, nem, tampouco, um Estado De São Paulo ou uma Veja em tamanho reduzido, nada disso. É um jornal pacato, se fosse um time de futebol seria, com sorte, como o Fluminense:

aquela equipe simpática que não faz mal a ninguém e tem lá sua tradição. Enfim, foi uma boa surpresa que o caminho nos reservou. Sentamos do outro lado da rua, abaixo da marquise da Unimed e comecei o lento processo de preparação: abrir a mochila, tirar a placa e dois arames já devidamente cortados, enfiar as pontas dos arames nos furos previamente feitos no PVC e fechar a mochila.

“É agora cara, fica de olho e tira as fotos”, alertei já me levantando.

Joguei a mochila nas costas, atravessei aquela ruela gris e amarrei a placa ao poste de metal: “Escolta Jornalística”, lia-se no retângulo branco com traços negros.

“As fotos ficaram uma bosta, cara”, desculpou-se.

“Muito ruins? Mesmo?”.

“Aham...”.

“Ahh... tira uma da placa e tá de boa, vambora daqui antes que dê merda”, era uma visão interessante, entre as palavras, no meio da geometria, via-se o mascote daquela intervenção, um porquinho simpático e esnobe, empinando o nariz acima da linha dos olhos com ares de superioridade. Era o mesmo suíno que serviu de modelo para o ataque stencil no posto policial e, em algum momento entre o último olhar que lancei sobre ele e o rápido instante em que minhas pálpebras piscaram girando na circunferência do pescoço, floresceu em minha mente toda similaridade que aquela coincidência semiótica agüentava: polícia e imprensa, o casal mais badalado no chiqueiro do sistema.

“Calção?”.

“É o jeito, amigo”, mas o lugar não estava propício para intervenções naquele momento, além de muito bem iluminado, cerca de dez pessoas transitavam por toda sua extensão.

“Vamo pra Vicente, depois a gente desce”, uma quadra acima.

Ainda enquanto andávamos comecei a procurar na mochila as 15X15, retirei um maço delas e delicadamente as preendi em minha barriga apertando um pouco mais o cinto que segurava as calças. Aproveitei o embalo e saquei o primeiro tubo de três gramas de superbonde guardando-o no bolso direito.

“Qual vai ser agora, das pequenas?”, uma viatura da Guarda Municipal de Trânsito passou lentamente diante de nós enquanto eu ajustava as placas menores na cintura e, de dentro do carro, dois homens silenciosos nos miraram buscando alguma serventia pro seu encargo. Os movimentos que fiz poderiam passar a impressão de que eu acomodava uma arma no coldre, mas além dessa idéia a lá teoria da conspiração não havia motivos pra aqueles guardas tentarem nos intimidar daquela maneira indecente e repulsiva.

“É, no Banco do Brasil”, expliquei desviando os olhos do veículo. As possibilidades corriam em minhas sinapses, havia dez exemplares das placas menores, mas apenas seis diferentes desenhos. A melhor opção logo despontou, era a hora da vingança de um coletivo anarco-antológico que morreu ainda embrião: “Eis que numa tarde ensolarada de um ido domingo, 13 de agosto [2006], emerge aquela que não é, mas poderia ter sido, uma Caneta Totalitária, um Unicórnio Rosa, um Mortaz, Anônimo, mas, pois, que é apenas e enfim uma Seita Em Obras. Objetivos Gerais: Anarquia. Destruir — Desconstruir as sebes artificiais. Valorizar o indivíduo / Comissão de Comunicação: Junior, Cristiano / Comissão de Ação Direta: Todos / Comissão de Fundos: J.C., Sheila, Junior, Valter / Comissão de Terrorismo Poético: Valter, Junior”. Essa foi a descrição que surgiu do primeiro encontro daquele grupo que trabalharia junto à Rede Ativista de Curitiba, reestruturaria o Centro de Mídia Independente, seria a ponte geográfica entre a FAG e a Orga-

nização Socialista Libertária — SP, suporte ao derradeiro squat na capital paranaense, o gérmen de uma nova e futura federação anarquista praticando a conexão espontânea entre o municipalismo libertário e o anarquismo ontológico. Mas que como muitas outras organizações individualistas espalhadas pelo mundo, faleceu antes de cumprir qualquer uma de suas metas, infelizmente.

Passamos em frente ao banco uma primeira vez e tive medo de que alguma daquelas câmeras estivesse apontando pro lado de fora. Mas agora era tarde, Qüiproqué estava certo, eu não podia e nem queria voltar atrás. Passei a cola na Seita Em Obras e grudei-a na vidraça frontal da sede do Banco do Brasil — “Perdão pelo inconveniente, estamos limpando essa merda toda.” Seguimos caminhando como transeuntes noturnos normais, incorporando as características deste ser de forma tão densa que Rodolfo passou a ter as vontades de um transeunte noturno normal:

“Cara, vamos comer alguma coisa? Tô morrendo de fome”, havia um trailer de cachorro-quente e x-salada a uma quadra dali, o Avenida Lanches, e minha larica teimava em concordar que aquela era uma boa idéia.

Quando terminávamos de devorar os lanches, o corsa da Guarda Municipal voltou a cruzar pela nossa frente a cinco quilômetros por hora e com a mesma vitalidade intimidante da primeira vez. Rodolfo não tava nem aí, contou o dinheiro e levantou-se pra pagar. A medida que o carro ia afastando-se, cuidadosamente eu passava superbonde em mais uma Seita Em Obras. Percorri o horizonte com os olhos detendo a atenção no retrovisor esquerdo do veículo, e analisando o reflexo dos longínquos traços do rosto moreno do guarda que dirigia. Rodolfo ajudou-me a levantar, dois passos além estendi o braço canhoto

e coleí mais uma mina propagandística, outra vez na vidraça frontal, mas agora do Unibanco — “Cuidado, estamos trabalhando para melhor atendê-lo.”

Descemos logo na primeira à esquerda e caímos novamente no calçadão. Aproveitei que a rua estava menos movimentada e coleí três das 15X15 numa tacada só: duas delas levavam o desenho de um boneco jogando a própria cabeça na lixeira — essas, obviamente, foram coladas nas latas de lixo — e a derradeira Seita Em Obras no primeiro poste da rua, quase no centro de sua extensão horizontal. Rodolfo estava calado, parecia refletir a respeito de um importante tema, e quando terminei o serviço no calçadão ele confessou-me:

“Cara, eu tenho muita vontade de comer a Adriane Galisteu”.

“Hein?”, como assim, às três e meia da madrugada, no meio da rua?!

“Imagina só, ela é loira, gostosa, tem cara de que manda bem ali, meio pervertida. E, porra meu, ela deu pro Senna! Pô, é o Senna, né cara?! Pensa só comer a mesma mulher que o Senna?! Porra, do caralho!”.

“Na atual conjuntura, amigo, me contentaria em ser o voyeur numa foda dela com um anão superdotado, de verdade”.

“É, mas que eu comeria, ahhhh... eu comeria”.

“Tá certo, mas agora a gente tem que continuar, tenta pensar com a cabeça de cima durante meia hora”, enlacei meu braço em seu ombro para seguirmos a jornada propagandística.

Antes de sairmos do calçadão um morador de rua barbuído e bastante embriagado nos pediu fogo. Infelizmente, nossos cigarros os fumamos antes de sair de casa, amigo. Distante um suspiro de nós, encontravam-se os três próximos alvos: na lixeira em frente a um ponto de ônibus e no piso da entrada da Igreja

do Rosário o superbonde grudou a placa em que dois bonequinhos fodiam gostoso — “Faça Amor!”

“Ei menino... posso te perguntar uma coisa?”, novamente o mesmo morador de rua, a impressão era que nos tornamos seu passatempo noturno.

“Opa, o que foi?”, respondeu Rodolfo.

“Porque você tá tirando foto da igreja?”.

Após um breve lapso de meu amigo, respondi: “É porque ela é bonita”.

“É... uma boa arquitetura”, completou.

“Aahh... bom, então vou deitar na frente, não tenho onde dormir mesmo. Se cuidem”, despediu-se cambaleando etílico.

O último alvo das proximidades era a Igreja Universal, e por isso saquei da cintura uma nova placa: um boi que sorri enquanto caga um A na bola. É um lugar bem iluminado e, de quebra, logo em frente um taxista assistia a última parte de “O Corujão” em sua guarita. Se não bastasse esse detalhe insólito ainda contávamos com dois motoqueiros conversando distraidamente na esquina, a uns 15 passos de nós. A cola já escorria sobre a placa, mas, por um minuto, pensei em desistir.

“Não cola ainda, espera pra mandar no meio do símbolo deles”, animou-se meu comparsa ligando a câmera.

Caminhei sem tirar os olhos do ponto de táxi e quando passei diante daquele coração vermelho pressionei o boi cagando e segurei, bem no meio da pomba branca.

Sentindo a placa fixa, retirei a mão e passei a caminhar com pressa, mas Rodolfo não parava de disparar aquele maldito flash rompendo a branda escuridão com golpes fluorescentes, um ótimo chamariz.

“Vambora muleque!”, sussurrava afoito.

“Mas as fotos ficaram ruins!”, respondia com uma tranquilidade irritante.

“Foda-se!”.

“O que vai ser agora?”, perguntou apertando o passo.

“Prefeitura?”.

“Você é que sabe...”, mas no caminho até o paço municipal encontrava-se o Colégio Sagrada Família, e ele me pareceu um embrião fértil pra fixar mensagens de amor.

Outro morador de rua descansava abaixo da marquise daquela instituição pedagógica de classe média. E roncava alto, muito alto. Dessa vez seria das placas grandes, o mesmo desenho grudado na entrada da igreja. Com um pouco de paciência e uma boa dose de cara de pau para com aqueles que teimavam em passar pela rua mirando nossas fuças, a placa prendeu-se ao poste. O desenho convida, apontando em direção à Sagrada Família, todos a praticarem o amor, e fazerem amor, claro. Afinal, quer publicidade melhor pela a paz no planeta que uma noite universal de sexo selvagem com muitos arranhões nas costas?! Ahhhh..... não há fascismo que resista a um golpe tão apaixonado!

“Agora sim, prefeitura!”, próxima parada.

A rodoviária de Ponta Grossa, ou melhor, aquele galpão porco e improvisado que chamam de terminal rodoviário municipal, estava em nosso trajeto pela Avenida Visconde de Tau-nay. Como havia dois policiais nas proximidades da prefeitura optamos por matar alguns minutos na rodoviária, fingindo que esperávamos o próximo ônibus pra Carambei.

“Só daqui uma hora, cara, só as 15 pras seis”, despistei quando um PM cruzou a nossa frente.

“Quê?”, não entendeu Rodolfo.

“Nosso ônibus, cara, pra Carambeí, só tem daqui uma hora”, elevei o tom.

“Ahh sim... SIMMM... NOSSO ÔNIBUS... DAQUI UMA HORA”, concordou, “vamos procurar um boteco enquanto isso, então”.

Descemos a avenida analisando os sintomas de uma cidade que falece diariamente quando o relógio bate meia noite. A madrugada de Ponta Grossa não é nenhum pouco glamurosa, não acolhe os boêmios nem, tampouco, dá a mínima pros trabalhadores noturnos que penam sem um misero barzinho com um café quente e uma garçõete gostosa. Com a escuridão lutando por cada mínimo flanco, tomando de assalto os bueiros mais obscuros, então a madrugada da maior cidade dos Campos Gerais é, quando muito, deprimente.

Percorremos toda a extensão frontal da prefeitura, atendendo para o posicionamento das guaritas e vigilantes. Saquei o segundo tubo de superbonde da mochila, espalhei a pasta sobre duas 15X15 e entreguei o tubo a Rodolfo. Fingindo cumprir minha função de cidadão ecologicamente consciente, aproximei-me das lixeiras que adornam a escadaria de acesso ao centro do poder administrativo municipal, e delicadamente as acoplei. As placas levavam dois emblemas distintos: um enorme sorriso e uma sorridente caveira pirata — a noite dos sorrisos oficiosos. Seria uma boa alegoria caso algum Jack Sparrow aparecesse com a camiseta do Gangrena Gasosa, numa nova espécie de carisma imoral, pra uma reunião extraordinária com o prefeito Wosgrau a respeito da falta de respeito das Utopias Piratas de Mouros, Hereges e Renegados, seja lá o que isso queira dizer. É como a canção do REM: “it’s the end of the world as we know it” [1].

O plano ainda incluía amarrar os dizeres “Cuidado — Tráfego Intenso de Animais” adornando um adorável porquinho na

estátua em frente à prefeitura, mas os vigilantes passaram a seguir nossos passos com os olhos, chamar reforços e adestrar os coldres.

“Vambora daqui, a coisa tá ficando tensa”, Rodolfo estudava a conjuntura enquanto sentávamos no meio-fio e eu começava a abrir a mochila.

“Você acha melhor?”.

“Ahh... não tá legal aqui não”.

“É, você tá certo!”, levantamo-nos e seguimos nosso caminho. A medida que caminhávamos me coloquei a pensar que rumo eu daria àquela placa órfã. Mas Rodolfo me devolveu às preocupações mais urgentes:

“Cara, quando o pessoal ler esse livro vão te chamar de anarquista fajuto, cagão”.

“É verdade, mas fazer o que?!”.

“Pior ainda, vão te chamar de juvenil”.

“Aí já maldade demais pra um só coração...”, tomamos uma pequena e ingreme rua que devolveu algumas recordações frustrantes a Rodolfo.

“Coloca aquela placa ‘Faça Orgasmos’ aqui, cara!”, disse escarvando uma certa melancolia das sílabas.

“Tá louco?! Ninguém passa nessa rua, por isso a gente tá subindo por ela”.

“Mas, cara, tem alguém que sempre fode nesse lugar, faz quatro anos que eu passo nessa subida quando tô voltando da rodoviária e sempre tem camisinhas pelo chão”.

“Isso é real, tinha reparado nesse detalhe também. Tem algum espírito de porco que curte meter pelas redondezas”, nossa vida sedentária e essa existência horizontal manifestaram-se no cansaço que já nos tomava no meio daquela subida.

“Esse lance da caminha me deixava muito deprimido quando eu passava aqui há um tempo atrás, ficava putão mesmo”.

“Eita porra, por quê?”.

“Aahhh cara, na época eu não comia ninguém, maior seca, e aquelas camisinhas todas no chão, sabe, uns com tanto e outros com tão pouco... era foda”, era.

“Não me fale isso cara! Você é nosso Rocco Siffredi! Ou era, pelo menos, agora começou a namorar e se tornou um rapaz comportado, como manda o figurino”.

“Mas não vai escrever isso no livro”, rogou.

“E porque eu não escreveria? Você ta querendo boicotar meu compromisso com a verdade, seu maldito safado?! Você tava ciente dos riscos quando entrou nessa! Jornalismo, cara, jornalismo!”.

“Ah... mas é que vão achar que eu não como ninguém...”, ele come alguém.

Antes de tomarmos as proximidades da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) sobrou tempo pra grudar o derradeiro sorriso, a última 15X15 no banco de metal de um ponto de ônibus em frente ao cemitério central. Quando deixávamos o lugar, trocamos olhares descompromissados com duas prostitutas que encerravam a jornada madrugueira, havia uma estranha empatia em nossas oculares. Talvez todos nós estivéssemos afim MESMO é de foder com tudo de vez! Mas não fodermos... Nunca fodermos...

O céu já dava bom dia ao Sol, era imprescindível livrarmo-nos logo daquelas placas e terminar o que começamos. A duas quadras da UEPG, na esquina das ruas Cel. Francisco Ribas e Penteado de Almeida, havia um poste bastante propício para uma nova intervenção. Rodolfo entendeu meus passos lentos e ligou a câmera, esperamos um carro seguir após alguns segundos brecado pelo semáforo vermelho, e então abri a mochila buscando uma placa cheia de setas levando o lembrete: “Siga Seu Coração”. Quando estava com a placa em mãos e o alvo na mira, começo a escutar a sirene

de uma motocicleta indicando que um vigilante patrimonial rondava a região — poucos segundos depois ele surgiu duas esquinas a frente. Com o visor do capacete levantado nos olhos olhares chegaram a se tocar, eu caminhava ressabiado até o poste despistando minhas intenções, mas nenhuma troca de sutilezas foi perceptível, pelo menos de minha parte. Sem viva alma na rua o trabalho foi rápido, e assim mais uma mensagem libertária recebia sustentação.

Duas quadras abaixo encontrava-se nossa próxima parada, a UEPG. Preparei a placa feita exclusivamente para a instituição e amarrei-a em frente à saída dos fundos: um Guevara com feições de caveira, orelhas de Mickey e língua de fora, com uma seta apontando diretamente para a universidade - Revolucionários de Sofá e Intelectuais de Gabinete. Foi um desenho que demandou um empenho razoável, e muito tempo de concentração. Além do mais, essa era uma mensagem especial, pois eu me incluo entre seus alvos, e em todos os âmbitos. É praticamente uma meta-crítica, inclusive quando se pensa em intelectuais de sofá e revolucionário de gabinete. Por sorte essa jornada toda me rendeu algumas lições... Afinal, o mundo seria um lugar muito melhor e mais bonito se as pessoas cultivassem com mais carinho o autodesprezo.

“E qual a boa agora? Quantas ainda tem aí?”, o sono estava vencendo meu escudeiro.

“Tem bastante ainda, cara, mas vamos mandar mais duas por aqui mesmo”, a claridade já rompia o asfalto e apenas entre as sombras era possível ter a ilusão de evadir-se do alvor. “Vamos ali embaixo que eu já enfio o arame nas duas e boa!”, pretensão concretizada com sucesso.

Em frente à entrada lateral da UEPG outro recadinho inoportunamente promíscuo — “Permitido Orgasmos”. Do outro lado da Riachuelo, em frente ao ministério público e exatamente em

baixo do aviso “VEÍCULO OFICIAL”, a última da redondeza: “Desobedecer É Preciso” — mostrando um pingüim insolente encarando o que parece ser a autoridade da força física. Com a iluminação adequada e uma pitada de competência, Rodolfo cumpriu bem sua função nas três últimas intervenções, era hora de dar as boas novas ao menino:

“Só mais duas, meu velho, aí você terá teu merecido descanso”.

“E o Qüiproquó? Não vai enforcar o cara?”, a entonação de sua frase implorava por uma resposta negativa.

“Relaxa, a gente faz isso amanhã. Vai até ser bom pra ele passar mais um dia vivo, ele tá mesmo precisando de um choque de realidade”.

“Tá certo! E pra onde vamos agora?”.

Chegou a vez da Faculdade Santa Amélia, mais conhecida como SECAL. Ela fica em único prédio no centro de Ponta Grossa, e depois de quase três horas e meia pregando placas pela cidade parecia que o encanto da indulgência se perdia junto à aura da raridade — esvaecia por naturalizar-se -, por isso realmente precisávamos de uma pitada rechonchuda de sorte: e, como uma benção sufista em prol da moral cívica e do progresso do terrorismo poético, havia um poste absolutamente perfeito poucos metros antes da entrada. Com a placa em mãos restou realizar o trabalho mecânico e ler as frases “Arte como Crime — Crime como Arte” ornamentada entre um simpático exemplar bovino que defecava uma pequena circunferência FECAL. Porém, sem trocadilhos baratos como este.

“Agora preciso dar um sumiço nessa da prefeitura, ou melhor, que deveria ter colocado na prefeitura”, conversávamos ainda em frente ao boi cagando.

“Alguma idéia?”

“Banco, é a única que parece razoável”.

“E?”.

Agência 3104 do Bradesco de Ponta Grossa, o maior banco privado do Brasil gerencia minhas modestas finanças há mais de três anos. E isso nunca foi um orgulho pra mim. Mais uma metacrítica? Certamente: abaixo da indicação “Zona Azul — Obrigatório o Uso do Cartão”, dependurou-se por duas tiras de arames a mensagem que originalmente destinava-se à prefeitura.

Continuamos descendo a Cel. Dulcídio com a intenção de amarrar um “Permitido Sorrir Por 10 Minutos” na porta da receita estadual. Havia um pálio vermelho estacionado em frente a nosso alvo, e um casal se amassava no banco de trás testando o potencial de armazenamento de energia mecânica das molas. Rodolfo posicionou-se diante de mim enquanto eu enlaçava as pontas dos arames, girando-as em semicírculos e espremendo o PVC junto ao poste de metal.

“Tem um cara olhando...”, alertou-me.

“Quem? Na rua?”, torci o arme pela última vez, mas logo percebi que a placa não estava bem fixa.

“Não, dentro da receita”, meu comparsa desviava disfarçadamente as retinas à direita buscando pistas para além da vidraça.

“E qual é a dele?”.

“Não sei, ele ta só olhando. Acho que assustou por causa do flash”.

“Continua olhando?”.

“Aham...”.

“E agora?”.

“Ainda lá”, concentrou-se na mirada destra, “boa, relaxa, ele saiu fora, e era bom se a gente fizesse a mesma coisa”.

“A placa não tá bem presa...”

“Putá merda!”

“Aaahh vambora!”, dei uma última girada no arame.

“Mas vai deixar ela assim? Coitada...”

“Poxa, não dá pra dar uma de Ari Almeida sempre, porra!”

Abandonamos a “Permitido Sorrir Por 10 Minutos” a sua própria sorte, mas ela era uma placa tão otimista que se aquele cara a seqüestrasse, apesar de inutilizada, ela inventaria uma nova modalidade de Síndrome de Estocolmo ainda mais apaixonante. Portanto, acredito que fizemos um trabalho humanitário ao evadir-nos sem olhar pra trás.

“Remorso?”, perguntei ao dobramos na primeira à direita.

“Nenhum, e você?”

“Acho que a gente deveria ter abusado mais daquela placa”.

“Sei lá, desse jeito ela podia gamar, saca?!”.

“Você tem toda razão, deixa esse pepino pro cara lá dentro da receita”.

A última parada dessa nossa garoa de mensagens discórdiana-libertárias era a Sociedade Educacional Professor Altair Mongruel. No SEPAM estuda uma amostra considerável da juventude classe média alta da cidade, seria uma experiência antropológica importante para o desenvolvimento moral da futura elite econômica princesina, deparar-se com um “Faça Orgasmos” na entrada do colégio justo antes daquela primeira e insuportável aula de trigonometria. Pelo menos foi isso que pensei quando reparei que ainda restavam três placas na mochila.

“Duas dá pra fixar na passarela quando o Qüiproqué se matar, essa aqui vou prender na frente do SEPAM”.

“Do SEPAM? Porque o SEPAM?”, sua feição camuflava-se entre a surpresa, a decepção e o sono.

“Sei lá, tá mais perto e acho que vai fazer bem pra gurizada ter um incentivo sexual. Vai dizer que você não lembra da época de colégio que as meninas nunca davam pra você, mas viviam saindo com os caras motorizados da faculdade?!”.
“Tá, mas... SEPAM?! Lugarzinho tão sem sal... eu voto contra!”.

“Eu voto a favor”.

“E ae?”.

“Ganhei por maioria de votos!”.

“Quê??”, sorriu cansado.

“Qüiproquó...”, cocei o bigode e espichei o olhar.

“Aaahh.. tá certo, tudo pela democracia agora, a nova religião do rebanho! Vamo nessa logo, já tá claro”

Em dois tempos terminei de costurar o PVC com arame, e com a precisão de 19 placas fixadas em quase quatro horas de labuta, o “Faça Orgasmos” agarrou-se ao poste cêlere e perfeitamente.

“Por hoje é só pessoal!”, comemorou meu escudeiro, comparsa, amigo e fotógrafo.

“Pra você, eu vou pra casa, mas ainda vou dar um rolê pelas placas daqui umas duas horas”.

“Poxa, boa sorte”, GAME OVER!

• • •

No percurso de volta à minha caverna as lembranças chacoalhavam repimpendo-se em minhas memórias recentes, tateando as cognições maduras na busca de criar alguma cronologia interessante daquelas horas, uma simbologia peculiar que singularizasse cada uma daquelas 18 sutis, breves e pacatas intervenções.

Girei a tetra com delicadeza para não acordar Qüiproquó que babava em meu travesseiro preferido enquanto inspirava

um ronco intermitente. Era melhor deixar o menino descansar, ele teria um dia difícil pela frente. Conferi o relógio, já passávamos 27 minutos das seis da manhã, era um dia ensolarado lá fora. Liguei o computador e escrevi o primeiro, segundo e terceiro parágrafos a partir do momento em que o aniversário de Stirner é citado neste capítulo. Então acendi num cachimbo de vinte reais um pequeno punhado das 45 gramas do clássico tabaco Tobbac tipo exportação. Armando despertou uma hora depois, demorou-se curtindo entre um bocejo e um cochilo despercebido os prazeres da preguiça.

“Já é minha hora?”, perguntou sonolento.

“Já passou... mas fica tranqüilo, o juiz deu um acréscimo generoso pro teu jogo”.

“Bom” espreguiçou-se, “sendo assim eu vou fazer um café, tá afim?”.

“Com certeza, tô caindo de sono, cafeína vai me fazer bem”.

Quiproquó torceu o pescoço estralando a segunda, terceira e quarta vértebras, “ahhh... bem melhor agora”, levantou-se pisando na lombada de Richard Fariña, “eita porra, não lembrava de ter te deixado aqui”, e chutou o livro pra debaixo da cama sem o menor respeito.

“Ei... toma cuidado com isso, ele custou três dinheiros. Porra, você precisa aprender a ter mais consideração por caras que pensam como Gnosso Pappadopoulos”.

“Ahh... esquece isso. Me conta aí, como foram com as placas?”.

“Excitante até a sexta, cansativo até a nona, entediante até a décima quinta e broxante daí pra frente”.

“Eu sonhei que tava no meio de um ménage a trois com a Kristin e a Penélope Cruz”, coçou o saco e expirou profundamente entre as mãos inalando o bafo matinal, “acho que preciso escovar os dentes”, caminhou até o fogão e colocou a água pra ferver.

“Tem pasta aí no banheiro, garotão. Você não se masturbou na minha cama, né, seu cafajeste?”, encostei o cachimbo ainda fumegante num L&PM Pocket no centro da mesa.

“Não, fiz isso no banheiro, relaxa. Só espero que o ralo não esteja no seu período fértil”.

“Eu também...”, sorrimos como dois assexuados.

Qüiproquó usou um anti-séptico bucal sem álcool sabor menta para fazer bochecho, momentos depois acoplou o filtro de papel ao adaptador e completou-o com quatro colheres de café Melita extra-forte. À medida que despejava da chaleira água a 100°C e o sabor daquela mistura volatilizava-se em vapor e fragrância levemente amarga, entabulava uma conversa consigo mesmo, e só não brandia os braços, como se numa ascendência italiana, porque mantinha-os ocupados como um barista.

“Eu tava aqui matutando uma questão que me intriga muito”, soltou as palavras parecendo descarregar um complexo fardo.

“Desembucha, então. E me serve uma xícara desse café, sem açúcar, por favor”.

“Nada de açúcar... assim tá bom ou quer mais?”, começou a encher.

“Mais dois dedinhos só... aee”.

“Pronto, tá aqui”, deslizou a xícara pela mesa, “mas como eu ia dizendo, algo me intriga, é um lance pessoal mesmo, egoísta, sabe, queria conhecer melhor minha essência, o que eu sou afinal de contas?”.

O café encharcou minha língua aquecendo, na seqüência, o esôfago, forte e encorpado, “muito bom o teu café, tomara que não seja sorte de principiante”. Estendi o braço tocando o cotovelo esquerdo do boneco, “você é um terrorismo poético, cara, um terrorismo poético”.

“Todos somos, você sabe muito bem disso”, o cerne filosófico era o que o importunava. Foi então que por uma magnitude mística Qüiproqué esbarrou a mão direita num livreto amarelo que jazia há algumas semanas sobre a mesa. O tabaco que ardeu alcatrão espalhou-se quando o cachimbo tombou, mas nenhum de nós pareceu ligar praquilo.

“É, mas contigo é diferente, porque você não passa de um terrorismo poético, você não é nada mais que isso. Eu sei que é duro, mas é a verdade”, quando ele abriu a obra na página 246/247 pude ler em vermelho o título: Notas de Um Velho Safado.

“Não existe nada mais chato do que a verdade, BUKOWSKI, Charles”, esnobou.

“É, mas esse velho bêbado também escreveu que amar uma mulher é como nadar contra a correnteza num rio de mijo com um barril de merda nas costas. E ele tava errado, é muito pior que isso”.

“Quase todo mundo nasce gênio e é enterrado imbecil, talvez ele tenha definhado com o tempo confirmando seu próprio aforismo”, imaginou.

“E então ele estaria certo, e isso foderia todo seu corolário. Maldito velho! Mas pára de citar esse maníaco, caralho, se quer aforismos leia Oscar Wilde!”.

“Espera ae pô! Talvez ele possa ajudar a resolver meu problema”.

“Esse senhor viveu pra causar problemas, não pra resolvê-los, num rápido movimento, Qüiproqué aterrissou os olhos sobre mim, voltando a direcioná-los pra Bukowski logo em seguida. “Você é uma intervenção lúdica, cara, aprenda a conviver com isso”.

“Então isso é terrorismo poético? Eu sou uma intervenção lúdica, simplesmente uma piada bem direcionada e cheia de más intenções, eu sou apenas a porra de um ludismo tático, mas que grande boceta!”.

“Eu gosto mais da definição ‘arte como crime — crime como arte’, do Bey, muito mais romântica”.

“A diferença entre a Arte e a Vida é que a Arte é mais suportável, circunstancial esse Bukowski, não acha?!” percorria as linhas com refletida atenção.

“Você parece bastante suportável pra mim”.

“Mas ainda não tá bom, preciso melhorar essa minha definição, eu sou muito mais charmoso que isso poxa vida”.

“Mas é claro que é...”, desdonhei.

“ÔÔÔ! Eu tô falando sério, eu preciso de mais encheção de lingüiça, e também de algo mais profundo pra engabelar o santo que estiver na porta do paraíso quando eu precisar bater cartão por lá”.

“E quem disse que tu vai pro paraíso, mané?!”.

“Não enrola, cara, eu sei que você tem um Az de espada na manga, é o momento de usar!”.

Respirei fundo, eu sabia que aquilo seria longo e entediante. “Tá certo, vou te dar essa chance, mas só dessa vez então vê se presta atenção: você é um contra-ataque poético, P-O-Ê-T-I-C-O, que trabalha explicitamente através de poéticas estratégias guerrilheiras, e toda poética é subjetiva - pelo menos em essência —, o que torna seus valores práticos e/ou concretos preocupações de segunda ordem, além do que, se formos analisar a sociologia da poética nos seus âmbitos intervencionista, indulgente e transgressor, passaria necessariamente a permear com certa substância os caminhos da pós-modernidade, o que nos levaria a contemplar muito mais uma hipotética pragmática da lingüística do que uma preocupação com qualquer espécie responsável de pragmática sócio-cultural — sem contar que a epistemologia do terrorismo poético, se é que ela existe, é tão flexível e desregrada que muitas vezes descarta todo tipo de pragmática para deter-se puramente numa tautológica apostasia —; e refletindo um pouco sobre esta característica, ela faz do terrorismo poético uma via de mão-dupla, pois, apesar dessa quase inexistência teleológica ser, sem dúvidas, seu

calcanhar de Aquiles, é também o que torna sua potência estratégica mais sutil e light, e quanto mais litght mais artificial, por consequência...”.

“PÁRA, pára, pára!”, gritou brandindo os braços ainda com o velho safado entre os dedos, emputecido e cansado. “Sssshhhhhiiii! Pára com essa porcaria! Você ta louco? Mas que merda foi tudo isso?”, jogou Bukowski no chão, por fim.

“Terrorismo poético, amigo, apenas e tão somente terrorismo poético”, três pontinhos.

A conversa já havia se estendido para além do necessário, deixei-o com seus questionamentos e repousei o corpo embaixo da ducha morna. Mudei o figurino e rapidamente estava de volta às ruas de Ponta Grossa para conferir o que restou de nossas intervenções da madrugada. No SEPAM, Unibanco, Receita Estadual e Igreja do Rosário já não existiam mais vestígios de nossa passagem. Pra despirtar o sono que se abatia sobre minha persistência, me pus a observar os transeuntes que cruzavam com as mensagens nos diferentes pontos em que as placas ainda permaneciam. E quando a sutileza poética chocava-se com os alvos as reações eram das mais variadas, e dispare. Como em frente ao SECAL, no momento em que duas jovens morenas frearam seu descontraído bate papo matinal para desandar em gargalhadas diante do TP. O entusiasmo das moças era de tal forma fascinante que despertou a curiosidade de um senhor, já passado alguns anos dos 60, que saía da vizinha Clínica De Medicina e Cirurgia de Ponta Grossa e pôs-se a caminhar lentamente, calçado por uma bengala marfim até o encanto espontâneo das morenas. Ele deteve-se alguns segundos analisando a placa, voltou a pousar os olhos nas espectadoras, devolveu a atenção à mensagem deixando es-

corregar um sorriso no canto dos lábios trêmulos. O Terrorismo Poético cumprira sua função! Era hora do descanso.

Os ponteiros percorriam o décimo terceiro minuto das nove horas de um sábado com ares dominicais, mas sem a presença incomoda da segunda-feira cutucando o baço. Foi uma semana a moda finlandesa: nuvens morron-fosco planando por um céu de concreto, lançando garoas esque-léticas que depositam-se em pequenas e cristalinas gotas sobre o casaco de lã, vestimenta bastante apropriada para tardes como aquelas, de ventos cadenciados. A diferença é que na Finlândia eles possuem recheadas contas em euros e vodka de qualidade.

Qüiproqué dava a descarga quando entrei em casa, pude sentir o odor putrefato girando desde o banheiro. Deitei na cama e ouvi o som do chuveiro sendo ligado antes de adormecer.

• • •

“Terminei! É isso...”, em voz alta, desabafou consigo mesmo Qüiproqué.

“O que foi? Você disse alguma coisa?”, comentei ainda concentrado no texto.

“A carta, tá pronta, eu acho”.

“Tua carta de suicídio?”, levantei.

Qüiproqué estava um pouco trêmulo quando me entregou a folha rabiscada, “acho que isso dá uma boa idéia do que eu tô sentindo”.

Ainda detive a mirada sobre sua feição insegura por alguns segundos enquanto buscava uma distância adequada para a leitura:

CARTA DE SUICÍDIO

Tudo é falso — nada de vida nem de nada — Orcalumis é oduT

Num pendulo pendurado

Estático

Tudo é falso

E solitário que só

Armando Qüiproquó

Não esqueçam das pobres criancinhas famintas da Suécia

Porque eu já esqueci

Fui um natimorto taciturno

Agora respiro teu estertor moribundo

...E Que Puta Fedor Imundo...

Aaaaaaah a rima rima aaaaaaaaah rima

Ainda queremos o último padre enforcado nas tripas do último banqueiro

Num funeral de isqueiros acesos

Acústico de Chicho Sánchez Ferlosio

*“Los obispos y los curas nos prometen el infierno
y predicam que el patrón representa el padre eterno”*

Decerto dê certo...

Os escolhidos herdarão a terra

O resto de nó irá para as estrelas

Centelhas...

Centenas...

Caretas...

Cara...

...

Para as estrelas

Para as estrelas

Cara

Armando Qüiproquó

“Bonitas palavras, meu velho. Mas e aquela história de que não existe nada tão chato quanto a verdade?!”, ninguém havia apanhado Bukowski desde que Qüiproquó lançara-o ao chão, não seria agora que o ressuscitaríamos.

“Preferi aquele que diz ‘pensamentos bonitos e mulheres bonitas jamais perduram’, aliás, você tá se tornando muito previsível com esses seus argumentos pré-moldados”, senti que para Qüiproquó minha reação ao ler seus versos casou com a melhor de suas expectativas, ele buscava um desassossego acomodado e uma acomodação desassossegada, e isso era tudo que eu generosamente oferecia a ele.

“Que bom que você tá voltando a ser aquele cínico auto-depreciativo que vi nascer, tava ficando preocupado já”, e completei sorrindo, “vou tomar um banho, daqui a pouco o Rodolfo bate aí, você abre a porta pra ele fazendo um favor, o vinho tá na geladeira”.

Ouvi Rodolfo cumprimentar Armando enquanto secava os pentelhos com minha toalha rosa. Me trajei ao estilo grunge, com calça jeans escura rasgada e uma camiseta vermelha xadrez de flanela. Quando saí do banheiro o “Campo Largo” já estava pela metade e Rodolfo pilava o primeiro beck da noite. O relógio batia o segundo minuto do dia 21 de outubro.

“ÔôÔ mas que surpresa agradável! Como que tá, compadre?”, abracei meu comparsa, “quanta animação!”.

Rodolfo deu a última apertada no beck e o colocou sobre a mesa. “E aí?! Tô vendo que teremos uma comemoração pelo suicídio do moço!”, e brandiu um copo de molho de tomate no ar deixando despencar um pouco do vinho no piso, “um pouco pro santo, claro”.

“Pro maldito santo que estiver no plantão dessa madrugada, lá no hall de entrada do céu!”, emendou Qüiproquó já com

riso fácil enrolando os verbos nos adjetivos, “porque o céu deve ter um hall de entrada, né não?! Poxa, vão deixar aquele monte de gente esperando ali de pé, até parece banco pô!”, o verbo de hoje será o adjetivo de amanhã, e vice-versa. Amém.

“Coloca um pouco desse vinho pra mim e acende logo essa droga que vou calçar o tênis”.

Em três horas e meia bebemos todas as três garrafas de vinho e fumamos dois baseados cada um. A proposta era um porrelesado no melhor estilo Jesus Cristo: morrer de noite, passar 48 horas de ressaca e perda de memória e renascer no terceiro dia. Apenas Armando não participaria de todas as etapas, renascer no seu caso seria um milagre, e de milagres sua curta vida já estava cheia. Ser um espectador no momento em que Rodolfo discutia Sartre com Qüiproqué, entre uma cuspidela de vinho e uma dislexia maconheira, foi algo antológico; mas assistir ambos bailando bolero nas notas de “Mua Mua Mua” de Raúl Paz foi incomparável. Meu comparsa comandava os passos apertando Armando junto ao peito e rodopiando compassado, quando Paz cantou “mua mua mua Cristina, mua mua mua Teresa, mua mua mua la Rubia, mua mua mua la Prieta”, Rodolfo girou-o com a intenção de laçar seu corpo entre os braços e tocar seus lábios com furor. Entretanto, Qüiproqué desabou antes de completar 80° de rotação.

“Caralho, o que foi isso?”, assustou-se.

“Calma, meu velho, o cara só desmaiou. Mas como foi você que ficou rodando ele, aliás, vocês pareciam até uma versão cinematográfica de um tango do Gardel, puta merda o tanto que vocês tavam empolgados. Por isso, rapaz, é contigo o trapo de carregar ele até a passarela!”, aponteí virando no gargalo um resto de vinho, “tá na cara que ele tá sem condições de ir sozinho até lá”, arroteí.

Às três horas e 53 minutos saímos eu, com a mochila cheia de apetrechos poéticos, e Rodolfo com Qüiproqué nas costas e a câmera no bolso. Ainda estávamos um tanto cambaleantes pelo álcool, e outro tanto aéreos pelo THC, mas a brisa refrescante da noite nos devolveu um pouco de serenidade. Tomamos o caminho mais curto, escuro e vazio, e a seis quadras da passarela Rodolfo precisou parar pra mijar. Jogou Qüiproqué sobre mim e baixou o zíper em frente ao muro. Percebi que um carro solitário despontou ao longe, entre as curvas, e rapidamente enlacei os braços de Armando sobre meus ombros, abracei-o com firmeza e lasquei-lhe um beijo italiano percorrendo afoitamente sua saliva amarga com a língua. O carro passou sem notar-nos, então devolvi o corpo desmaiado às costas de Rodolfo, agora aliviado.

“A gente vai ser preso, cara, certeza!”, essa idéia agarrou-se as expectativas de meu escudeiro com forte vigor, ele estava certo que havíamos sido traídos, “você contou sobre isso pro Ricardo?”.

“Claro, cara, o plano inicial era ele ajudar, mas não rolou”.

“Certeza que ele avisou a polícia, certeza!”, e balançava a cabeça negativamente.

“Ei, relaxa cara, ninguém contou nada pra polícia aqui. E, além do mais, o que a gente tá fazendo hoje não é TÃO ilegal como as placas de ontem”.

“Ontem tava de boa, sentia mais medo quando estourava bombinhas nas lixeiras do bairro lá em Cornélio Procópio”, pigarreou e cuspiu, “mas hoje tô com medo, você confia no Ricardo, mesmo?”.

“Confio, cara, pode ficar tranqüilo, eu sei que ele é jornalista, mas acima de tudo é um anarco também”, acalmei-o.

Não cruzamos com mais ninguém até chegarmos ao lado da escadaria que leva à passarela, mas em frente àquela armação de metal que corta a Bispo Dom Geraldo Pellanda a uns 10 metros acima do asfalto havia o “Biba’s Lanches”, e cerca de 20

clientes distraídos e esfomeados gastavam seu dinheiro poucos passos distantes de nós.

Encostei-me numa árvore e tirei a mochila das costas, “fica de olho enquanto eu preparo as coisas, e faz esse cara parar de roncar, por favor”, Qüiproquó soltava longos e intermitentes grunhidos ébrios.

“Podexá comigo, mas como eu faço depois, desço pra tirar as fotos ou fico contigo ajudando?”.

“Dá pra você descer, o foda é o começo, organizar a coisa mesmo. Aliás, tô quase terminando, dá um jeito de acordar esse maldito, ele tem que se enforcar dentro de poucos minutos”, só então Rodolfo largou com violência Qüiproquó na grama esbofeteando seu rosto e sussurrando palavras incompreensíveis.

“Uhhnnhháá uhhnnháá...”, mascava a pasta densa e ácida que se formara em sua boca, “me deixa quieto só mais cinco minutinhos, juro que depois eu me enforco... deixa só o mundo parar de girar dentro da minha cabeça”, despertou Qüiproquó.

“Nada disso meu velho, você vai ter toda a eternidade pra se recuperar dos festerês dessa noite, agora tenta levantar e se manter em pé. E quieto!”, ele pareceu não concordar nem um pouco com meu tom intimidante, mas obedeceu resignado e não esboçou nenhuma repulsa quando enlacei em seu pescoço o varal vermelho que seria seu algoz.

Tudo em ordem, hora do show. Mas Qüiproquó não estava em condições de caminhar sozinho, ensaiava vômitos a cada tentativa cambaleante de caminhar. Restou a Rodolfo o encargo de conduzi-lo pela passarela logo atrás de mim. No meio do caminho Qüiproquó desabou, aproveitei para abandonar o original emoldurado de sua “Carta de Suicídio” recostada na lateral da passarela. Entreguei as 19 cópias dela a Rodolfo.

“O que eu faço com isso?”.

“Joga tudo pela passarela, rápido”, o vento levou todas de encontro à parede direita logo depois que Rodolfo as salpicou pelo lugar, “tá beleza, ficou bom, agora me ajuda a estender a faixa”.

Desdobrei o pano e observei a posição correta, entre as placas que acabáramos de fixar — “Okupe e Resista” e “Permitido Ação Direta” -, Rodolfo ajudou a amarrá-la com arames enquanto Armando tentava erguer-se apoiando o cotovelo no concreto. Acoplei novas mensagens em PVC — “Todos Somos Armando Qüiproquó”, “Mate o Qüiproquó que há em você” e “Eles Descobriram o Plano Todo”, ornamentando a grande faixa 2X2 metros onde se lia “Tudo É Falso”.

“Agora eu desço, só falta enforcar o cara”, aproximou-se de Armando ajudando-o a levantar-se e suspirou algumas palavras de conforto no ouvido do moribundo. Nesse instante, uma viatura da polícia militar passou pela Geraldo Pellanda, um pavor gélido tangenciou minha espinha, mas aparentemente não chamamos sua atenção. Esse foi o aviso final para Rodolfo apressar a despedida e correr pela escada até o calçamento abaixo da passarela.

Percebi que meu cúmplice fingia usar o telefone público e já tinha a câmera em riste. Amarrei o varal na grade e apertei com dois nós simples. Virei-me para Qüiproquó, uma lágrima que escorria pelo seu queixo voou com uma curta rajada de vento, sua tristeza me paralisou.

“Animação compadre! Você tá se sacrificando pela causa! Isso é uma honra, só para os raros!”, segurei seu braço fraternalmente.

“É sempre mais fácil pro biógrafo né?!”; desdenhou.

“Vou tomar vinho barato em copo de requeijão por você

quando tudo isso terminar meu velho!”, abracei-o com carinho e firmeza, “você não existiu, Armando Qüiproquó, você viveu!”, apertei-o com os músculos da nostalgia e pousei o queixo em seu ombro esquerdo, “e disso, cara, ninguém pode duvidar!”, relaxei.

“Vamo terminar logo com isso! Me ajuda?”, agarrou-se à grade depois de afastar-me com toques de resignação. “Isso já é complicado o suficiente”, empunhou entre seus dedos minha mão enrugando os lábios. Apoiou-se em meu ombro e tomou impulso para jogar a perna esquerda sobre a parede lateral da passarela, desequilibrou-se ao tentar sentar, mas logo escorou numa viga de ferro, “você sabe o que fazer se algo der errado”, sussurrou mirando-me por sobre o ombro e movendo levemente o pescoço para trás.

“Eu não hesitaria, sabe que pode confiar em mim!”, mas eu hesitei, por um segundo, no momento que Armando despediu-se com um ligeiro, profundo, sincero e telepático cerrar de pálpebras lançando-se no vazio. Nenhum som de pescoço desnucando-se, o peso insuficiente de seu corpo bamboleava no ar enquanto meu amigo debatia-se inútil e desesperadamente, lutava por um sopro da vida abandonada. Mirou-me com um olho de acusação e outro de piedade, parecia ordenhar as poucas nuvens entrincheiradas naquele saudosista céu azul marinho como quem oferece a alma por uma gota do mistério. Eu deveria cumprir o prometido. Sem sacar a retina daquele embate espiritual agarrei o varal vermelho e comecei a puxá-lo de volta. Nenhum de nós desviaria o olhar naquele instante, nem se aquilo custasse a vida de ambos. Continuei a iscá-lo o mais rápido que conseguia. Quando seu rosto ultrapassou a altura da parede que acabara de saltar e ergueu-se ancorado nos cotovelos, um imenso naco de ar foi sofregamente sugado por seus pulmões aflitos. O flash iluminava intermitentemente abaixo de nós, Rodolfo fazia seu trabalho. Senti o varal ficar leve, os músculos de Qüiproquó enrijeciam-se à medida que o oxigênio era

absorvido pelos alvéolos. A decisão era dele. Mas não SÓ dele. Enfiar a mão em seu peito quando ele tomava impulso. Nunca saberei se Armando tentara saltar de volta à passarela, à vida e à desonra; ou se apenas respirara aquele pedaço de coragem para jogar o corpo mais ao alto e certificar-se que dessa vez não erraria; o fato é que segundos depois senti o varal esticar-se, ouvi um sutil estalo e Armando já não se movia. Apanhei a mochila do chão e caminhei apressadamente, meu celular começou a vibrar: “NOS VEMOS ATRÁS DO BIG. MELHOR NÃO DAR BOBEIRA”, número do Rodolfo.

O individualismo passeava em seu modelito poético naquela madrugada, terrorista poético. Encontrei-o sentado no meio-fio de uma esquina etílica cantarolando sua violência lúdica, vomitando sua violência lírica. Ofereci companhia e ele beijou-me. Fodemos no meio da rua. Um amor louco. O último gole de “Sangue de Boi” no cristal Frimeza.

NOTAS

[1] Tradução livre: “é o fim do mundo tal qual o conhecemos”.

Epílogo

abandonar tudo. conhecer praias. amores novos.
poesia em cascatas floridas com aranhas
azuladas nas samambaias.
todo trabalhador é escravo. toda autoridade
é cômica. fazer da anarquia um
método & modo de vida. estradas.
bocas perfumadas. cervejas tomadas
nos acampamentos. Sonhar Alto.

Roberto Piva

PÓS-FÁCIO
BUSCAR A
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL?

Felipe Corrêa

O anarquismo não pode continuar aprisionado nos limites de um pensamento marginal e reivindicado unicamente por uns poucos grupelhos, em suas ações isoladas. Sua influência natural sobre a mentalidade dos grupos humanos em luta é mais do que evidente. Para que esta influência seja assimilada de modo consciente, ele deve, doravante, se munir de novos meios e iniciar desde já o caminho das práticas sociais.

Nestor Makhno

Quando o companheiro Júnior me convidou para escrever um prefácio para seu livro, muitas coisas me passaram pela cabeça. Eu vinha convivendo com ele desde o 1º Encontro Pró-Federação Anarquista de São Paulo (Pró-FASP), que realizamos em meados de 2008, com o objetivo de fundar uma organização anarquista especificista. No encontro, enquanto falava junto a outros companheiros da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ), notei alguns participantes cuja expressão facial demonstrava um interesse bastante acima da

média. Um deles era um rapaz com um chapéu diferente que, em um dos almoços, eu conheceria e já notaria significativa afinidade entre nós. Júnior, nestas conversas que tivemos durante o encontro Pró-FASP, contou-me um pouco sobre seu passado no Paraná e relatou empolgado suas visitas à Federação Anarquista Gaúcha (FAG) e à Federação Anarquista Uruguaia (FAU). Contou-me também que ele e sua companheira tinham acabado de chegar em São Paulo e ao me falar do apartamento que tinham alugado, descobrimos que éramos praticamente vizinhos. Por esta proximidade, e pelos contatos que foram surgindo no âmbito da construção da FASP, acabei conhecendo um pouco do passado de Júnior e da história de elaboração deste seu projeto transformado em livro.¹

Assim, Júnior já conhecia um pouco de mim e eu um pouco dele. Ou seja, eu sabia que apesar de estarmos juntos no processo de construção de uma organização anarquista especificista, com tudo o que isso implica, ele tinha um passado de afinidade com o individualismo, de admiração deste anarquismo “pós-moderno” e em certo sentido juvenil, presente nos livros de Hakim Bey e companhia. Ao mesmo tempo, ele sabia que eu era um ferrenho anti-individualista, defensor das concepções de Bakunin e Malatesta, apreciador da *Plataforma* do Dielo Trouda ² que, já há alguns tantos anos, havia renunciado contatos mais aprofundados com os anarquistas individualistas, tendo inclusive traduzido o petardo de Murray Bookchin contra eles.³

1 Para saber mais sobre as organizações aqui citadas, ver: Pró-FASP (www.fasp-br.org), FARJ (www.farj.org), FAG (www.vermelhoe-negro.org/fag) e FAU (www.nodo50.org/fau).

2 http://www.nestormakhno.info/portuguese/platform/org_plat.htm e também em Nestor Makhno. *Anarquia e Organização*. São Paulo: Luta Libertária, s/d.

3 *Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida: um abismo intransponível* (no prelo).

Por que então ele me pediria para prefaciar seu livro? Para mim não havia dúvidas: ele sabia de minhas posições, portanto, só poderia esperar um prefácio crítico. Talvez, Júnior quisesse que eu desse corpo à autocrítica que ele mesmo gostaria de fazer. Não sei. Pensei por algum tempo se isso compensaria, ou se só causaria desgastes, se seria um esforço político interessante ou se eu só ficaria sendo visto por outras pessoas como mais um “anarco-bolchevique” – expressão que os individualistas usam contra qualquer um que não concorde com as suas idéias e que defenda um anarquismo social ⁴ –, odiado pela juventude desvinculada de um projeto coletivo de transformação social, que provavelmente compraria este livro.

Enquanto lia o livro, lembrei-me de uma coisa que falávamos muito com os companheiros que dividiram conosco a organização daquilo que poderíamos chamar de “movimento de resistência global” e que outros, principalmente a imprensa, chamaram de “movimento antiglobalização”. Falávamos da importância de registrarmos as nossas experiências, inclusive com a devida autocrítica, para que novas gerações militantes pudessem não cometer os mesmos erros que cometemos e que isso gerasse certo acúmulo. E eu sempre fiquei com isso na

4 Esta expressão foi usada pelos individualistas ao se referirem a diversos anarquistas: Makhno, Arshinov, Durrutti, por exemplo. Abandonando o anarquismo revolucionário, que deveria ser construído no calor das lutas populares, os setores individualistas acusavam (e ainda acusam) de possuírem desvios marxistas todos aqueles com posições claras para influenciar o destino das mobilizações sociais e da luta de classes, ainda que estas posições tenham sido defendidas pelos criadores do anarquismo. Ao criar a sua identidade em oposição ao marxismo, com um espírito puramente crítico e não construtivo, o individualismo terminou recusando uma série de elementos que eram comuns às diversas correntes socialistas, dentre elas o anarquismo clássico de Proudhon, Bakunin, Kropotkin e Malatesta.

cabeça: possuo uma série de autocríticas a fazer sobre minha época de militância no movimento de resistência global e uma hora ou outra precisaria pôr isso no papel. Ao mesmo tempo, nesta construção do anarquismo organizado que venho tentando realizar, sempre tive uma outra coisa na cabeça: agora que podemos ser “a geração anterior”, coisa que praticamente nossa geração não teve, podemos contribuir com nossos erros e acertos para estas novas gerações que vêm chegando. Enfim topei, pois achei que poderia trabalhar em um texto que seria meu primeiro esboço desta autocrítica, principalmente, pois vi que muitas das experiências relatadas por Júnior são descendentes deste movimento, ao qual dediquei significativo trabalho. Isso certamente seria importante para acumular um pouco para as novas gerações. No entanto, pedi que, ao invés de prefácio, o texto entrasse como posfácio, para discutir posteriormente as questões já apresentadas e lidas pelo leitor. Ele concordou.

Portanto, neste artigo, gostaria de colocar algumas questões para reflexão. Meu intuito é fazer com que o leitor reflita e possa avaliar por conta própria o que leu neste livro, tendo em conta que as posições que aqui coloco não são simples elucubrações filosóficas, mas fruto da experiência prática que se deu entre acertos e erros e que se acumulam com praticamente uma década de militância.

Balaclavas e os Profetas do Caos propõe-se a registrar diversos momentos daquilo que Júnior chamou de “movimento anarquista” de parte do Brasil. Antes de tudo, gostaria de ressaltar que, como um trabalho jornalístico, o livro ficou bastante interessante e possui suas qualidades: é inegável que o autor é uma pessoa muito culta, que possui muita facilidade para escrever – o que por sinal faz muito bem –, é realmente inteligente e possui um humor divertidíssimo. Assim, analisando o livro

em seus aspectos estritamente literários, podemos considerá-lo uma boa obra, forte representante do tal estilo “gonzo”. O problema, para mim, como mencionei para o autor, é quando se pretende unir ou relacionar a maioria das atividades que se relata neste texto com política, e o mais complicado ainda, com anarquismo. Portanto, toda a crítica que faço aqui não tem por objetivo desmerecer o livro ou mesmo as pessoas envolvidas nas histórias apresentadas, mas colocar em xeque as estratégias (ou as não-estratégias) utilizadas e as concepções teóricas que lhes dão suporte. Como o próprio Júnior verifica no livro, este amplo universo libertário está cheio de pessoas solidárias e bem-intencionadas, gente muito boa. Sabendo disso, não tenho interesse que as críticas aqui colocadas sejam entendidas de maneira pessoal. Quero, sim, discutir politicamente, avaliando as possibilidades e as limitações daquilo que as alternativas apresentadas no livro colocam, sempre com muito respeito.

Felizmente para o autor, mas infelizmente para os anarquistas de nossa tendência, o livro possui mais uma qualidade. Ele mostra ao leitor o verdadeiro “balaio de gato” que hoje é o anarquismo, ou aquilo que se chama de anarquismo. Considera-se anarquismo desde uma militância séria, voltada para as lutas populares e a transformação social, até um estilo de vida extravagante, rebelde e boêmio sem qualquer intenção de transformação. No entanto, todos compartilham o mesmo rótulo: reconhecem-se anarquistas.

Desta maneira, parece-me imprescindível, dentro deste mar de definições e indefinições, tentar responder algumas simples perguntas. O que é o anarquismo? Para que ele serve? O anarquismo pretende transformar a sociedade? Se sim, qual é o melhor conjunto de estratégia e táticas para que isso aconteça? Todas estas questões buscarão nos fazer refletir es-

trategicamente sobre aquilo que acontece e se o que fazemos aqui, hoje e agora, contribui em alguma medida para onde queremos estar amanhã. Este é o raciocínio que norteará o restante do texto.

O anarquismo possui uma história própria, que nos permite uma análise de seu nascimento e de suas propostas durante a história. Ele nasceu no contexto das grandes lutas de classe do século XIX, sendo Proudhon aquele que formulou suas primeiras idéias e Bakunin aquele que o colocou em prática, de maneira organizada e coletiva, na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), fundada em 1864. Foi neste contexto de desenvolvimento do capitalismo, do Estado, e de suas contradições, que nasceu o anarquismo, propondo uma determinada análise da sociedade de exploração e dominação, uma crítica à organização baseada no capitalismo e no Estado, uma sociedade futura forjada no socialismo e no federalismo e um método de ação constituído pela luta popular revolucionária em busca da revolução social. Foi este o anarquismo posteriormente desenvolvido por Kropotkin, Malatesta entre outros.

Portanto, o anarquismo clássico sempre teve um caráter ideológico, de um conjunto de idéias, motivações e aspirações, necessariamente vinculado a uma prática política visando uma profunda transformação social. No anarquismo clássico, e nas correntes que dele descenderam durante grande parte do século XX, sempre houve um compromisso com esta transformação social revolucionária, de bases classistas, que possuía o objetivo de superar as relações de exploração e domínio da sociedade capitalista e estatista e trazer à ordem do dia um socialismo baseado na liberdade e na igualdade. Este socialismo teria por objetivo transformar aspectos políticos e sociais

da sociedade, e, fundamentalmente, seus aspectos econômicos, com os meios de produção sendo colocados nas mãos dos próprios trabalhadores, sob regimes de autogestão e federalismo.

Sendo defensor do anarquismo entendido a esta maneira, não posso conceber como um conjunto de ações individuais como stencil, yomango, fumar maconha, terrorismo poético e freeganismo (entre outras) podem significar, mesmo em longo prazo, algum tipo de transformação social. Da forma como são teorizadas, ou mesmo como são descritas no livro, estas ações nos dão a maior certeza que, ainda que aplicadas massivamente, não transformariam absolutamente nada em termos políticos. E por políticos, não quero dizer a política do “jogo democrático” realizado pelos parlamentares, mas a questão do poder e da conjunção de forças na sociedade.

Em uma entrevista a um documentário sobre a Verdurada, festival organizado por um grupo de *straight-edges*, José Arbex tocou bem neste ponto. Entrevistado pelos jovens produtores do documentário, ele disse que as letras de protesto não bastavam, que era necessário se pensar na questão do poder. No fundo, o que ele colocava era, justamente, que se aquela rebeldia estética (refletidas nas letras de protesto e nas atitudes comportamentais) não fosse transformada em um trabalho político organizado, oferecendo confronto direto à ordem estabelecida e propondo alternativas, ela nada significaria, tendendo a ser absorvida pelo próprio sistema.

E esta é a dificuldade que tenho, quando tento pensar como é possível relacionar esta rebeldia estética, que tanto aparece nestas manifestações culturais alternativas freqüentes no livro, que preconiza certo estilo de vida, com aquilo que Bakunin deu corpo no século XIX. Realmente é difícil entender.

A impressão que tenho é que, ao longo da história, diversas referências que poderíamos chamar libertárias, mas não anarquistas, foram sendo incorporadas dentro de uma falsa “história do anarquismo” que, ao inventar-se e reinventar-se, criou esta certa distorção que entendo ser o individualismo anarquista. Talvez o exemplo mais evidente desta teoria sejam as referências usadas por anarco-individualistas contemporâneos: Godwin, Stirner, Deleuze, Nietzsche, Foucault, Guatarri, entre outros, apesar de terem sua relevância na discussão de temas específicos (nenhum deles foi anarquista e nem propôs uma releitura do anarquismo), não podem ser utilizados como referências principais de alguém que se considera anarquista. Afinal, que anarquismo é esse que relega os clássicos e constitui-se sobre referências pré e pós-anarquistas, mas não-anarquistas? Isso também é difícil de entender.

O fato é que ao longo da história o individualismo anarquista cresceu, foi aceito em diversos lugares, como na França, e incorporou-se definitivamente, não sem diversas controvérsias. Dentre as polêmicas contra os individualistas, podemos citar Malatesta quando se manifestou contra os antiorganizadores, Fabbri ao pronunciar-se contra as atitudes que julgava burguesas no anarquismo, Berneri contra a influência individualista no anarquismo, o Dielo Trouda com sua crítica que gerou a *Plataforma*, entre muitas outras. Entretanto, historicamente, apesar de ter tido alguma visibilidade nos fins do século XIX, majoritariamente na França, o fato é que o anarco-individualismo foi sempre uma tendência marginal no anarquismo, que pouco ou nada influenciou as mobilizações populares nos séculos XIX e XX, conforme relatou Bookchin:

“Com a emergência do anarco-sindicalismo e do anarco-comunismo nos fins do século XIX e início do século XX, a necessidade de se resolver a tensão entre as tendências individualista e coletivista tornou-se essencialmente obsoleta.

O anarco-individualismo foi, em grande medida, marginalizado pelos movimentos operários socialistas de massa, dos quais muitos anarquistas consideravam-se a esquerda. Em uma época de violentos levantes sociais, marcada pelo surgimento de um movimento de massas da classe trabalhadora que teve seu auge nos anos 1930 e na Revolução Espanhola, os anarco-sindicalistas e anarco-comunistas, não menos que os marxistas, consideravam o anarco-individualismo um exotismo pequeno-burguês. Eles não raro o atacavam, de maneira bastante direta, acusando-o de ser um capricho de classe-média, muito mais radicado no liberalismo do que no anarquismo.(...)”⁵

Ao invés de servir para aproximar o anarquismo das mobilizações populares, o individualismo terminou afastando e confundindo. Por suas posições praticamente antitéticas ao anarquismo classista e revolucionário, o individualismo terminou negando conceitos centrais de nossa ideologia que muitas vezes impediram e dificultaram as respostas e alternativas concretas anarquistas. Ao posicionarem-se contra o trabalho junto com os individualistas nas organizações anarquistas adeptas da *Síntese*⁶, os autores da *Plataforma*, que estavam em torno da publicação *Dielo Trouda* colocaram:

5 Murray Bookchin. Op. Cit.

6 A organização de síntese, ou o sintetismo, forjou-se no contexto da discussão da *Plataforma* do Dielo Trouda e teve em dois textos centrais sua formulação. Sébastien Faure. “A Síntese Anarquista” (<http://www.anarkismo.net/article/12392>) e Volin. A “Síntese Anarquista” em *Apelo à Unidade do Movimento Libertário*. São Paulo: Imaginário, 2003. Ao passo que a *Plataforma* defendia um anarquismo organizado que pudesse influenciar as mobilizações populares, a Síntese defendia uma concepção ampla de organização, em que pudessem trabalhar juntos anarquistas de todos os tipos, incluindo os individualistas.

“O que então nos resta do individualismo anarquista? A negação da luta de classes, a negação do princípio de uma organização anarquista, cuja finalidade seja a sociedade livre de trabalhadores iguais: e mais ainda, a charlatanice vazia, estimulando os trabalhadores infelizes com sua existência, a tomar parte recorrendo a soluções pessoais, supostamente abertas a eles enquanto indivíduos libertados.”⁷

Assim, o Dielo Trouda refutava aspectos da influência individualista no anarquismo: negação da luta de classes, da organização, e do projeto socialista do anarquismo; além da ênfase na liberdade individual que tentava fazer crer que se poderia buscar a liberdade individualmente, fora de uma organização popular ampla e coletiva dos trabalhadores que atuasse efetivamente no calor da luta de classes. Estas, dentre outras influências negativas que foram sendo aportadas ao anarquismo pelos individualistas, e que tiveram significativo destaque nos fins do século XX, fizeram Bookchin advertir sobre as possíveis conseqüências deste aumento da influência individualista no anarquismo. Enfatizou ele, na década de 1990:

“A menos que eu esteja gravemente errado – e espero estar – os objetivos sociais e revolucionários do anarquismo estão sofrendo um desgaste de longo alcance ao ponto em que a palavra anarquia se tornará parte do elegante vocabulário burguês do século XXI – desobediente, rebelde, despreocupado, mas deliciosamente inofensivo.”⁸

Bookchin demonstrava sua preocupação, dizendo que se a influência individualista continuasse nesta crescente, o pro

7 Dielo Trouda. “O Problema da Organização e a Noção de Síntese”.

8 Murray Bookchin. *Op. Cit.*

pósito socialista – significando necessariamente transformação social – que sempre esteve ligado ao anarquismo, independente da proposta organizativa, estaria anulado. Ainda que anarquismo significasse desobediência e rebeldia, não mais seria capaz de lutar contra as injustiças da sociedade presente e muito menos lançar as bases para a construção de uma nova. É esta preocupação que compartilho ao ver uma série de experiências que, pelo menos da forma que eu as enxergo, não oferecem a mínima condição para qualquer transformação que exacerbe o âmbito individual, e que, portanto, não lidam com as questões do poder e das forças sociais em jogo.

Conceber um projeto que se queira capaz de lidar com o poder e com as forças sociais em jogo, tornando-se uma alternativa política de transformação social revolucionária para a sociedade em que vivemos implica, necessariamente, em uma série de reflexões sobre as quais tratarei brevemente a seguir.

A concepção de transformação social, assim como sempre sustentou a tradição anarquista revolucionária, precisa estar ancorada em um movimento popular amplo que consiga ir acumulando força social de maneira a gerar condições, em um primeiro momento, para a conquista de ganhos de curto prazo, e depois, com um processo de articulação e radicalização destes movimentos, para iniciar um processo revolucionário. Portanto, para mim, não há possibilidade de processo revolucionário, ou mesmo um processo amplo, de luta popular, que tenha por objetivo trazer ganho ao conjunto das classes exploradas, sem que este se constitua em um movimento de maiorias, de grandes contingentes que agregam setores amplos do povo. Em um raciocínio estratégico podemos pensar que, se a transformação é assim concebida, a alternativa hoje é pensar em criar e participar de movimen-

tos populares deste tipo (sociais, sindicais, etc.), buscando influenciá-los com a prática anarquista, não fazendo com que se tornem ideologicamente anarquistas, mas que possuam determinadas características práticas de funcionamento que os farão convergir para nossa proposta de transformação social. Basicamente, estes movimentos, agregando o maior número possível de membros das classes exploradas, posicionando-se de maneira autônoma e combativa, e funcionando com ação direta e democracia direta, poderão constituir o embrião de um processo revolucionário de longo prazo. Unindo-se em uma organização popular ampla, podem constituir a força social necessária para a transformação social.

Para mim não é clara a postura de muitas iniciativas libertárias. Algumas delas, resumindo-se a pequenos grupos, tendem a não se misturar com os outros. Extremamente sectários (incapazes de tolerar posições teóricas ou práticas diferentes das suas), estes grupos e iniciativas tendem a “pregar para quem já está convertido”. Ou seja, ao não se misturar e não trabalhar com pessoas de outras ideologias, acabam não tendo qualquer influência e, conseqüentemente, não oferecendo possibilidade alguma de transformação social. Julgando os ambientes populares “autoritários”, muitos acreditam que a solução é afastar-se, uma solução claramente elitista. Pergunto-me: se anarquistas só querem trabalhar com anarquistas, qual é a chance de atraírem mais pessoas para sua causa?

Há também iniciativas e grupos cujos trabalhos principais não possuem como objetivo a criação e a participação nestes movimentos e que, por isso, penso serem ineficientes nesta queda de braços com o capitalismo e o Estado. Ainda que haja algumas iniciativas interessantes, grupos que trabalham a propaganda e a educação separados das iniciativas populares de luta, terminam por restringir a força de sua ideologia e conse-

qüentemente não acumulam força social significativa. Apesar disso, a propaganda e a educação descoladas dos movimentos populares, são ainda muito mais válidas que outras iniciativas puramente individuais que nem têm por objetivo divulgar a causa, mas simplesmente “vivê-la”. Iniciativas como o yomango, ou o freeganismo são exemplos disso.

Um projeto que dê conta de lutar pela superação da ordem vigente e pela construção de uma nova sociedade, portanto, é um projeto coletivo que não se realiza com as satisfações de uma ou outra pessoa isoladamente.

Aliás, outra distorção do individualismo é aquela que sustenta ser possível desenvolver uma liberdade puramente individual, motivo que dá bases para os individualistas serem chamados de liberais. Eu, assim como Bakunin, acredito que a liberdade individual só pode desenvolver-se na liberdade coletiva e, desta forma, **qualquer projeto que tenha por objetivo a liberdade (ou que se queira libertário) deve preocupar-se com a libertação de todos os explorados que sofrem hoje a dominação nas estruturas do capital e do Estado.**

O individualismo quer fazer crer que a liberdade individual é possível dentro da sociedade em que vivemos. A partir de iniciativas “libertárias” individuais, ou mesmo tentando isolar-se do sistema, uma noção equivocada de liberdade (chamada muito freqüentemente de “autonomia”) ameaça o projeto libertário anarquista. Antes de tudo, o projeto que defendemos é um projeto coletivo e entendemos que só poderemos gozar de liberdade quando juntos estivermos em uma sociedade igualitária em que não haja dominação e exploração. Ou seja, **a liberdade é indissociável do socialismo.** O italiano Luigi Fabbri refletia sobre esta questão há um século atrás:

“A idéia anarquista tem, como base primeira, a liberdade individual, mas aqueles que pretendem que a liberdade individual na anarquia seja infinita e absoluta, seriam utopistas no sentido mais ridículo do termo, pois o infinito e o absoluto são conceitos abstratos, configurações mentais sem possibilidade de realização prática. Pois bem, é sempre em nome da liberdade individual que numerosos anarquistas, segundo lhes seja conveniente, ou proclamam o direito de fazer seja lá o que for, inclusive atingir a liberdade e o direito do outro, ou declaram incoerente toda a tentativa de realização revolucionária e de organização pela propaganda.”⁹

Fabbri toca em um ponto importante ao citar o uso que se faz desta suposta liberdade individual para justificar atitudes das mais diversas, pois muitas delas saem de nosso campo ético, ou mesmo atacam processos de organização e luta. Característica também bastante freqüente entre os individualistas.

Outra reflexão que faço, a partir da nossa participação no movimento de resistência global, é em relação à questão da classe. Apesar de tentarmos, na época, desenvolver movimentos populares amplos, creio que houve dificuldade em relação à mobilização das classes mais exploradas pelo capitalismo. Muitas das manifestações e enfrentamentos de rua que promovemos contavam com uma base praticamente toda de estudantes, sem perspectiva deste envolvimento dos setores mais explorados economicamente. Tentamos nos furtar da autocrítica, diversas vezes, dizendo que a análise clássica de classe que separava burgueses de proletários pela detenção ou não dos meios de produção não dava mais conta da sociedade de hoje, e ao invés de

9 Luigi Fabbri. “A Organização Anarquista”. In: *Anarco-Comunismo Italiano*. São Paulo: Luta Libertária, 2000 pp. 96-97.

tentarmos analisar a sociedade contemporânea e mobilizar suas maiores vítimas, preferimos continuar plantando nossas sementes em meios estudantis e militantes que contavam com pouca, para não dizer nenhuma, participação destes setores. Acredito não ser um problema o fato de militantes com origens de classe distintas trabalharem em favor dos explorados, fazendo uma opção na luta de classes; o problema é constituir lutas sem o envolvimento destes setores mais explorados economicamente, das maiores vítimas do capitalismo, e ainda achar que não tem nada errado com isso.

A transformação social concebida pelo anarquismo prevê mudanças nos mais diversos âmbitos da sociedade, tendo o âmbito econômico relevância destacada. Portanto, em um processo de transformação, envolver o povo pobre é imprescindível, a não ser que se queira realizar uma luta por ele, e não com ele, alternativa dos autoritários vanguardistas.

Sobre esta discussão de classe, acredito que não há dúvidas que hoje houve mudanças nas relações e nos próprios atores sociais, mas podemos afirmar que, certamente, a luta de classes nunca deixou de existir. O conflito entre aqueles que têm e aqueles que não têm, ou, entre aqueles que gozam dos frutos do capitalismo e aqueles sofrem suas conseqüências sempre esteve presente. **Por isso, não se pode ignorar a luta de classes e suas diferentes e evidentes manifestações na vida de hoje.**

Penso, baseado na experiência que tivemos de militância nos últimos anos, que para uma transformação social é necessário que extrapolemos o conceito ortodoxo de classe marxista, que dá preferência ao operariado industrial e urbano como sujeito revolucionário. **Os sujeitos que devemos envolver nos processos de luta são, além destes trabalhadores (operariado**

industrial e urbano), outros, empregados ou desempregados, da cidade e também os do campo, camponeses, indígenas, pobres e despossuídos de todos os tipos. É onde o capitalismo mais exclui que devemos estar, pois sem a preciosa força social destes sujeitos, qualquer transformação que se queira, ainda que ela seja reivindicada em nome do povo, não passará de uma ilusão.

Não me surpreende, pois, que, assim como a maior parte das mobilizações “antiglobalização”, as iniciativas relatadas no livro também ressaltem, na sua grande maioria, experiências que estão distantes das classes exploradas. Acredito que se defendemos um anarquismo com algum vigor, este deve ser “devolvido ao seio das classes exploradas”, que foi onde ele nasceu.

O povo não precisa de porta-vozes que lutem ou falem em seu nome, mas de companheiros de luta que queiram, com ele, construir uma alternativa de poder, uma organização popular ampla, aproximando sindicatos de movimentos sociais. Afirmando determinadas características, esta organização constituirá os meios necessários e apontará para os fins desejados.

O anarquismo desenraizado dos setores populares, que não busca envolver as classes exploradas nos processos de luta, acaba gerando outras distorções: a troca do conteúdo pela forma (substituindo a luta concreta pela estética radical) e o tratamento da militância como arte (elitizando a propaganda).

A apologia pela forma em detrimento do conteúdo constitui um fenômeno bastante em voga nesses dias de assalto individualista ao anarquismo. Podemos constatar que, com ela, há uma saída do campo real das lutas sociais, políticas e econômi-

cas, e um ingresso no campo puramente estético, caminhando para uma rebeldia de forma, mas não de conteúdo, cujos exemplos são, infelizmente, abundantes.

Ao invés de lutar e mobilizar contra o machismo, o patriarcado e o preconceito racial, esta rebeldia estética recomenda utilizar linguagem inclusiva ¹⁰. Esta mesma rebeldia apegada à forma permite que livros “libertários” não tenham conteúdo relevante, mas que somente gozem de uma liberdade estética infinita, mostrando o quão “libertárias” são as escolhas dos autores por conteúdos sem sentido e construções sem pé nem cabeça, que não permitem aos leitores sequer entender o que se fala. A rebeldia estética sugere que o militante não tenha mais de difundir a sua causa e lutar por liberdade e igualdade, pelo socialismo e pelo federalismo, mas somente ter um corte de cabelo radical, usar determinados tipos de roupas, ser vegetariano, e aderir a uma série de comportamentos “radicais”. Além disso, a rebeldia estética permite que pessoas do universo “libertário” não construam absolutamente nada e coloquem-se como um incômodo, criticando a tudo e a todos, buscando um

10 Assim, na escrita (às vezes na fala), se realiza toda a “justiça” possível. Ao invés de “os companheiros foram para a manifestação”, se escreve “os companheiros e as companheiras foram para a manifestação”. Outros escolhem “@s companheir@s foram para a manifestação”. Formas mais bizarras sugerem o “i” para substituir a dicotomia entre “a” e “o”: “is companheiris foram para a manifestação”. Outros exemplos são notáveis: ao invés de chamar companheiros de negros, chama-se de “afro-americanos” e assim por diante. Diferentemente de ser contra este linguajar inclusivo, estou apontando que é um fato que grande parte dos setores que priorizam a estética em relação à política, a forma em relação ao conteúdo, ao realizar esta escrita “politicamente correta” acredita que o problema já está resolvido (ainda que isso não seja dito, a falta de prática concreta de luta evidencia o fato). Acredita-se que a mudança de forma traz consigo a mudança de conteúdo, o que para mim não é minimamente verdade.

holofote de atenção para seus egos em desespero por atenção. Ela também permite que as pessoas não lutem e mobilizem mais pelas necessidades ou pela transformação social, mas que simplesmente freqüentem o bar com os amigos, façam filosofia acadêmica sem conteúdo, usem drogas e fiquem bêbadas o tempo todo, como se a irracionalidade e a alteração da consciência constituíssem uma forma efetiva de resistência. Aos poucos, este individualismo que vai enchendo o anarquismo de forma, retira dele todo o seu conteúdo de transformação social.

Perdendo o passo com a questão da classe, as formas individualistas terminam elitizando a propaganda que pretendem realizar, ao tratá-la como arte. Não me julgo alguém muito culto, mas estudei até a faculdade, e mesmo assim, não entendo mais da metade do que esses terrorismos poéticos, ou estas formas de propaganda que apelam para a rebeldia estética, querem dizer. Podemos imaginar como a maioria do povo recebe este tipo de “propaganda”.

É engraçado que o discurso “Hakim Bey”, do anarquismo da rebeldia estética, ao mesmo tempo em que critica os intelectuais, os acadêmicos, relega a compreensão de muitas de suas idéias a filósofos e outros acadêmicos das cadeiras de humanas que possuem capacidade (ou fingem ter) para tanto.

Lembro-me de uma história engraçada do economista americano Michael Albert, quando disse que desafiou um outro professor a explicar-lhe, em uma viagem de quatro horas, o que era o pós-modernismo. O amigo topou o desafio e, segundo Albert, quatro horas depois, ele não havia compreendido absolutamente nada. Algo realmente comum neste meio “artístico-terrorista-poético-proto-situ-anarco-onto-onírico”, conforme os termos do próprio autor.

Ao pensarmos na propaganda, devemos ter em mente um raciocínio estratégico buscando refletir quem queremos atingir e com que objetivo. Portanto, placas com dizeres que ninguém entende colocadas na rua e intervenções artísticas que qualquer cidadão comum não faz a menor idéia do que signifiquem, certamente não constituem a forma mais adequada de propaganda. Assim como eu a concebo, a propaganda deve ser feita para criar novas lutas e para difundir as nossas idéias nas lutas já existentes. Ainda que a propaganda não se resume, e nem deva se resumir, aos movimentos populares, não há dúvida que eles são os melhores terrenos para jogarmos nossas sementes.

Este mesmo raciocínio usado pela propaganda pode, e deve, ser levado para todo o trabalho, de maneira geral, aprofundando o tema já citado da estratégia. Este tema, creio eu, separa também as tendências dentro do anarquismo, diferenciando a proposta que aqui defendo, das alternativas que em grande medida são relatadas no livro e das formas de trabalho que escolhemos utilizar no movimento de resistência global.

Magón dizia que se ao revolucionário falta a idéia diretriz de sua ação, ele não será outra coisa senão um barco sem bússola. Para se pensar o anarquismo ou qualquer forma de manifestação coletiva organizada, é imprescindível que se tenha, ao menos, um raciocínio estratégico que buscará verificar onde se está, onde se pretende chegar, e o que é necessário fazer para se chegar de um ponto a outro. Assim, é possível colocar este raciocínio sobre a reflexão do anarquismo: a situação presente do anarquismo, o que pretendemos com ele e o que fazer para isso. E também sobre o processo de transformação social: o presente estado da sociedade, a sociedade que desejamos e como transformá-la.

Tanto no movimento de resistência global, quanto em diversas manifestações atuais do anarquismo, este raciocínio não é realizado da forma como deveria. A verdade é que é bastante comum sair atirando para todos os lados achando que assim, necessariamente se vai atingir alguma coisa. Cada dia é uma coisa, cada fato novo deve ter participação de todos, todo mundo quer fazer tudo. Muitas vezes, cada um do grupo trabalha em um sentido, cada grupo faz aquilo que acha melhor, o trabalho não possui continuidade e tem-se em mente que as coisas estão caminhando. Outras vezes se permite aquela lógica do “faz tudo, mas não faz nada” quando as pessoas querem se envolver com muitos projetos não conseguindo fazer nada direito. **Esta falta de coordenação e organização faz com que as ações tenham pouca ou nenhuma efetividade. A falta de estratégia foi, e ainda é, um grande problema a ser resolvido no chamado meio libertário.**

Outra característica marcante em experiências do livro, e em diversas experiências do movimento de resistência global, é o problema do compromisso militante. Problema que acomete a muitos, a falta de compromisso prejudica seriamente os trabalhos políticos. O individualismo, com seu incentivo da espontaneidade, do “cada um faz o que quer” e do “nada nem ninguém me faz seguir regras”, termina por atrair jovens para um ativismo que, sem ter compromisso com a questão social, funciona como diversão, nesta fase da vida que todo jovem passa pela sua fase Che Guevara. Incentivam-se, assim, as práticas descompromissadas, a convivência com a falta de responsabilidade, a indisciplina generalizada. Ao invés de serem atraídos por um projeto sério e comprometido de luta pela transformação social, os jovens chegam buscando aventuras, emoções e adrenalina.

Foi contra isso que o militante anarquista carioca Ideal Peres lutou, e de maneira muito acertada. O “velho” sustentava que a ética anarquista deve, acima de tudo, considerar a responsabilidade militante, e por isso não tolerava curiosos que só se aproximavam, como ele mesmo dizia, para o “oba-oba”, para a “terapia de grupo”, que assumiam responsabilidades e não cumpriam.

Outro fato recorrente que demonstra este problema do compromisso militante é o desrespeito às deliberações coletivas, e a própria tolerância em relação a ele. Quantas foram as vezes que vivemos situações parecidas com a que Júnior relata no livro, em que ficávamos preparando uma manifestação por semanas (até meses), com muita discussão coletiva e no dia em que ela acontecia, uma “rebeldia individual” de algum sem-noção que não tinha sequer aparecido em uma das assembléias colocava a polícia para bater em todos nós, sendo que havíamos deliberado realizar uma manifestação não-violenta. As “vontades individuais” eram maiores do que as deliberações coletivas, mostrando que, ao invés de construir algo coletivamente, estas pessoas somente querem expressar suas próprias vontades, ainda que isso seja feito à custa de outros companheiros que supostamente defendem a mesma causa. Foi assim que vi, algumas vezes, a polícia partir para cima de pessoas idosas e crianças que haviam sido chamadas para um ato pacífico, porque alguma “individualidade” resolveu quebrar uma vidraça ou jogar uma pedra na polícia – lá de trás, óbvio. O fato de haver certa permissividade para este tipo de atitude também reflete um grave problema de compromisso.

Falo isso, não com o objetivo de questionar a violência, mas sim de enfatizar que para ela ser ou não usada, isso deve ser uma determinação coletiva que leva em conta

um determinado conjunto de estratégia e tática e não um sentimento momentâneo de rebeldia. Estes sentimentos individuais que levam às ações em oposição àquilo que se determinou coletivamente, não só não contribuem com os objetivos esperados, mas, freqüentemente agem contra eles. Só podem ser, portanto, rechaçados e avaliados como uma mera busca de emoção e adrenalina que em nada contribui com as construções coletivas.

Em um texto publicado em 2002, já em meio à curva descendente do movimento de resistência global no Brasil, um texto publicado criticava diversas destas posturas que vinham sendo desenvolvidas no seio do movimento. Além da crítica a esta mera busca por emoção e adrenalina, o texto contrapunha o discurso vigente na época, de que algo completamente novo estava em criação – sustentando um desconhecimento propositado das experiências históricas e descartando tudo o que fosse considerado “clássico”, por ser antiquado. Em uma resposta ao mote que clamava pela urgência das ruas, “Insuficiência das Ruas” colocava:

“Pensar o novo não implica, de forma arrogante e imatura, abolir as experiências anteriores, ou lançar sobre elas o anátema da obsolescência e ineficácia. [...] Não há acréscimo e renovação da ideologia sem os elementos constitutivos de sua identidade passada e suas atitudes presentes. [...] Estimulados pelas imagens e pelos apelos sensacionalistas dos meios de comunicação em geral, muitos jovens engrossam as passeatas motivados mais pela adrenalina, na busca inconsciente de um ‘ritual de passagem’, do que por uma atitude refletida. Dessa forma, como um fenômeno de retro-alimentação, boa parte dos ativistas que ingressam em uma ma-

nifestação, na verdade, é recrutada pela mídia burguesa e não pelo espírito libertário que deveria determinar o movimento. Tal situação, caso não seja encarada com seriedade e muita reflexão, pode transformar um movimento vigoroso em uma peça publicitária, com fôlego e prazo de validade determinados. O abandono de uma atitude conseqüente, em favor de um hedonismo mais pragmático, servirá à proposição de novos comportamentos e estéticas, não a uma sociedade realmente diferente. [...] A substituição da revolta pelo happening pode aumentar a complacência das instituições de segurança do Estado para com os manifestantes, mas os afasta irreconciliavelmente do papel revolucionário que afirmam estar desempenhando. [...] É preciso que os levantes e esforços concorram para a definição de uma ação política e não aconteçam apesar dela. [...] Ser anarquista não é apenas uma forma de estar no mundo, é, antes de tudo, manifestar uma ativa impaciência por vê-lo em profunda desigualdade. Sair às ruas, na condição de militantes, implica definir os limites da tática e a abrangência da estratégia. [...] Não há possibilidade de maiores sucessos na transformação social sem indivíduos dispostos a lutar e dedicados à organização.”¹¹

O texto colocava ainda um pouco desta crítica da substituição da transformação social pelo estilo de vida e advertia: movimentos sem estratégia e organização de luta, que substituem a proposta social pela proposta identitária possuem prazo de validade limitado. Reforçava assim um anarquismo social que tem por objetivo lutar por liberdade e igualdade, dentro dos marcos da estratégia e da organização.

11 IEL. “A Insuficiência das Ruas”. In: *Ação Libertária* pp. 4-6.

Minha lição sobre estes acontecimentos é que aqueles que buscam no ativismo somente uma fonte de emoção e adrenalina, se não ingressam rapidamente em um trabalho sério e de longo prazo, revendo suas posições, tendem a perder-se em suas aventuras, abandonar a política e em algum tempo, tornar-se “cidadãos comuns”, muitas vezes conservadores, que futuramente vão lembrar-se com nostalgia de seus “tempos de rebeldia”.

Se quiser fazer algo de relevância, o militante tem de comprometer-se, possuir regularidade para o trabalho, responsabilidade, comprometimento e autodisciplina. O anarquismo não precisa de quem busca aventura, emoção e adrenalina. Estes podem divertir-se em shows de hardcore ou torcidas de futebol. O que é necessário para um anarquismo que se pretenda um projeto de transformação social são pessoas comprometidas que se envolvam e que, de fato, estejam com vontade de lutar.

Ainda sobre a questão do compromisso militante, outra característica que falta a uns tantos naquilo que Júnior chama de “movimento anarquista” é responsabilidade e ética. Dentre os inúmeros exemplos daquilo que, ao meu ver, lesam estes princípios basilares do anarquismo estão as acusações que se fazem, neste livro, à FAG. Qualquer um que atue com os princípios da ética e da responsabilidade, e que conheça minimamente seus trabalhos, se impressionará com as acusações quase doentias que aqui são feitas. Creio que uma coisa é discordar do método, o que se pode discutir de maneira ética e responsável; outra é fazer acusações sem o mínimo senso da realidade. Atitudes como esta, demonstram uma outra infame prática dentro deste amplo “balaio de gato”: aqueles que querem ver no fracasso alheio sua própria ascensão. Sem possuir qualquer trabalho de re-

levância, pessoas e grupos passam a ver na crítica alheia sua única atividade, e tentam, rebaixando os outros, hastear-se a um ponto mais alto e respeitável. Diante de tamanhos absurdos, não vejo como não me posicionar em defesa da FAG. O que ainda posso dizer em sua defesa (se isso é necessário) é que, de todas as experiências que estão relatadas no livro, a que mais me atrai e que não merece as críticas aqui realizadas é a experiência da FAG. Suas posições se aproximam muito de tudo o que estou defendendo neste texto como uma proposta coerente de anarquismo que tem por objetivo a transformação social.

* * *

Finalmente, gostaria de colocar novamente que sei que dentro deste amplo meio libertário há muita gente solidária e bem-intencionada. Assim, reforço que todas as críticas que coloco aqui são políticas e não críticas pessoais.

Parece-me, assim como colocou Bookchin, que é para lá de evidente a dicotomia entre o anarquismo social e o anarquismo de estilo de vida; um que pretende a transformação social, outro, a transformação pura e simplesmente do indivíduo. Nitidamente, por todos os fatos colocados, parece-me, também, não ser possível afirmar que exista “movimento anarquista” no Brasil, o que implicaria algum tipo de coordenação ou similaridade entre os diversos universos anarquistas. Tentar suprimir as diferenças parece-me impossível, e falar em anarquismo, sem explicar ou colocar um adjetivo, também.

Ressalto que, da forma que eu entendo, o anarquismo deve ser entendido como uma ideologia de transformação social, que tem por objetivo ser o fermento das organiza-

ções populares (movimentos sociais, sindicatos, etc.) para que estas realizem seu duplo objetivo: as conquistas de curto prazo e, no longo prazo, a revolução social e o socialismo libertário. Para mim, é impossível separar o anarquismo destes amplos movimentos, de seu corte classista, das suas construções coletivas realizadas com estratégia, da sua propaganda e do seu compromisso militante.

Abril 2009



Estávamos lá, em algum ponto entre a neurose e a obsessão, a dois passos do miocárdio, a um suspiro da redenção. Meu braço circun dando calmamente o arco da catapulta, a pedra em voo tranqüilo desacelerando o tempo, segundos coagulados como horas, minha catarse concentrada em ódio, a incerteza fragmentava-se numa esperança de êxtase vingativo, enquanto lento decrescia em curva o pequeno paralelepípedo, até despedaçar em milhares de pequenos vitrais apressados quando a vidraça do Banco Sudameris se dilacerou por meu grunhido de liberdade. De repente, Tudo Voltou De Novo Ao Ritmo Alucinante Da Fuga, Como Uma Explosão Que Brota Do Silêncio E Suga A Entropia. Precisava ser rápido, senti o salgado do suor nos lábios, e sabia que evaporávamos juntos debaixo da balaclava. A Tropa de Choque saltou detrás da neblina de pimenta como o Exército da Santa Aliança em dia de simonia, precipitando os segundos já antecipados, e atijando ainda mais a revolta que apertava nossos músculos com toda a força que uma ideologia pode suportar. Salivei um último espasmo incandescente antes de apertar as pálpebras e despertar no flash da lembrança.